



Ao raiar da *Aurora*

Antologia de narrativas breves de
escritoras portuguesas oitocentistas

volume 1

Eduardo da Cruz
Andreia Alves Monteiro de Castro
organizadores

 editora
LiberArs

Ao raiar da aurora

Antologia de narrativas breves de
escritoras portuguesas oitocentistas

Volume 1

Eduardo da Cruz
Andreia Alves Monteiro de Castro
(organizadores)

Ao raiar da aurora

Antologia de narrativas breves de
escritoras portuguesas oitocentistas

Volume 1

1ª Edição

LiberArs
São Paulo – 2022

Ao raiair da aurora - Antologia de narrativas breves de escritoras portuguesas oitocentistas
Volume 1

© 2022, Editora LiberArs Ltda.

Direitos de edição reservados à
Editora LiberArs Ltda

ISBN 978-65-5953-074-8

Editores

Fransmar Costa Lima

Lauro Fabiano de Souza Carvalho

Diagramação

Nathalie Chiari

Capa

Fabio Costa

Imagem da Capa

Maria Augusta Bordalo Pinheiro (Lisboa, Portugal: 1841-1915). “Malvaíscos” (1885). Óleo sobre tela, 100 x 45 cm. Coleção Museu do Chiado – Museu Nacional de Arte Contemporânea (Lisboa, Portugal).

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação – CIP

A638

Ao raiair da aurora: antologia de narrativas breves de escritoras portuguesas oitocentistas ; organizado por Eduardo da Cruz, Andreia Alves Monteiro de Castro. - São Paulo : Liber Ars, 2022.
240 p. ; 16cm x 23cm.

ISBN: 978-65-5953-074-8

1. Literatura portuguesa. I. Cruz, Eduardo da. II. Castro, Andreia Alves Monteiro de. III. Título.

CDD 869.3

CDU 821.134.3

Todos os direitos reservados. A reprodução, ainda que parcial, por qualquer meio, das páginas que compõem este livro, para uso não individual, mesmo para fins didáticos, sem autorização escrita do editor, é ilícita e constitui uma contrafação danosa à cultura.
Foi feito o depósito legal.

Editora LiberArs Ltda

www.liberars.com.br

contato@liberars.com.br

ÍNDICE

PÓRTICO	7
LANÇANDO MÃO DA PENA	9
CRITÉRIOS DE EDIÇÃO	13
ANA MARIA RIBEIRO DE SÁ	15
O degredado.....	17
ANA PLÁCIDO	27
Adelina.....	29
ANTÔNIA GERTRUDES PUSICH	59
Dois Mistérios	63
CATARINA MÁXIMA DE FIGUEIREDO	101
Um negro episódio na aldeia	103
EFIGÊNIA DO CARVALHAL	107
A Casa Negra	109

EMÍLIA EDUARDA	121
A noiva de doce.....	123
Ondina	125
 GUIOMAR TORRESÃO	 127
Diário de uma complicada.....	129
A sereia.....	148
 HERMENEGILDA DE LACERDA	 151
Da fatalidade à felicidade.....	153
 MARIA AMÁLIA VAZ DE CARVALHO	 163
A morte de Berta	165
A mulher do ministro	175
 MARIA PEREGRINA DE SOUSA	 183
Pepa.....	185
Ricardo e Margarida	211
 MARIA RITA CHIAPPE CADET	 215
Jenny	217
A donzela do Ribatejo.....	223
 FONTES DOS TEXTOS.....	 235
 SOBRE OS AUTORES	 237

PÓRTICO

“Dar voz às mulheres” é, há décadas, lema dos mais repetidos em todos os espaços de comunicação. Porém, como bem sabemos, é enorme a distância entre o aderir a ele e a ação para o tornar eficaz. Por isso, é indispensável enaltecer cada nova iniciativa em que a voz feminina ganha holofotes, como é o caso da antologia que o leitor tem agora diante de si.

Os dois volumes de *Ao raiar da aurora* resultam de um minucioso trabalho de pesquisa que põe em cena a esquecida produção literária de 26 autoras portuguesas, em atuação no século XIX e nas primeiras décadas do século XX, pioneiras que foram na luta por serem lidas e ouvidas. Produção essa predominantemente estampada em efêmeros periódicos, sob a forma de narrativa breve, embora várias sejam também signatárias de poesia e de obras mais longas, como romances e peças de teatro. Assim, é o conto que as irmana nesta seleta, não só por ser mais frequente em letra impressa, mas também por proporcionar ao leitor um mesmo patamar para sua avaliação quanto a estilos e temáticas mais recorrentes.

Igualmente as irmana o fato de todas evidenciarem algum elo com o Brasil, seja por viagens a este lado do oceano, seja por referências e publicações aqui conseguidas, seja pelo tema, e/ou cenário, presente no texto. E tal elo não é gratuito, posto que os organizadores – Eduardo da Cruz e Andreia Alves Monteiro de Castro –, bem como vários dos colaboradores, vêm investigando, há tempos, aspectos desse diálogo luso-brasileiro, cujos resultados já apresentaram em produção ensaística reconhecida.

O berço das investigações que levaram à presente antologia é, sem dúvida, o Real Gabinete Português de Leitura, em cujo Centro de Estudos foi criado em 2001, o PPLB – Polo de Pesquisas Luso-Brasileiras, que, em virtude do êxito em congregar pesquisadores, foi desdobrado em 2020 no PLLB – Pesquisas Literárias Luso-Brasileiras, liderado, junto ao CNPq, pelo mesmo Eduardo da Cruz. E a quase totalidade dos responsáveis pelas “apresentações” das autoras antologiadadas filia-se a um ou outro braço desse corpo comum, com idêntico propósito: dar a conhecer o acervo e dinamizar a pesquisa nesse espaço do centro histórico do Rio de Janeiro que hoje é sempre listado entre as bibliotecas mais belas do planeta.

O rico acervo de periódicos do Real Gabinete, sobretudo oitocentistas, teve sua primeira grande prospecção nos anos 2014 e 2015, no transcurso do projeto “O Real em revista”, apoiado pelo programa Petrobras Cultural, do qual

resultaram 35.000 páginas digitalizadas, hoje disponíveis em www.realgabinete.com.br/ e <http://www.orealemrevista.com.br/> A partir daí, não cessou a exploração desse manancial e consequentes “descobertas” – quer na área de Letras, quer na área de História, quer em outras áreas –, que vêm alimentando projetos e produção científica em todo o Brasil e no exterior.

Se é verdade que *Ao raiar da aurora* beneficiou-se do contexto propício gestado no Real Gabinete Português de Leitura, é verdade também que seus responsáveis alargaram suas consultas a especialistas, arquivos, bibliotecas e hemerotecas em Portugal, trazendo inegável solidez a tudo que os dois volumes nos apresentam, devidamente explicitada nas introduções, nos critérios editoriais, nas notas, nas fontes utilizadas. E, certamente, foi tal rigor, aliado à respeitabilidade dos envolvidos, que moveu a Secretaria de Apoio às Comunidades Portuguesas, do Ministério dos Negócios Estrangeiros de Portugal, a colaborar nesta empreitada pioneira, desde logo fadada ao sucesso.

Gilda Santos

Coordenadora-Geral do PPLB – Polo de Pesquisas Luso-Brasileiras
Diretora Vice-Presidente Cultural e do Centro de Estudos do Real Gabinete Português de Leitura

LANÇANDO MÃO DA PENA

Anime-nos, minha amiga, diga-nos que escrevamos, pois não falta quem nos censure e nos mande consertar as meias!... Será receio que o nosso sexo venha um dia a ofuscar a sua glória? Se assim é, não devemos descorçoar porque nos dá isso a certeza de termos as mesmas faculdades e de podermos raciocinar como eles, deixar expandir o nosso pensamento e compor também um romance, tirar sons da lira e quem sabe?... Compor até um poema! Mas não; nós não devemos falar em semelhantes coisas que nos não é permitido! O sol nasce só para eles; as lágrimas que a aurora derrama sobre as florinhas e a relva são eles só que as querem ver e espargir, erguendo-se a maior parte das vezes quando o astro do dia vai já em meio do seu giro! e nós que nos levantamos ao raiar d'aurora, não nos é concedido contemplar esse belo quadro e descrevê-lo inspiradas pela mão oculta do Criador que se revela com tanta majestade em meio da natureza!

Maria Adelaide Fernandes Prata

O título da nossa antologia é diretamente inspirado em uma passagem de “Ressentimento...”, carta publicada no periódico *A Esperança* em 1865 e que também serve como epígrafe para esta apresentação. Na missiva, Maria Adelaide Fernandes Prata (8 jul. 1822 – 20 mar. 1881), escritora portuense, ao expressar apoio à sua amiga Maria Peregrina de Sousa, aponta como a escrita feminina era, naquele momento, duramente criticada pelos homens, ainda que eles fossem intelectuais e escritores. Fato que a publicação desse texto comprovou na prática: Maria Adelaide, ao reivindicar o direito de escrever às mulheres, ao menos sobre os temas que elas conheciam e sobre seus interesses, acaba motivando uma polêmica, envolvendo os escritores Alberto Pimentel, na posição de detrator, e Sousa Viterbo, apoiando as palavras da autora. Como Viterbo intercedera em seu favor, Prata agradeceu ainda haver cavaleiros portugueses que saíssem em defesa de damas, não mais com a espada, mas com a pena, deixando clara a mudança no modelo de masculinidade na sociedade burguesa oitocentista: “Bem haja o cavaleiro que veio recordar-nos da época feliz em que os Magriços saíram a campo para defender as damas; eles com a espada em punho, este com a mimosa pena que não tem menos valor.” Ela complementou argumentando que as

mulheres já podiam então lançar mão da pena, exibindo, assim, uma atitude de virilidade tanto contra seu opositor quanto contra seu defensor: “Podemos agora as damas com menos timidez erguer a frente e com mais ânimo lançar mão da pena.”

O tão desejado raiar de uma nova aurora demoraria a acontecer, a opressão e o silenciamento, frontalmente denunciados por Maria Adelaide, perdurariam por séculos. Ainda hoje, nas páginas dos principais manuais e compêndios sobre a história da literatura portuguesa, pouquíssimas são as mulheres cujos nomes e obras são apresentados e analisados no longo século XIX. Entre as escolhidas por tais estudiosos e críticos, há apenas dois nomes verdadeiramente recorrentes, Marquesa de Alorna e Florbela Espanca. Essa circunstância faz parecer não ter havido outras escritoras de relevo no ínterim que separa as produções das duas.

Mais recentemente, pesquisadoras e pesquisadores atentos à escrita e ao percurso das mulheres começam a romper com as barreiras da invisibilidade e do esquecimento. Trabalhos relevantes pelo volume de fontes consultadas e pela profundidade da crítica explicitam centenas de nomes de mulheres que foram reconhecidas como autoras e algumas que seguiram mesmo um percurso de profissionalização.

No entanto, frequentemente, os textos literários reunidos em livros ainda são poemas de circunstância ou com temáticas condizentes com o feminino, como família, natureza, estações do ano, festas e religiosidade. Essa situação em nada favorece o acesso, o conhecimento e os estudos que verdadeiramente considerem a atuação intelectual, cultural, social e política das mulheres portuguesas oitocentistas. Se não era bem-visto uma mulher escrever e publicar poemas sobre temas mais modestos, redigir um texto ficcional pode ser considerado um ato de ousadia, sobretudo se reconhecermos que o romance no século XIX representava uma visão do autor sobre a sociedade. E às mulheres estava destinado o ambiente doméstico.

As narrativas que integram essa antologia comprovam que várias dessas escritoras transgrediram os limites impostos à autoria feminina, publicando textos de ficção que, muitas das vezes, denunciavam a dominação masculina e a repressão experimentadas pelas mulheres no século XIX, tocando abertamente em assuntos como a violência doméstica, as dificuldades de acesso à educação, a exclusão no mercado de trabalho e o casamento imposto, apontado recorrentemente como uma prisão. Podemos perceber nessas obras de ficção uma intervenção feminista, na medida em que explicitam a ocupação crescente de mulheres no espaço público e a reivindicação de direitos e problematizam as estruturas sociais e familiares que as cerceavam.

Algumas também, ao discorrerem sobre amor e sexualidade, empregaram uma linguagem mais picante e criaram cenas que ultrapassavam o erotismo

contido e insinuado. Logo, a reunião e a atualização ortográfica das narrativas de escritoras que se destacaram e desfrutaram de prestígio nos campos literários português e brasileiro do século XIX também visa provocar leituras que apontem como, de fato, esse foi um ponto de partida rumo às mudanças que iriam agitar o mundo e fazer mudar os pensamentos.

É preciso salientar que as redes de apoio foram determinantes para concretização desse movimento, elas proporcionavam visibilidade e ascensão a uma vida pública para vários talentos femininos. Nesse sentido, os incontornáveis esforços de Antônio Feliciano de Castilho para dar publicidade a mulheres intelectuais e escritoras foram fundamentais. Em torno do escritor constituiu-se uma grande rede, na qual, inclusive, figuram boa parte dos nomes que integram esta antologia, além de outros, de poetisas, salonistas, dramaturgas etc. Esse apoio, que deu frutos, não amenizava completamente as dificuldades impostas às escritoras, como se pode ver nesse trecho de uma carta de Antônia Gertrudes Pusich a Castilho, de 25 de julho de 1859, guardada no espólio da família desse escritor no Arquivo Nacional Torre do Tombo: “eu não sei se devo fazer por me animar a escrever, onde as mulheres não têm senão cruz e coroas espinhosas: os homens por mais que lidem, sofram, lá vem um dia que lhes paga as fadigas, com a glória e os proventos”.

A imprensa periódica foi um veículo importante para a divulgação dessas escritoras. Do acesso à educação e à leitura, passando pela composição dos próprios textos e sua publicação, até aos periódicos redigidos e dirigidos por mulheres foi um árduo caminho. Seguramente, no final da segunda metade do século, elas não eram mais apenas os destinatários da produção dos homens, mas criadoras e agentes da escrita publicada em jornais, revistas e almanaques. E essas foram as nossas principais fontes, sobretudo quando se trata de escritoras que só publicaram em periódicos ou cujos livros não podem mais ser encontrados. Por isso, é importante destacar os nomes de Antônia Gertrudes Pusich e de Guiomar Torresão nesta antologia. As duas, em períodos diferentes, foram proprietárias e redatoras de periódicos e almanaques que permitiram que mais escritoras publicassem e fossem reconhecidas.

Esta antologia apresenta alguns nomes de escritoras desconhecidas do grande público e mesmo da academia. Ainda assim, não cobre toda a produção de narrativas breves de autoria feminina. Os periódicos oitocentistas são fonte para muitas pesquisas e leituras, onde outras autoras aguardam que seus nomes sejam lembrados. Também não classificamos todos os textos aqui publicados como contos por alguns motivos simples. Em primeiro lugar, porque a classificação dos gêneros narrativos ficcionais em meados do oitocentos ainda era fluida, sem definição rígida entre o que era romance, novela ou conto. Alguns desses escritos foram mesmo publicados como romances, apesar do enredo enxuto e da

brevidade. Uns chegam a ser divididos em capítulos, algumas vezes acompanhando a fragmentação necessária para a publicação em periódicos. A narrativa breve permitia a circulação mais rápida dos textos, pois poucas foram as que conseguiram publicar suas obras em livro.

Procuramos, nesta seleção, dar visibilidade a escritoras que foram lidas no Brasil ou que buscaram o público brasileiro. Além disso, não é possível negar que algumas autoras tiveram mais reconhecimento em sua época do que outras. Antônia Gertrudes Pusich, Maria Peregrina de Sousa, Ana Plácido, Maria Amália Vaz de Carvalho e Guiomar Torresão são nomes incontornáveis da ficção portuguesa de autoria feminina do século XIX. Apesar de outras também terem buscado viver do trabalho no campo das letras, como Maria Rita Chiappe Cadet e Ana Maria Ribeiro de Sá.

Nosso objetivo com este livro é apresentar ao público contemporâneo uma literatura portuguesa oitocentista mais variada, recuperando textos de autoras que, apesar de todos os entraves, ousaram escrever e publicar suas histórias. Também esperamos contribuir com os cursos de Letras, nos quais os textos de autoria feminina ainda são raros nos programas dos períodos anteriores ao século XX.

Eduardo da Cruz e Andreia Alves Monteiro de Castro

CRITÉRIOS DE EDIÇÃO

Procuramos nesta antologia tornar os textos legíveis para leitores atuais, mas mantendo o estilo de escrita das diferentes autoras. Por isso, a ortografia foi atualizada para a do Acordo Ortográfico, como praticado no Brasil.

As palavras com oscilação ou/oi foram mantidas conforme o original: ouro/oiro, balouço/baloioço, loiro/loura etc. Apenas “noute” e “cousa” foram atualizadas para noite e coisa, por estarem em desuso hoje.

Palavras unidas por apóstrofes foram grafadas como uma só quando existem assim na ortografia atual, ex.: nalgum (n’algum), num (n’um), ma (m’a), mo (m’o), lha (lh’a), lho (lh’o), outrora (outr’ora). Nos demais casos, coube aos editores dos textos a opção por manter o apóstrofo ou desdobrar a palavra, como d’água/de água.

Os nomes próprios também foram atualizados.

Mantivemos a ortografia original da palavra sempre que ela aparecesse ainda dessa forma no vocabulário atual, mesmo que houvesse opção mais moderna, como cálix/cálice.

Os diminutivos em -ito/-ita foram mantidos.

A variação de gênero do advérbio meio/meia, comum no século XIX, foi removida, mantendo-se o advérbio não flexionado.

Procuramos manter a pontuação original, inclusive com o excesso de pontos de exclamação, interrogação e reticências, marcas da época, alterando alguma virgulação apenas quando pudesse afetar a leitura ou o sentido da frase. Também foram mantidas as exclamações no meio das frases, seguindo-se letra minúscula, conforme o original.

O uso de aspas foi modernizado.

As palavras estrangeiras e as que retratam o falar popular de personagens foram grafadas em *itálico*, segundo o original.

ANA MARIA RIBEIRO DE SÁ

Pesquisa, seleção e atualização ortográfica por
EDUARDO DA CRUZ E LORENA RIBEIRO DA SILVA LOPES

Ana Maria Ribeiro de Sá (1848-1938) foi ambientada no universo das letras desde a juventude, apesar da infância conturbada. Foi batizada a 4 de novembro de 1848 como filha de pais incógnitos. Foi reconhecida, juntamente com suas irmãs, Sebastiana Marcelina, Hipólita Maria e Luísa Maria, em 1855, como filhas do jornalista português Sebastião José Ribeiro de Sá, editor de diversos jornais, e da belga Ana Catarina Buelens. As meninas foram legitimadas apenas em 1867, após o casamento dos pais. Aos 13 anos, Ana Maria já trabalhava como secretária de seu pai. Diante da perda paterna, a autora se vê desamparada, mas insiste na carreira literária por incentivo de Teixeira de Vasconcelos, que a autoriza a publicar folhetins no seu periódico, *Gazeta de Portugal*. Durante seus anos de produção, colaborou no *Diário Popular* (1867-1868), onde publicou suas impressões ao ler *Uma primavera de mulher*, de Maria Amália Vaz de Carvalho, e os folhetins “Flauta de salvação”, “Três rainhas”, “Recordações de Sintra”, “Jerusalém” e “Uma noite de tempestade”. Em 1871 casa-se com Manoel Maria Ramos Chaves na Igreja de Santa Isabel e prova que o matrimônio não atrapalharia sua produção literária, já que posteriormente a autora colaboraria em diversos periódicos, dentre eles, o *Almanaque das Senhoras* (1871-1878), dirigido por Guiomar Torresão. Nele, suas publicações incluem um conto “Duas cenas ao pôr do sol” (1872), crítica literária em “Shakespeare” (1876) e “D. Fr. Caetano Brandão e Silva Gaio” (1871) e alguns artigos sobre variados temas.

Seu romance *Matilde*, com prefácio de Manuel Pinheiro Chagas, é publicado em 1874, assim como o conto “O Degredado”, entregue como “Brinde aos assinantes” do *Diário de notícias*. No ano seguinte tem o conto republicado pelo *Diário de Pernambuco*, marcando assim a presença da autora em periódicos brasileiros. No mesmo ano, “A vida” — texto publicado no *Almanaque das senhoras* para 1872 — é reproduzido no *O sexo Feminino*, jornal que se destacava pela difusão dos ideais emancipatórios das mulheres no Brasil. Na década seguinte, Ana Maria colabora no *Almanaque das senhoras portuenses* (1886-1887), de Albertina

Paraíso, no qual a autora indicava que as conquistas emancipatórias das mulheres abririam caminhos para a ocupação de cargos predominantemente masculinos, mas que poderiam ser reversíveis, pois as mulheres renunciariam a eles para voltar ao lar.

Em 1883, dá à luz Maria Manoela Ribeiro de Sá Ramos Chaves (filha que viria a morrer em 1918). No ano de 1888 publica “O romance da Viscondessa” nos nºs 58 e 59 de *Perfis Contemporâneos - Retratos, Biografias, e Literatura*. A escritora também deixou colaborações no *Jornal das Senhoras* (1904-1905), em *A mulher*: revista ilustrada das famílias, no *Jornal do Commercio*, na revista *Brasil-Portugal* com “Relicário Feminino” (1907) e “Rimas” (1909) e na *Gazette Française* com alguns artigos, dentre eles, “Les femmes et les revolvers”. No *Comércio do Porto* escreve “Pinheiro Chagas - Romancista” e, em 1903, escreve “A jarra exilada”, homenagem póstuma a Rafael Bordalo Pinheiro organizada pela Associação de Jornalistas de Lisboa. Apesar dessa produção longa e variada, não nos foi possível localizar um retrato de Ana Maria Ribeiro de Sá.

Ana Maria Ribeiro de Sá Ramos Chaves morreu aos 89 anos, na av. Defensores de Chaves, n.º 2 – 2º direito, em Lisboa, como viúva e doméstica, apagando sua carreira nas letras, sem deixar herança nem herdeiros.

O degredado

Em um dos bairros mais pobres de Lisboa numa dessas ruas estreitas, sujas e insalubres, em cujas construções arruinadas se abriga, ou antes se suicida, a população mais indigente da nossa Lisboa, vivia há bastantes anos uma mulher, abandonada de tudo o que se chama felicidade no mundo. Era uma dessas vítimas obscuras, que do berço ao túmulo sofrem sempre um martírio ignorado, sem que as console um bálsamo de compaixão, ou as anime a luz de uma esperança.

Filha de pais pobríssimos, casara com um homem tão pobre como ela e, ao fim de bem poucos anos de luta e de miséria, achou-se viúva e mãe sem amparo algum. Juntamente com o filho criava um enjeitado, como é vulgar fazerem-no as mães pobres, dando a dois o escasso sangue, que mal chegaria para um, a troco da insignificante mesada que a misericórdia pode dar às amas dos seus protegidos.

Rosa Xavier foi criando os dois filhos, que assim lhe pareciam ambos sem diferença do próprio ao alheio, afastando deles quanto podia a garra da miséria. Trabalhava sem descanso nos misteres humildes, que só nas classes mais pobres acham quem os exerça. Neste lidar incessante, que mal lhe chegava para adquirir honradamente o pão quotidiano, nenhum tempo lhe ficava para dar alguma educação aos filhos. Criados ao acaso, embalados pelos ruídos tantas vezes impuros da rua, respirando desde os primeiros anos os seus miasmas, tão deletérios para o corpo como para o espírito, nenhuma coisa lhes podia ajudar a índole, se a tivessem boa, nem corrigi-la, se ela fosse má.

Chamava-se Estêvão o filho da viúva, Paulo, o enjeitado. Tão diferentes eram em tudo que mal pareciam criados juntos. Com a idade foi-se mantendo sempre a diferença. Aos 20 anos Estêvão era bulhento, grosseiro para a mãe, intratável para o irmão, e, se alguns dias na semana trabalhava pelo ofício, que a muito custo aprendera, passava os outros na taverna, sorvedouro de quanto ganhava. E apesar do desregramento da vida e do desalinho em que sempre lhe andava o traje, era Estêvão um gentil rapaz e provavam-lho as boas graças de muitas raparigas do sítio, que, aos prudentes conselhos das mães, respondiam: nunca o inimigo é tão feio como o pintam.

Feio era Paulo, mas sempre o primeiro no trabalho, o primeiro nos generosos auxílios à mãe que o criara, o primeiro em tudo quanto na sua modesta esfera podia revelar sentimentos de brio. Nem todos lhe levavam em conta estas qualidades; o irmão chamava-lhes hipocrisia e as raparigas fugiam daquele rapaz sério, que não as sabia lisonjear, e que às noites e aos domingos, em vez de as entreter com requebros de namorado, tratava de aperfeiçoar sozinho o pouco que um mestre de primeiras letras lhe ensinara, nos breves dias em que tinha podido frequentar-lhe a escola.

E não era sempre indiferente a isto o coração do enjeitado. Quando às ave-marias, voltando do trabalho, via o irmão adotivo encostado a uma janela baixa, fronteira à habitação de ambos, e ele o saudava com os seus usuais ditos de ironia, um sentimento amargo lhe entrava n'alma ao ouvir a gargalhada argentina, despedida com que os acolhia da janela uma rapariga formosa, tipo delicado, que era no pântano daquela rua uma verdadeira flor desterrada. Chamavam-lhe Mariquinhas em pequena, e, como sempre ficasse franzina de corpo continuaram a tratá-la como criança, ainda depois de mulher. Era ela a namorada predileta de Estêvão, que principiara a requestá-la, porque percebera que o irmão, afeiçoado a Mariquinhas de pequeno, depois de certo tempo deixava com facilidade os livros pela janela donde a via, e até empreendera a tarefa de a ensinar a ler nas suas horas de descanso.

– Então não quer o urso pôr ao peito aquela rosa de toucar! disse Estêvão um dia ao surpreender o segredo no êxtase do irmão.

Tanto foi bastante para a serpente de viela tentar a sedução da pobre rapariga. Ninguém sabe por que o amor vem ou foge, e a Mariquinhas assim o dizia aos que a censuravam ao vê-la rejeitar a afeição pura e séria de Paulo para entrar no rol das namoradas de Estêvão.

Ficou por este tempo órfã a rapariga. Quanto daria Paulo para ser o amparo daquela mimosa criatura, tão frágil como bonita? Calou a voz do orgulho e arrastou com o desdém da nova Margarida, oferecendo-lhe uma vida humilde, mas sossegada ao abrigo do seu braço leal. Em vão o fez. A rapariga, ao vê-lo tão sério, e séria também no seu luto, não riu desta vez e só lhe disse:

– Deixe-me à minha sorte. O casamento, como a mortalha, no céu se talha.

– Perdoe-me, Mariquinhas, mas Deus queira que outra coisa lhe não esteja talhando o inferno.

Retirou-se triste como a morte e daí a alguns meses, como as assiduidades do irmão na casa da órfã isolada lhe apertassem o coração com o receio de uma vergonha, que bem cedo se tornou visível, Paulo desapareceu da rua e até da cidade, aproveitando o convite de um rico proprietário da província, que,

sabendo a sua habilidade de perfeito estucador, o levou para lhe adornar um palácio que estava construindo.

Não resistiu Rosa Xavier, já muito doente pelos anos e trabalhos, às saudades do filho adotivo, agravadas pela grosseria e mau proceder do que era seu pelo sangue.

Uma noite, passado um ano, os descantes que ressoavam numa taverna imunda da estreita viela foram interrompidos pelos sons roucos da desordem. Em breve as navalhas luziram nas mãos e travou-se a luta. No maior auge dela, uma mulher, uma criança quase, com outra já suspensa do peito, bradava, saindo de casa:

– Ai! que matam o meu Estêvão, o pai de minha filha!

A esta voz aflita, um vulto, que parara a escutar o ruído da desordem, precipitou-se na taverna e com força quase hercúlea arredou tudo até chegar ao centro da luta. Estêvão levantava neste momento a faca, que sabia manejar com habilidade digna de melhor emprego. Era já tarde quando o recém-chegado, galgando por sobre uma das mesas, lhe segurou com força os braços. Ao mesmo tempo caía o único candieiro da taverna e a desordem tornava-se medonha naquele horrível antro.

Arrastando Estêvão, que se lhe debatia nos braços como um possesso, conseguiu o vulto sair da taverna, e ambos cheios de sangue, sem diferença do criminoso ao inocente, entraram de roldão pela casa, à porta da qual se ouviam sempre os gritos da mulher.

A porta fechou-se logo sobre eles, e quando a luz do candieiro lhe deu no rosto, dos lábios de Mariquinhas e de Estêvão saiu ao mesmo tempo um nome.

– Paulo! diziam ambos, ela sem saber a que o som aflito da sua voz levava aquele homem, Estêvão compreendendo enfim por que era tão forte o braço que tentara desviá-lo do crime.

O silêncio dentro em casa era sepulcral. Fora ouviam-se apitos, chamando a polícia; a vozeria crescia à porta e violentos empurrões de quando em quando revelavam a impaciência com que o povo, que se juntara, esperava que a autoridade aparecesse em busca do criminoso.

– Não sabia que estavas em Lisboa, disse Estêvão, para que uma palavra rompesse aquela situação.

– Cheguei há pouco e com intenção de pouco me demorar, porque um destes dias tencionava ir para o Brasil. Antes de sair da minha terra, quis passar ainda uma vez por esta rua e mal sabia em que hora o coração aqui me trazia.

Os gritos continuavam; o povo pedia em altos brados Estêvão e o *outro*, ambos os fugitivos. Ouvindo estas palavras, singular ideia surgiu na alma de Paulo. Uma extrema angústia e logo depois uma decisão suprema, eram os

sentimentos que se liam no rosto daquele homem forte, que fitando afinal um olhar piedoso na Mariquinhas, sempre chorosa com a filha nos braços, disse:

– Sossegue, Mariquinhas, que lhe não hão de levar o pai de sua filha.

Estêvão, dissipados os fumos do vinho, murmurava, prostrado pela consciência:

– Perdido! perdido!

– Não, irmão. Deixa-me que te dê este nome. Vale-te nesta hora a memória de tua pobre mãe, vale-te aquela mulher, aquela criança.

– Perdido! perdido! dizia o outro, sempre num espasmo de terror.

– Vou abrir aquela porta, irmão, e nem tu, nem a Mariquinhas dirão uma palavra além do que eu disser. Juro-lhes que teimarei sempre e que me farão encarcerar como doido, se me não deixarem prender como criminoso.

Ditas estas palavras, num ímpeto que ninguém pôde deter, abriu a porta e gritou:

– Fui eu que dei a facada! Aqui me têm!

Os vizinhos, reconhecendo Paulo, cuja honrada fama não esquecera, mal podiam crer o que ouviam; mas quem não acreditaria aquele homem, que se acusava de um crime com tão enérgica resolução?

Estêvão, abismado num pavor que o tinha como idiota, não compreendia o que se passava e nem sequer fazia um movimento. A Mariquinhas é que ainda correu para a porta, mas logo parou hesitante, lembrando-se de que ia perder Estêvão. Paulo viu este movimento e com um sorriso de indefinível amargura, disse-lhe em voz baixa:

– Deixe-me também à minha sorte, Mariquinhas. Desterro por desterro, partirei para o de África, eu, que não tenho memória de pais que envergonhe, mulher que chore as minhas dores, filho que deixe sem pão. Adeus!

Nesta última palavra dir-se-ia que deixava a alma, e pálido como um defunto, exausta as forças do coração naquele terrível luta, foi quase um corpo sem vida que os agentes da polícia levaram dali.

Os espectadores diziam ao ver aquela prostração:

– Vejam o que faz o crime! É o remorso!

Ao contrário do que acontece muitas vezes, o processo foi rápido. A confissão completa de Paulo abreviava o trabalho da justiça. Nenhuma testemunha o contradisse, porque a confusão e as trevas que seguiram a sua entrada na taverna não deixavam ver a ninguém a mão que verdadeiramente vibrara o golpe. Estêvão foi com a Mariquinhas visitá-lo à prisão. Paulo não a quis ver a ela e às instâncias do irmão, que, apesar de pervertido pelo vício, não podia de todo calar a voz da consciência, respondia com firmeza:

– Tudo isto é escusado. Se me contradisseres diante da justiça, eu persistirei na minha teima, e quer me mandem para a África como criminoso, ou me

metam em Rilhafoles como doido, ficarei perdido. O que eu exijo é que esta desgraça te transforme num homem honrado e que, em troca do meu sacrifício, eu nunca saiba que ele foi inútil.

Daí a algum tempo a cidade baixa presenciava o hediondo espetáculo de uma leva de degredados. Paulo não tinha a celebridade dos grandes criminosos, nem a dos grandes desgraçados, a quem a polícia nesta via dolorosa leva em carro fechado pelos desvios de algumas ruas menos frequentadas, às horas mortas da madrugada. O seu delito era comum e a sua condição vulgar. No meio daqueles homens mais ou menos corrompidos pelo crime e contaminados pelos miasmas das paixões, uns tendo pintado no rosto uma indiferença estúpida, outros, desespero profundo, alguns, espantoso cinismo, Paulo, com o olhar vago de quem está vendo mais para dentro da alma do que para o mundo exterior, caminhava sereno, fortalecido pela sua imaculada consciência e pela sua heroica resignação.

E ao passo que a leva seguia, direita ao cais de embarque, talvez no foro íntimo de alguma alma surgissem estas interrogações tremendas:

– Quando perderá a justiça humana uns laivos de vingança que ainda conserva dos antigos usos? Quando saberá dar com o castigo os meios de reabilitação futura? Quando a instrução verdadeiramente moral, derramada em jorros de luz pelo povo, dará ao tribunal a certeza de que está julgando os homens cônscios dos seus deveres e dos seus direitos e não criaturas embrutecidas pela ignorância completa?

São passados quinze anos. No arrabalde de uma povoação principal das nossas possessões de África, em meio de uma extensa quinta cultivada com esmero, ergue-se a habitação de um dos homens mais ricos daqueles sítios. Terras vastas e fartas, rebanhos inúmeros e fecundos, bênçãos a chover do céu sobre um trabalho incessante, tudo parece crescer e multiplicar-se para dar a este homem a felicidade que a riqueza possa comprar.

A inveja conhece-o pela designação de *degredado*, em geral dão-lhe o nome de Paulo Quinteiro, tendo-se este último, de alcunha, feito, com o uso, apelido.

A verdade é que chegado do reino para cumprir a pena de cinco anos de degredo por um ferimento de que não resultara morte, em breve desenvolveu uma atividade espantosa, como se o dominasse a vertigem do trabalho. Dotado de uma saúde robusta, resistiu ao clima, que sem piedade matava os seus companheiros de desgraça e, escapando por um milagre de atividade e de inteligência prática à miserável sorte que em geral têm os degredados, alcançou pela sua notória aptidão a proteção benigna das autoridades, que, findos os anos da pena, lhe obtiveram do governo valiosas concessões de terreno. Isto junto ao cabedal que em cinco anos

soubera adquirir, deu-lhe meios de explorar a agricultura em grandes proporções, o que fora sempre o seu dileto sonho naquela terra fecundíssima.

Era, no entanto, singular a ambição de Paulo.

Vestido quase como os homens da sua lavoura, digno, mas sempre modesto nas relações sociais, ninguém lhe conhecia luxo pessoal de espécie alguma. A sua habitação era vasta, mas quem a visitasse veria que ele ocupava a parte menor de toda ela. Numas salas grandes da entrada havia duas aulas que ele mantinha para educação dos filhos dos seus criados e de todas as crianças pobres dos arredores. Para outro lado havia enfermarias, onde brancos e pretos que adoecessem pelos calores do sertão eram tratados com escrupuloso cuidado. Ao longo de um pátio espaçoso viam-se as habitações para as classes pobres e bem poucas vezes recebia Paulo a renda dessas, principalmente se eram degredados que as procuravam para se abrigarem com as famílias que tinham levado do reino. Muitas vezes da sua mesa farta, mas frugal, lhes mandava alimentos, quando sabia que estavam doentes, ou que por falta de aptidão ou de felicidade não achavam trabalho.

O amor ao trabalho era em Paulo, como já dissemos, uma vertigem, um frenesi; dir-se-ia quase que o trabalho era para ele o princípio vital. Quando tinha de estar alguma hora ocioso, nem parecia o mesmo homem, ficava triste até à prostração, ele que tantos invejavam como um dos felizes da terra. Havia naquela alma um abismo de amargura, que só esquecia na atividade febril de um lidar constante. Vivia só. Dizia-se, entretanto que esse isolamento era voluntário, porque não faltaria quem tivesse a condescendência de se unir à sorte de Paulo Quinzeiro, esquecendo a sua antiga qualidade de degredado pela qualidade mais moderna da sua riqueza. Acrescentava-se até que houvera mãos apressadas que tomaram a iniciativa de lhe revelar a honra que estavam dispostas a fazer-lhe, admitindo-o na família. Paulo respondia invariavelmente:

– Não me esqueço do que fui, e nunca descarregarei sobre os fracos ombros de uma mulher o peso da vergonha com que eu mesmo mal posso. Além disso, a companheira da minha vida teria de viver na mediania em que eu vivo, sem luxo nem aparato, porque eu não arredaria um ceitel da aplicação que usualmente dou ao fruto do meu trabalho.

Esta última razão desanimava mais do que a outra e as mães, que já em sonhos viam as aulas e as enfermarias transformadas em salões de baile, e o remédio da pobreza que Paulo amparava, gasto em sedas e joias.

Paulo ia frequentes vezes visitar as terras que tinha longe, e tratar pessoalmente ao sertão com os pretos, que lhe forneciam produtos da terra para o comércio, que em avantajada escala fazia desde anos. Voltando um dia de uma dessas excursões, estacou à porta das aulas, vendo uma rapariga de seus quinze

anos mal trajada, com uma criancinha nos braços e levando seguro à saia um pequeno de seus sete anos, que fora buscar à aula. A rapariga era tão magra e franzina que fazia dó vê-la.

– Mariquinhas! disse Paulo, como fora de si.

– Que me quer? respondeu a rapariga, assustada pelo tom comovido daquela voz.

– Perdoe, filha. Foi um sonho, disse Paulo, caindo em si. Parece-se com uma Mariquinhas que eu conheci de sua idade há muitos anos.

– Cuidei que me conhecia, porque também me chamam Mariquinhas.

– E está há muito nesta terra?

– Não, respondeu ela, abaixando os olhos e corando de vergonha, viemos no último navio de guerra.

Paulo compreendeu que a desgraçada era filha de algum degredado.

– E seus pais, que fazem?

– Minha mãe morreu há um mês, logo que chegou a esta terra; meu pai anda em busca de trabalho. O sr. padre Joaquim (era o capelão de Paulo e ao mesmo tempo o professor da aula de rapazes), encontrou-me há dias com este pequeno, que é meu irmão, e disse-me que o trouxesse a esta aula, onde podia aprender e partilhar o jantar que o sr. Paulo Quinteiro manda dar todos os dias às crianças.

– Então a Mariquinhas não conhece esse Paulo Quinteiro?

– Eu, não senhor, mas todos os dias peço a Deus que lhe pague o bem que faz.

– Pois eu sou muito amigo dele, disse Paulo, sem poder quase reprimir uma lágrima. Se o seu pai não arranjar trabalho, diga-lhe que procure o sr. Paulo, porque ele está a chegar por estes dias.

Ditas estas palavras, desapareceu como de fugida. Fechado no seu quarto, deu largas à comoção que o avassalava, e murmurava com a cabeça escondida nas mãos.

– Que extraordinária semelhança! Feições, corpo e voz, tudo como ela!

No outro dia foi à aula em busca do rapazinho que vira junto com o vivo retrato da Mariquinhas.

Tinha faltado aquele dia.

Toda uma semana o procurou e o rapaz faltava.

Afinal, pelas informações de outras crianças também da aula, soube onde ele morava. Chegado ao pé da casa, logo o pequeno o avistou da porta, e ele correu para a irmã a dizer:

– Aí vem o amigo do sr. Paulo Quinteiro, que tu dizias havia de valer ao pai se soubesse o estado dele.

A rapariga chegou-se à porta toda chorosa, e às perguntas de Paulo respondeu que o pai estava prestes a morrer com a doença da terra e que no delírio

da febre só falava de um Paulo, que ela não sabia quem era, e que ele queria que lhe trouxessem a todo o custo.

– Até me lembrou, disse ingenuamente a rapariga, que talvez fosse o sr. Paulo Quinteiro a quem meu pai quisesse falar, por saber a fama da sua caridade.

– Leve-me onde está seu pai, Mariquinhas. Veremos o que se pode ainda fazer.

Chegado ao recanto onde em miserável cama de palhas agonizava o desgraçado, Paulo soltou um grito lacerante:

– Estêvão! Estêvão! Tu aqui! Foi inútil o sacrifício! Bem mo dizia o coração nas horas mais amargas da minha vida.

– Paulo! soluçou o homem, que esta voz chamou à luz da razão. Ainda bem que vieste. Nesta hora de agonia conheço bem o que fui. Gradualmente descí até o abismo. Afinal trouxe-me aqui um crime infamante e uma horrível morte será em breve o castigo da minha vida, tão mal-empregada.

Juntavam-se os vizinhos em volta do moribundo, que após estas palavras caiu em prostração.

Paulo, ajoelhado no chão, amparava-lhe a cabeça, e murmurava:

– Oh! Providência! quem pode fugir aos teus decretos!

Daqui a pouco o doente tornou a falar, por um último esforço e, diante de todos, sem que o pudessem calar as instâncias do irmão adotivo, revelou o segredo que enganara os juízes de Paulo.

Ouvindo as palavras que reabilitavam aquele homem, tão respeitável à força da virtude, os circunstantes esqueceram a solenidade da agonia que presenciavam e gritaram:

– Viva Paulo Quinteiro!

A este grito, Estêvão murmurou:

– És tu então esse homem que eu ouço abençoar desde que para aqui vim?!

Paulo levantou-se vivamente comovido; e, ordenando que todos saíssem, mandou chamar o padre Joaquim e fechou-se no quarto com o agonizante.

Paulo viu que o mal era sem remédio e só procurou serenar aquela alma, que tão angustiosamente se separava do corpo. Daqui a horas estava tudo acabado, mas Estêvão morrera com a suprema consolação de que nenhuma coisa faltaria a seus filhos.

Breve chegou ao conhecimento das autoridades a notícia do que se passara e imediatamente se ofereceram a Paulo para promover no reino a revisão do processo que o julgara. Paulo dispensou a reabilitação judicial e nenhum passo quis dar para a obter.

A Mariquinhas foi com os irmãos para a casa de uma senhora respeitável, a quem Paulo os confiou, enquanto não passaram alguns meses de luto.

Neste meio tempo enfeitava-se com modestas galas a habitação do rico lavrador. Dizia-se que ele ia enfim casar. Todos queriam saber o nome da escolhida. Paulo calava-se e um dia, convidando para o seu noivado as curiosas que o interrogavam, disse: –amanhã respondo.

No outro dia, todos viam com espanto entrar para a igreja em traje de noiva a Mariquinhas, que ninguém conhecia. Linda como uma rosa, vinha toda trêmula dar a mão a Paulo Quinteiro, que afinal tinha achado a esposa do seu coração. Estava transfigurado. A felicidade começou para ele naquele dia.

Uma coisa peço para ti ao céu, quando penso na tua nobre alma idealmente boa, na tua vida ao mesmo tempo tão modesta e tão grande –que te não façam visconde, nem barão, nem comendador e que sobre a pedra rasa com que mandes cobrir a tua sepultura, as crianças da tua escola só tenham de soletrar o abençoado nome de –Paulo Quinteiro.

ANA PLÁCIDO

Pesquisa, seleção e atualização ortográfica por
ANDREIA ALVES MONTEIRO DE CASTRO



1

Ana Augusta Plácido nasceu em 27 de setembro de 1831 no Porto. Aos dezanove anos, a filha de Antônio José Plácido Braga e de Ana Augusta Vieira casou-se com o abastado comerciante Manuel Pinheiro Alves, de 43 anos. Insatisfeita com o casamento e encantada com o escritor Camilo Castelo Branco, Ana se envolve em um caso de amor que scandalizou toda a sociedade portuense.

Em 1860, denunciada pelo marido e pronunciada pelo juiz Teixeira de Queirós como adúltera, Ana Plácido, com certo improviso, foi mantida junto com o filho, Manuel Plácido Pinheiro Alves, de apenas dois anos, em um frio corredor, próximo à enfermaria, na Cadeia da Relação do Porto, por quase um ano.

Em 1861, Ana e Camilo são absolvidos e, após a morte de Manuel Pinheiro Alves, passam a viver conjugalmente. Contudo, somente em 1888, o casal oficializou a união. Pouco depois, atormentado pela cegueira, Camilo Castelo Branco

¹ Do Blog Casa de Camilo: <https://casadecamilo.wordpress.com/2018/09/27/ana-augusta-placido-187-anos/>

suicidou-se em 1890. Ana Plácido morreu, anos mais tarde, subitamente, na noite de 20 de setembro de 1895, em São Miguel de Seide.

É interessante ressaltar que a produção literária de Ana Augusta Plácido parece ter sido obscurecida por seu relacionamento com Camilo. Eternizadas ficaram, de fato, as imagens de “mulher fatal” ou de “esposa sisuda”, atribuídas a ela pelo próprio escritor que, em muitos casos, se valeu das expectativas dos leitores para ironicamente romancear episódios de sua biografia.

Esse peculiar contexto parece ter feito com que qualquer êxito de Ana Plácido como escritora tenha sido quase que completamente apagado, ainda que ela tenha publicado livros, como *Luz coada por ferros* (1863) e *Herança de lágrimas* (1871), e colaborado em periódicos, como no caso dos folhetins *Horas de luz nas trevas dum cárcere* e *O mundo do Doutor Pangloss*, publicados n’*O Nacional*, entre os anos de 1860 e 1861; e *Às portas da eternidade* e *A desgraça da riqueza*, publicados n’*O Futuro*, entre os anos de 1862 e 1863.

O texto selecionado para essa antologia começou a ser veiculado n’*O Nacional*, em 3 de novembro de 1860, com o título *O Mundo do Doutor Pangloss*, no qual o sarcasmo, evidente desde o título, explicitaria uma ligação entre a autora, a sua heroína, Adelina, e a personagem de Voltaire, Cândido, que, em meio a tantos infortúnios, perdem a capacidade de manter o otimismo e acreditar que aquele era o “meilleur des mondes possibles”. Em 1863, com o título de “Adelina”, a narrativa foi publicada, entre outros textos, em *Luz coada por ferros*.

Adelina

Les femmes voient tout ou ne voient rien, selon leur disposition d'âme; L'amour est leur seule lumière.

Balzac

Capítulo I

O Porto é o éden onde mais enfloram os amores angélicos, cândidos e infantis. Ninguém me desmentirá, creio. Aqui, não chegou ainda o contágio dessa peste maléfica que lavra já na capital, como em todas as capitais dos grandes reinos.

Se há aqui pecadora, empolgada nas garras satânicas de paixão menos pura, ai dela! Porque as pedradas chovem-lhe compactas, e à penitente nem tempo lhe dão de repetir uma história passada entre Jesus e os apedrejadores duma mulher em Judeia.

Estamos, pois, na cidade da Virgem.

É nesta divina padroeira que as mães descansam o cuidado de guardar intactos dum desejo, ou pensamento equívoco, os corações virginais das filhas, muito além dos vinte e cinco anos, até que o marido predestinado lhes calque aos pés o gracioso e puro emblema da inocência.

Destes há algum, vetusto – arrapazado, que, sob o patronato de Baquet ou Augusto de Moraes², deixa a esposa tristemente desiludida, vendo-o em trajes domésticos na primeira tarde dessa celebrada lua, – saudosa para tantos como amarga para outros – e à qual uma das nossas primeiras e elegantes penas chamou, entre muitas, lua de jalapa.

² Alfaiates notáveis do Porto.

Vamos, porém, ao conto. As minhas galantes patrícias, investigadoras conscienciosas da moralidade das vidas e da moralidade dos romances, já estão franzindo o sobrecenho às aparentes ironias do exórdio. Não terão motivo para velar o rosto pudibundo. O seu pudor natural vela-as.

Uma hora da noite soa na torre da Trindade, e logo depois ouvimos o passo rápido de dois elegantes frequentadores do clube, descendo a escada.

– Aonde vais tão cedo, Luís? – diz um deles, de rosto entre o branco e o ruivo, cabelos e bigode loiros, uma dessas fisionomias que nós admiramos nos bonecos alemães, ajuntando-lhe somente um sorriso de velhaca finura, e astuta sagacidade.

O outro, é alto e magro, tem ar presumido, e afeta sentimental melancolia.

– Recolho-me, Fernando – disse o interrogado. – O espírito morre açaimado e esvaecido aqui na estreiteza deste mundo em que se vê deslocado! Que horrível coisa é a solidão moral, e ouvir estes homens que não falam senão em prima-donas, cavalos e *toilettes*! E são felizes! Fujo até de escutá-los para não ficar brutificado e boçal como eles. Mas tu que os aturas com tanta complacência, ou com tão evangélica coragem, como tenho presenciado, recolheres tão cedo é admirável!... a menos que não vás em cata de alguma deusa de duvidosa progênie, para acalentar-te o sono tardio da manhã!

– Oh! continua que estás divino! – replicou o interpelante – não me faças perder agora o bocadinho mimoso, que deve seguir prefácio tão feliz... Estou já a imaginar que farei de tudo isso um picado saboroso para o folhetim de amanhã. Verás como te enquadro lá as máximas, colocando-te a par de Sócrates, filósofo menos espiritualista do que tu. A propósito, ainda te inspiras dos negros olhos da gentil Adelina? Puro platonismo, já se vê... ou estás eclético?... Descobriste talvez na ciência plena novo apostolado? Portugal há muito que nada apresenta de original nesse gênero: caber-te-á essa glória. Desde já me tens a tirar sons agudíssimos da teorba épica, e a dar-te as honras que Platão não gozou na decantada Atenas.

– Ora, meu amigo – atalhou Luís – estás enfadonho com tanta erudição! Emprega melhor os teus filósofos, que eu não te aturo – disse, e foi caminhando em direitura à travessa que vai abrir na rua do Almada.

Fernando olhou-o sorrindo desse jeito que lhe era particular, e afagando as guias do bigode. Depois tomou pelo Laranjal, e foi dizendo, em monólogo consigo mesmo:

“Consegui só metade do que queria. Afugentei-o, mas nada colhi a respeito dela. Já me senti apaixonado por não sei que burguesinha dos nossos

recíprocos afetos, e ele deu-me uma gargalhada, e não fui mais feliz com o expediente de hoje para o tornar alegre e falador. Por ela também nada sei; e mais tenho estudado muito aquela mulher! Há ali uma vontade forte demais, uma altivez, que não será muito agradável para o mundo, e que me desgosta; mas é bela, tem espírito, o que é raro hoje, e deixemos lá os apologistas das inocentes estúpidas, que nos matam com um riso parvo as expansões que não compreendem. Além de que, a mulher tem oitenta mil cruzados, o que é uma grande fortuna nesta época para quem não tem nem oitenta réis de seu, senão folhetinizando o mundo. A paixão, já se vê que a sinto, e que a tenho mostrado nos suspiros, que a bela finge não perceber, e nas poesias alusivas, que lê com indiferente semblante.”

“Está dito! Amoroso como Bernardim, inspirado como o Tasso! Vou escrever... eu sei cá!... um poema! uma grossa de sonetos! quero ser o Petrarca desta Laura inédita! Hei de ir adorar-lhe a porta todas as noites, escutar o rumor daquela ditosa morada, e espreitar-lhe a sombra através dos cortinados do seu quarto. Hei de falar-lhe nos seus devaneios, coisa de que as mulheres gostam muito; dizer-lhe que a sinto em espírito adejante a iluminar as trevas em que me jazia imerso o coração e a inteligência. Ela há de amar-me, há de preferir o gênio ao sandeu que eu desconfio a tem fanatizado com não sei que melindradas tristuras! A existência seria depois bem formosa para mim! Casado, acaba-se o eterno artigo de fundo; o folhetim de todos os dias; e as malditas provas para que eu já olho como para os sujos espectros da minha pobreza futura.”

Neste ponto solene ia abismado o literato, quando, chegando à esquina do Guichard, foi abalroado por um homem que corria pressuroso.

Firmou-se melhor nas pernas, ainda aturdido do embate, e gritou:

– Ó sr., é muito... Ah! és tu? agora é destino! Ouve cá, Luís!... – como ele corre! corramos também... Olá, homem igual aos deuses alípedes, Mercúrio roto, espera, e repara que te chamo eu, e que prometo fazer-te imortal – foi ele dizendo, e dando-lhe palmadas no ombro.

– Vai-te para o inferno, demônio, e não me apareças mais, que sinto desejos de te esganar!

– Isso agora é sério, menino, retiro-me e lá te espero. Aceito o repto!

Luís nem escutara o final. Livre do importuno, subiu pela rua de Santo Antônio ainda desesperado, cogitando na perseguição deste homem de que ele não sabia o que devia julgar. Conhecia-o de pouco mais que três meses, desde que, vindo da província, lho apresentaram. Achava-o folgazão, e sempre pronto a rir-se das misérias da sociedade que ele conhecia melhor que ninguém, e onde entrava e era estimado. Tinham-lhe dito que era um dos aspirantes à mão de Adelina, mas ele não tinha ligado importância ao rival, certo e crente no resultado de seus planos.

Naquela noite, decidia-se o seu destino de que já não duvidava. Adelina amava-o.

Em duas linhas, recebidas havia cinco horas, falava-lhe na felicidade dos anjos, no viver santo da família, e na harmonia de duas existências ligadas à face do céu e da terra, com tudo que as torna respeitadas.

Ansiava por ouvir-lhe o complemento dos seus votos; esse *sim* tremendo de que poucas criaturas compreendem o alcance!

Entretanto, Fernando cismava: “Para onde irá ele?! Isto faz-me pensar que o caso está mais adiantado do que eu julgava... Pois hei de conhecer o desfecho da trama; estou resolvido a não o largar... E, depois, quem sabe? estes ares espiritualistas impressionam, e já vejo que as espertas resvalam na ladeira das tolas. Pode ser que seja bem-sucedido o maldito, mas eu não perco a ocasião: hei de desenganar-me.”

Coseu-se então com uma das portas onde projetava sua sombra um candieiro distante, e foi seguindo Luís com olhar perscrutador. Viu-o, chegado ao cimo da rua, voltar-se, e procurá-lo talvez dois minutos nessa rua, deserta àquela hora. Vacilou ainda, como se duvidasse da desapareição, e por fim tornou pela rua de Santa Catarina, a passo rápido.

Fernando saiu do escuro, e foi-o seguindo, à distância de trinta passos, não duvidando já do caminho que levava. Perto de uma casa de rica aparência, ouviu-o assobiar a sentimental melodia de Verdi no dueto da Traviata “*Parigi, ó cara, noi la sceremo*”; de pronto, como se fosse suspirado aquele canto, a janela abriu-se com ímpeto, e apareceu o vulto de uma mulher.

Fernando conhecera-a. Não pôde vencer-se: foi-se aproximando, e escutou o seguinte:

“Amanhã falarei à minha tia, Luís. Creio em ti, e na felicidade. Dou-te a minha vida, e não quero que sofras mais, porque a minha alma acusar-me-ia. Minha tia é boa, há de escutar-me, e tu depois farás o resto, meu amigo. Estou que há de prezar-te muito, conhecendo o que és para mim...”

“O anjo! – respondera Luís – abres-me as portas do paraíso onde eu julguei que nunca poderia entrar. Sinto desejo de ajoelhar aqui, e adorar-te como faço na solidão do meu quarto, quando a tua imagem luminosa me aparece radiante como a da Virgem aparecendo aos apóstolos”.

A expansão do amante feliz foi abafada por uma gargalhada estridente. Adelina fugiu. Luís correu ao ponto escuro donde saíra a cascalhada do riso. Viu Fernando de braços cruzados.

– Que fazes aqui? interrogou Luís.

– O que faço em toda a parte: rio-me. Agora vou-me deitar. Boas noites.

Luís ficou perplexo, com os olhos postos na janela de Adelina.

Atribuladas suspeitas lhe tumultuavam no coração, quando a voz de Fernando, já afastada, lhe trouxe a letra e a toada da conhecidíssima quadra:

*La donna è mobile
Qual piuma al vento
Muta d'accento
E di pensiero.*

Capítulo II

Adelina era filha natural do coronel Borges da Silveira. Ficara, aos dez anos, sem mãe, e, nessa idade, entrou como educanda no convento da Encarnação, em Lisboa, onde seu pai residia. Este, sem outras afeições no mundo, não poupou cuidados nem meios para lhe dar uma educação brilhante.

Adelina primava entre suas companheiras, que todas lhe queriam como irmãs, fazia as delícias, e era a esperança risonha do coronel. A morte, porém, com as suas garras inexoráveis amanheceu um dia a dilacerar os debuxos graciosos que lavrara o extremoso pai na tela da fantasia. O coronel conheceu a iminência do perigo, e tratou logo de perfilhar Adelina, deixando tudo em ordem para que ninguém lhe contestasse a herança. Depois recomendou-a a um amigo, e entregou nas mãos de Deus a sua única filha.

Morto, Adelina achou-se, aos dezoito anos, senhora de bens de fortuna, mas estava só! ninguém que a dirigisse na vida! Lembrou-se de ouvir seu pai falar-lhe muitas vezes em uma irmã que prezava muito e vivia no Porto. Nunca descobrira a verdadeira causa, mas, por meias palavras do coronel, conheceu que um desgosto de família o afastava dela, sem, contudo, poder esquecê-la.

Adelina escreveu a sua tia. Expandiu a dor daquela orfandade tão sentida e pesarosa, gemeu inconsolável aquela perda para que não há no mundo compensação possível. O coração de um pai é tesouro superior a todas as riquezas da terra. É ali onde buscamos o refrigério, sempre certos de encontrá-lo nas adversidades e desgraças, por mais grandes que sejam, e maiores que o destino nos mande suportar.

Ai daquele a quem falta na época das paixões o abrigo do seio paterno, esse sublime tabernáculo onde Deus depositou, à sua semelhança, a sabedoria e a misericórdia!

A resposta de D. Susana foi o chamamento ansioso de um coração a adotá-la como filha. Adelina, comovida, despediu-se saudosa das companheiras da sua tranquila infância e saiu no vapor para a terra que ouvira o primeiro vagido de seu pai, do ente que fora para ela uma religião e cuja memória vivia sagrada e

única na sua alma. A viagem pareceu-lhe longa, e, ao primeiro anúncio de que se avistava a barra, apressou-se a subir para a tolda, impaciente por conhecer essa cidade a que se sentia já presa por simpatia.

Fundeava o vapor na ribeira, e, ao primeiro lance de vista, Adelina sentiu um aperto de coração, uma melancolia quase angustiosa como de presságio funesto que lhe conturbasse a alma. Não via as margens risonhas e majestosas do seu Tejo, onde ela tanta vez fitara os olhos enlevada. Tudo ali era mesquinho e triste! Uns braços, e uma voz, chamando-a de perto, a arrancou a esta contemplação acerba.

D. Susana reconhecera na jovem as feições de seu irmão. Estreitou-a ao peito, e Adelina conheceu que seria ingrata daí em diante, queixando-se do destino e do seu isolamento no mundo, como horas antes fazia.

Encontrava em sua tia uma amizade afetuosa e sincera, e admirava nela um desses tipos grandiosos que o mundo raro se apraz em nos mostrar, como a perfeição da virtude na terra.

– Ouve, minha filha – lhe dizia ela dias depois da sua vinda – receio por ti as tempestades em que vais entrar cheia de inexperiência de candura. Olhas, e vês-me no último período da velhice, e ainda não completei quarenta e cinco anos! Tenho feito longos, e, às vezes, dolorosos estudos sobre o coração humano, minha Adelina. Adivinhei a tua índole, o teu espírito, e a tua nobre alma pelo grito gemente que me enviaste, e que veio ecoar deliciosamente nesta solidão tristonha em que vivo. Pressagio-te grandes infelicidades, filha; estremeço cada vez que uma voz profética me brada ao ouvido: “Aí tens mais uma desgraçada.”

“Queres saber? Estas cãs – continuou ela, afastando os cabelos da fronte ainda majestosa e bela – nem sempre pesaram aqui. Fui o que tu és hoje, rica de crenças e de ilusões formosas! O mundo é belo, mas os espinhos rasgam-nos a alma quando não lhe antepomos a circunspecção e a prudência que só trazem os anos. O nosso espírito cega-se muitas vezes à primeira luz. Libamos o néctar sem reparar nas fezes negras e nauseabundas que se congelam no fundo do cálix. Acordas hoje na sociedade, e sabes tu que mistérios assombrosos vão aí? Que juízos se fazem, que reputações se criam? Deixa-me demonstrar-to num exemplo.

Reparaste nesta vizinha que te olha com insolente curiosidade? Enche as suas salas com as primeiras notabilidades e ilustrações desta terra que, com raras excepções, são tão ilustres como ela. Vais conhecer-lhe a biografia em quatro traços. Há dez anos servia em uma casa, que eu frequentava com assiduidade. Soube depois que se casara com um embarcadiço que a espancava muito, por não sei que pundonores de marido honrado e grosseiro. O caso é que, morto ele, ela voltou ao seu antigo mister de criada, e veio para casa deste homem, onde pouco depois tomou já o ascendente de se fazer chamar, pelos companheiros, por sra. Mariquinhas, e assim foi subindo até que hoje pompeia na melhor roda, e blasona

das suas influências com dois viscondes e quatro juizes da Relação, que a atendem nos seus pedidos. Se algum moralista menos tolerante se lembra de abocanhar a ilegitimidade do seu viver, desde logo acha um defensor exaltado das suas virtuosas qualidades, e da caridade e amor do próximo, que a faz gastar todos os anos algumas libras a benefício do asilo de beneficência, e como priora da ordem do Terço, ou do Santíssimo Coração de Maria.

Enquanto ao resto, filha, livre-te Deus de a ouvir discursar a respeito dalguma infeliz esquecida de que não tem ouro para remir as suas faltas, nem um carro suntuoso em que mostrar-se ao sol brilhante da opinião pública.

E, como este, podia citar-te mil outros casos.

Tu conhecerás, com o tempo, três ou quatro mulheres, rainhas na burguesia abastada, vivendo e alardeando os seus amores octogenários, como os seus brasões, em que um ou outro crítico encrava a medo alguma facécia burlesca. A melhoria desta sociedade honesta aí está acurvada a acatá-las com tolerância incrível, e ninguém ousa denegrir o escândalo para que se lhe não fechem as portas, onde é uma honra entrar.

Escândalo, filha, é a pobreza. O ouro tem um brilho que deslumbra, e dá um aroma de rosas ao fétido das chagas morais. É a única desculpa para a infâmia. Hás de rir-te, ou chorar algumas vezes, quando estiveres senhora dos galanteios desta deusa chamada fortuna, sempre pródiga com quem mais a arrasta no estrado da ignominia.

Verás o homem, perdida a vista da razão, ou cínico para tudo o que lhe diz respeito, defraudar a honra alheia, e moralizar para os outros, esquecendo-se de si.

É repugnante este quadro, minha Adelina, é. E acredita tu que sou generosa, ainda assim. Se a consciência não fosse na maior parte desta gente uma palavra sem ideia, um broquel de covarde hipocrisia, eu diria que eles descarnam os outros com receio de que os conheçam, e pejo de se verem tais quais são!...

Ficas por tanto sabendo o valor desse metal maravilhoso, e por consequência quanto os teus sorrisos serão disputados por alguns que têm gasto anos a descobrir um casamento rico, única telha vã por onde o oiro lhes pode cair a saciar-lhes essa ambição, que, à vista do que te expus, é legítima. Quisera precaver-te contra as seduções de coração, e salvar-te talvez dum pesar tardio, duma desgraça irremediável, filha!

Um dia hei de contar-te a minha vida, e a tua razão clara aproveitará com a lição tremenda que me deu o destino. Hoje, bendigo-o. A minha velhice é solitária, mas está livre desse jugo pesado imposto à mulher, e dessas atribulações da esposa que vê fugir com a mocidade, ou mesmo antes, os carinhos do marido convertidos em completa indiferença e abandono, quando não é o aborrecimento, que é pior ainda.

Salva-te, pois, minha Adelina. Às traiçoeiras e enganosas paixões mundanas opõe-lhe o divino amor de Deus. Só esse é grande e sublime!”

Capítulo III

Adelina escutava sua tia com silencioso respeito e profunda admiração.

As pústulas da sociedade, assim a descoberto, nausearam-na a princípio, e por fim tomou-a uma irritação quase dolorosa. Alma extraordinariamente fadada, tinha crenças grandes e sublimes; possuía o gérmen do bem, pronto a desabrolhar, à luz do evangelho. O seu fantasiar era perfeito na pureza das criações que lhe deleitavam o espírito. Pressentia na terra uma semelhança identificada à sua. Sorria-lhe esta imagem, dormindo ou acordada: ansiava por ela! A felicidade seria o que lhe mostravam agora; uma ficção irrisória? Nada havia para ela que lhe parecesse tão santo e sedutor, como esse laço sagrado que une duas existências, e converte a essência de duas almas numa só.

Aí temos uma romântica, dirão, rindo maliciosamente, essas a quem uma noite perene não deixa descortinar as magnificências guardadas para o ente privilegiado, e chamam a irrisão em seu auxílio. Que importa? O escárnio das almas ignóbeis não é sequer insulto.

Não, minhas senhoras, Adelina não era sequer romântica, não tinha estudado as paixões na linguagem veemente de Alexandre Dumas, ou na tempestuosa de George Sand. A natureza revelava-se-lhe num som misterioso e incompreensível para muitos. Embelezava-a essa poesia radiante que ora folga em gemer nas selvas sombrias, ora se exalta na campina em hinos ao criador.

Apresentada por D. Susana nessa Babilônia, Adelina inculpou sua tia de rigorosa nos seus juízos. Porque não vê os vermes, crê que não existem.

Encontra sempre Luís de Albuquerque em toda a parte, e em todos os salões, onde as damas porfiam em arrancar-lhe um sorriso. A melancolia do mancebo floriu uma simpatia oculta naquele coração sequioso de bens ignorados. Luís tornava-se distinto no meio dos seus êmulos por um nome celebrado já em remotas eras, e o resto duma casa defraudada pelas suas batalhas amorosas em Lisboa, e algumas outras de nome nos países estrangeiros, onde passara alguns anos.

Ficara-lhe de tudo isto uma reminiscência amarga – dizia ele: – “Morto para o amor, para esse alimento espiritual, sem crenças, sem esperanças e sem visões, via passar os seus dias numa aridez selvagem que nem a gota d’água faz reverdecer”. Isto, junto a uma presença que nada tinha de desagradável, não seria cálculo, mas surtia o efeito que ele poderá desejar, se o fosse. As mulheres distinguiam-no, e viram com inveja e rancor que os gelos da montanha se desfaziam ao calor da chama luzente que despediam os olhos de Adelina. O desgabo delas tornava-se em

louvor daquela superioridade que o homem experiente adivinha. Luís conheceu o que se passava naquele coração virgem, e a sua vaidade incitou-o a não afrouxar a corrente magnética, a que tinha presa a vítima que lhe sorria. Indo ao encontro dela, admirou a candura angélica, a par da nobreza e dignidade que aformoseava a jovem. Sentiu o remorso, ele, homem gasto e sem alma!

Num momento de sincera comiseração disse-lhe que lhe fugisse, que era um desgraçado a quem o caminho da felicidade estava vedado, que não quisesse compartilhar as dores duma existência maldita.

Adelina respondeu-lhe com nobre e amorosa altivez, que nem mesmo esse convencimento a afastaria dele, e que encontraria no coração dela o talismã para conjurar a adversidade do destino.

Depois disto, passaram dois meses de enlevamento, e no dia seguinte àquela noite que a vimos fugir da janela assustada com o riso do indiscreto, falou a D. Susana, que tentou debalde demovê-la dos seus projetos.

Luís apressou quanto pôde o momento em que pudesse chamar sua à fortuna que cobiçava.

Estamos na madrugada desse dia. Seis horas bate o martelo do relógio de escada, na casa que D. Susana habita. Adelina levanta-se da cama, e, vestindo à pressa o amplo roupão de seda, corre à capela, onde por uma licença especial vai dar esse juramento sagrado que lhe será manancial de amarguras não conhecidas.

Absolvida de suas inocentes faltas, recebe no seio o símbolo da sacratíssima paixão do Filho de Deus; e, pura e casta como Rebeca, espera com santo recolhimento o esposo prometido.

Que fervor nas suas orações! Que melancólico cismar, e ao mesmo tempo que fé tão viva, que confiança tão acrisolada no amor imaculado e protetor da Virgem Santíssima! Evoca a memória de seu pai, dá-lhe ainda lágrimas duma saudade pungitiva, pede-lhe que veja lá do céu a sua filha, que abençoe esta união, dando-lhe as virtudes necessárias para a tornar modelo no meio desta devastadora corrupção do século.

Reconcentrada em si, nesse êxtase afetuoso que tão grato deve ser aos olhos de Deus, é que Sofia vai encontrá-la absorvida. Sofia era a sua única amiga ali. De três meses que a conhecia; e queria-lhe tanto que chegava a perguntar ao seu coração se amaria mais uma criatura saída do seio de sua mãe, esse bem que não conhecera, essa irmã por que tanta vez suspirara desconfortada! Estava esta longe de parecer-se com a imagem que Adelina fantasiava, mas teve a habilidade de se insinuar naquela alma bondosa, e de se lhe tornar, por assim dizer, precisa.

– Está chegando o teu dia, menina – dizia ela com um gesto dolorido. – Alegro-me pelo complemento da tua ventura, e entristeço lembrando-me que hoje

acabam as tuas expansões amigas. Apressei-me a ver-te ainda livre, quis que fosse meu o último beijo a que ainda não tem direito o marido.

– Que coração tão apoucado tu me dás, Sofia! – respondeu Adelina abraçando-a. – Creio que não posso amar Luís mais do que hoje; o seu lugar, assim como o teu, é distinto. Mas sabes tu que também me sinto triste?! que sinto um peso doloroso a oprimir-me a alma?... anda, vem daí até o jardim, vou colher o ramo de desposada, cuja primeira flor guardo para ti. Por que esse gesto de dúvida? O teu Alberto deve prezar-te muito; e na sua nova posição, já pode não re-crear os encargos da família que tão grandes medos lhe incutiam.

– Tu não fazes ideia do que são os homens, Adelina. Esqueces que sou pobre? Alberto está na carreira de se altear onde a sua ambição o chama: verás que me sacrifica. Há cinco anos que me ilude com pretextos bem ou mal simulados, e por fim creio que acontecerá o que todos me profetizam. Tenho sido muito infeliz, tenho gastado a minha vida nestas intermitentes da esperança e desalento. Não reparas que estou envelhecendo, e sou mais velha do que tu apenas quatro anos? É isto, Adelina, é o que te digo, não tenho de ser casada, a solidão na terra é o meu destino.

– Esqueces então que te vou quebrar o encanto, minha tolinha. Deixa-me também ser profeta. De hoje a dois anos, estamos nós duas graves e sisudas matronas, fiando talvez mesmo na clássica roca de nossas avós, e desdenhando a ilustração dos nossos dias. Riremos então muito das nossas elevadas aspirações que nos pareceram tão sublimes, e acharemos que o verdadeiro e único regozijo é o amor da esposa e a doce contemplação dum filho. Estaremos um pouco mudadas, minha amiga, mas creio que saborearemos uma paz invejável, e só parecida com a primeira época da vida... Não estejas a sorrir-te, má; tenho crenças no que te digo! O pior são as saudades que já começo a sentir, tuas, e de minha pobre tia. Luís quer que partamos esta mesma noite para Braga, e eu anuí para me furtar aos olhares desta gente que me incomodaria, mas constranjo-me porque vos quisera ao meu lado testemunhando e compartilhando a minha felicidade.

– Pois eu supus que te fosse aprazível a solidão, Adelina. O paraíso de nossos primeiros pais só era povoado pelos anjos do mistério e do amor, que se acoitavam nas grutas sempre verdes daquelas margens ridentes que os olhos da nossa imaginação procuram ainda...

Esta conversação foi interrompida por D. Susana que vinha lacrimosa abraçar a sobrinha.

Começou, pouco depois, a afanosa lide de ajudar a noiva a vestir-se. Às três horas da tarde, Adelina caía nos braços de seu marido.

“Tua! – exclamava ela – tenho medo, aterra-me a felicidade demasiada que sinto aqui no coração onde a tua imagem está só, Luís!”

Capítulo IV

No século dezenove, rareiam os profetas, e crescem as sibilas a quem só falta a cabeladura desgrenhada ao vento e as sandálias nos pés nus.

Nos dólmens druídicos dos celtas, nas florestas consagradas à magia, reina hoje o silêncio e a mudez sepulcral, onde outrora se estorcia a rês destinada ao sacrifício e na pira já se apagou o fogo sacro, insuflado pelo espírito da pitonisa, que lia os sucessos felizes, ou as catástrofes, nas entranhas fumegantes da vítima. Os clamores do triunfo ou os gemidos do terror já se não escutam ali. Os meninos encantados já não respondem às consultas dos Trálios predizendo-lhes o futuro em estiradas poesias. Os Fábios contemporâneos, quando perdem a bolsa, lembram-se debalde dos Nigídios. Os oráculos emudeceram; mas, como já o dissemos, as sibilas regeneram-se, guardando com recato misterioso o espírito incubado no seio, e que lhes alimenta o sétimo pecado mortal, graças aos enamorados, às esposas ciosas, e às jovens de crenças mais puras, desejosas por desencerrar o destino dos seus amores.

Adelina fora má profeta.

Vamos encontrá-la nesse dia, por ela apazado, para admirarmos a prometida transformação.

É tão aromática e graciosa a atmosfera que a rodeia, que não podemos resistir ao desejo de a olhar muito, protraindo um pouco as peripécias agoiradas por nós à predestinada da dor.

É pequeno aquele recinto, mas recendendo o perfume da elegância. Aque-las cortinas transparentes e caprichosas, quase envolvendo no seu franjado o toucador, onde se empilham esses tantos vidrinhos de essências, e outros aces-sórios indispensáveis, tem uma suavidade misteriosa.

Adelina está recostada no sofá púrpura e ouro vendo a sua imagem perfeita no grande espelho de vestir que lhe está em frente. O seu roupão de cache-mira cor de laranja, aberto adiante, deixa ver o rebordo do acolchoado de seda azul-celeste, caindo graciosamente na saia de cetim, igual na cor ao roupão. Aperta-lhe a cintura um cordão azul e preto, terminando com duas borlas iguais. Uma camisa de dormir de finíssima bretanha sem outro adorno mais que o seu alvíssimo brilho vem cingir-lhe os pulsos e a garganta, tão alva como ela. Um len-cinho de *blonde* preto apertado debaixo da barba, enquadra-lhe maravilhosamente o rosto, dando-lhe um aspecto melancólico e encantador. Os pés, de uma correção pasmosa, calçam chinelas de pelica cor de flor de alecrim, cintadas de verniz, e repousam cruzados no banquinho de estofa igual ao sofá.

Está lendo o *Camões* de Garrett, e repete a meia-voz, como sonhando:

... Mais doce ainda
De mais subido prêmio outra esperança
Me acalentava... Ai de mim! um longo sonho
Minha existência há sido...

E, como se a poesia lhe acordara pensamentos dolorosos, pousou o livro sobre a pequenina mesa de charão, que lhe estava ao lado, e caiu em profundo cismar. O toque da campainha e um criado tomando a permissão de anunciar o sr. Alberto de Sá a chamou à vida real, tão diferente dessa por onde a sua alma folgava de allear-se.

– Felicito-me de haver uma causa qualquer, que me ganhou a distinção de receber duas letras de V. Ex.^a – disse Alberto, depois dos primeiros cumprimentos, aceitando a cadeira que Adelina lhe apontara. Estou pronto a escutá-la, minha senhora.

– E como sincera amiga, sr. Alberto de Sá, porque o sou na realidade – Adelina, acentuando estas palavras, continuou:

– É sumamente delicado o assunto em que vamos entrar; nem eu me atrevia a fazê-lo sem invocar primeiro a sua lealdade cavalheirosa, que por mais duma vez tenho apreciado, e que me leva a pedir-lhe que seja franco comigo como se eu fora sua irmã.

Alberto inclinou-se respeitosamente, e Adelina prosseguiu: – Sabe que sou amiga, direi antes, irmã d’alma de Sofia. Faz hoje dois anos, a esta mesma hora, que lhe vaticinava a felicidade opulenta, sem desejos a satisfazer, sem ambições a saciar. Menti; foi enganosa a luz que procurei nas trevas, e não só para ela!... mas não cuidemos dos outros... Sofia não me ocultou as aspirações tão justas da sua alma em chegá-lo a si, prendendo-o com essa cadeia tão florida e tão grata para os que verdadeiramente amam. Viu-o frio às suas tentativas, e resignou-se ao sofrimento permanente do receio e dos cuidados em agradar-lhe no futuro incerto do seu amor. O sr. Alberto de Sá, apesar de lhe falar, e dar mostras duma paixão acintosa, creio que não merecia esta dedicação. Eu quero convencê-lo disto, ou antes quisera que V. S.^a me convencesse a mim do contrário. Depois de sete anos, é injustificável e indecoroso o abandono – permita-me a expressão. – Tenho visto as lágrimas da infeliz sulcar-lhe a face, tendo-lhe ouvido o gemer da agonia, sem poder confortá-la. Creio que me poupa a uma mais longa, e talvez enfadonha dissertação sobre estes fatos: peço-lhe, como cavalheiro, que me diga se a não ama já, ou se alguma intriga miserável, e que eu folgaria desfazer, deu essa causa que felizmente pode ficar em nada. Quis ouvi-lo, porque me interesse muito e penso no futuro de ambos.

– V. Ex.^a honra-me demasiado – respondeu Alberto. Infelizmente não posso mostrar-lhe o que sinto, só posso ouvi-la em silêncio, escutar-lhe as

exprobrações e calar-me. O apelo de V. Ex.^a fortifica mais as minhas convicções: o futuro justificará o acusado. Nada mais tenho que dizer, minha senhora; beijo-lhe as mãos e retiro-me; conheço que estou sendo aos seus olhos um ente abjeto.

Alberto levantara-se disposto a sair com um ar de firmeza e dignidade, que tocou Adelina.

– Não – disse ela – não sairá já, sr. Alberto de Sá. As suas palavras têm uma força de verdade que me espanta. A desilusão seria para mim terrível, mas eu já sinto um abalo doloroso nesta crença fiel que eu tinha em Sofia, como a primeira e mais digna que senti e amei. Diga-me tudo, abra-me o seu coração sem repugnância: sou digna da sua confiança, acredite-me.

– De certo, minha senhora, se algum dia duvidasse, estava hoje desengano. V. Ex.^a teve ainda há pouco a bondade de chamar-me cavalheiro; é sagrada a minha vereda, não posso dela desviar-me. Mas, se me não engano, aqui vem quem pode enganar a V. Ex.^a, respondendo por mim.

Era Sofia que entrava.

Alberto curvou-se diante das duas senhoras, tomou o chapéu, e saiu.

Adelina e Sofia ficaram silenciosas, sentadas no sofá.

Capítulo V

Passaram cinco minutos de concentração profunda, e mudo discurrir. Aqueles dois semblantes tão diferentes na expressão e nos toques da formosura revelavam uma comoção violenta, e o esforço empregado para domá-la.

Adelina vacilava entre a voz interior que mansamente lhe repercutia as suspeitosas palavras de Alberto, e a bondade natural do seu caráter acusando-se da desconfiança malévola contra a sua única amiga.

Esta, surpresa pelo encontro inesperado, sem saber o que se tinha passado, procurava dar-se ares de magoada tristeza, dando a furto um olhar para o espelho onde via Adelina, e impaciente por ouvir-lhe uma palavra que a orientasse no caminho, que devia tomar.

– Ouve cá, Sofia – diz Adelina – Eu não compreendi bem Alberto, mas as suas respostas foram nobres e grandes, em dignidade e força d'alma.

“Admiro-o, e condoo-me de ti, supondo que algum inimigo de Alberto, invejoso de sua felicidade, te caluniou a ponto de o desvairar. Compungida pelo rompimento entre duas almas tão belas, e que eu prezo tanto, chorando por ti a perda dessas ilusões brilhantes que talvez te tenha ensinado a compor com a minha desgraçada imaginação, tentei curar o mal, chamando Alberto, e pedindo-lhe uma confiança singela e verdadeira. Ouviu silencioso as minhas arguições, recusou responder a elas, e saiu invocando o futuro, e apontando-me para ti.

Apreensiva como sou, dei-me a cismar, querendo ver um mistério no que não passa dum erro. E o mais é, que quase te culpo, minha pobre Sofia! Perdoas-me tu? Deves, pelo remorso, e pela sinceridade que emprego, tornando-te senhora até destes pensamentos maus. Ai, Sofia! quisera tanto contemplar em ti, ver realidade aquelas visões formosas que nos doiraram o amanhecer! Lembras-te? Há dois anos, e sempre, Sofia! Que amarga quimera!...”

Falando assim, Adelina recostou o braço na borda da mesinha, e pendeu a linda e pensativa cabeça.

– Tens razão, Adelina – respondeu Sofia – o despertar é negro e feio.

“De decepções em decepções, gasta-se a vida, consome-se na febre da esperança, naqueles sobressaltos aprazíveis do coração, que nos fogem depois, deixando-nos logradas e feridas. Compensações não as há, senão medíocres, mas nós devemos combater estes revezes com a razão e com o espírito. Eu estou na corajosa resolução de não dar mais um passo para convencer Alberto da injustiça do abandono ou da condenação, depois do que acabo de ouvir-te. Acostumada ao sofrimento mesmo despoetizado pela incerteza do porvir, serei forte em soffrear os impulsos da dor e da paixão, para que Alberto se não vanglorie da minha fraqueza, e a tome como falta de dignidade. Agora, Adelina, peço-te que não falemos mais nele: o coração da mulher é ao mesmo tempo frágil e consistente como a hera que se desprende a custo do tronco... Falemos de ti. Cada vez te encontro o parecer mais abatido, melancólico e desgostoso. Olha para mim, e reanima-te, Adelina, vê-me como um modelo de infelicidade.”

– Tu, modelo de infelicidade! Que mal compreendes a extensão dessa palavra, Sofia!... És forte demais, minha amiga, chegas a espantar-me com a rapidez da transição por que eu não esperava, sem, contudo, te aconselhar a baixeza de mendigar de Alberto a esmola duma fala ou piedade. Isso não! A mulher nunca deve abdicar do trono luzido onde o próprio Deus a colocou, dando-lhe por apnágio a altivez de coração que se não averga às misérias da terra. Pode alguém duvidar disto, Sofia; mas conheço-as eu assim. Sabes tu quem são os infelizes? São aqueles que não têm fé, são os que já mal distinguem o prado viçoso onde lhe reverdecia o futuro, e sentem queimar-se a alma neste torrão agro, calcinante, e maldito da esperança! Tu, se és forte, Sofia, é porque ainda és rica de ilusões; esperas, não digas que não; tens talvez a presciência de que te verás em breve soberana desses ou doutros afetos, e lhe fixarás os domínios. Eu nada! Pobre de tudo que aligeira e encanta, o existir daqui nada possuo que me alimente este ansioso devanear do espírito, subindo aos alcantis nebulosos da imaginação. Os dias são-me iguais em monotonia e cansaço d’almas, sedenta e ambiciosa. Tu sabes o que tenho passado com Luís. Sabes que, demasiado altiva, não pude acostumar-me às exigências prescritas por ele e pela sociedade. Era preciso seguir de perto os triunfos amorosos de meu marido, aplanar-lhe muitas vezes o caminho,

e gloriar-me das suas conquistas, prestando-me a receber mesmo as confidências, e aceitá-las com ânimo sereno e sossegado. Lembra-me ainda do horror ingênuo da minha alma, quando, seis meses depois de casada, me vi afrontada assim, e viúva dessa crença sagrada que eu tinha na ligação de duas pessoas que se amam. Tudo mentira, Sofia!... Luís é de mais a mais uma destas criaturas incapazes de sentimento que não seja mau; deixa-me confessar-to. Aos primeiros bocejos de enfado, seguiu-se o aborrecimento, e após este o trato rude e insolente, a que eu correspondo com o silêncio do desprezo e do asco. Vê tu que viver este! A mente sempre afogueada, chamando e revendo-se numa imagem luminosa, meiga e acariciadora; e a matéria caindo desluzida ao contato mundano, e ante a nudez do raciocínio!...

– É justo o teu queixume, Adelina, mas, permite-me uma admoestação. Por que não fazes um estudo particular para afastar as visualidades, e assenhoar-te do que é real?! Olha, não cries mundos novos, aceita este como ele é, minha amiga. És formosa, e simpática. As primeiras elegantes mordem-se de inveja e de temor quando apareces. Eu não te digo que dês um passo nessa senda tortuosa, em que é arriscado entrar e difícil o sair. Deus me livre de tal, Adelina. Mas, como verdadeira amiga, pesa-me a tua solidão moral, que tão escura me pintas receio que te marasme o corpo e o espírito, e lembro-te o meio de despertares desta atonia. Ufana-te do que és, Adelina; repara nos olhos que te seguem fascinados, e presos ao teu natural encanto, e aí tens já um incentivo para demover a desanimação que te acurva e faz esmorecer assim. Sai a tomar ar, passeia, e... digo? pensa algumas vezes em Júlio, má. O pobre rapaz tem horas cruéis, e outras de exaltação não menos magoadas...

– Cala-te, cala-te! – atalhou Adelina – não creio no que me dizes... aborreço-me, e chego a irritar-me. Mudemos de assunto. As noites estão serenas e agradáveis, queres ir à noite até ao passeio? Consinto em ver ali o teu primo, e afilhado... Ouvi-lo é que eu não posso nem prometo, menina... era o suicídio do espírito, certo e irremediável. Agora sabes que mais? a conversação abriu-me o apetite. Vamos jantar?

– Seja assim, criancinha – disse Sofia, sorrindo, enquanto Adelina, já de pé, puxava o cordão da campainha.

Capítulo VI

Duas horas depois, no aposento já conhecido, as duas amigas tomam o café a pequenos sorvos, e Adelina diz com um gesto de enfado que mais alinda a sua simpática fisionomia:

– É admirável que Luís queira tomar parte o nosso passeio! Estranho-lhe a amabilidade, supondo mesmo que te sou devedora da fineza. Olha tu que

aborrecida companhia!... Repara como o destino é inexorável comigo, a ponto de me ver constantemente contrariada nos menores incidentes da vida. Até este inocente prazer, a que me convidava o coração com tanta alegria, aí está aguado com a resolução de meu *bom marido*!... Se soubesses como fiquei irritada quando o ouvi, e quanto custou a conter-me!...

– E como estás fera! – diz rindo Sofia. – Sabes que me quer parecer, Adelina, que buscas iludir-te a ti própria, e que esse rancor, que aparentas, é superficial? Demais tu sabes que Luís não era capaz dessa condescendência para obsequiar-me, nem eu o tomava como tal. Creio sinceramente que ele julga que a minha amizade te incita à reação, e me odeia por isso mesmo. É por ti, Adelina; acredita que teu marido conhece o teu valor, e que essa indiferença de que o acusas é talvez simulada para gozar da liberdade que o teu ambicioso coração lhe negava. Tenho conhecido, minha querida, que isto de maridos perdem toda a essência de amantes, e mal daquelas que não vão amoldando o espírito às formas do século!... E depois, tu deves sabê-lo melhor do que eu; diz-se que entre casados há certas intermitentes de senso comum, de bom gosto, e talvez mesmo de ternura. Por qualquer destes efeitos, um belo dia, esqueces as culpas e perfídias de teu marido, e vês a felicidade a sorrir-te mais mimosa e festiva, depois de tão longa provação.

– Essa ideia tua enfada-me, Sofia – interrompeu Adelina – Ai! não me fales no século. Deixa-o vangloriar-se dos seus desatinos, como velho libertino, que deleita o pensamento em torpezas, que lhe alquebraram o corpo. Inveja-me, se podes, esta força d'alma, revoltando-se à simples ideia dessa voragem maldita, que o mundo nos apresenta a nós, as mulheres, doirando-nos o abismo donde apenas se salvam aquelas que podem dar em exposição os seus salões, e castigam soberanamente com um só gesto de alto desprezo os que se lembram de sindicarlhes o viver íntimo. Não cuides tu que isto é soberba: não é, Sofia. Tenho pensado muito. Na solidão deste quarto, tenho-me interrogado a mim para avaliar e conhecer os outros.

“Quem nos faz dar o primeiro passo, quem nos arrasta para o abismo da perdição, é o homem. Que fazem eles, os maridos? Esquecem que a mulher tem a faculdade do raciocínio, esquecem que ela ouve, primeiro com ímpetos ciuosos e doridos, os escândalos por eles praticados sem recato. À explosão desta dor, às lágrimas e aos justos queixumes, responde o enfado e o desdém. O tempo gasta a impressão dolorosa, chega à indiferença, e muitas vezes o desprezo; e, depois, que virtude há aí que resista repelida pelo coração mal afeito ao desprazer, ao tédio, e à monotonia da vida que só o cansaço do marido criou? Sabes tu que soluços me rasgaram o seio quando soube que Luís, o primeiro e único amor da minha alma, me traía sem pejo, abandonando-me sem dó, por criaturas indignas?

“Sabes que rancor fundo conservo ainda hoje à mulher que me matou ilusões tão queridas!? Não sabes, não, minha amiga. Eu tenho um coração predestinado para o sofrimento, e para criar visualidades dolorosas que são só minhas. Já vês que desatei uma ponta do sudário. Perdoar! esquecer estas horas malditas, nunca, Sofia! Aviltar-me aos meus próprios olhos, também não; só o coração me faria relevar a culpa, e esse, creio eu, é impossível reviver”.

Ditas estas palavras, Adelina levantou-se com vivacidade, e caminhou direita ao espelho, deslaçando o cordão do roupão, com mão distraída. Minutos depois, Rosa, a sua criada de quarto, acudia a um toque frenético de campainha, e ajudava-a a vestir. As fartas pregas do vestido escuro, apenas visíveis na orla da saia que a grande manta quase encobria, davam um realce maior a esta elegante mulher, que, em todas as atitudes naturais, tinha de sobra a distinção. Lançando a última vista ao toucador, as duas senhoras encaminharam-se à escada, tendo antes Adelina mandado prevenir Luís de que iam descer.

– É, pois, verdade que os anjos, esse expendido adorno da mansão celeste, baixam algumas vezes à terra cegando os mortais com o fulgor da divindade! E Fernando, o espirituoso jornalista, o amador conhecido da filosofia transcendental, cortando o diálogo, estendia as mãos que lhe foram tomadas com agrado pelas duas amigas. Depois de dois anos encontramo-lo sempre o mesmo, sempre aquela alegria buliçosa, de que o anjo da amargura afastava as asas, e não ousava tocar: dom raro e especial em certas criaturas bem-fadadas. À porta do quarto de Luís, Fernando assestou-lhe a luneta vendo-o afagar as guias do bigode, e gritou-lhe:

– Olá, amigo, estás belo e radioso como eu creio que não estaria Marco Antônio ganhando os agrados da famosa rainha do Egito! E, na verdade, tens razão, meu amigo. A soberba Cleópatra, que se intitulava a rainha das rainhas, cairia fulminada do seu trono, se visse estas duas huris que te conduzo, e o mesmo Rafael, arrebatado e doido, queimaria as suas madonas que o fizeram imortal.

– Basta, meu caro Parny do século dezenove – disse Adelina graciosamente – Venha a nós, míseras de engenho, com menos alambiques e galanterias. Contentamo-nos com menos. Quer ser nesta noite o paladino de duas tristes e infortunadas damas?

– Pronto, e reconhecido a tão alta distinção, minhas senhoras. E tu, vens? – diz ele voltado para Luís – Reveste-te pois de paciência, que estou resolvido a reconhecer-te por meu Sancho Pança; e, se, como presumo, me vires enlevado em êxtase espiritual, não te deslembres de me avisar no acometimento dos muitos invejosos, que vai criar a minha dita.

– Invejoso sou eu, há muito, do teu bom humor – respondeu este tomando o chapéu – Esqueces que as senhoras são pouco pacientes quando lhes entreluz o ar livre, a lua, e as estrelas cismadoras. Gozar todas estas pérolas do céu é o

relevo da poesia para almas verdadeiramente inspiradas como a de Adelina, e da sr.^a D. Sofia. Felizes, pois nós que vamos contemplar-lhes o dulcíssimo arrobamento.

Adelina, já de lado, disfarçava o frenesi de impaciência, que apenas se tornava perceptível no avincado do sobrolho, e não correspondeu ao fino sorriso de Sofia, nem ao olhar do marido: saiu do quarto, e tomou o braço que Fernando lhe apresentava.

A noite estava clara, e serena, e convidava a alma a procurar outros mundos. Depois duma conversação que de galhofeira fora descaindo rapidamente para as negras realidades da vida, Adelina foi-se reconcentrando pouco a pouco, esquecida de que alguém a observava.

Fernando, melancólico como ela, a face assombrada por uma nuvem escura que nunca por lá passara, olhava-a em silêncio, e por vezes, como se uma ideia súbita o salteasse, voltava a cabeça sobre o ombro esquerdo, e relanceava um olhar sobre Luís e Sofia, que vinham seis passos distantes, em animada palestra.

– Tremi, quando vi Alberto com Adelina – dizia Sofia com assustadora meiguice. – Receio tanto a ousadia daquele homem! Sabes que na minha presença chegou a incutir desconfianças a Adelina com o estudo das palavras, que bem custosas me foram de destruir! Temo, Luís, temo os embates da calúnia, e da inveja ociosa, tanto, como a desgraça que começa a ferir-me. Os momentos aprazíveis são curtos, e fica-me sempre depois na alma uma dor mais funda, do que a recordação deles. O que não sofri eu hoje, ouvindo Adelina comentar as tuas fidelidades, e parecendo-me mesmo que seria possível ainda uma reconciliação! Felizmente, pelo lado dela, estou tranquila. Tua esposa aborrece-te, Luís, e eu conheço bem a têmpera daquela alma: não verga, nem se muda.

– É louco o teu receio, Sofia. E pudeste lembrar-te de tal? respondeu amorosamente Luís – Não: diz-me que isso é uma invenção da tua ternura, diz-me que sabes que a minha vida está toda concentrada neste amor que obscureceu e fulminou todas as lembranças do passado, deixa-me esperar a recompensa dos tormentos que tenho padecido.

Luís exprimia-se com a veemência da paixão, e ela com os olhos baixos, aos quais forcejava dar um ar lânguido e amortecido, pendia-se-lhe do braço como caminhando a custo, e debaixo de penosas e violentas comoções. Estavam à porta do passeio. Já ali Adelina despertou, e conhecendo a preocupação que a tomara, perguntou rindo a Fernando se fora com ela na excursão aérea; ao que ele respondeu seriamente, sentindo fugir-lhe pela primeira vez dos lábios a graciosa zombaria que costumava brincar neles. Sentados em cadeiras na mesma linha, a conversação correu ligeira, e banal. Júlio, o primo de Sofia, juntara-se ao grupo, e contemplava Adelina com a teimosa persistência do homem que não desespera em seu estúpido amor-próprio, de que tarde ou cedo lhe conheçam o valor. Ela, porém, nem o via, sequer.

Davam dez horas, quando Adelina se levantou, queixando-se duma ligeira dor de testa que a obrigava a recolher tão cedo. Neste momento, a lua escondida entre uma moita de roseiras levantou-se pálida e formosa iluminando a face das duas senhoras, já de pé; e mostrou-lhes a dois passos um homem que para ali caminhava. Ainda, na penumbra, Adelina reparou na esquisita elegância daquelas formas varonis, e perguntou rapidamente a Fernando: – Conhece este homem? O desconhecido ouviu-a, e fitou nela os olhos em que havia um não sei quê de magnético que lhe fez estremecer todas as fibras do coração.

Cagliostro devia olhar assim aqueles que por vontade ou sem ela a sua ciência adormecia.

– Ó, Henrique, tu aqui! – bradou Fernando correndo a ele com os braços abertos.

– É verdade, meu amigo. Gosto do ar do Minho, desta opulência da natureza, de que me chegam saudades quando entra a primavera na minha Lisboa, tão árida deste viço esplêndido como esperança do infeliz. Não quero roubar-te agora a estas senhoras; mas, amanhã, procura-me na Foz para onde volto já.

– Pois seja assim: conta comigo, Henrique... Até amanhã – disseram os dois amigos no último abraço.

Capítulo VII

Não será cedo para a biografia de Sofia; aí vai, tal qual a ouvi duma amiga e condiscípula sua. Filha única dum empregado público, foi criada com mimoso extremo, satisfazendo sempre as vontades caprichosas de criança. Aos quatorze anos, ficou órfã de mãe. Um tifo arrebatou-lha em breves dias, roubando-lhe esse santuário sacratíssimo que a providência põe ao nosso lado para nos recolher os vagidos, e primeiras lágrimas. E que há aí na terra que possa comparar-se-lhe? Que mais tocante, e grandioso! Que sublimidade não tem o amor maternal!

Que diferença deste aos que se encontram baratos no mundo! Estes são profundos, exaltados e ardentes; são como os orvalhos de julho que reverdecem por instantes as plantas requeimadas, e logo após de curta vida, aos primeiros sinais de velhice, o sol empalidece, fenecem as flores, e quantas vezes mesmo das raízes que foram fundas não resta vestígio, nem sinal!...

Ficou, portanto, Sofia, senhora absoluta na casa que o pai abandonava por muitas horas no dia, entregue à sua laboriosa repartição.

Sofia não ere formosa, nem mesmo bonita. Era um desses tipos que chamam a atenção do homem, e que nos desagradam a nós as mulheres, como tudo o que achamos pesado, duro, e opaco, a empanar-nos as ilusões. Ilusões! minha querida leitora – se é que hei de ter uma! – Que palavra esta tão significativa das

amarguras que temos forçosamente de libar! Quem deixou na primeira vereda da juventude de fantasiar e ver por mil prismas enganosos, arrojando-se denodadamente a mundos desconhecidos? Almas predestinadas às quimeras com que o gênio doura o infortúnio, nenhuma.

Nenhuma; e para as que não me entenderem, que valeria aclarar a ideia?

Voltemos a Sofia. Lindos eram talvez os olhos pretos, fuzilando de espaço a espaço com um não sei quê de febril, que vinha, beijando-lhe a face escura, refletir-se no aveludado viço, inimitável e purpurino dom da primavera da vida.

Pouco a pouco a imagem lacrimosa e moribunda de sua mãe lhe foi fugindo do espírito, e o espelho distraiu-lhe parte do tempo que lhe corria enfadoso e triste. O mestre de francês admirava-se do ar senhoril da menina, recebendo enfadada uma leve admoestação, do pouco ou nenhum estudo que fazia. E que já nessa época ela tinha olhado à volta de si, e outros olhos lhe disseram coisas desconhecidas, que a abismaram em meditativo cismar.

Na mesma rua vivia uma família, onde existia um moço, três ou quatro anos mais velho que Sofia. A menina estava sob a vigilância de Margarida, pobre velha que, muitos anos havia, tinha abandonado a casa de seus pais, lavradores do alto Minho, que a amaldiçoaram por causa de fraquezas que a pobre criatura espiou na miséria, e depois na servidão. Só no mundo, sem parentes, sem abrigo, veio ao Porto, onde entrou como criada em casa da avó de Sofia. Desde então uniu-se a esta família com a dedicação de uma boa alma, e deixou correr o boato de que morrera, com a tenção de acabar ali. Já no seu leito de agonia, a mãe de Sofia chamou a antiga serva que a embalara nos seus joelhos, e pediu-lhe que não abandonasse a órfã, que lhe prestasse todos os cuidados que exigia a sua idade, no meio do desamparo moral em que a deixava.

Margarida não o esquecera. Todos os dias invocava Maria Santíssima, pedindo-lhe o auxílio da sua divina graça para livrar a sua menina das tentações de Satanás, em humana figura. Era assim que a boa velha contava debelar o perigo, deslemburada do antigo anexim: “fia-te na Virgem...” e trabalhava, descuidada de maus pensamentos, nos arranjos domésticos que estavam a seu cargo.

Segura por este lado, pôde Sofia entregar-se a todos os seus acriançados anelos.

Amou Ernesto, e deixou-se cair na torrente impetuosa e arrebatada das paixões, entrando numa carreira longa em faltas e devaneios que caros custam.

Debaixo de tão fraca espionagem, precisava ainda assim de iludir o pai e Margarida que a julgavam, nas suas horas de palestra, um modelo de inocência e de candura. Foi assim que ela ganhou uma grande dissimulação de caráter, acostumando-se a não delatar as suas comoções. Era a inveja sobretudo o que nela predominava com mais força. Depois de cobiçar às meninas da sua idade os vestidos, e os enfeites, quando não a formosura, enchia-se de emulação, e queria

vencê-las por algum dom sobrenatural que a distinguísse. Seu pai dava-lhe uma educação esmerada, de que ela aproveitava muito, com o incentivo que a impelia. Mais velha três anos que Adelina, e aspirando sempre a um casamento que lhe garantisse a opulência, e importância na sociedade, via com raiva surda que os seus planos caíam sempre, e, por um acinte da fortuna, quem lucrava era mesmo alguma dessas que ela mais detestava na sua odienta e rancorosa imaginação. Depois de muitos enganos, que por uma vã ostentação a tornaram ridícula, deu-se a aceitar o coração de Alberto, fingindo-se cativa pela primeira vez.

Alberto era pobre. Formara-o em leis a generosidade de um tio; mas suas excelentes qualidades granjearam-lhe valiosas proteções que deviam fazê-lo subir na honrosa carreira da vida pública em que entrava com o coração puro. Alma sincera e nobre, vivendo a maior parte do tempo em uma quinta com a família, que não tinha meios para suprir as necessidades que se criam numa cidade; habituado a esta singeleza de costumes e de práticas, entregou-se gostoso à paixão de que ele sabia haurir delícias futuras com a mulher que o enfeitiçara com fingidas meiguices, e falso brilho de sentimentos. Dedicou-se-lhe cegamente, até que um dia um acontecimento que, por pouco lhe ia custando a vida, deu em terra com um edifício que ele julgava indestrutível, e em seu lugar achou o desprezo que extingue mesmo a comisseração.

Sofia traía-o, e atraíçoa Adelina, a sua amiga íntima, a confidente dos seus amores e das suas esperanças malogradas. Esporeada pela sua paixão dominante, sentiu um gozo inesperado às primeiras demonstrações de Luís. Nunca ela perdoara a Adelina a superioridade física e moral que não podia deixar de reconhecer nos estorcimentos do ódio.

Luta, se a houve, foi de curta duração. Aceitou a infâmia por capricho, e descuidou-se de Alberto de quem já se ia deveras enfasiando, com quanto as suas frequentes idas ao campo lhe dessem folga.

Havia três dias que ele para lá partira, contando demorar-se oito, para saciar o coração faminto de sua carinhosa mãe que via nele o seu único filho, e amparo. Nessa tarde passeava ele sozinho e pensativo, debaixo de uma ramada, que lhe atirava às faces, a cada tufão de vento, as folhas já raras e amarelecidas pelo outono. O doer da saudade chegou-lhe fundo, junto com um sobressalto doloroso de coração. A estas horas que fazia a mulher amada? Chamava-o talvez; gemia na ansiedade da dor que também vinha feri-lo. Pensar isto, e não voar aos pés de Sofia era impossível!

Mandou selar o cavalo, subiu a despedir-se de sua mãe. de quem não valeram súplicas e rogativas, e partiu, às seis horas, açoitado por uma neblina de dezembro, em direção ao Porto. Às dez, desmontava no hotel em que costumava hospedar-se na Batalha, e corria sem tomar fôlego, para a rua do Sol onde morava Sofia. Costumava o pai desta demorar-se até à meia noite por fora de casa, e ela

nas noites que passava só, ou esperando Alberto, descia ao andar inferior, e dali, meio oculta pelas persianas, ouvia-o alguns momentos. Esperando Alberto um lugar que lhe desse independência para satisfazer a sua nobre ambição de se casar com aquela mulher, menos que ele rica, nunca lhe exigira mais, contentando-se com o que lhe estava prometido.

Chegando à porta, bateu com o cabo do chicote três pancadas sem interrupção, e a porta abriu-se, depois de alguns momentos, àquele sinal conhecido.

– Sofia está cá, Margarida? – disse ele sem deixar falar a velha. – Está, respondeu esta – mas, depois que é noite, queixou-se da cabeça, e fechou-se no quarto, como costuma nestas ocasiões, proibindo-me de ir importuná-la.

Assim que ouviu o sinal chamou-me e manda-lhe dizer que não é possível vê-lo hoje, e amanhã lhe dirá o motivo. – Não posso – diz Alberto – Vá, minha boa Margarida, peça-lhe um só momento; que me diga uma só palavra, e retiro-me.

Margarida voltou com um papelinho que Alberto leu à luz do candieiro que alumia a escada:

“É-me custoso não obedecer ao coração, meu querido amigo. Sossega, isto não passa duma prostração nervosa. Comove-me o cuidado que te dou, e daí mesmo tirarei forças para te aparecer amanhã restabelecida: hoje era aumentar o mal que não posso vencer.”

Alberto saiu pálido, oprimido, e numa concentração dolorosa. Aquele carinho nas palavras poderia encobrir uma perfídia? Ele, a não estar já frio e agonizante, teria forças para reprimir o ímpeto dum verdadeiro amor, sabendo que ela estava ali a dois passos, pedindo-lhe um minuto da sua vida? Não. Alberto, engolfado nestas cogitações, foi andando ao acaso, e sem saber mesmo por onde caminhava.

Tinha-se passado meia hora, e ele sentia cada vez mais forte a necessidade da agitação e do cansaço físico. Já no fim da rua Bela da Princesa, retrocedeu, e por um desejo apaixonado voltou a olhar aquelas paredes que encerravam o único tesouro do seu coração. Caminhava com os olhos fixos lá, quando, distante vinte passos, ouviu abrir-se mansamente a porta e escoar-se um vulto, tomando o lado oposto. Alberto tremeu. Uma sezão infernal lhe turvou a vista. Depois, correu sobre ele, a tempo que Sofia assomava à janela, seguindo com olhar inquieto e aflitivo o que se passava. Junto do desconhecido, Alberto tocou-lhe no ombro, sem mesmo refletir no que fazia. Este voltou-se tranquilamente: era Luís.

Alberto estacou, perdeu o dom da palavra, e apegou-se a uma porta para não cair, enquanto Luís, tendo-o conhecido, aproveitava o seu estado de desanimação para fugir a explicações que temia.

No dia seguinte, foi chamada a toda a pressa a mãe de Alberto, que os médicos davam perigoso e atacado duma congestão cerebral. A pobre senhora

veio assistir a um longo período de sofrimentos, de que felizmente no fim de três semanas tirou o contentamento de ver seu filho restabelecido. Sofia não sentiu remorsos; o que ela procurava era uma explicação de que contava sair vitoriosa; e não poucas horas de estudo lhe custara. Alberto, porém, cheio dum nobre orgulho, respondia com um sorriso de desdém aos queixumes e lágrimas, de que Margarida vinha sempre bem provida.

Por fim, conhecendo que era inútil contrafazer-se, desprezou o fingimento; e apenas diante de Adelina tomava um ar penitente. Foi então quando esta, condoída sinceramente, e cuidando aclarar uma situação que podia ainda tomar-se segura, pediu a Alberto a conferência a que assistimos, e de que não colheu os resultados que previra.

Capítulo VIII

Decorreram seis meses, depois daquela noite fatídica que devia mudar o destino de Adelina. A embriaguez de coração, infiltrada pela esperança, sentiu ela, mais do que outra qualquer, já afeita a essas comoções. A paixão rápida e violenta assenhoreara-se daquela alma, abafando os gemidos da consciência dolorida, e os deveres de esposa.

Muitas vezes dava ela uma vista retrospectiva ao passado, a esses dois anos de escuridão, onde lhe aparecia a imagem do homem escolhido na inocência das suas aspirações, com o sorriso de Satanás, arrancando-lhe uma a uma as crenças virgens da sua alma.

O mundo tinha sido um deserto, sem gota de água que lhe refrigerasse a sede inextinguível e, quando agora lha aproximavam dos lábios requemados, como repeli-la, como resistir a essa sofreguidão em que o espírito não tomava pequena arte?

Henrique não era o que se diz um mau homem: era excêntrico, ou por outra: um grande desgraçado. O que hoje lhe dava duas horas de contentamento, aborrecia-lhe amanhã. A mulher que, à primeira vista o tomava pelo anjo anunciado na sua fantasia, tornava-se dentro em pouco uma vulgaridade custosa de suportar. Dos delírios da paixão caía no marasmo do desalento, e na descrença do tédio. Com o seu ar poético e inspirado, Adelina arrebatou-o a enlevos de poesia. Era a filha dos seus sonhos, a fada dos seus pensamentos que ele revia encantado; era a estrela que devia guiá-lo a essas regiões desconhecidas dum amor santo e duradouro. Estava ali o segredo da sua inconstância, e dos voos vertiginosos que o fizeram infeliz até esse momento. Na sua ardente imaginação, cuidava sentir a chama dum fogo sagrado que o levava ao céu. E o seio arfava-lhe, e os lábios entreabriam-se como se lhe custasse a sorver o ar impregnado de

aromas que lhe embalsamava a nova existência. Seria a prelibação da bem-aventurança se o demônio familiar de Henrique lhe não bafejasse logo à lembrança as dores que o esperavam.

É verdade que estava ali a mulher misteriosa que podia acender as vertigens doidejantes da felicidade: era ela a que ele via chorar a cada novo combate em que o coração lhe saía ferido dos desenganos; mas... outro lhe chamava sua! Entre eles, que abismo a transpor! quantas agonias pagariam o gozo divino de apertá-la entre os braços?

Henrique amou com o entusiasmo meditativo e fêrvido do infeliz quando se apegava à âncora, mas pouco depois mergulhava-se esta no oceano do fastio. O inferno da solidão moral aterrava-o, mas o seu fatal sestro não cansou.

Condoamo-nos do infortúnio onde quer que ele esteja, e não levantemos a voz para maldizer as obras do Senhor.

Era assim que pensava Adelina, quando a verdade terrível se desnudou ante ela de falsas lentejoulas, aparecendo-lhe com todo o seu medonho aparato. “Ó, Henrique! Henrique! – escrevia ela – amaldiçoar-te, nunca! mas, para que me apareceste? Por que me queixava eu, quando a vida me corria monótona, mas livre das angústias que me assombram a face, e me envelheceram num dia?

Vai infeliz, fuge-me. Levas contigo o veneno lento e mortífero da tua e da minha vida. Que outra mulher compreenderia a tua alma? Que outra teria a coragem de respeitar a força misteriosa que te impele, e chorar mais por ti do que sobre as desgraças que lhe acarretaste?

Se tu soubesses como eu te amava!... e o grande coração que tu esmagas, Henrique?... Sabes, sabes, mas não se vence o destino. Mistérios de Deus!... não nos revoltamos contra o que não nos é dado conhecer.

Deixas-me no desespero de não poder salvar-te: de mim pouco me lembra. Creio que o peso da ignomínia, o ódio contra mim própria, e o desejo de acabar, hão de matar-me.

Que excesso de vida em seis meses! e que horrível quietação eu sinto nesta hora! Parece que se me despegam uma a uma as fibras do coração, e este mal surdo é dum peso que me brutifica. A tempestade, que lavra dentro em mim, pela sua mesma violência, fulmina-me, meu amigo.

É tremenda a expiação do crime!... Parte! eu não te verei mais. A paz do Senhor vá contigo, e nunca te sejam tomadas, no trono do Altíssimo, as contas da minha desgraça.

Agora, adeus Henrique: neste momento solene abraço-te até à eternidade.”

Henrique leu apertando com as mãos a fronte incendiada pela febre; enquanto Fernando, o amigo e confidente deste amor infeliz, seguia com vista observadora as rápidas transições que se davam naquele rosto arado pela amargura.

– Tudo está acabado – diz Henrique com voz cava, e apresentando a carta a Fernando – lê. Este, terminada a leitura, murmurou num suspiro: “pobre mulher! malfadada sorte!” e caiu em igual espasmo ao que tomava Henrique. Depois de dez minutos de amargo cogitar, Henrique levantou-se como sacudido por convulsão elétrica, e exclamou:

“Seja assim. É preciso seguir os últimos preceitos desta mulher que eu infelicitei, e a única que me acordou mais firmes esperanças de felicidade. Nem mais um dia nesta terra maldita donde levo encravado o espinho do remorso, e onde a minha presença insulta a vítima inocente Fernando, abraça-me; transmite ao anjo este aperto de mão; eu não poderia dizer-lhe senão blasfêmias, contra Deus, e contra mim. A minha punição, diz-lhe, que é conhecer nesta hora o valor do bem que perco. Consola-a, insta pelo meu perdão, e tu, meu amigo, lamenta-me: vou morrer só, e longe da pátria. Ontem, no acesso de demência, lembrou-me fugir para Lisboa, e de lá passar à América onde tenho um tio. Está decidido. Em meia hora tudo findou.

Sonhos de poeta! esperança! felicidade! amor! aqui vos deixo! O condenado vai só. Anda, vem comigo, – disse ele arrastando Fernando para fora do quarto – ajuda-me na descida a este antro de trevas e de horrores.”

Às três horas da tarde desse mesmo dia, saía à barra o vapor Lusitânia, e Fernando que acompanhara à Foz o amigo, sentado na fraga dum rochedo, e os olhos fixos na imensidade, procurou até perder de vista esse lenço branco que se agitava, esse sinal que significava um adeus eterno. Dali partiu com o coração torturado a cumprir o final da sua missão.

Adelina não era já aquela viçosa e arrebatadora formosura: era o vulto majestoso da desesperança. A dor sulcara-lhe as faces; os olhos assombrados por orla escura tinham perdido o brilho, e volviam-se à terra, escondidos, debaixo das longas pestanas.

Toda vestida de negro, com os cabelos mais negros ainda levantados na testa e caídos para trás, deixava adivinhar naquela fronte pendida os pungitivos pensamentos que a dilaceravam.

Quando Fernando acabou de falar, ela deu um gemido surdo, e caiu num letargo. Fernando contemplou-a assim um momento, ajoelhou diante dela, tomou-lhe as mãos apertando-lhas carinhosamente, e disse-lhe baixinho: chore, chore, Adelina, aqui tem um seio de irmão. Um soluço doloroso provou-lhe que fora ouvido.

Desde então, formou-se um laço espiritual entre aquelas duas almas.

Fernando já de muito que amava Adelina. Da admiração respeitosa passara a um sentimento mais vivo, conhecendo o viver da infeliz senhora traída pelo esposo, e pela amiga que ela mais presava. Funda foi a sua dor, quando

tornado confidente de Henrique, seguiu passo a passo as peripécias daquela paixão progressiva, que tão de pronto devia gastar-se!

Para Adelina, não foi mistério o amor de Fernando; e esta ideia não a assustou. No desalento, e na descrença dessas ilusões que lhe tinham sido incentivo de mil pesares, pensava com complacência no homem que tantas provas lhe dava duma afeição extremosa, sem nada pedir-lhe que a aviltasse a seus próprios olhos.

É tão doce para a alma sentirmo-nos amados com esta obediência passiva, e cega!

Adelina cuidava conhecer bem o caráter de Fernando. Debaixo duma aparente frivolidade, que tesouro de sentimentos nobres, que coração tão grande e bem formado!

Pobre mulher! diremos nós também.

Pouco a pouco a imagem de Henrique afastou-se dentre eles, sem que nem um nem outro fizessem nisso reparo. Os dias tornaram-se curtos, as faces de Adelina brilhavam outra vez com o clarão do bem-estar da alma, e Fernando, que via e sentia tudo isto, fazia um esforço supremo para sufocar as suas impressões, sacrificando-se a si pela mulher amada.

Uma manhã, levantou-se Adelina triste sem motivo, e oprimida por sobressaltos extraordinários no coração. Visionária não era ela, e, contudo, não pôde repelir os pensamentos melancólicos que a assaltaram. Depois de jantar, sentou-se num banco do jardim, debaixo duma acácia, e entregou-se à profunda meditação. Havia um quarto de hora passado ali, quando Fernando veio encontrá-la.

– Que tens tu, anjo? “Sofro, sofro muito, meu amigo. Vejo revoar no céu aves medonhas e agoireiras, ouço vozes sinistras, a predispor-me a novas desgraças.” – Ó filha – respondeu Fernando beijando-lhe as mãos que ela lhe abandonava – não penses assim. Isso é um desvario da tua imaginação. O céu está cheio de pompas, a terra abre-se em flores a teus pés, e no meu coração tens um trono digno de inveja.

“Ó, minha vida, deixa-me dizer-te tudo o que não posso mais calar; deixa-me cair aos teus pés como escravo e com uma só palavra da tua boca adorada, levanta-me acima do estrado dos reis: Amo-te, Adelina, amo-te!... Não, não me escondas a face, deixa-me ler aí toda a minha ventura embora me enlouqueça o peso da felicidade. Por que me foges tu? As aves de mau agioiro fugiram, as vozes sinistras calaram-se. Que eu sinta o teu amor responder ao meu, que o teu hálito bafeje a minha face. Anjo! anjo! fala-me; quero ouvir as harmonias do paraíso, o hino dos bem-aventurados.”

Adelina escutou tremendo ao princípio; e depois, agitada pelo fogo interior que a devorava, curvou-se um pouco, murmurando palavras sem nexos, sufocadas pelas ardentes carícias de Fernando.

Capítulo IX

Enquanto estes acontecimentos se passavam em sua casa, Luís de Albuquerque, que tudo conhecia, fingia nada saber, senão por dignidade, por falta de brios, e completa estranheza dos atos de sua mulher. Todo entregue ao amor de Sofia, com quem despendia grande cabedal, sentia-se todos os dias mais apaixonado e preso, a cada novo capricho a que esta o acorrentava.

Refalsada ao último ponto, Sofia continuava a escarnecer a boa-fé de Adelina, rindo, ou chorando, quando a encontrava alegre ou desgraçada.

Já não era segredo para ninguém a intimidade de Luís e Sofia: só Adelina o ignorava. Absorvida no constante fantasiar do seu espírito, vagos rumores lhe chegavam do mundo: nem ela procurava mais. A sua solidão só era povoada pela imagem e voz querida, e a leitura era a única distração que lhe agradava. Estudar os movimentos da sua alma apaixonada, adivinhar as impressões do homem amado, sonhar com um futuro compensador de tantos tormentos, era o trabalho incessante da sua imaginação!

Sofia era sempre a sua amiga, mas começava a ser-lhe aborrecida.

Já não a via elevar-se nos voos expansivos do sentimento. O viver calculista e material tinha ganho sobre ela tão grande ascendente, que, sem que o percebesse, já não podia transfigurar-se.

Da exaltação arrojada e audaciosa, caiu nas vulgaridades rasteiras que enojam um espírito distinto como era Adelina. Lembrava-se ela então de sua tia, daquela voz carinhosa que não atendera, quando tentava desviá-la da embriaguez de coração profetizando-lhe a desgraça.

Logo depois do casamento da sobrinha, D. Susana deixou o Porto e foi fixar a sua residência numa quinta que possuía distante dez léguas. Ali vivia, toda entregue a exercícios de caridade e devoção. Havia oito meses que não via Adelina, quando uma circunstância imprevista a levou ao Porto, onde não contava mais voltar.

Foi um contentamento misturado de lágrimas a aproximação das duas senhoras: ambas tinham sofrido muito. D. Susana apertava a sobrinha ao seio com estremecido afago, enquanto lhe contemplava as feições demudadas pela intensidade da dor. Depois dum longo silêncio, D. Susana afastou um pouco Adelina de si, e disse com voz comovida: – Minha filha, os decretos de Deus são imponderáveis. Venho a ti, fazer-te uma confissão penosa: oxalá que te aproveite. Escuta, minha Adelina.

– Creio que já te disse que fui como tu, formosa e rica de grandes crenças, mas amei, filha, e este amor perdeu-me. Adormeci um dia, e quando acordei,

tinha perdido a honra, a estima de mim própria, e o bom nome da minha família. O homem que me matou o futuro era como todos: riu-se das minhas lamentações, e mais depressa me fugiu. Saiu de Portugal, e nunca mais o vi. Soube que vivia feliz, e casado no Rio de Janeiro com uma mulher que lhe levava grandes bens. Eu ficara sentindo os vaticínios amargos da maternidade, como expiação. Imagina o meu desespero, e as agonias por que passei. Desprezada pelos meus mais próximos parentes, escondida em casa duma mulher que nem o nome me sabia, ali fui mãe. Mãe infeliz, que devia remir a culpa pela abstinência dos carinhos, e do gozo santo de criar e ver crescer meu filho. Tiraram-mo logo, e só depois de muitos anos consegui saber de meu pai qual fora o seu destino.

Avalias tu, que dor me tem despedaçado o peito quando vejo essa porção da minha alma, e a vergonha abafa a voz que quer dizer-lhe: – ‘Vem meu querido filho; diz-me que sentes o coração de mãe nestes braços que te apertam.’

Há dois meses recebi uma carta do homem que tanto mal me causou. No leito de morte, lembrou-se dos deveres que tinha para com o órfão, e dizia-me que não tendo outro filho, perfilhava este, deixando-lhe uma fortuna de milhões.

Impõe, porém, uma condição. Exige que seu filho case com uma sobrinha de sua mulher, sem o que, não aparecem os papéis que o hão de reconhecer, e estão depositados nas mãos dum amigo. Eu não quis dar publicidade a isto sem ter notícias mais seguras, que felizmente chegaram ontem.

No próximo pacote espero minha futura nora, e o legatário das últimas vontades do finado. Antes de tudo, corri logo aqui, minha Adelina, porque sei que grande dor vai ser a tua, e eu queria preveni-la. Tenho, mesmo de longe, acompanhado os desvanecios do teu coração, tenho pedido tanto ao Senhor por ti! coragem, Adelina.

Teu primo, o meu filho, é Fernando.”

“Fernando! Jesus!” – disse Adelina juntando as mãos num aperto angusti-oso. E logo diante dos olhos lhe perpassou o reflexo abrasado do ouro, e o coração oprimido gemeu como se um peso enorme o esmagasse.

Capítulo X

Fernando ama-me – pensava Adelina a sós consigo – mas terá ele coragem para rejeitar os milhões de seu pai, sacrificando-me um tão brilhante futuro?... E devo eu consenti-lo? – acrescentava a triste. Não: terei força para sufocar os impulsos da minha dor; mas que eu o veja chorar-me, e compreender a grandeza da minha dedicação.

Quando no fim de quinze dias chegou a futura noiva, Fernando, cuja vida se passava aos pés de Adelina, ou nos braços de sua mãe, que ensinava a ambos

o segredo das grandes resignações, viu com bons olhos a simpática crioula de quinze anos, que vinha trazer-lhe as riquezas e o fausto que ele sempre cobiçara. A imagem de Adelina escureceu, para dar lugar a sonhos de ambiciosa grandeza.

A pobre mulher conheceu tudo.

Não se engana o coração que muito ama.

O anjo do alívio fugiu da cabeceira da infeliz, que o estalar da dor sobre-humana, e o medonho desespero lançou às portas da sepultura.

Na véspera das núpcias, Adelina teve forças para levantar-se, e aparentando o sossego que não tinha, aceitou o convite do marido para surpreender Sofia que se queixara de enferma, fechando a porta a Luís, impacientado. Furtava-se ela assim ao martírio de contemplar na frente de Fernando os tumultuosos pensamentos em que já lhe não cabia parte.

Sofia esquecera-se de prevenir Margarida, muito certa de que Adelina, a única pessoa que ia direita ao seu quarto com a familiaridade de irmã, não podia procurá-la. Na forma do costume, correu esta ali, empurrando docemente a porta. Ao primeiro relancear de olhos, recuou como ferida pelo assombro. Sofia não estava só. Júlio, o primo que ela em tempo quisera fazer amado por Adelina, suspendia-se-lhe dos braços em que ela amorosamente o apertava.

A esta vista, Luís, que acompanhara de perto sua mulher, deu um grito furioso e lançou-se como um tigre entre os dois culpados.

Increpou então Sofia de todos os crimes que lhe conhecia, fulminou-a com os nomes mais injuriosos, e saiu desnorreado pela mesma porta que dois minutos antes dera saída a Júlio.

As duas mulheres ficaram sós.

– Mais esta dor. Meu Deus! Meu Deus poupa-me – bradou Adelina.

Traíram-me todos! Atraiçoada por todos aqueles a quem dei entrada no meu coração. Também tu, Sofia?! Oh! este mundo é maldito! Órfã de esperança, só no meio deste caos lamacento que eu adorei na pureza das minhas aspirações, que será de mim, Senhor? A cada passo mais descubro, e me entranho no abismo. Abismo medonho onde não há borda a que se apegue mão salvadora. Como é pesada a minha cruz! Por toda a parte o engano, a traição, e a hipocrisia.

Nada me resta. Nem família, nem marido, nem um amigo! ... E de justiça. Jesus encontrou um só Cireneu, e era o Justo, o Divino, o Rei dos mundos; eu sou a pecadora, o verme dos vermes, o átomo de pó que de turbilhão em turbilhão desaparece debaixo dos pés dos felizes.

Ó meu pai! por que me abandonaste? Não esqueças lá em cima a tua pobre filha. – E duas grossas lágrimas correram silenciosas ao longo das faces já sulcadas por outras não menos queimadoras.

No dia seguinte Adelina desapareceu sem dizer a ninguém para onde ia. Veio a Lisboa bater à porta do convento onde fora educada, pedindo que a recolhessem, e lá agoniza, se ainda vive.

Mudou logo de nome, e proibiu que lhe falassem do passado, e do mundo que ela odiava.

Fernando vive feliz. A ambição satisfeita abafou-lhe todos os outros sentimentos. Luís congratulou-se da fugida da esposa, e reconciliou-se com Sofia.

Desgraçada foi só ela, porque só ela tinha coração.

ANTÔNIA GERTRUDES PUSICH

Pesquisa, seleção e atualização ortográfica por
EDUARDO DA CRUZ



Antônia Gertrudes Pusich nasceu na Ilha de S. Nicolau, Cabo Verde, em 1805. Era filha de Antônio Pusich, intendente da Marinha Portuguesa, e de Ana Maria Isabel Nunes. Casou-se três vezes, precisou criar por conta própria os filhos quando enviuvava, o que a levou à carreira nas letras, para a qual estava capacitada pela formação que teve em família. Seu primeiro marido, com quem se casou em 1822, nascido no Brasil, era ouvidor geral em Cabo Verde. O segundo, com quem contraiu matrimônio em 1827 e que faleceu em 1833, lutou ao lado de D. Miguel na guerra civil. O rei absolutista é o padrinho, por procuração, do filho desse casamento. Por ser viúva de um miguelista, ficou sem os rendimentos do marido. Mesmo assim, foi bem acolhida por D. Maria II. Depois, em 1836,

³ Litografia de A. G. Pusich por Antônio Joaquim de Santa Bárbara. Lisboa: 1858. Portugal/BNP/E. 864 P.

casou-se com um setembrista, a ala mais à esquerda do liberalismo português. Este foi acusado de atentar contra a vida de D. Miguel, o que fez com que Antônia Pusich fosse a diversos locais na Europa atrás do ex-rei para conseguir dele o perdão para o marido – situação que aparece em algumas passagens da narrativa que incluímos nesta antologia.

Antônia Gertrudes Pusich publicou um poema intitulado *Olinda, ou a abadia de Comnor-Place*, em 1848, inspirada em Walter Scott; *Constança*, drama em três atos (1853); e diversos poemas publicados individualmente em livros. Também escreveu uma biografia do pai. É importante destacar o livro *Galeria das Senhoras na Câmara dos Senhores Deputados ou as minhas observações por D. Antônia Gertrudes Pusich*, publicação de 1848, no qual defende, após ter recebido ataques de deputados, a atuação política das mulheres na galeria do parlamento, falando abertamente para a assembleia, uma vez que elas não tinham ainda direito a voto ou a serem eleitas.

Pusich colaborou com diversos periódicos, como a *Revista Universal Lisbonense*, redigida por seu amigo, o poeta Antônio Feliciano de Castilho, parceiro também de trabalhos em prol da educação. Graças ao apoio da família Castilho, Antônia Pusich publicou também no Brasil, no jornal *Íris*, de José Feliciano de Castilho Barreto e Noronha, além de diversos textos no *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*, criado pelo outro irmão, Alexandre Magno de Castilho. É, provavelmente, respondendo ao convite deste para colaborar com o almanaque, que Pusich escreve, em 16 de setembro de 1853: “Aonde aparecer o Astro – Castilho – não poderá o meu nome deixar de aparecer como satélite. Se Deus se dignou conferir-me alguma tênue porção de luz, grande gênio que a descobriu e patenteou foi – Castilho – e eu não tenho sido ingrata, não tenho desmentido a confiança que ele em mim depositou. Sempre que eu entenda poder mostrar que sei merecer a sua estima, há de encontrar-me como decidida amiga”.

Com o apoio de Castilho, mas com movimento muito próprio, Antônia Pusich redigiu três periódicos, assumindo seu nome feminino como redatora e proprietária, algo ousado para a época: *Assembleia literária*: jornal de ilustração (1849-1851); *A Beneficência* jornal dedicado à associação consoladora dos aflitos (1852-1855); *A Cruzada* (1858). Mesmo tendo como princípio apoiar a instrução pública e outras formas de filantropia, em seus periódicos, Pusich atraiu outras escritoras como colaboradoras, como a jovem Maria Rita Chiappe Cadet. É justamente de um deles, da *Assembleia Literária*, que retiramos a narrativa que integra esta antologia. Apesar de ter sido publicado como romance, sua extensão permite a inclusão nesta publicação, sobretudo para resgatar o nome dessa escritora de perfil forte e lutador. Além disso, a narrativa é curiosa por estar atenta ao que era moda na época, como os romances de mistério e por trazer, tal como em Garrett, Camilo Castelo Branco e outros, um narrador, no caso, uma

narradora, que se apresenta como a autora e anda por Lisboa de dia e de noite, sozinha ou com os filhos, buscando resolver mistérios sentimentais. É importante notar que ela se apresenta já como escritora famosa.

Pusich faleceu a 6 de outubro de 1883. Por ter se esforçado tenazmente pela instrução pública, defendendo o *Método Castilho* de alfabetização e a criação de cursos gratuitos, sobre sua campa discursou a professora e escritora Maria José da Silva Canuto.

Dois Mistérios

O canto noturno

A sombra amena de uma noite do outono do ano de 1835 abrangia a nobre e opulenta cidade de Lisboa. O céu oferecia a nossos olhos o quadro maravilhoso da imensidade dos planetas, e estrelas fixas que douram seu lustroso manto azul! Uma suave brisa agitava brandamente os arvoredos, e extraía das flores o precioso aroma com que perfumava a terra! Nem uma nuvem ofusca o firmamento!

O sino do Convento Novo do SS. Coração de Jesus anuncia aos mortais que a noite há tocado em meio do seu giro!

O ruído das segas, o trotar dos cavalos cessou! Cessou também a fúnebre vista dos finados cujos restos vão descansar no campo dos Prazeres, e que de contínuo entristecem aqueles lugares, levando aos vivos a memória fatal do seu inevitável termo! Só de quando em quando as aves noturnas cruzando o cemitério dos ingleses, a grimpá das torres, e as ruínas do zimbório do Convento, com seus descompassados pios despertavam os ecos da solidão!... Mas não eram só os ecos fúnebres das aves da morte que interrompiam aquele majestoso silêncio! Um som menos rouco, um som triste, mas tão pungente, e interessante parecia comover os rochedos!... Os ecos o repetiam claro, inteligível quanto às vozes, quanto ao sentir misterioso!... Eu o ouvi, e o interesse que em minha alma despertou moveu o ardente desejo de sondar um arcano talvez impenetrável!

A voz de uma infeliz mulher se ouvia interrompida por íntimos ais!

Entoava uma canção harmoniosa onde a paixão respirava com toda a sua força!

À pequena distância da praça do Convento Novo do SS. Coração de Jesus (vulgo largo da Estrela) era situada uma simples casa cuja aparência não chamava a atenção do caminhante, mas onde a imaginação do poeta atentara se antes pudesse o quadro interessante que ali se oferecia!

Uma fraca luz tremulando deixava perceber através de uma janela meio aberta a cantora noturna, e misteriosa.

Era uma senhora ainda jovem, ao que parecia, de forma regular, cujas feições não pude diferenciar; mas de cor alva, e cabelos pretos.

Assentada junto de uma banca onde tinha um tinteiro, papéis, e alguns livros, ela reclinava a face consternada em uma das mãos, e cantava com música sentimental os versos que pude decorar, porque mais de uma vez os ouvi, pronunciados com a verdadeira expressão do amor, e da aflição! Ei-los:

Quando no roxo horizonte
Nívea aurora despontar,
E o meigo canto das aves
Do sono te despertar;
Lembra-te que à mesma hora
Pensa em ti quem mais te adora!

Quando a planície girares,
Quando subires ao monte,
Essa brisa que sentires
Voltar-te a airosa frente,
Vai levar-te um pensamento,
Despertar-te um sentimento!

Quando o perfume gozares
Desse espinhoso rosal,
No botão que desabrocha
Vê retratado o meu mal!...
Um sentimento a florir...
Os receios a pungir!...

E quanto mais pensativo
Buscares a solidão,
Quando às alturas levares
A voz, a imaginação;
Lá no espaço hás de encontrar
Meu pensamento a girar!

O canto que aos céus ergueres,
Que os Anjos hão de entoar;
Inda que a amor não votares,
Há de sempre amor soar...
Guarda então viva lembrança
De quem te ama, e sem esp'rança!...

Sem esp'rança, e sem ventura!...
Que em silêncio há de carpir
Um amor, o amor mais puro
Que o mortal pode sentir!
Triste amor que só respira
Quando geme ao som da lira!

Quem será a desgraçada, e extraordinária mulher que assim canta, que assim ama?! Quem será o objeto de tão singular paixão? Ainda há uma que sacrifique o coração a um dever! E que dever poderá subjugar a força de um amor tão poderoso qual em seus versos descanta! Nada sei, e a minha curiosidade pela primeira vez se desenvolveu. Protestei indagar quem era a infeliz que habitava aquela casa.

Seus olhos se inundaram de lágrimas que não vi correr, mas que vi enxugar.

A aurora assomava no horizonte pura, e risonha. Os inocentes passarinhos já saíam de seus ninhos trinando saudações ao dia, quando a triste Dama se apercebeu que a noite em suas sombras deixava de a proteger; que forçoso era sufocar no peito a sua mágoa, o seu amor que só às trevas confiava, e que as trevas me revelaram!

Ergueu-se, fechou a janela, e eu tomando bem sentido na casa, me retirei dizendo a sós: Quem será o objeto de suas afeições? Conhecê-lo-ei? Talvez!...

Cheguei a casa: poucas horas pude ter de descanso, que o meu espírito velava pensando na cantora misteriosa, que na véspera havia tão singularmente atraído a minha atenção. Pelas seis horas da tarde saí, e fui ao sítio da Estrela. Aquela terrível calçada, que antes me havia custado tanto a subir, não me assustou! Passei junto ao lugar onde vi, e ouvi aquela infeliz criatura que tanto me interessava já! Parecia que as mais íntimas relações de amizade nos ligavam há muito! Quanto pode a compaixão em almas sensíveis!

Guardando um inviolável segredo acerca do motivo da minha curiosidade, pretextei um negócio para indagar quem era aquela senhora.

Há no princípio do largo da Estrela uma casa ou taberna de um homem chamado Pedro, mesmo defronte do Hospital Militar. Ali passei, e vendo Anacleto à porta (era a mulher do Pedro) perguntei-lhe se me sabia dar notícias de uma senhora que havia mudado a sua residência, segundo me afirmavam, para aquela casa que estava situada no lugar mais solitário da travessa do SS. Coração de Jesus, a que vulgarmente se chama do Sarmento?

– Sim, senhora, disse Anacleto, para ali se mudou este semestre uma senhora viúva, com seus dois filhinhos: é estrangeira, e bem se vê, pelo ânimo que teve de ir habitar uma casa que há tantos anos tem estado entregue aos ratos!

– E por quê? – perguntei.

– Porque dizem que aparecem lá coisas más.

– Como se chama a senhora?

– Ninguém sabe, nem mesmo o cabo de segurança sabe dizer-nos o seu nome, que é muito esquisito. Não se visita com pessoa alguma do sítio; mas vão lá às vezes algumas senhoras, e homens visitá-la.

É quanto pude colher de minhas indagações, nas quais embalde prossegui, pois nada mais pude alcançar; e nem ver aquela mulher senão raras vezes por dentro da janela, ora com uma criança nos braços, ora com outra pela mão; porém apenas percebia que a observava alguém tinha o cuidado de o evitar.

Alguns passos dei por ali a ver se o acaso me deparava quem me informasse com mais exatidão, e tudo foi em vão.

Chegado que foi o dia 25 de novembro, vi escritos nas casas!... Esperei ainda os fins de dezembro para ver se via sair os trastes, e se seguia os fretes; porém tinha mais a fazer, e tornava-se impraticável o andar todos os dias caminho da Estrela, cuja calçada seria bastante a fazer-me adquirir uma tísica em castigo da minha curiosidade.

Quando pouco antes do Natal fui à Estrela, vi fechadas as janelas!... Esmoreceu-me o coração!... Inquiri a causa, e soube que a viúva se havia retirado daqueles lugares!

– Para onde?

– Embarcou para Inglaterra!

Vão lá buscar agulha em celeiro!...

Indaguei quem haviam sido os passageiros que foram para Inglaterra, mostraram-me a lista; mas como eu ignorava o nome da nossa heroína, fiquei como dantes!

Em tempos mais felizes tinha eu residido na freguesia de Santa Isabel, e um honrado galego, por nome Agostinho, foi muitos anos o meu aguadeiro. Procurei o bom velho, que havia militado na guerra da Península, e tinha um juízo claro. Pedi-lhe se informasse de seus companheiros quem teria conduzido a bagagem daquela senhora para bordo, e se sabiam para que navio?

Não poupou diligências o pobre Agostinho, e passados dias veio dizer-me que os trastes haviam ido para casa de um bolacheiro à rua do Arsenal, e explicou-me quem era; mas ainda ali não me deram novas da tal senhora, e o bolacheiro negou que tivessem tais móveis ido para sua casa.

Entendi melhor não prosseguir em tais indagações, até porque me tinha dito alguém que motivos políticos obrigaram aquela senhora a evadir-se; e um

galego dissera a Agostinho que ela partira para Gênova! Entendam lá este enredo! Pareceu-me prudente abandonar tão difícil empresa, que me ia fazendo uma terrível confusão no cérebro, ouvindo de *cada cabeça sua sentença*, e tornando-se já muito notável a minha curiosidade...

Deixá-la! É mais um mistério que a meus fracos olhos oculta uma interessante realidade! Não hei de por isso maldizer a Providência, que talvez me poupasse a dor de ver penar uma infeliz sem lhe poder valer. Imaginei que a ausência seria causa da tristeza daquela mulher!... Imaginei tudo, e nunca mais me esqueceu!

Volveram tempos, e sempre que eu passava pela Estrela se renovava o desejo de saber antes de morrer quem era a desconhecida. Onde estará ela? Se terá ido ver o seu amante?... O seu marido hoje talvez?... Oh! sim! Ela estará mais feliz.

Com estas gratas ideias procurava eu afastar um pensamento que me afligia, e desgostos tinha eu de sobra... Assim um ano decorreu. Nova aventura!...

Um passeio a Chelas

Uma brilhante manhã despontava prometendo um dia formoso! Era nos princípios de agosto de 1836. Eu aproveitei esta linda manhã para ir de passeio à casa de Francisco Dias, fazendeiro muito honrado, que outrora foi meu caseiro na quinta de Santa Catarina em Chelas; e era mesmo por esses sítios que ele habitava hoje em fazenda sua, rendeiro das comendadeiras de Santos. Quis depois de tantos anos ir ver aquele ameno vale de tão gratas e saudosas recordações!...

Ao passar a Fundição vi um jovem de interessante aspecto; muito claro, olhos castanhos, cabelos louros, barba loura crescida, que lhe embelezava muito a fisionomia meiga e delicada, mas muito melancólica. Era ele de estatura regular. Estava assentado em um dos assentos de pedra, e olhava tristemente para o mar, sustendo a fronte com uma das mãos. Parecia engolfado em seus pensamentos; e quando passei junto dele, à voz de um de meus filhinhos que me acompanhava, volveu maquinalmente as vistas, fixou-as em mim, soltou um ai que exprimia a dor, e a surpresa, ergueu-se, e depois de reconhecer o seu engano caiu sobre o assento de pedra confuso, abatido, e na maior consternação!

Pôde a compaixão mais do que a civilidade, e do que outras considerações próprias do meu sexo, e sem me lembrar mesmo que iria vexar quem buscava ocultar a sua dor, me aproximei do jovem, e lhe perguntei se sentia algum incômodo, e se lhe podíamos ser úteis?

– Muito obrigado – respondeu perturbadíssimo – desculpe-me V. Ex.^a, nada preciso...

Ainda uma vez eu, e meus filhos lhe perguntamos se queria tomar alguma coisa, e lhe ofereci o meu fraco préstimo; mas observei que afastava de mim as vistas, e que a nossa presença o constrangia; por isso continuamos o nosso trânsito.

Meu Deus, dizia eu comigo, será possível que a desventura me atraia! Parece que a força oculta de um encanto me conduz aos lugares onde mais um infeliz junte as suas às minhas dores e torne infinito o meu padecer! Este jovem sofre muito! a perda de uma boa mãe, de uma esposa, ou de um filho é causa da sua aflição! Ele estremeceu ao ver-nos!... ou a minha presença, ou de meus filhos o comoveu!... Sem dúvida!...

Mais um mistério! Mais um cuidado!...

O coração verdadeiramente sensível sente os males alheios como os seus próprios!...

O gosto com que eu tinha saído para ver uma família que eu estimava, e que há anos não via, desapareceu! E outras tantas ideias diferentes, e dolorosas se acumularam para me envenenar o dia! À proporção que eu me aproximava da estrada dos lugares tantas vezes por mim frequentados em companhia de meus adorados pais, e irmãos, pesada mão de gelo parecia comprimir-me o coração!... Nunca tal passeio me lembrasse! Tentei distrair amarguras, e fui buscar novas amarguras!

Chegamos finalmente à casa do honrado Francisco Dias, e ao entrar na horta a primeira pessoa que vi foi a boa Ana sua mulher, a qual havendo-nos logo reconhecido, correu com os braços abertos, e ergueu-me ao ar com um abraço de verdadeira amizade, e saudade! Gritou pelos filhos, pelo marido, pelas filhas; e a alegria daquela boa gente ao ver-nos suavizou a minha mortificação.

Ana estava na melhor disposição; tinha quarenta e tantos anos, e parecia uma rapariga! corada, robusta, os cabelos todos pretos, os dentes muito alvos; finalmente o mesmo trabalho a vigora.

Desviamo-nos um instante do assunto principal deste Romance; refresquemos um pouco as ideias cansadas de sofrer e de ver sofrer dois infelizes, e digamos alguma coisa acerca desta família, e do campo.

Ana ergue-se de madrugada, vai à Praça da Figueira conduzir o jumento com hortaliça, e outros frutos da sua fazenda, lavrada por seu marido, e por seus filhos; volta para casa às 8 ou nove horas da manhã; cuida em arranjar o jantar para sua família, e depois de arranjada a sua casa, vai colher a hortaliça que no dia seguinte há de levar à Praça; lava-a no tanque, e se preciso é, toma da sachola e vai regar a horta! (isto é verdade pura, não é invenção).

Suas filhas umas lavam, outras cosem e engomam, para casa e para fora, cuidam em seus irmãos mais pequenos, e gozam todos a mais perfeita saúde. O seu comportamento é exemplar.

No campo, no campo se encontram mulheres dignas de todo o louvor! E não se pense que são menos ilustradas que as da corte, ao contrário, como o luxo e a janela não lhes ocupa o tempo, elas estimam aproveitar as poucas horas que têm livres em ler; e seus livros são sempre de moral, e religião: são antigos, mas não lhes escaldam o cérebro, nem envenenam o coração!... Poucas raparigas do campo hoje não sabem ler. Suas mães cuidam muito na sua educação, mandando-as à mestra, que em todos os distritos há alguma (assim fossem elas mais ilustradas).

Os filhos ajudam o pai nos trabalhos da agricultura, e por isso, por mais filhos que tenham, nenhum se lhes torna pesado; são tantos braços que Deus lhes dá para aumentar o produto da sua lavoura.

Os divertimentos do campo são os mais inocentes; um arraial, uma função de igreja; eis tudo para a mocidade do campo, e tudo isto é depois de feitas as suas obrigações domésticas. Um vestido de chita, ou de lã, um lenço de seda, ou algodão de cor, eis todo enfeite de uma camponesa. Se tem meios empregam o dinheiro em oiro para ornarem seus colos, e suas orelhas, e não o consomem em trapos e modas que a todo o instante devoram tudo quanto os pais, e maridos possam ganhar; e é este flagelo a causa da perdição de tantas casas, e de tantas raparigas!...

Ana se apressou a aprontar-nos um excelente jantar campestre. À tarde fomos todos passear à horta. Fez-nos o pobre Francisco derramar copiosas lágrimas ao mostrar-nos ainda as pequenas abóboras genovesas em forma de garrafas, cuja semente meu pai mandara vir de Gênova; e outros frutos esquisitos que ele ainda conservava em memória de seu antigo amo. A gratidão daquela família pelos benefícios que recebeu de meus pais é mais um direito que tem adquirido à minha estima. João, José, Francisco, Maria, e Joana me cercavam, e exultavam de alegria. Meus filhos estavam contentíssimos.

Levaram-nos à abegoaria: Francisco tirou uma das melhores vacas, e dela nos deu leite espumando. Foi o que me agradou; o que me suavizou a agonia que me queimava o peito!

Deixemos em paz essa boa família gozar as delícias do campo: deixemos os arvoredos a cuja sombra a nossa imaginação repousou; e tornemos ao vasto campo dos acontecimentos extraordinários!

Às quatro horas da tarde fui ver as minhas freiras de Chelas, amigas antigas, e verdadeiras; e ali naquelas grades lembrar mais ao vivo as tardes venturosas que ao lado de meus virtuosos pais, eu e minhas duas irmãs tantas vezes entoamos cânticos divinos de que as nossas religiosas tanto gostavam!

Bati na roda, e ao ouvir-me a voz a madre rodeira exultou de alegria, e foi correndo buscar a chave da grade de cima, e mandar parte à priora. Subimos, e o júbilo daquelas boas almas, ao ver-nos, se difundiu no meu coração. Depois de ter visto as minhas amigas todas; ter tido também o desgosto de saber que duas haviam morrido; e tendo as nossas freiras brindado de excelentes doces os meus pequeninos, e derramado lágrimas à memória de minha querida mãe, nos despedimos, vindo todas abraçar-nos à portaria.

Vi aberta a porta da igreja; entrei a fazer oração por alma de minha virtuosa mãe àquelas mesmas imagens a que outrora implorei pela sua preciosa vida, tão cedo cortada!

A igreja parecia deserta; mas observei que a um canto do altar das Santos Mártires estava uma senhora vestida de luto, com duas crianças a seu lado: estava em profunda meditação. Os meus filhinhos e os dela travaram logo amizade, e eu, depois que orei ao Santíssimo, fui ajoelhar também junto da senhora, e orar aos Santos Mártires.

Ao erguer-me saudou-me a senhora e eu lhe respondi. Saímos juntas, e juntas andamos até à quinta de N. Sr.^a da Conceição.

Pedi-me ela que descansasse, pois estava ali a tomar ares. Era tarde, porém uma irresistível simpatia me decidiu a subir para conversar com uma pessoa cuja presença melancólica, e afável mostrava uma alma consternada, e franca.

Pagou-me na mesma moeda, pois disse-me com a maior candura que depois de uma longa série de infortúnios, era a primeira vez que o seu coração sentia prazer ao ver uma criatura!...

Havia perdido seu marido na tomada de Bilbao, ficaram-lhe dois filhos; era órfã, e filha de um italiano!...

– Seu marido era Cristino, ou Carlista? perguntei eu.

– Era Miguelista – (respondeu-me). Perdida a sua causa pela convenção de Évora-Monte, tomou as armas a favor de D. Carlos, pugnando pelos mesmos princípios de legitimidade.

– Que coincidências!... Que semelhantes eram nossos destinos!...

Perguntou a minha morada; disse-lhe que estava por dias morando ao Paraíso, mas que breve iria para as minhas casas à Estrela.

– À Estrela!... exclamou, como se um raio a fulminara!... – Sítio aonde jurei não tornar!... Um desgosto de morte ali me envenenou para sempre a existência!... Mas a amizade vencerá esta repugnância!... Eu irei, sim, eu irei!... Eu preciso de uma amiga para não sucumbir; e esta é Deus quem me deparou; é o meu coração quem a escolhe!...

– Meu Deus! bradei, foi preciso achar um anjo no vosso templo à tarde, para sentir suavizadas as terríveis impressões do dia!

– Que lhe aconteceu?

– Vi logo ao amanhecer um pobre rapaz encostado à beira do mar, que parecia estalar de aflição!...

– Que feições tinha?

– Bastante delicadas; claro, louro, olhos castanhos...

– Claro, louro, olhos castanhos?! Estava de luto?

– Não me pareceu, se bem que não fiz reparo senão à sua tristeza que me impressionou!

– Estava muito triste?

– MUITÍSSIMO; e ainda ficou mais ao ver-nos passar; sobressaltou-se...

– Será ele!...ter-lhe-á morrido a...

– Quem?... lhe perguntei.

– Nada...é uma lembrança esquisita... e mudou de conversa.

Pediu-me muito que ficasse com ela aquela noite; não me era possível, mas prometi ali voltar brevemente.

Saí, e fui para casa de Francisco; mandei alugar uma sege a Santa Apolónia, e regressei para Lisboa, levando um romance na imaginação!

Quando Irmínia (este era o nome da viúva) me disse que havia tido um grande infortúnio na Estrela, um raio de luz alumiou as minhas ideias!... As suas misteriosas palavras acerca do cavalheiro ainda mais confirmaram as minhas suspeitas não infundadas!... A cantora da Estrela apareceu como num sonho à minha imaginação! Será ela?... Seu rosto... seu traje!... Os meninos!... A sua misteriosa tristeza... tudo me faz crer na realidade de minhas suspeitas! É bem que eu possa distrair meus desgostos pensando nos alheios! Renovaram-se as lembranças da cantora; e não sei por que me dizia o coração, que o jovem que vi tão triste era o seu amante!... Será ele casado!... Que fatalidade!...

Revelação do primeiro mistério

Mudei com efeito a minha residência temporária do Paraíso, para a minha choupana da Estrela, e já não desistia eu do empenho de ir a Chelas ver a minha nova amiga: não me foi preciso, que no dia 8 de agosto, em que por antigo costume se faz em Chelas uma solene procissão dos Santos Mártires, veio a minha criada logo ao amanhecer anunciar-me a visita de uma senhora, vestida de preto, com dois meninos. Corri a ela!... Um recíproco abraço, um transporte de verdadeiro júbilo exprimiu a igualdade de nossas afeições!

– Será possível que eu tenha uma amiga? disse a infeliz Irmínia, derramando muitas lágrimas, e unindo-me ao seu peito, cuja visível agitação manifestava a horrível tormenta que ele encerrava!

– Sim, de certo a encontrará em mim! – respondi, conduzindo-a a almoçar comigo; nem consenti que me deixasse aquele dia. As crianças foram passear com

a criada, e nós ficamos a conversar. Ao passar uma sala da qual se avistava a casa solitária onde ouvi cantar a misteriosa canção noturna, disse eu a Irmínia: – Vê aquela casinha?... é poética...

– Poética, respondeu Irmínia descolando!...Como?...

– Testemunhei ali um caso que muito deveras me enterneceu!...

– Ali!... torna ela estremecendo... quando?... o que viu?...

– Uma jovem senhora derramando bastantes lágrimas, uma noite, depois da meia noite, em que eu vinha de casa de umas minhas parentas que assistiam à Lapa.

– Conhece-a?

– Não, mas fiquei desde logo estimando-a, porque era infeliz!... Sofria tanto, e tanto sentia quanto deixam ver uns versos que ela entoou com música a mais sentimental; e que eu decorei, e escrevi: – são assim...

Repeti os versos; mas não os pude acabar, que Irmínia sufocada em lágrimas lançou-se ao meu pescoço, e exclamou!...

– Por isso Deus me deparou!... por isso o meu coração a amou tanto!... É a senhora do meu fatal segredo!... Mas ah! nunca me pergunte o seu nome!... é um mistério que jurei levar à sepultura!

– Sossegue, minha querida amiga, que não o exigirei.

Cuidei de a distrair, tirando-a da janela, e descendo com ela ao quintal.

Contou-me que tendo visto um jovem das mais belas qualidades morais, o seu coração se sentiu cativar pouco a pouco pelas virtudes daquela alma que Deus havia formado tão pura, mas não para ela!... Que atendendo ao seu estado de viúva ainda recente, e mesmo prendendo-a certas considerações próprias da dignidade do nosso sexo, se esforçou por ocultar nas formas de uma sincera amizade a paixão que a seu pesar a dominava: que lhe parecia conhecer naquele interessante jovem uma estima particular por ela; mas não amor. Se o tivesse quem lhe impediria o declará-lo? a ele... um homem a quem não é desairoso, como é a uma senhora, o dar a conhecer que ama, antes de saber com certeza que é amada? e ainda assim feliz da que pode ocultar ao menos metade do amor que tiver por qualquer homem!

– Às vezes, lhe disse eu, o mesmo amor quando é verdadeiro infunde esta irresolução pelo temor de um desprezo... pela ideia de ser mal interpretado o seu sentimento... e até porque o homem quanto mais ama uma senhora, mais a sabe respeitar.

– Oh! Replicou Irmínia, se assim fora!... mas não!... Eu vivia feliz, nutrindo a lisonjeira esperança de um futuro incerto e ditoso!... Eu o via... eu não era amada, pelo menos não sabia se o era, e podia esperar sê-lo ainda!... Eu o via... eu o podia amar sem remorsos!... Eu o amava!... ah! sim!... eu o adorava!... De

improviso um raio desfechou sobre a minha fronte, e o meu coração!... feriu-me!... reduziu a cinzas todas as minhas esperanças!...

O acaso me fez saber que se dizia que ele amava outra! Se amou, como creio, minha boa amiga, pode julgar do efeito que esta nova produziu em mim!... Estremeci!... e todavia não acreditei!... Pareceu-me ser uma das muitas invenções daqueles que se divertem falando das pessoas que melhor se comportam; aquele jovem tinha uma conduta excelente; a inveja perseguiu-lo-ia.

Dias se passaram, e nas minhas tristes meditações, em horas em que todos descansavam, e que só a minha dor velava, é que ouviu aqueles versos!... Quem me diria que num deserto só frequentado dos mochos, e das corujas, à noite, e em horas tais, me ouviria uma pessoa que um ano depois havia de ser a única depositária do meu segredo!...

– Do seu segredo não; da metade do seu segredo, lhe tornei. Irmínia suspirou, e me disse:

– O seu nome!... sim...o seu nome é tudo... mas esse nunca... nem aos ecos o tenho dito com receio de que o repitam!... Não é um nome criminoso, bem sei; mas eu não posso proferi-lo!... Não devo!...

Tentei afastar Irmínia daquele sítio, e das recordações que tanto a afligiam. Peguei-lhe em uma das mãos; estava trêmula, e de gelo!... Pedi-lhe que reservasse para mais tarde a triste narração, a sua dor era muito recente, o mais ligeiro toque faria ressaltar o sangue sobre as feridas do seu coração, que o tempo e a razão sanariam...

– Impossível!... disse-me ela – Impossível!...Oh! nem o tempo, nem a razão... só a morte!

– Vamos tocar alguma coisa no piano, para distrair esta lembrança; lhe tornei.

– A música!... Meu Deus!... A música aviva ainda mais a minha saudade!... requinta a minha dor; apura todos os meus sentimentos. Os seus sons trazem à minha alma a imagem do anjo que perdi, e que malgrado todos os esforços não posso esquecer... mas também não posso lembrar sem crime!...

– Como, senhora?!... repeti à Irmínia, isto parece uma contradição! Se ele é como diz, um anjo, será crime lembrar-se dele?

– Sim, é um anjo em corpo, e alma; e com tudo eu não devo amá-lo com o ardor com que o amo!... Lei tremenda reprova este amor...

– Entendo...é casado!...E não o sabia?

– Adivinhou, minha querida. Apenas me constou esta desgraça fugi destes sítios; fiz correr a notícia da minha ida para fora do reino; e sepultei-me no vale

de Chelas, onde vivo, só para meus filhos, e para todas as tardes ir diante dos altares pedir a Deus se digne terminar minha dor... o meu amor... ou a minha vida!... Orar por meus filhos, e por ele que é um anjo! que não tem culpa do meu delírio...que ele nunca promoveu...

– Basta... lhe disse eu, não continue, que me despedaça o coração!

Nossas lágrimas se confundiram; fomos para o meu quarto; e enquanto nossos filhos gozavam o sono da inocência, velávamos recordando todas as nossas desditas; contei-lhe também a minha vida, a ver se comparando os seus com os meus infortúnios se julgava menos infeliz!...

Quem sabe, lhe dizia eu, se aquela triste notícia foi exata? Convém informar-se bem; eu não me atrevo a profundar o seu segredo; mas se me considerasse digna depositária, eu lhe protesto que iria demandar as mais exatas informações. Irmínia me respondeu que muito grata era à minha compaixão; mas que seria profundar-lhe mais a chaga confirmando a notícia, e acrescentando outras circunstâncias que acabariam de a matar. Assegurou-me que a pessoa que lhe dera a nova fatal conhecia muito de perto aquela jovem; que era muito verdadeira, e que nem sonhava a inclinação que ela lhe tinha.

– Não posso duvidar!... dizia a triste sufocada em lágrimas.

Conheci que era impossível distraí-la na Estrela. Desde a madrugada que se erguia, até alta noite, seus passos se moviam sem ela querer, para a sala, da qual via a sua antiga casa; e seus olhos a observavam com íntima saudade!...

Pedi-me que a tratasse por tu, e que fosse estar com ela uns dias em Chelas; pois eu bem sabia o motivo por que ela só a furto vinha à cidade. – Sei, dizia ela, que se ele souber que estou em Lisboa, voará a ver-me: ignora os meus sentimentos, ou não lhe conhece toda a extensão; e ele parecia considerar-me muito; mais ai!... poderia eu vê-lo sem me trair!... sem morrer!... Vendo a joia que eu perdi, e outra possui! não!... esta prova é terrível! é superior às minhas forças!... Deixa-me, enquanto posso, conservar o meu nome sem mancha. A minha tristeza tem desculpa; o mundo entende-a por outro modo... chorar a perda de um marido, ainda que fosse mau, é uma virtude; chorar a perda de uma amante, ainda que fosse um anjo, seria um crime!...E de mais, ele não me pertence!... Ele não me ama!... Seria o maior abatimento mostrar paixão por quem não se importa do meu amor, porque tem consagrado a outra o seu coração, a sua existência!...

Era tão pungente a aflição de Irmínia; que eu mesma tratei de retirá-la da Estrela para não mais ali tornar; e decidi em atenção a ela mudar a minha residência. Disse-lhe que, também a vista daqueles sítios me afligia, recordando perdas para mim as mais consideráveis; e ambas fomos procurar casas próximas a Chelas. Achei umas boas, e deixando Irmínia em sua casa, fui ajustar com o senhorio a renda. Irmínia não queria que pessoa alguma a visse, e por isso não era

possível morarmos juntas; no dia que ela vinha passar comigo dava eu ordem à criada de dizer a quem me procurasse que eu não estava em casa!

Revela-se parte do segundo mistério

Ainda estava eu na Estrela quando um dia pela manhã, era o dia 14 de agosto, fui ouvir Missa ao Convento Novo SS. Coração de Jesus, e vi junto à Capela de Nossa senhora da Soledade um homem ainda muito novo, que me pareceu o vivo retrato do cavalheiro desconhecido que eu havia encontrado à Fundação num dos primeiros dias deste mês! Estava ele, como então, submerso num mar tempestuoso, tristes pensamentos cuja força parecia oprimi-lo tanto, que apoiava a fronte na sua bengala como para sustentar o enorme peso de suas ideias! Muito de propósito me ajoelhei ao pé dele; mas apenas percebeu uma mulher aproximar-se a ele, afastou-se sem me encarar. Observei-o, e reconheci ser o mesmo que eu imaginava. Resta informar-me do seu nome...quem mo dirá?...

Acabou-se a missa, e vi sair da sacristia um padre, homem respeitável, que eu desde a minha infância conhecia: dirigiu-se ao mancebo, e apertou-lhe a mão com muita intimidade!... Aproveitei a ocasião para sair, e o padre, cumprimentando-me, disse ao cavalheiro quem eu era. O jovem perturbou-se, corou, e dirigiu-me uma atenciosa cortesia. Perguntou-lhe o padre se não me conhecia?

– De nome, sim, Senhor; respondeu-lhe; e eu lhe disse:

– Também de vista, mas não se lembra por certo..., eu já o vi um dia à Fundação...

– Ah! tornou ele como para atalhar a explicação; é verdade!... um raio de luz me aclara as ideias!... e nós três saímos. Ofereci ao bom padre, e ao cavalheiro o descansarem na minha choupana, e teimei para que subissem; que o almoço estava à nossa espera, e eu tinha uma linda poesia para mostrar ao sr. padre; este aceitou o convite porque muito gostava das minhas poesias; e instou com o seu amigo Edgard (era o nome do jovem) para que subisse; de modo que todos os esforços do infeliz não bastaram a escusá-lo, e ele não tinha forças para lutar com teimosos; mas a minha teima não era sem fundamento...Eu estava no empenho de sondar mistérios que não me pertenciam, mas em que o meu coração havia tomado grande parte...Ofereci-lhe de almoçar; Edgard não quis.

– Anda muito triste há tempos o meu amigo, disse o padre, estranho-o muito: homem você estará namorado?!...

– Namorado!...disse-lhe eu; então este senhor não é casado?!...

– Casado!... torna o padre, só se é há dias; nunca lhe conheci esposa, nem amores; vive só, isolado, e há tempos insuportável, que até dos amigos foge!...Não quer senão conversar com defuntos, com os livros, bem entendido; é bom estudar, mas nem tanto que se mate, e se torne arisco. – Em suma como não quer

almoçar, eu de boa vontade aceito o favor; não uso já cerimônias, que esta amizade não é de dois dias; conheci cá a nossa poetisa ainda a brincar com bonecas. – O padre sempre muito divertido, foi almoçar, e eu chegando-me à janela disse ao jovem:

– Este sítio é de tristes recordações! Além dos meus desgostos tenho um motivo alheio, mas que não é para mim hoje estranho! Vê V. S.^a aquela casa?

– Qual?!...Acode sobressaltado Edgard.

– Aquela próxima à travessa do Pinheiro, respondi.

– Aquela?!...

– Sim, senhor; uma noite ouvi ali, era meia noite, uma voz angélica entoar estes versos: é a poesia que eu queria mostrar.

– Oh! deixe-ma ver!...bradou transportado.

Fui buscar os versos que ele devorou com a vista, trêmulo, e na maior agitação.

– Oh! que tem V. S.^a?... lhe perguntei. Está exatamente como naquela manhã em que o vi à Fundição!... Parece-me que um mistério se envolve em tudo isto!

– Oh! um mistério, sim, exclama o triste mancebo, mas um mistério que nem a morte revelará!...

– V. S.^a de certo conhecia aquela senhora? disse eu a Edgard.

– Não... mas... não sei... não me pergunte coisa alguma, eu lhe suplico... não lhe poderei dizer a verdade...

A estas últimas palavras de Edgard chegou o padre que tinha finalizado o seu almoço.

– Ora aí estão os poetas juntos!... disse o bom ancião, porém arrenego da poesia que faz chorar! Parece-me que o meu Edgard está comovido bastante? Deixe-me ver estes versos, se é que não são tão fúnebres que também me enterneçam, farto de encomendar defuntos estou eu. V. Ex.^a gosta muito de poesias tristes. Dê cá...

Tentou ver os versos, mas Edgard disse-lhe:

– Não lhos dou sem os copiar primeiro; temo que me fique com eles.

– Forte ambição... faça o que quiser, eu sempre os hei de ver... tornou o padre sem grande pena, e começou a entreter-se conversando com as crianças em coisas triviais, porque, dizia ele, bem sabia que os poetas não gostavam que lhes interrompessem as suas sessões, e não queria incorrer no desagrado poético.

– V. Ex.^a permite que eu leve estes versos para os copiar, disse-me Edgard, que tinha os ademãs da mais fina educação, e eu prometo restituí-los amanhã, se me der licença.

– Sim, senhor, lhe respondi; e Edgard, sentindo-se muito agoniado do interior, despediu-se, e o padre retirou-se com ele, mas tomaram para diferentes

lados. Observei que Edgard foi pela travessa do SS. Coração de Jesus, e ao chegar junto à casa que foi de Irmínia parou, e esteve imóvel como uma estátua, até que o ruído de uma carruagem o despertou do seu espasmo, e obrigou a caminhar. Mas caminharia como um sonâmbulo?...

– Tenho uma grande notícia que dar à minha Irmínia! dizia eu comigo. Este jovem conhece-a, e a meu ver ama-a!... e pelos dados que tenho não receio muito enganar-me supondo que é o mesmo que ela ama; porém aí vejo uma só diferença, e é a de ser este solteiro!... Enfim verei se descubro este segredo.

No dia seguinte à tarde veio Edgard, e trouxe-me não só os versos de Irmínia, mas também outros em resposta, que me pediu os cantasse ao piano, com uma linda, e sentimental música, a qual também me entregou. Escusei-me dizendo-lhe que desde o falecimento de meu marido eu não cantava, nem tocava; e pedi-lhe cantasse ele: assim o fez; e admirei a sua voz, estilo, e perfeição com que manejava o piano: não pode todavia ultimar o canto... ergueu-se com a voz sufocada, e os olhos inundados em lágrimas, que embalde tentou esconder, mas que se detinham como gelados na pálpebras! e lhe roubavam a luz!... Oh! essas lágrimas comovem ainda mais do que aquelas que se deixam livremente cair!... É um esforço sobrenatural, é um combate de afetos, são as lágrimas do coração que transbordando no peito assomam aos olhos, e que a razão não permite venham publicar o que se passa no íntimo d'alma! – Senhor, disse eu a Edgard, muito me entenece a sua sorte! Se eu pudesse remediar alguma coisa!... Às vezes!... quem sabe!... a amizade, a compaixão podem muito; e eu sou amiga de todos os infelizes.

– É em vão, respondeu-me, ninguém me pode valer!!

– Dê-me esses versos, lhe tornei, e peça-lhe que vá ver-me a Chelas, pois, mudo-me para lá, e nos domingos é belo ir passear àquelas hortas.

– Prometo ir; é V. Ex.^a a única pessoa com quem me apraz falar, porque não crimina a minha tristeza!

– Oh! antes desejava poder-lha dissipar! Deus sabe quanto me compadeço da sua situação! Leio o que se passa dentro do seu peito, ignorando a causa que os efeitos denunciam!... V. S.^a ama; e ou a morte lhe roubou a sua querida...

– Ah! Deus me livre, exclama Edgard, antes eu seja vítima de meus sentimentos!

– Então, lhe disse eu, foi-lhe ingrata?

– Não, porque nem ela sabe o que eu sofro!...

É original! pois ama com tal excesso, e não o diz à pessoa que adora!?

– Deveres há tão sagrados, que vale mais morrer do que infringi-los; tornou tristemente Edgard.

– É casada?...

– Ah! por Deus! não falemos mais nisso! É ideia que me mata!... E erguendo-se começou como insensato a passear pela sala.

Infeliz jovem que dó me fez! Que dois mistérios tão célebres! Irmínia ama um casado, Edgard ama também uma casada! Irmínia ama e o seu querido não o sabe; Edgard ama, e a sua querida também o ignora! Há uma aventura igual! Façamos que estes dois entes tão extraordinários, tão parecidos se encontrem; deve ser isto curioso! Talvez a igualdade de seus destinos os una, e se amem! Já não imagino ser Irmínia a amada de Edgard, porque ele ama uma senhora casada, e Irmínia é viúva; nem Edgard também é o amado de Irmínia: ela ama um casado, e este é solteiro; mas são ambos tão parecidos em sua sorte que decerto hão de estimar-se, resta ver o modo de vencer Irmínia a aparecer.

Assim discorria eu só comigo enquanto Edgard passeava como meditando tristes projetos; decidi-me a interrompê-lo, e pedi-lhe que no domingo seguinte viesse ainda à Estrela; assim me prometeu, e retirou-se. Foi então que pude ler os versos que Edgard fez, e que não pôde acabar de cantar: são os seguintes.

Se ao raiar manhã saudosa
Teus prantos aos seus misturas;
Quanto a voz harmoniosa
Te ecoa lá nas alturas;
Lembra-te que à mesma hora,
Pensa em ti quem mais te adora!

Inocente passarinho
Que sentires revoar,
Que pousando num raminho
Quer teu canto acompanhar;
Vai levar-te um pensamento...
Despertar-te um sentimento!...

Vê na flor que linda, e pura
Desabrochou tão querida,
Que dos suís⁴ a sanha escura
Tem já no Solo pendida;
Um sentimento a florir,
Os receios a pungir.

⁴ Ventos do sul.

Se além de espaço infinito
Por me fugir te ausentares,
E de inocente proscrito
As memórias evitares;
Lá no espaço há de encontrar
Meu pensamento a girar.

Por encanto indefinível
Hão de unir-se os pensamentos,
Qual por força irresistível
Se ligam os sentimentos.
Guarda então viva lembrança
De quem te ama, e sem esp'rança!

De quem vive em noite imensa,
Sem o luzir dessa Estrela,
Que de amor em recompensa
Deu-lhe a sorte de perdê-la!
Triste amor que só respira
Quando geme ao som da Lira!

Quem não diria que estes versos eram consagrados à Irmínia!... que eram resposta dos que ela compusera!

Ainda o segundo mistério

Escrevi à Irmínia pedindo-lhe que viesse ver-me domingo, que eu tinha a contar-lhe uma grande aventura: não faltou; e eu contei-lhe parte do que se havia passado, mas ocultei-lhe a circunstância dos versos, e o nome do cavalheiro, porque o meu desejo era surpreendê-la.

Irmínia pareceu-me sobressaltada, e pediu-me que sem dizer que ela ali estava lhe mostrasse aquele jovem, ainda que...

– É solteiro... entendo... lhe disse eu.

– É verdade... não pode ser ele! tornou Irmínia como perdendo a esperança que havia assomado em sua alma ao ouvir-me referir o que passara com Edgard.

Veio finalmente Edgard, e eu fui recebê-lo à sala, deixando Irmínia no meu escritório. Depois de breves cumprimentos pedi a Edgard que cantasse ao piano a modinha misteriosa: condescendeu; porém ao entoar os últimos versos, um

baque estrondoso nos fez correr ao escritório, e me fez reconhecer a minha imprudência! Era a infeliz Irmínia caída no chão pálida, fria, e sem acordo!...

– É ela!... gritou Edgard fora de si, erguendo-a, apertando-a nos braços com transporte, e cobrindo-lhe as mãos de ardentíssimos beijos, e lágrimas!... Já não se detinham elas nos olhos!... Já livre o coração as deixava correr pelas faces, sem o receio de trair o seu segredo! Oh! num lance destes qual seria o coração que pudesse ocultar o seu sentimento?... Seria um coração de fera, mas não de amante!

– Ah! por compaixão!... clamava Edgard, salve-ma!... algum espírito que a faça recobrar os sentidos!...

Mandei à botica buscar um anti-espasmódico, e ajudando Edgard a colocá-la em uma marquesa, desapertei-lhe os vestidos que pouco justos estavam, pois Irmínia era muito simples em seu vestuário, e não gostava de oprimir o corpo só para agradar aos olhos dos outros; porque, dizia ela, oprimir o espírito para agradar a Deus é uma virtude; mas oprimir o corpo só para agradar aos homens é uma loucura imperdoável.

Irmínia tornou a si passados alguns momentos, e apenas abriu os olhos o primeiro objeto que viu foi Edgard!

– É ele!... meu Deus!... disse, escondendo as faces com as mãos.

Revelou-se o mistério, disse eu comigo, são eles que se amam! Porém como é isto de serem casados? outro mistério, e assim sempre dois mistérios tenho a penetrar! –

Perguntei à Irmínia como estava. Disse-me que se sentia melhor; e lidando por disfarçar a sua comoção, assentou-se na marquesa, e voltando-se para Edgard lhe disse:

– Como é possível que nos tornássemos a ver nesse sítio? Edgard lhe contou que um feliz acaso lhe proporcionou a fortuna de me conhecer, e de a ver; e perguntou-lhe quando tinha chegado de fora?

– Ah! senhor, lhe respondeu Irmínia, motivo oculto, e poderoso me obrigou a esconder-me em Chelas.

– Em Chelas!... Oh! o meu coração adivinhava, que só para ali me guiava!... Mas esse motivo terminou? replica Edgard.

– Não... respondeu Irmínia, e ao mesmo tempo lhe perguntou como estava sua esposa.

– Minha esposa!... torna-lhe Edgard surpreendido. Não está má pergunta! já esta senhora me disse o mesmo! Oh! eu não a tenho, nunca a tive, e não sei se merecerei a Deus esta ventura... talvez não!...

– Será certo!... exclama Irmínia reanimando-se, pois saiba que me asseguraram que V. S.^a era casado.

– Infames!... se eu soubesse quem tal inventou!...Ah!... disse Edgard transportado, e segurando-lhe uma das mãos que unia ao peito com maior ternura; já sabe o que eu sinto!... em vão tentei disfarçar... sabe tudo!... revelou o meu fatal segredo!... oh! digam-me também se foi esta a causa que a obrigou a afastar-se daqui?

– Sim!

– Que infortúnio!... Um ano de tormentos infernais por causa de algum malvado que tinha em vistas apartá-la de mim!

– Ele não sonhava o que eu sentia; nem é pessoa que se importasse de mim.

Travava-se este diálogo entre os dois amantes; e eu conheci que da parte de Edgard estava o mistério revelado: foi uma intriga; mas Irmínia era viúva, Edgard nada lhe disse em que mostrasse estar igualmente enganado; e todavia ele me disse que a sua amada era casada! Que significa isto? O tempo o dirá, que eu já não estou para me impacientar com mistérios que se vão multiplicando; e dois mistérios sabe Deus quantos mistérios desenvolverão!

Já se vê que os motivos de Irmínia se esconder cessaram, e em vez de eu ir para Chelas, foi ela que veio habitar à Estrela, mas não já na mesma casa poética, porque estava arruinada pelo tempo, e abandono a que um terror pânico do povo a condenara. Todas as pessoas da amizade de Irmínia começaram a visitá-la, eu ia frequentes vezes a sua casa; e ela vinha também à minha; mas observei que uma profunda tristeza a dominava; e era das mais funestas!... era concentrada no íntimo do peito, e o esforço que a triste fazia por mostrar a todos um semblante agradável aumentava o seu tormento! Recreei que sem desaforo este sentimento a abafasse, ou rebentando improvisado como um vulcão ocasionasse graves estragos! Resolvi, portanto, interrogá-la, e confidencialmente lhe pedi que me dissesse a causa da sua mortificação, pois era sem dúvida estranho que tendo encontrado o seu amante fiel, constante, e livre, ela viesse tão oprimida!

– Sim minha querida, respondeu-me Irmínia; vivo triste, e se não fora conhecer a falta que faço a meus filhos, desejara antes morrer, do que viver assim!... Que alegria posso eu ter, vendo que Edgard mostra adorar-me, e que me foge!...

– Foge!... Que diabrura é esta? Será fado mau de fugirem um do outro? Este amor é que eu não compreendo!

– Pois assim acontece. Raríssimas vezes vem ver-me; e por momentos. Escreva-me as cartas mais apaixonadas, porém em todas elas, em todas as suas expressões ainda assoma um mistério!... Conheço que ele evita a minha presença!... É que decerto ele está casado clandestinamente!... Se o não fora, quem lhe obstaria a firmar a nossa união!

– Pobre Irmínia!... tens razão; deves tentar os meios de descobrir a verdade... mas como!... pedir-lhe que venha falar-te, e confessar-lhe tu mesmo todos os teus receios... exigir que te declare de verdade, ou que te deixe...

– Ah! Tu falas bem!... disse-me Irmínia interrompendo-me!... discorres assim porque não sentes o que eu sinto!... Se eu me convencer um dia que Edgard me foge porque não me ama... acredita que terei ânimo de tudo isto, e mais ainda!... Se me convencer que ele ama outra!... oh! então, minha amiga, não terei só ânimo de o deixar... aborrecê-lo-ei... mas ele quer-me persuadir que me adora!... repete em suas cartas que sou eu unicamente a senhora absoluta do seu coração!... diz mais... diz que outro laço estranho a mim não lhe prende o coração!... Oh!... mas pode prender-lhe as ações!... Afirma de contínuo que me idolatra... que sou eu quem *dirige seus pensamentos, e comanda sua vontade*; e com tudo isto foge da minha vista!... pois não terei ânimo de lhe falar, mas hei de lhe escrever. Assim o fez, mas Edgard respondeu-lhe sempre misterioso. Foi todavia à casa dela, um ou dois dias depois desta última carta.

A prosa do amor

Pareceu-me que Irmínia estava mais contente depois que vira Edgard; mas passados alguns dias veio procurar-me, pedindo-me que lhe valesse com o meu conselho de amiga; vi que estava realmente aflita! e fui com ela passear ao quintal: assentamo-nos à sombra do nosso bosquezinho de baunilhas, e rosas, e lhe pedi que sem reserva me contasse as suas penas.

– Sem reserva!... ele usa muito desta expressão, disse Irmínia suspirando, e todavia ele é quem não sabe ser sincero! Antes me desse logo um desengano mortal; era um golpe que terminaria de uma vez o meu amor, ou a minha vida, mas este mistério mata-me a fogo lento, é a pior das mortes! o pior dos tormentos o receio em que vivo!... Olha minha amiga, Edgard esteve comigo; pareceu-me tão meigo, tão apaixonado como nunca o vi! Não tive ânimo de o acusar da sua ausência!... dois dias depois escreveu-me a carta mais apaixonada; aqui a tens olha bem como principia!...

Ditas estas palavras tirou Irmínia da sua carteira uma carta que logo em começo dizia assim:

“Uma eternidade me pareceu o dia de ontem porque longe estava daquela que é o único ídolo do meu coração, todavia é forçoso guardar as importunas considerações da sociedade” (aqui lhe referia os motivos que lhe obstavam o ir vê-la, e participava que tinha de presidir a uma reunião, mas que depois das duas horas desse mesmo dia voaria a vê-la) em um dos parágrafos da mesma carta dizia “a razão, esse meu valente baluarte jaz de todo aniquilado!” passadas mais

algumas linhas tornava “enfim a minha última resolução está tomada!... sou teu!... só peço que jamais o vencedor abuse da fraqueza do vencido.” etc.

– Parece que Edgard evitava a tua presença disse eu a Irmínia, porque lutava ainda por vencer o amor que lhe inspiraste!...

– É certo, replicou Irmínia; pois admira ainda outra coisa. Sabe que foi ver-me, que me deu as mais evidentes provas de afeto; quase todos os dias ia estar algumas horas em minha companhia, e parecia não ter forças para se separar de mim!... jurava não poder viver já sem me ver, sem estar comigo a todo o instante!... A sua candura, a sua meiguice, a sua delicadeza encantavam-me! Protestava a cada momento a sua inteira sujeição à minha vontade, de que eu jamais abusaria; mas eu ambicionava tanto a posse daquele coração, que te confesso que me senti orgulhosa do meu poder! Fantástico poder!... Eu sonhava ser a mais adorada, a mais ditosa das mulheres! Crédula que eu fui!... mas para que te hei de referir circunstâncias que a ti pouco, ou nada interessam, e que por minha desgraça estão gravadas no íntimo do meu coração! Oh! as expressões que ele me dirigia!... o seu amor... o seu entusiasmo, foram a minha felicidade; são hoje o meu suplício!

– É impossível!... exclamei com a maior surpresa; tão poucos dias durou depois de feliz, de correspondido um amor que permaneceu puro extremoso quando infeliz, quando não correspondido?!... Por Deus, Irmínia, explica-te, quero ainda aprender a conhecer o coração do homem, não para fugir a algum Edgard, não os temo; mas para escrever alguma coisa com perfeito conhecimento de causa... para ver se tantos exemplos aproveitam ao nosso infeliz sexo; e se consigo salvar algumas vítimas, que atraídas qual por encanto, seguem o seu algoz como se fora o Anjo da sua guarda! Ah! minha Irmínia, acabo de crer, não há que fiar em aparências!... Se o teu Edgard é mau, terei de desconfiar de todos os homens do mundo; porque até a mim me pareceu ele um Santo! Dize-me o que te aconteceu; não vamos a julgar só por suspeitas, já vês que te enganaste pensando mal do infeliz...

– E agora enganar-me-ei talvez pensando bem, tornou ela, escuta. – Edgard tinha-me dito que viria ver-me ontem; eu estava com umas dores de cabeça violentas, que entendi melhor escrever-lhe, e transferir para outro dia a nossa entrevista. — Respondeu-me do modo que verás nesta outra carta!... Ah!... combina-a com a que inda há pouco leste! ... vê o que eu poderei pensar. Vê se é este o mesmo homem a escrever... a sentir... em tão poucos dias, que mudança!...

Com efeito Irmínia tinha razão; era uma carta bem diversa da que eu acabara de ler!... Em vez de lhe parecer uma eternidade de angústias os dias em que não a via, ele buscava essa eternidade como único meio de escapar a um mal que ele não declarava!... Dizia-lhe que não podia ir vê-la no dia que lhe indicava; dizia que nesse dia partia para o campo; e lá se conservaria dois meses!... e ultimava

nestes termos – “necessito descansar; e quem se sabe se um terrível desgosto me lançará no descanso dos túmulos?!... é uma página que só o futuro há de abrir; nela está escrito o destino do teu sincero amante – Edgard –”

Sincero!... mui pouca sinceridade respira esta carta; e contudo o que ela deixa ver é uma desesperação concentrada!... mas tu que fizeste, Irmínia?

– Escrevi-lhe logo, tornou ela, pedi-lhe que fosse ver-me antes de ir para o campo; escrevi-lhe com muita paixão, expliquei o motivo de haver transferido a nossa entrevista, e por fim mostrei que desconfiava do seu amor...

– E que fez ele?... Voou a ver-te; a tranquilizar-te, assegurando-te a sua fidelidade? a sua inteira sujeição à tua vontade, que unicamente comandavas?... a mostrar o cuidado que lhe merecia a tua saúde?...

– Nada disso, minha amiga, escreveu-me, antes de partir hoje, esta carta protestando o seu eterno, e verdadeiro amor, jurando ser eu a única pessoa que ele adorava, e a quem estava ligado; promete voltar a ver-me!... e dá-me os epítetos de cruel, mil vezes cruel!... injusta!... aspérrimo coração!... Oh! a mim!... a mim aspérrimo coração!... Eu que tantas provas lhe tenho dado de uma cega paixão!...

– Eis o teu mal, disse eu a Irmínia, perdoa, mas atende, não há homem algum que tenha a generosidade de não abusar da paixão de uma mulher; enquanto duvidam do seu amor, ou quando receiam perdê-lo, buscam desvelados os meios de o segurar... mas certos que estejam do seu triunfo!... Oh! fazem-se logo muito graves!... e ainda isto não é o pior!... se eles só se tornassem graves!... mas é que até toda a sua delicadeza usada antes se converte em aspereza, para não dizer outra coisa... todo o seu extremo se converte em desprezo e...

– Pelo amor de Deus, bradou Irmínia, não prossigas, pois eu hei de acreditar que a moral está perdida num sexo que deve aliás dar-nos o exemplo!... guiar-nos... proteger-nos... Oh! se todas as mulheres pensassem assim como tu!...

– Não teriam nenhum homem por amante, lhe respondi interrompendo-a, mas todos por muito bons, muito honrados amigos.

– Mas tu amaste, e prova que te ligaste aos laços conjugais, tornou Irmínia.

– Aí vens tu com o estribilho usado já de longos tempos por todas as candidatas ao Santo Matrimônio! Pois respondo-te, com toda franqueza que o ter casado uma, ou vinte vezes, se possível fosse, não prova que amei; entretanto não quero negar isso; antes direi para dar mais força ao meu discurso que é essa mais uma razão de me ser permitido o discorrer em tal assunto; sendo certo que ninguém pode ser mestre, sem primeiro ser discípulo; e neste caso tenho-te grande vantagem porque aproveitei as lições que tu esqueceste!... Por isso eu gozo o prêmio da liberdade, e tu o castigo da escravidão!

– Tu livre!... me disse Irmínia, tu que és escrava desses mesmos laços!... Os teus filhos!...

– Os meus filhos sim, porque são inocentes; porque precisam de mim; porque me adoram acima de todos os seres da Terra! Acredita Irmínia, eu quero voluntária escravizar-me; eu não consentirei jamais que me escravizem!... Quero escravizar-me por quem mereça o meu amor, jamais por quem me despreze! Bem vêes que esse abatimento degrada qualquer senhora! e que homem de bem quererá amar uma senhora que se deixe aviltar!... Nunca será homem de bem o que pretender humilhar a sua amante, ou a sua consorte. Eu no teu caso havia de esperar que Edgard me desse uma satisfação do seu procedimento: que ele faltou a todos os deveres do amor, e até das atenções que lhe merecias, é bem conhecido; todavia ignoramos se uma razão oculta... uma nova intriga talvez... um ciúme desesperado... é só a meu ver o que o poderá desculpar; inda assim adverte que eles muitas vezes para encobrirem suas faltas usam da capa do ciúme... recorrem a uma fantástica suspeita... eles que não dão licença a mulher alguma para ter ciúmes... querem a todo o instante martirizar-nos afetando indiscretos zelos... mas não é zelo... é... nem eu sei o quê!... é até fazerem mau conceito da senhora que escolheram... a falta de inteira confiança na pessoa que se estima, é terrível flagelo!... mas eles querem uma lei para si, outra para vós... Dize por exemplo a Edgard que desconfias que ele ama outra; e verás como desespera; ao passo que ele quererá que lhe sofras paciente as suas injustas suspeitas.

– Então bradou Irmínia, é a lei do escravo, e do senhor? Pois não; esperarei a sua justificação, que a meu ver já não pode reparar o mal que ele fez com este passo a si mesmo... Sim, porque ainda que o meu coração o queira absolver, a minha razão o crimina! Uma senhora de bons sentimentos quer antes perdoar ao seu amante uma injustiça do que sofrer uma desatenção! De hora em diante já não acreditarei em todas as palavras de Edgard; e confesso-te que antes quisera perder o seu amor do que a boa opinião que dele tenho formado! foi nesta opinião que se baseou o meu amor; perdida esta boa opinião, o amor não pode sustentar-se; há de forçosamente cair... Será tal a minha desgraça que eu me tivesse iludido tanto!... Senhor aclarai-me a verdade!...

Vi Irmínia tão consternada que tratei de a distrair; mas em vão! Retirou-se, pedindo-me que a fosse ver, pois sentia-se muito doente; e com efeito assustou-me a palidez do seu rosto! um mármore não era mais frio que suas faces, e suas mãos! Recomendei meus filhos à minha fiel criada, e acompanhei Irmínia a sua casa, fazendo que logo se recolhesse ao seu quarto, e obrigando-a a tomar chá bem quente a ver se não sucumbia ao frio mortal que parecia ter-lhe gelado o sangue!... Não a deixei aquela noite; mas a infeliz passou cruelmente, e apesar disso, no dia seguinte, ergueu-se; ao assentar-se a escrever algumas linhas deixou cair a cabeça sobre a mesa; estava ardendo em febre!...

Plena revelação do segundo mistério

Deixemos a triste Irmínia entregue aos mais terríveis combates do amor com o orgulho, sentimento nato com os gênios superiores, e que prodigiosamente equilibrava a excessiva bondade de coração de que Irmínia era dotada: pronta sempre a perdoar a todos; a disfarçar qualquer falta contra ela cometida, como não perdoaria ao seu amante que adorava mais que a própria vida, se uma falta de lembrança.... de atenção, (indesculpáveis no amor) não lhe despertassem na alma aquele sentimento que em vão o amor pretendia sufocar! Irmínia sabia dar o mais súbito valor a qualquer demonstração do afeto de Edgard; e é por isso mesmo que ela sabia intimamente sentir ainda a mais leve ofensa; e como diz Bocage – *A frouxidão no amor é uma ofensa* – Irmínia desesperava de ver a frieza com que o seu amante se portou! Deixá-la doente, e cercada de mil cuidados, e suspeitas!... aumentar-lhas sem receio de a desgostar!.... de agravar o seu padecimento físico!... Ele, que antes tão desvelado, e solícito era em demandar notícias da sua saúde; em se afligir com o mais leve incômodo de Irmínia; já pode estar sem a ver... sem saber dela!... já não receia afligi-la! Oh! se os homens conhecessem o coração da mulher, nunca se exporiam à decisão de tais combates!... Eu não sei qual será mais culpado aos olhos da mulher de sentimentos elevados; se aquele que tem cometido um excesso no amor, ainda que daí lhe resulte graves danos; se aquele que se esquece das atenções devidas à sua amante! Parece-me que é esta a falta que não se perdoa, porque é falta de amor; pois quando pretendem não cometem jamais essas desatenções!... Excessos de amor perdoam-se facilmente... mas faltas de amor... isto é mais custoso!... E faltas cometidas por quem tanto pensa; e é naturalmente atencioso; tão polido, e tão refletido!... Eis os dolorosos pensamentos de Irmínia!... Deixá-la-emos velando as noites, amargando os dias, anhelando mesmo a morte para terminar tão árdua luta, fazendo mil projetos cujo resultado era uns destruírem os outros; escrevendo muitas cartas, e rasgando-as logo... enfim deixemos entregue à desesperação esta vítima do capricho, da inconstância, ou da crueldade do seu amante!... O maior favor que lhe podemos fazer, julgando-o com excessiva indulgência, é supô-lo alucinado de fantásticos ciúmes; ou inexperiente no verdadeiro método de firmar o amor de uma senhora briosa!... Seja o que for; o tempo o absolverá, ou condenará; nós por agora não lhe podemos perdoar as dores que faz sofrer a uma infeliz que o ama, e que merecia toda a sua contemplação!... Vamos informar o leitor de um novo personagem que vem aparecer em cena quando a ausência de Edgard tem estimulado o amor-próprio de Irmínia, e ferido gravemente o seu coração!... É um ente misterioso, apaixonado por Irmínia, desesperado por saber que ela ama outro, que ele pensa conhecer, mas não conhece. Fazendo as maiores finezas, os maiores sacrifícios por ela, usando as mais estudadas atenções!... E Irmínia

insensível a este, como a todos os mais; e Irmínia fiel a um ingrato repulsa o afeto deste jovem que perdida já toda a esperança de obter o amor de Irmínia vai valer-se de uma amiga dela para advogar a sua causa... ocultar porém o seu nome que só revelará no momento em que puder ser apresentado a Irmínia!... Ah! Edgard!... Olha o castigo da tua imprudência!... Contempla o raio vingador perpendicular sobre a tua cabeça prestes a desfechar!... Se estás inocente, Mão poderosa de Deus o desvie.... Se culpado, caia sobre a tua cerviz... perece!... e contigo possam perecer todos os ingratos!... A morte é a devida punição dos ingratos e traidores... nenhum devia existir senão nos infernos!

Mas triste condição do amor em peito generoso!... Irmínia sente um desejo de se desafrontar, de se vingar mesmo da ingratidão, ou injustiça do seu amante; desejara perder-lhe o amor... deixá-lo... ela que não quer ver um amor sublime tornado causa ordinária!... ela que não sabe amar, que não quer ser amada senão com um amor poético!... no momento de ter em suas mãos a vingança, treme!... horrorisa!... Ah! meu Edgard!... clama ela ao receber uma apaixonadíssima carta do jovem misterioso, terei eu ânimo de ler... de tocar com as minhas mãos as letras de outro homem que pretende roubar o coração que é só teu! Nunca!... não terei ânimo de me vingar de um modo tão vil! tão indigno de mim! Reagiste, amor!...

Fechando a carta entregou-a à criada, dizendo que a desse a quem fosse buscar-lhe resposta da mesma carta. Assim aconteceu; mas nem por isso o jovem esmoreceu!... Era incansável em seus desvelos por mover ao menos a curiosidade de Irmínia! parece que muito de propósito estudara aquele mistério para acender no coração da mulher extraordinária o desejo de conhecer o ente que a amava, que a pretendia alcançar por modo tão extraordinário!... Os outros fazem-se conhecidos pessoalmente antes de fazer conhecer o seu amor; este quer primeiro ser conhecido, ser amado pelos seus sentimentos do que pela sua pessoa!... Parece confiar muito nas virtudes de Irmínia que prefere as qualidades morais às físicas!... e não conhece que estas mesmas virtudes a defenderão de atraí-lo o seu amado? Confiará este homem talvez demasiadamente em si?... Oh! mas ele não quererá permanecer sempre oculto... Só conhecido por seus escritos, por seus excessos... revelar-se-á um dia!... e que verás tu Irmínia, um anjo, ou um demônio!... Um demônio já o considera Irmínia, porque vem perturbar uma união tão santa! perturbar!... e por quê!... nem ele, nem o universo inteiro seria bastante a perturbar a nossa união, se Edgard me fizesse justiça... Se me amasse como eu o amo!... Oh! as forças todas do mundo, ou do inferno jamais me fariam vacilar!... Eis aí como discorria Irmínia, e com estas ideias ia desaparecendo o seu ressentimento contra o seu amado Edgard; que ela não podia ver atacado sem defendê-lo com todas as suas forças! E todavia não sirva de regra este proceder, este sentir de Irmínia! Nós aconselhamos a todos os homens que desejam conservar ileso

a fidelidade de suas amantes, ou esposas, que não lhes deem jamais ocasião de reconhecer que outro homem as estima, as acata, as considera mais do que o seu amante, ou o seu marido! É certo que uma senhora virtuosa resiste a todas essas provas; mas também é certo que o coração feminino ressent-se muito de qualquer ofensa; e não se deve confiar tanto na generosidade de um ente ofendido... Nem é prudência exporem a pessoa que amam, nem é nobreza o reduzirem-se ao estado de carecerem da indulgência das suas queridas... Nem todas têm a coragem, as ideias... o coração de Irmínia. Irmínia firme como um rochedo repeliu as ondas que assaltavam a sua constância; e fiel ao seu Edgard esperou o seu regresso a Lisboa, o qual se verificou depois de três dias contados do dia da sua partida.

Ao chegar Edgard soube que Irmínia estivera doente; teve uma agonia extrema, e voara a vê-la, se lho permitissem suas forças prostradas com a violência daquele golpe! Pôde contudo traçar algumas linhas, e prevenir Irmínia da sua visita; sentiu-se reviver a infeliz ao ler a carta de Edgard!... Era Edgard todo amor... toda poesia!... Ele voou a vê-la... não pôde conter a sua emoção; e foi então que Irmínia conheceu visivelmente que terrível desconfiança ralava o coração do seu amante... que desesperado fora entranhar-se no campo, e contudo o amor, a saudade o trouxeram para junto da sua Irmínia! que ele imaginava no gozo de mil distrações, e encontra sucumbida ao golpe da sua ausência! O amor por excessivo causa graves danos por não haver conhecimento perfeito do caráter da pessoa que se ama; e porque julgam (com razão) tão iminente a felicidade de uma verdadeira união, e igualdade de sentimentos, que sempre receiam o pior. Unidos intimamente pelos laços da mais forte simpatia, Edgard e Irmínia eram um só ente. Edgard mostrou o desejo de terminar de uma vez todas as suas inquietações; e dirigiu a Irmínia estas palavras:

– Irmínia... basta que me assegures que és livre... eu creio mais nas tuas palavras, do que em quantas certidões me possam apresentar: alguém me disse que teu marido existia...

– Meu Deus, exclama Irmínia, é possível!... e quem ousou dizer-te essa falsidade?

– O Major ***, torna Edgard.

– Ele!... e foi ele também quem me disse que tu eras casado!... ele que me trouxe... espera... ditas estas palavras correu a uma gaveta, e pesquisando-a em vão, bradou:

– Roubaram-ma! ... a certidão de óbito de meu marido, que o Major me trouxe de Espanha!... Eu a tinha aqui nesta carteira, e ele o sabia!... Oh! Edgard, juro-te que é verdade; juro-te que sou livre, se é que uma certidão passada com toda a legalidade; se é que todas as notícias não mentem... Agora sim, é que eu

receio que um fatal enredo tente separar-nos!... Será esse Major que se interesse pelo misterioso mancebo!...

– Quem?!... pergunta Edgard convulso.

– Um, torna Irmínia, que incessantemente me está mortificando com cartas que nem já leio, e só enganada as recebo.

Ah! compreendo tudo, minha Irmínia! São os mesmos que me têm feito imaginar que tu não eras a mesma Irmínia!... que me fizeram pensar que me escreveras aquela carta transferindo a nossa entrevista porque queres evitar a minha presença para estares em outra companhia!... perdoa!... perdoa a minha alucinação!... nunca mais te deixarei só exposta à astuta sedução! nunca mais terei ocasião de fazer que duvidemos um do outro! Termine-se de uma vez todas as suas pretensões, e nossos receios. Seremos tão ligados um ao outro que nem a morte há de nos separar.

– Era o motivo por que fugias de mim, Anjo de virtude!... disse Irmínia, num transporte de alegria que não pôde conter, julgavas-me presa a outros laços!... Não sou senão tua... tua unicamente serei até ao derradeiro suspiro! Maldito seja quem pretender separar-nos.

O casamento, e a mortalha no céu talha

Lembremos o honrado sacerdote que encontramos na Igreja do Convento SS. Coração de Jesus; e que nos fez conhecer Edgard: era o padre J... A ele se dirigiu o apaixonado jovem, e lhe rogou que se encarregasse dos arranjos dos papéis para o seu casamento com Irmínia de modo que se efetuasse quanto antes a sua união, e sem estrondo: assim o cumpriu o seu bom amigo, e passados poucos dias Edgard foi ver a sua amante, e lhe pediu que elesse o dia em que deveriam solenizar ante os altares a sua união: este dia foi aprazado... chegou enfim! A aurora não despontou risonha!... Era no começo da invernosa estação. Os dois fiéis amantes se dirigiam à Igreja. Incompreensível comoção que se apoderou de Irmínia parecia agourar-lhe grande infortúnio!... Ao aproximar-se a hora da cerimônia eclesiástica, um negro presságio lhe abafou o coração! Sentiu um doloroso gemido que se lhe afigurou sair de uma sepultura junto à qual ela havia ajoelhado!... Soou finalmente a hora tremenda em que a voz do sacerdote liga para sempre na Terra os destinos de dois entes!... Ah! se eles se amam como este ditoso laço! pudesse a morte jamais cortá-lo!... mas se ao contrário só humanas considerações aconselham, obrigam a um ato em que primeiro o coração deve ser ouvido!... que triste... que insuportável prisão!... É um sacrifício que Deus não aceita, não aprova, não abençoa!... Mas Edgard, e Irmínia se adoravam!... Eles iam ser felizes podendo pertencer um ao outro sem incorrerem na censura dos homens!... sem que o mundo condenasse uma afeição, que Deus já havia

santificado! Suas mãos estavam já unidas, e as últimas palavras do Ministro do Altar iam proferir-se, quando um homem desesperado rompe por entre os dois amantes, separa-lhes as mãos, e brada – Esta senhora não é livre como crê; seu marido vive ainda. –

Ao eco destas horríveis palavras; a este ato de desesperação, sucedeu um silêncio profundo! Todos os espectadores pareciam assombrados de um raio!... E Edgard, e Irmínia como ficaram!... Pôde ele resistir olhando indignado para o homem que acabava de cortar-lhe a felicidade maior, única da sua vida; e desejara naquele momento arrancar-lhe o coração da mesma sorte que ele lhe havia arrancado a mão de Irmínia!... Porém será verdade!... Ela não será livre! E estas ideias continham os transportes do seu furor; porém a desgraçada Irmínia reconhecendo o seu perseguidor perdeu a voz, e o movimento; e momentos depois baqueou sobre o degrau de um altar; fria como um cadáver! E era um cadáver que dois perdiam!... Edgard a erguia em seus braços, ao mesmo tempo que o seu adversário tentava também erguê-la do chão. Oh! nunca...nunca! brada Edgard, não consentirei que outras mãos toquem o seu corpo! Afaste-se, ou... E sacudindo-o com força pediu a um soldado que ali se achava, fosse logo, logo buscar-lhe uma sege. O padre para evitar algum desgosto maior chamou o acusado à sacristia; e ali escutou, e escreveu quanto ele lhe declarou. Entretanto chegara a sege, e Edgard agradecendo ao soldado, e tomando o seu nome, lhe pediu o fosse procurar à casa de Irmínia, que lhe indicou. Ajudado pelo mesmo soldado, e mais pessoas que ali acudiram, colocou Irmínia na sege, e ele entrando também a susteve nos braços, e fechou as cortinas, dirigindo-se a sege à casa da sua querida... ali estavam os amigos, e os filhinhos da infeliz esperando os noivos para os receberem espalhando sobre suas frentes, e na sua passagem as flores que haviam colhido!... Qual a nossa admiração ao ver aproximar-se a sege com as cortinas fechadas!...

Para não fazer tão público o ato do seu casamento, em atenção a ser Irmínia viúva muito recente, os dois amantes haviam ido a pé, como se fossem a um passeio de manhã; e por testemunhas escolhera Edgard dois amigos seus, que não o abandonaram; e chegara logo depois um deles, trazendo um bom facultativo; enquanto o outro entrando na sacristia inquiria os motivos do impedimento que houve; a fim de ver se eram justificados.

O facultativo examinando o pulso da infeliz, e depois de inúteis esforços para lhe restituir os sentidos, tirou do estojo a lanceta dizendo – uma sangria já – Meu Deus!... estará morta! brada Edgar; – Não, porém muito perigosa, torna o doutor; e sangrou Irmínia no braço esquerdo: custou muito a sair o sangue, e apesar de mui dilatada a sangria, permaneceu Irmínia ainda imóvel!... Pela noite adiante proferiu algumas palavras truncadas: no dia seguinte a aparição de um delírio completo anunciou um estado que nos fez tremer! Não conhecia pessoa

alguma; seus olhos espantados pareciam procurar alguma coisa que não podia ver; e de quando em quando horrorizados se fechavam como para evitar a vista de um fantasma em que muito a miúdo falava; apertando as mãos com tanta força que parecia quebrarem-se!... Chamava os filhos; o pai, a mãe; e o seu... Anjo da guarda; repetindo, – não quero dizer o teu nome, que o fantasma pode ouvir, e arrancando-me a tua mão!... – Nisto se afogava em lágrimas!... A febre aumentava cada vez mais. Passados cinco dias um abatimento mortal sucedeu à alienação; não via, não falava, não sabemos se sentia!...

O seu aflitíssimo Edgard chamando o auxílio de todas as forças da sua razão para não sucumbir à dor, enquanto a sua amante carecesse de seus desvelos; não a abandonava nem um momento, mas triste! Este mesmo esforço da razão, e do amor te vão aniquilando a saúde!

Dois anos de trevas

Uma noite em que Irmínia deixou-nos perceber que estava em estado de ver, e ouvir alguma coisa, o médico mandou que sacramentassem, desejando aproveitar aqueles momentos de crise para preparar-lhe a alma, que as esperanças da vida lhe iam esvaecendo de dia em dia: julgou prudente afastar Edgard, e para esse fim pediu que chamassem o honrado padre J... que veio imediatamente. Ao vê-lo Edgard se afligiu muito, como receoso que alguma notícia pior lhe agravasse a sua justíssima dor; assim aconteceu. O padre J... contou-lhe que o impedimento fora justificado, mostrando-se com testemunhas fidedignas, e mais provas que Irmínia era ainda casada, e tanto que o mesmo seu marido foi quem lhes dividiu as mãos...

– Meu Deus! exclamou Edgard, sufocando em lágrimas, então já não me resta nem uma única esperança! Até aqui animava-me a esperança de a ver melhorar com os meus desvelos! agora, ainda que ela resista à cruel enfermidade terei de sucumbir à dor, à desesperação de a ver nos braços de outro!... Oh! nunca!... nunca meu Deus, permiti antes que ela morra; e eu segui-la-ei!...

– É seu marido, disse o padre interrompendo-o.

– É um homem, torna-lhe Edgard, que me importa se é ou não seu marido? é um homem... um demônio que me rouba a posse de um coração que era meu todo inteiro!... Ah! isto é mais que morrer!... Oh! minha Irmínia.

Ditas estas palavras correu como fora de si para o leito de Irmínia, a qual reconhecendo-o estendeu a mão, dizendo com voz fraquíssima estas palavras (que mal se podiam perceber, mas que Edgard distinguiu perfeitamente). Meu Edgard...

– Teu!... Sim, brada Edgard, teu sempre... e apertando-a nos braços com um frenético transporte, caiu sem forças e sem acordo. No mesmo instante solta

Irmínia um grito, o primeiro som de voz claro que se lhe ouviu depois de 8 dias, e ficou prostrada no estado espasmódico em que a tivemos; e pareceu-nos impossível agora restituí-la à vida! O bom do padre J... aproveitando este incidente conduziu o seu amigo em uma sege onde viera; levou-o para sua casa; e ali o trouxe desveladamente.

Entretanto Irmínia tornando a si, perguntou logo por Edgard ; disseram-lhe que estava repousando depois do desmaio que teve, e que precisava tratar-se... é justo, disse ela, tenham com ele todo o cuidado...Ah! que não possa eu ser a sua enfermeira!...

Pareceu animar-se com este desejo. O médico falou-lhe nos sacramentos, que ela com muita satisfação esperou, entregando-se nas mãos de Deus, e implorando à virgem N. S. das Dores que ou lhe desse vida para viver feliz com Edgard, ou a chamasse desta vida de tormentos para o eterno descanso. Recebeu os sacramentos com a mais fervorosa devoção; chamou seus filhos que abraçou, e abençoou, recomendando-os sempre às suas verdadeiras amigas, para que na sua falta lhes servissem de mães. Assombrou-nos o ânimo com que Irmínia se assentara na cama para receber o Santíssimo; e entendemos ser o que vulgarmente se chama *visita de saúde*.

Notamos um caso digno de atenção. Entre as pessoas que acompanharam o Santíssimo vinha um jovem alto, e de boa presença, que ao encarar Irmínia se desfez em lágrimas, dando mostras da mais íntima comoção! – Um só dia não passava sem que o mesmo jovem viesse duas, ou três vezes perguntar pelo estado de saúde de Irmínia; sem dizer jamais o seu nome.

Irmínia era naturalmente muito robusta, e muito nervosa; a sua robustez, e sua ardente imaginação a auxiliaram; de modo que em poucos dias sentiu-se com ânimo de se erguer da cama; perguntava por Edgard, e nós lhes respondíamos que estava em casa do seu amigo o padre J... tratando da sua saúde, e que ia melhor.

Por estes tempos recebeu Irmínia uma visita de grande consideração, era o Marquês de *** que vinha anunciar-lhe que seu marido estava diligenciando tirar-lhe seus filhos, e conduzi-los consigo para Gibraltar; onde residia.

– Meu marido!... ah! triste de mim!... agora me lembra!... e julguei eu que era efeito de um delírio na minha doença! mas foi a verdade!... Eu o vi, eu o reconheci, naquele dia fatal que devia fazer-me a mais feliz das criaturas, e em que me pareceu ouvir um gemido erguer-se do fundo de uma sepultura, e era um espectro que interpôs barreira invisível entre dois entes que Deus criou um para o outro!... Onde está ele?... meu marido...

– Em casa do Major ***, diz o Marquês, descanse porém que não lhe levará seus filhos... V. Ex.^a tem um bom protetor... o tempo lho revelará; fique pois

prevenida para não ceder às instâncias dele, pois só pretende iludi-la, por fins sinistros a que o levaram as suas más intenções, e os conselhos de um perverso...

– Enlouqueço, brada Irmínia... Senhor... como tudo isso acontece!... pois eu não tive em minha mão uma certidão d'óbito que me deu o Major... e meu marido aparece vivo!... Ah! bem pressago foi o meu coração de Edgard!... Pois atenda a minha firme resolução... Ainda que meu marido tivesse as melhores intenções a meu respeito, eu não tornaria para sua companhia... porque, senhor Marquês, nunca o amei, ele foi um verdugo que me flagelou a existência enquanto estive com ele, e nunca eu disse isto a ninguém!... respeitei a sua memória quando julguei que Deus me havia resgatado do meu doloroso cativeiro! Abandonou-me com dois inocentes seus filhos, e nunca procurou saber de nós; e pretendia que eu com tais motivos, e crendo-o morto, não amasse, não estimasse ligar-me eternamente a uma anjo de virtudes!... Não tornarei a ver Edgard, paciência!... mas não posso já perder-lhe o amor!... nunca serei de outro!... Um convento me esconderá como um sepulcro aos olhos do universo!...

Chorava e soluçava a ponto que o Marquês julgou prudente retirar-se, e lhe pediu que tranquilizasse o seu espírito, que talvez ainda fosse feliz.

Era com efeito o marido de Irmínia, que não morreu no campo, mas fora para o Brasil onde esteve um ano, e regressou a Gibraltar sem nunca se lembrar de sua esposa, nem de seus filhos. O Major valendo-se da confusão do combate na queda de Bilbao, e sabendo que o marido de Irmínia fora para o Brasil, com tentções de não tornar à Pátria, fez acreditar que um dos mortos no combate era o esposo de Irmínia, enganando a todos a semelhança que havia entre este e o morto, que se achava despojado de seus uniformes; e porque todos, menos o Major, ignoravam a deserção daquele oficial, marido de Irmínia. E qual era o motivo desta estratégia! Uma concentrada paixão que o Major nutria por Irmínia, e que voltando a Portugal esperava ver coroada oferecendo-lhe a mão de esposo; que de outro modo a virtude de Irmínia destruíra todas as suas tentativas. Viu frustrada esta esperança pela paixão de Irmínia por Edgard, que ele Major conheceu logo em princípio, porque aos vigilantes olhos do ciúme não valem disfarces; tramou em vão para desunir aqueles corações; e sabendo que o marido de Irmínia se achava em Gibraltar, tendo até mudado o nome, escreveu-lhe, dando-lhe parte que sua esposa estava vivendo com Edgard, e que fazendo-o passar por morto ia desposar-se. O marido de Irmínia por natureza propenso ao mal, e que só para lhes destruir alguma felicidade se lembrava dela, e fazia valer os seus direitos de marido esquecendo aliás os deveres, veio logo a Lisboa, e esteve em casa do Major até ao momento de separar os dois amantes no ato da sua união; porém nada mais quis senão levar seus filhos, para desgraçá-los também com a péssima educação que teriam à vista do exemplo da conduta irregular de seu pai: eram os conselhos do Major que assanharam ainda mais a sua má índole, pois não

podendo de outro modo, o Major o buscava como instrumento da sua vingança. Inúteis foram os esforços do marido de Irmínia para arrancar-lhe os filhos, e chamá-la à sua companhia. – Inúteis também as diligências de Irmínia para entrar em um convento, deixando seus filhos a meus cuidados, e do honrado padre J... As autoridades não consentiram. Uma oculta, e poderosa mão protegia Irmínia sem que ela pudesse conhecer quem era o seu protetor.

Bem depressa enfadado de requerer em vão, e contente com o mal que fez, o marido de Irmínia tornou para Gibraltar, abandonando inteiramente seus projetos acerca da esposa, e dos filhos; e ela entretanto o que faria? chorava noite, e dia, a sua infeliz situação, privada de ver, e até de ter notícias de Edgard, que lhe asseguravam todos, até o mesmo padre J... que se havia retirado para longe de Lisboa. – Sem me escrever!... dizia ela, dizer-me um adeus!... ah! Edgard pensará que o iludi!... que fui uma perversa, ele que só ama a virtude! Deus de imensa justiça, e misericórdia, compadecei-vos de mim... justificai-me!... Devo esquecer-me dele como amante; conformar-me-ei com a sua indiferença; mas que pense mal de mim é atroz!...

Na mais profunda melancolia a infeliz sentia fugir-lhe a vida, ignorando a sorte de Edgard! Se não fosse o amor por seus filhos, e o cuidado na sua educação, teria sucumbido à sua dor, e insuportável saudade; mas era mãe; esta missão de que Deus a encarregara era tão sagrada!... devia cumprir-se fielmente para merecer que Deus lhe valesse!... Conhecia a extensão de seus deveres, e suas esperanças por Edgard haviam sido cortadas pela raiz!...

– Não tenho já que esperar do amor de Edgard, mas quisera antes da minha morte saber que ele é feliz, e que não me aborrece!... que soubesse toda a verdade!... Repetia a sós de contínuo estas expressões; e tornando a concentrar-se na quinta da Conceição na estrada de Chelas, separada de toda a sociedade, além de seus filhos (que até eu por circunstâncias imperiosas tive de me ausentar deste Reino) via a minha infeliz amiga, privada de todo o conforto, acelerar-se pelos pesares a carreira de seus dias, sem que no espaço de dois anos tivesse um só motivo de alegria, uma só notícia de Edgard! Estava já reduzida a um estado de abatimento em todas as suas feições, outrora tão animadas, que só despertava compaixão, aquela cujo espírito inspirava tão vivas simpatias!... Oh! quem nunca o deixara aniquilar vencido pela força de um sentimento que nascendo é fácil de subjugar, mas que avultando se torna superior a todas as forças da razão que não soube prevenir-lhe o excesso!

A dispetto della nebbia il sol riluce⁵

⁵ Nota do original: Nas minhas viagens à Itália vi esta legenda no frontispício de uma pequena estalagem de campo, não longe de Florença.

Tendo estado em Inglaterra, França e Itália, regressei enfim a Portugal. Chegando a Lisboa, não obstante as atribulações que então me oprimam, um de meus primeiros cuidados foi procurar Irmínia. Encontrei-a... mas como!... Dez meses haviam decorrido apenas, e seu rosto parecia ter visto passar dez invernos! Quanto pode o desgosto! Perguntei-lhe por Edgard; um não sei acompanhado de uma torrente de lágrimas foi a sua única resposta! Arrependi-me de haver magoado as feridas do seu coração, e cuidei em distraí-la contando-lhe alguma coisa do muito que eu tinha visto, e sofrido!... Esta narração talvez fosse um interessante episódio; mas é circunstância que pertencendo à história da minha vida, se torna estranha aos amores de Irmínia, assunto deste romance; e portanto deles unicamente vou dar notícias ao leitor.

Às dez horas da manhã de um dos primeiros dias do mês de fevereiro do ano de 1839, uma carruagem parou à porta da Quinta de N. S. da Conceição. Quem será? disse Irmínia sobressaltada, e como despertando seu espírito do mortal sono em que seus desgostos a haviam sepultado; -- Quem se lembra que vivo ainda! Um oculto pressentimento lhe chamou à vida todos os sentidos; mandou saber quem era. Um cavalheiro se apeou, dizendo que precisava muito falar-lhe; entrou, e logo reconhecemos num jovem de 24 a 25 anos aquele que tantas lágrimas derramou quando Irmínia se sacramentou!

– Senhora, disse o mancebo, lembra-se de umas cartas, uns versos que noutro tempo recebeu de um jovem misterioso que a adorava; e pretendia o seu amor?... que protestou revelar o seu nome quando tivesse a ventura de ser admitido à presença de V. Ex.^a? pois ei-lo... sou eu Augusto ***.

– O senhor?!... brada Irmínia erguendo-se, e que pretende de mim?!

– A sua amizade, e que aceite das minhas mãos a sua maior felicidade... o seu resgate... seja eu o primeiro a anunciar-lhe que está livre...

– Eu livre!... como assim!...

– Eis aí a verdadeira certidão de óbito de seu marido, morto em Gibraltar de uma apoplexia fulminante, não é esta certidão igual à que o Major lhe enviou, e que lhe roubou para não se descobrir a sua maldade. Esta é legal, como vê, reconhecida pelas nossas autoridades.

– Meu Deus...será crível!... exclama Irmínia derramando porém algumas lágrimas sobre a sorte de seu marido: e V. Ex.^a como ainda se interessa pelo destino de uma infeliz tão próxima ao túmulo!

– Agora é que a minha afeição é verdadeira, pura, desinteressada! Outrora era um amor desordenado, uma louca pretensão; a sua virtude, o seu amor por Edgard confundiram-me; enterneceu-me o seu sofrimento! Eu me envergonhei de haver por algum momento pretendido perturbar a sua união!... Sinto converter-se em sentimentos mais nobres todo o meu amor: amizade, compaixão, o

íntimo desejo de a ver feliz, eis os sentimentos que de há muito me animam por V. Ex.^a. Eu também quis ser herói; a virtude de V. Ex.^a foi um estímulo que me fez seguir o caminho da honra. Observei todos os passos de seu marido; empenhei em favor de V. Ex.^a todas as autoridades, e meus parentes dos quais um aqui veio oferecer-lhe seus serviços, o Marquês ***. Nunca mais descansei! Apenas seu marido se retirou para Gibraltar escrevi ao cônsul português que me desse contínuas novas daquele homem; e eis a carta dele que acabo de receber, e a certidão. Assim pudesse eu entregar-lhe a mão que outrora desejei aniquilar!...

– Ah! quanta virtude!...onde estará ele? A estas palavras de Irmínia o jovem baixou os olhos tristemente.

– Morreria ele, meu Deus! brada Irmínia. Ah! por compaixão alma sensível, e virtuosa, tire-me desta incerteza fatal. O que é feito de Edgard?... casou?... morreu?...

– Não, senhora; enlouqueceu – responde Augusto.

A estas palavras Irmínia se lançou aos pés de Augusto implorando-lhe a conduzisse ao seu amante – Ah! Por que me esconderam esta desgraça!... ter-se-ia evitado talvez!

Ergueu-se o mancebo, e tomando-a pelo braço a conduziu à Quinta de Santa Catarina, mesmo defronte da quinta onde Irmínia habitava!

Quando convalescente, e pouco antes de perder o uso da razão, quis Edgard escolher aquela habitação, lembrando-se talvez que a sua amante voltaria a residir na Quinta da Conceição!... e não o enganou o coração! Poucos dias depois dali estar começou a cismar, tendo perdido o sono e a vontade de comer; evitando toda e qualquer companhia, que parecia aborrecer; buscando a solidão, e terminando enfim em loucura formal que em breve se tornou furiosa! O seu honrado amigo o padre J... não o quis abandonar, nem consentiu que o tirassem do lugar que Edgard elegera. Mandou buscar dois hábeis enfermeiros; mas era impossível conservá-lo solto; de modo que foi preciso mandar pôr grades de ferro na sala onde o desgraçado persistia.

Assim encarcerado o foi encontrar Irmínia! duvidaram permitir-lhe a entrada; mas ela, e Augusto pediram tanto ao padre J... que este consentiu finalmente que Irmínia entrasse, ficando todos prevenidos para socorrê-la quando necessário fosse.

Estava o infeliz escrevendo na parede uns versos; o semblante abatido, e magoado; os olhos espantados; a cor pálida, os cabelos em desordem, e o vestuário rasgado!... Irmínia correu a ele gritando – Edgard, oh! meu Edgard... abraçando-o desfeita em lágrimas. Culparam todos o imprudente transporte do amor de Irmínia, receando que Edgard se enfurecesse; e tivesse a pobre senhora de pagar caro a sua confiança; mas o que aconteceu? O enfermo ao ouvir aquela voz larga o lápis, volta o rosto, encara atento para Irmínia, e brada com toda a força

da sua voz – Irmínia!... E apertando-a nos braços cai sufocado sobre a marquesa em que dormia, cobrindo-se de um suor frio, e quase sem alento. Acudiram-lhe com espíritos que lhe animassem os sentidos; e logo que tornou a si todos se retiraram, menos Irmínia.

Edgard olha em roda de si, e diz:

– Irmínia, Irmínia!... És tu, ou a tua visão, anjo adorado!...

– Sou eu, respondeu-lhe ela; a tua amante... a tua esposa...

– Esposa!... ah!... diz Edgard soltando um horrível grito de desesperação, e ele? aquele dragão infernal que te arrancou de meus braços?... deixaste-o para me acompanhar aqui na sepultura? Sim, deixa-os viver lá no mundo, e nós aqui no túmulo eternamente unidos!... Agora venha ele... venham todos os exércitos da Rússia... não conseguirão dividir-nos!... Acabadas estas palavras, unindo-a ao seio cobria-lhe as mãos, e as faces de ardentíssimos beijos.

Irmínia então lhe pediu que a atendesse; e ele a escutou como se estivesse em perfeito juízo.

Disse-lhe Irmínia que ela era já livre; e que ele dali havia sair para sua companhia, para nunca mais se separarem.

– Sim, sim, responde Edgard erguendo-se, tomando-a pelo braço, e tentando sair sem chapéu, Irmínia lhe ponderou que precisava licença do médico.

– Licença!... para quê?... para ir com minha esposa!... Ora esta? ...dizendo isto pretendia sair do quarto. Augusto apareceu com os enfermeiros. Edgard enfureceu-se ao ver Augusto, fazendo gestos de desesperação, porém sossegou quando Irmínia lhe disse que fora ele quem ali a trouxera. O padre J... estava satisfeitíssimo, e todos esperando que Edgard recobrasse a razão, esperavam ansiosos o dia seguinte para consultar o médico. Irmínia passou a noite junto ao seu amante, e este em tal placidez que até os enfermeiros a quem ela brindou com alguns pintos, foram dormir descansados.

Ao amanhecer vieram saber do doente, e trazer-lhe um caldo. Edgard tinha dormido algumas horas, e acordado com as feições mais ao natural.

Augusto, o padre J..., e o médico entraram; Edgard ao vê-los se perturbou, e segurou Irmínia; esta porém o tranquilizou dizendo que eram amigos. O médico examinando o doente conheceu que dava toda a esperança de melhora, e consentiu em que fosse com a sua amante que era decerto o melhor enfermeiro, e a única medicina para tal enfermidade. Irmínia pediu a todos que aparecessem; e grata se despediu levando para sua casa o seu amante que em pouco tempo se achou inteiramente bom, e crendo um sonho tudo quanto sofreu! Foi preciso contudo um tratamento muito delicado para vencer a extrema debilidade em que estava; mas felizmente Deus permitiu que os desvelos de Irmínia restituíssem ao seu amante o que o seu amor lhe havia roubado! A razão!... o maior bem que possuímos na terra!

Conclusão

Perseguida inocência, em vão não gemes!
Sobem ao céu teus ecos, são contados
Por Deus os teus lamentos! a hora soa
Decretada ao castigo!... eia! respira
Opressa, consternada humanidade!
O céu não deixa sem castigo o vício,
Nem a virtude sem brilhante c'roa.

Olinda, ou a Abadia de Cumnor-Place.
Poema da mesma autora.

Enquanto Irmínia solícita buscava os meios de restabelecer a saúde do seu amante; o Padre J... e Augusto cuidavam em firmar a sua tão suspirada quanto contrariada união; tudo enfim se venceu, e o Todo Poderoso permitiu que o dia 21 de setembro de 1839, raiando puro e sereno visse coroada a felicidade daqueles dois extremosos amantes, eternizado com o laço conjugal aquele do mais ardente, e casto amor que há muito ligara suas almas.

A gratidão dos dois consortes para com o padre J... e Augusto era infinita, e a cada instante se manifestava; porém Augusto receava ainda o quer que fosse!... e não se enganava!...

Uma noite de lindíssimo luar estavam os quatro amigos passeando no jardim, o padre J... com Augusto um tanto desviados de Edgard e Irmínia que se haviam afastado para junto de um arvoredor contíguo ao quintal de uma casa desabitada; conversavam em voz alta, nem uma brisa agitava as folhas, quando de improviso sentiram moverem-se as ramagens do bosque! Súbito receio se apossou do coração de Irmínia, e a decidiu a volver apressada com Edgard para junto de seus amigos; eis que um tiro rebenta no ar com um grande fracasso, e pareceu-lhes sentir um baque na terra! Traição!... gritaram todos!... Acode gente, mas nada se encontra no jardim! Edgard e Augusto saltam ao próximo quintal, e notam estendido no chão um homem nadando em sangue, com uma espingarda a seu lado!... O homem não falava, mas revolvía-se na terra como tentando erguer-se! Aos gritos de socorro vem mais gente com archotes; observa-se a espingarda, era de dois canos; estava rebentada! É um malfeitor bradaram os soldados, e mais pessoas que ali se achavam... É o Major!... grita Augusto!... Com efeito era o Major que tendo-se introduzido naquela casa aguardava a ocasião de matar os dois consortes, quando os visse a jeito; de muito carregada rebentou a arma, e o monstro foi a vítima e o algoz! Antes de expirar confessou toda a sua perversidade; pediu, e obteve o perdão dos virtuosos amantes; deles teve os

últimos socorros, e as honras funerais! Eis como o céu pune o malvado, e premia a virtude!

Vivem estes fiéis extremosos amantes na mais perfeita e ditosa união... Edgard é o verdadeiro nome do amante; se o nome de Irmínia é o verdadeiro nome da sua esposa... onde é atualmente sua residência... São dois Mistérios que não se me permite ainda revelar. E contudo, Edgard terá forçosamente de aparecer outra vez em meus escritos!... Então ser-me-á impossível deixar de o fazer conhecido! Quanto a Irmínia ela consente que a esse tempo eu revele o seu verdadeiro nome, e mais circunstâncias que aqui se omitem.

FIM

CATARINA MÁXIMA DE FIGUEIREDO

Pesquisa, seleção e atualização ortográfica por
ELISABETH FERNANDES MARTINI



6

Em 1829, veio ao mundo a segunda filha de José Maria de Figueiredo de Abreu Castelo Branco, senhor da Casa de Guiães, e Genoveva Rosa de Azevedo. Catarina Máxima de Figueiredo de Abreu Castelo Branco era o seu nome.

Ainda solteira, a morgada principiou a colaboração no *Novo Almanaque de Lembranças Luso-brasileiro* (1851-1932), a partir do oitavo número de circulação do anuário. Também trouxe, para contribuir com o almanaque – que, nos oitenta anos de existência, logrou de grande aceitação, seja no Brasil, seja em Portugal –, a irmã dois anos mais nova, Leonor Adelaide de Figueiredo de Abreu

⁶ Retrato de Catarina Máxima de Figueiredo existente na casa em que viveu, em Guiães, Vila Real, Portugal. Acervo familiar.

Castelo Branco. Como Catarina, Leonor Adelaide começou a criar logogrifos e se firmou, alguns anos mais tarde, como poetisa.

Aos 38 anos, Catarina Máxima contraiu núpcias com Sebastião Rebelo Feio (1837-1889), gerando quatro filhas; dentre as quais, uma natimorta. Mesmo passando à condição de *senhora do lar*, Catarina garantiu sua participação intensa no *Almanaque de Lembranças*, entre 1871 e 1891. Fez, inclusive, escola em sua própria casa, ao estimular suas filhas a abraçarem o labor literário; prática que dava visibilidade ao passado ilustre da família.

No mesmo ano em que a primogênita Maria Feio publicou pela primeira vez no *Almanaque*, Catarina Máxima frequentou as páginas do *Diário de Notícias*, entre os meses de junho e julho de 1885, com folhetim *Tradição de Família: Leitura para o serão das minhas filhas*. Apresentou-se como “uma senhora portuguesa” do primeiro ao vigésimo quarto capítulo. Somente, no vigésimo quinto e derradeiro capítulo, revelou-se a autora como “C. Máxima de Figueiredo Feio.”

Extrato dum álbum: Coleção de poesias, seu primeiro livro, veio a público em 1866. A ele sobreveio *Fragmentos de prosa e verso* (1884), de onde extraímos o conto “Um negro episódio na aldeia”, para compor esta antologia. Impressiona como a autora, cuja produção poética remetia à seara romântica, tenha composto uma prosa ficcional consoante com o realismo-naturalismo finissecular, ao narrar um episódio de violência doméstica que em nada fica a dever às atrocidades que assomam as páginas de jornais, no mundo contemporâneo.

A partir de 1889, com a morte do esposo, Catarina Máxima agregou o novo estado civil ao labor literário, externando pela via poética o luto, nas obras *Viuvez e Saudade* (1890) e *Última Estância: Coleção de pequenos escritos em prosa e verso* (1891). No prefácio da produção derradeira, Antônio Xavier Rodrigues Cordeiro, que sucedera Alexandre Magno de Castilho, em 1872, na edição do almanaque, pede “à inteligente autora [...] que não emudeça de vez nem deixe quebrar, pelo abandono, as cordas da sua lira. Se não tem notas de alegria, como já teve, tem as da tristeza, e o mundo, infelizmente, é mais de lágrimas que de risos.”

Catarina Máxima não tornou a lançar novos volumes, mas o seu protagonismo no campo literário rendeu frutos. Sua filha Maria Genoveva de Figueiredo Feio, que debutara com a poesia “Caridade”, aos quinze anos, no mesmo almanaque (para o ano de 1885) em que publicavam a mãe e a tia, deixou de lado o dilettantismo da geração precedente e fez da escrita o seu ganha-pão, nas primeiras décadas do século XX.

Um negro episódio na aldeia

Maria Emília da Silva era uma singela rapariga do campo, de comportamento irrepreensível.

Andava sempre mourejando nos trabalhos agrícolas, ganhando o salário que entregava aos pais para ajudar a sustentar uns cinco irmãos mais novos; ou com a família lidava no amanho das suas poucas jeiras de terra.

Aos domingos não se enfeitava. Não vestia roupas garridas, como usam na sua terra; pelo contrário; não passava quase nunca de uma saia escura e um lenço modesto.

Não saía para os soalheiros, como as suas companheiras de trabalho, mas recolhida em casa, pedia a seus irmãos que lhe ensinassem as lições que eles davam na aula, e aprendia a ler para se encomendar a Deus no livro de orações que trazia no seio, e que, muitas vezes, lhe viram ir lendo pelos caminhos.

Até altas horas da noite, enquanto a família descansava, fiava, ou fazia renda, acompanhada de sua segunda irmã, ajudando, sem exigir recompensa, a mãe, nos seus arranjos domésticos; para o que muito concorria com seu instinto de limpeza. E se, quando ganhava o seu dia, lhe davam de ração algum melhor bocadinho, levava-o à mãe, sem lhe tocar, sendo exemplo não vulgar de filial amor entre a gente do campo.

Formosa não era, mas tinha uma cara risonha, um ar festivo e o dom particular de ser agradável e sisuda ao mesmo tempo.

Ao homem que quisesse experimentá-la não mostraria um modo desabrido, mas dar-lhe-ia uma resposta prudente, que o fazia conter em respeito.

Era lavada, e concertada em seu vestuário; e destituída de vaidosas pretensões.

Sossegada e meiga, ninguém jamais se lembrou de lhe notar um erro.

Um dia, por seu mal, entrou-lhe em casa um homem, requestando-a para mulher; e a mãe gostou disso, porque o pai desse homem, sendo um lavrador remediado, podia deixar-lhe mais do que sua filha tinha a esperar. Mas este homem era malvisto pela gente do campo, que dizia que ele espreitava de noite os descuidos alheios, para os aproveitar em seu favor, levando para casa tudo o que podia.

O seu aspecto, contudo, não dava a conhecer perversidade. De estatura menos que mediana, refeito, mas não malparecido, fazia-se notar por umas sobancelhas cerradas, e quase retas, e uma testa curta e enrugada, sendo ainda muito novo.

Alguém se admirou de que a pobre rapariga, dotada de bons sentimentos, quisesse para marido um homem malconceituado, mas, ou porque o seu destino a chamasse, ou porque a sua natural boa fé a iludisse, em dezembro de 1873, por fins de uma tarde chuvosa e triste, Maria largava o trabalho, e sem se adornar, sem mesmo mudar de vestido, envolvida na sua capa e juntando-se às poucas pessoas que tinham de acompanhá-la à igreja da freguesia, ali uniu a sua sorte à desse homem que tinha escolhido.

Depois parecia feliz: – O que se passava de desagradável entre este par mal se poderia ter notado.

Disseram mais tarde os seus vizinhos, que Maria era maltratada às ocultas, e que disfarçava o seu pesar com paciência.

Calava as suas dores, se as tinha; e devia tê-las, e grandes, pelo que hoje se conhece.

Em outubro do ano imediato ao seu casamento, Maria dava à luz um filho; e ia entrar em convalescença, quando, três dias depois do seu sucesso, seria meia noite, as suas vizinhas mais próximas a ouviram gritar: – Acudam-me que me mata o meu homem!

Algumas mulheres, que viviam no mesmo compartimento, correram em seu socorro, mas a porta estava fechada; e pela fechadura viram ainda o feroz marido cravar repetidas vezes em sua mulher a navalha com que a matou, e ela com o filho num braço, tentando com o outro evitar os golpes que lhe eram vibrados com espantosa fúria.

Não podendo a vizinhança abrir a porta, foi alguém chamar os pais da desgraçada, que viviam perto, os quais tendo saído dali, havia poucos instantes, levaram consigo a chave da porta, deixando-os a ambos deitados e em sossego, porque o marido de Maria também se fingira doente e os pais tratavam dos dois.

Quando abriram a porta, já a filha estava agonizando, e o genro havia desaparecido, depois de ter feito em sua mulher onze feridas; as quais na maior parte eram mortais; atravessando-lhe o coração, despedaçando-lhe o seio, rasgando-lhe os braços e as mãos!...

Por que a matou? diziam todos!

Era um mistério horrível!

Os pais da mísera tinham vindo, como de costume, tratá-los. O genro não quis cear!

Como o marido não ceava, também Maria não quis comer, nem tomar um caldo.

O pai de Maria, estranhando aqueles modos, expôs à mulher algum receio pela tranquilidade da filha; mas como não acharam razão plausível para recear desordem em ocasião e a horas em que não parecia natural, saíram, levando-lhe a chave e prometendo voltar cedo no outro dia.

Quando chegaram a casa, tratavam de deitar-se, quando foram sobressaltados pelos gritos de quem os chamava para irem em socorro da filha, e correram ali.

Tinham-na deixado com o seu recém-nascido dormindo; e o marido, o natural protetor ao lado, e encontravam um cadáver na filha, que legava ao mundo um infeliz órfão, porque seu pai era um monstruoso assassino!...

Depressa mudam os destinos das famílias!

– Adeus, meu pai! Adeus, minha mãe! *Perdoem-lhe!!!*

Foram essas as únicas palavras que se puderam perceber a Maria que jazia no chão, nas ânsias da morte; ensanguentada e em estado mísero! O filho soltava vagidos, que redobravam pela queda da mãe, e havia rolado para debaixo da cama, parecendo havê-lo a mãe impelido instintivamente, querendo talvez livrá-lo de igual destino ao seu. O assassino, esse não se via; mas uma mulher que ao passar na rua o sentiu dentro da loja, fechou-lhe por fora rapidamente a porta, e o desgraçado ali foi encontrado, escondido entre um monte de palha, tendo cravado no chão a navalha homicida.

Nesse mesmo dia, deu entrada na cadeia de Vila Real.

À ponte esperava-o o povo, que o acompanhou com pragas e maldições!

A justiça puniu o réu, que cumpre sentença na Relação do Porto. Enquanto a Maria, foi uma mártir, que deixou de si uma aflitiva e pungente memória; e, talvez, um exemplo às mulheres, que são pouco prudentes na escolha dos maridos.

Sendo exemplar em bons costumes, não devia querer um homem de comportamento maculado pela opinião de todos, porque essa diferença de costumes e de caráter foi a causa da sua morte, como é algumas vezes a da infelicidade de muitas.

Maria pedia constantemente à mãe e à sogra para que convencessem o marido a não sair de noite e a não levar para casa gêneros que sabia não serem seus, como eram legumes e outros objetos de pouco valor em que ela não tocava, não perdendo a esperança de o corrigir pelo exemplo e com paciência. Supõe-se que por isso o marido alimentava um ódio concentrado contra sua mulher, o qual o dominou até ao ponto de assassiná-la, quando ela menos o podia esperar!

Esta foi sacrificada por ser virtuosa e boa; e, para não descrermos de todo da humanidade, devemos reparar que, se de um lado está muitas vezes a perversidade hedionda, do outro está a virtude pura, e a constante resignação de um martírio desconhecido.

EFIGÊNIA DO CARVALHAL

Pesquisa, seleção e atualização ortográfica por
ELISABETH FERNANDES MARTINI
E MAYARA GONÇALVES MARQUES DA SILVA

Efigênia do Carvalho de Sousa Teles Pimentel nasceu no dia 16 de março de 1839, na freguesia de Veiga de Lila, município de Valpaços. A genealogia de Efigênia, composta por fidalgos cavaleiros da Casa Real desde o século XVII, era ilustrada e, dada a pronunciada atuação no meio militar, recebeu terras em Veiga de Lila, que passaram de geração a geração. Seus pais, Júlio do Carvalho de Sousa Silveira Teles Pereira e Menezes, militar e renomado político, e D. Maria da Piedade Ferreira Sarmento Pimentel de Lacerda e Lemos, conceberam quatro filhos, sendo D. Efigênia a primogênita.

Júlio do Carvalho, o genitor, fez parte do Batalhão Acadêmico que lutou ao lado de D. Pedro e dos liberais na guerra civil. O ilustre militar e político veio a falecer em 8 de junho de 1876, legando à filha mais velha a casa e o vínculo de Nossa Senhora dos Remédios, em Veiga de Lila, e um pronunciado gosto pelo fazer literário, tendo ele próprio demonstrado seus atributos como escritor em alguns periódicos, dentre os quais o *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*. No mesmo ano, a morgada Efigênia veio a se casar com Francisco de Moraes Teixeira Pimentel, morgado do Rio Torto. Como informa a família Carvalho, tiveram dois filhos que faleceram em tenra idade, não deixando, portanto, descendentes diretos.

Ao longo da vida, Efigênia do Carvalho mostrou-se uma colaboradora assídua junto à imprensa periódica portuguesa, com destaque para o portuense *A Esperança*, semanário de recreio literário dedicado às damas, veiculado entre 1865 e 1866, o *Almanaque das Senhoras* (1854-1932), criado por Guiomar Torresão, dedicado à instrução e ao passatempo feminino, e *A Crisálida: Jornal de Literatura* (1863-1864); este último com Teófilo Braga e J. Simões Dias como editores literários.

No semanário *A Esperança*, a autora publicou, em capítulos, os romances *Clotilde* e *Carlos e Laura*. *Clotilde* veio a ser publicado em volume pela Tipografia Pereira da Silva, em 1869. Também saiu, pelo mesmo semanário, a novela *A Casa*

Negra, que ilustra a presente antologia. Nesta, é perceptível a influência do romance negro, ou gótico, e o respeito à tradição popular, com especial apreço pelo registro oral a compor o falar interiorano das personagens.

No *Almanaque das Senhoras* e n' *A Crisálida*, Efigênia publicou narrativas curtas e poesias; estas últimas em maior número, cujas temáticas mais recorrentes versavam sobre a natureza e o luto pela perda do pai. Além do pai, outro parente muito próximo a apresentar pendores literários foi Álvaro do Carvalho Sousa Teles (1844-1868), de quem Efigênia era prima de 1º grau. Mesmo tendo falecido muito precocemente, Álvaro integrou a Geração de 70 e foi eternizado na cena literária lusa com a publicação póstuma de *Contos* (1868), com destaque para a novela "Os Canibais".

Cinco anos mais velha do que o icônico primo, Efigênia passou a publicar nos periódicos locais, à mesma época em que Álvaro principiava a cursar a Faculdade de Direito de Coimbra, onde o criativo estudante veio a se destacar, em meio à efervescência cultural da universidade. A tradição de família via com bons olhos o envolvimento de seus membros com o fazer literário, de modo que, conjectura-se, certas abordagens e temáticas exploradas por um e outro podem ter sua origem na inspiração mútua.

Efigênia do Carvalho veio a falecer no dia 22 de janeiro de 1932, em sua terra natal, com 93 anos. Mesmo com posição social de destaque, não há um retrato conhecido da autora.

Nos últimos anos de vida, fez uma escritura de doação, com reserva de usufruto, em favor da sobrinha Umbelina do Carvalho, com o propósito de manter em família o vínculo de Nossa Senhora dos Remédios.

Apesar do virtual apagamento que sofreu *a posteriori* como escritora, Efigênia do Carvalho firmou o seu nome na imprensa periódica portuguesa, na segunda metade do Oitocentos; o que, por si só, justifica o resgate de sua obra.

A Casa Negra

DUAS PALAVRAS DE EXPLICAÇÃO

Há dois anos escrevi essa história, lenda, ou que lhe quiserem chamar, a que pus o nome de – A CASA NEGRA – Escrevi-a e atirei com ela para o fundo duma gaveta da minha secretária.

Lembrei-me de lhe dar publicidade, não pelo merecimento do escrito que nenhum encerra, mas sim para tornar mais conhecida a rude singeleza que caracteriza ainda os aldeões de Trás-os-Montes.

De semana em semana, de mês em mês, fui adiando este meu desígnio [por] quase dois anos!

Ultimamente, entre alguns livros que mandei vir, deparei com um romance do sr. Luís Augusto Rebelo da Silva, intitulado: – *A Casa dos Fantasma*s. – Li com curiosidade, porque se não bastasse o nome do autor, a epígrafe é também um incentivo a despertá-la.

O meu interesse cresceu, quando deparei com uma *Casa Negra*, no romance do sr. Rebelo da Silva!

Renovou-se-me o desejo de publicar o meu pobre escrito, mas agora fazendo-o, sem esta explicação, podiam supor que eu fui roubar ao excelente romance do sr. Rebelo da Silva a sua *Casa Negra*, povoada de fantasmas, e cheia de tradições horrorosas.

Algumas pessoas diziam-me que mudasse o título à minha produção, mas eu não aceitei o conselho, porque queria conservar à minha pequena obra o nome, e a forma primitiva que lhe dei; e também entrava nesta repugnância à “crisma”, um bocadinho de vaidade, porque eu tenho desvanecimento em ter tido um pensamento literário, alguma coisa semelhante ao do abalizado e mimoso escritor.

E quem sabe se nos mesmos dias em que S. Ex.^a escrevia *A Casa dos Fantasma*s eu escreveria também *A Casa Negra*?! Isto que fica dito não é para quem pôr algum termo de comparação no merecimento dos dois escritos, porque isto

seria irrisório! Foi unicamente para provar a quem ler *A Casa Negra* que eu não plagiei o romance do Sr. Rebelo da Silva.

*A Casa dos Fantasma*s é um romance lindíssimo, com uma linguagem elegante, escolhida, cheia de naturalidade e graça que distingue os escritos do sr. Rebelo da Silva. *A Casa dos Fantasma*s é mais uma bonita flor que se desprende dos bicos da sua delicada pena. *A Casa Negra* é... o que os meus leitores vão ver.

Veiga, 23 de junho de 1866.

Efigênia do Carvalhal

A CASA NEGRA

A hora em que mais fundo inspira o sono
Ouviu-se horrendo grito, único; estranho!
Donde? de quem? Por quê? ninguém o soube, etc.

A. Feliciano de Castilho.
(*Noite do Castelo*).

A aldeia do Nogueiral é uma pobre, mas pitoresca povoação que se espreguiça descuidosa pela falda duma elevada serra. Banha-lhe os pés um riacho que serpenteia por entre moitas de verdura, e sobre um tapete de areia fina e lustrosa.

A meia encosta da serra, eleva-se a elegante igreja de paróquia, e a um dos lados, vê-se um cemiteriozinho gracioso e simples, simples como é tudo nas aldeias. Mas esta leva de vantagem a muitas, o ter um extenso e frondoso bosque de gigantescos sobreiros e carvalhos, escurecido aqui, e além, pelo verde negro de copados medronheiros.

Este bosque estende-se desde a povoação até um rio que se precipita em impetuosa corrente dumas rochas dentadas e negras.

Perto desta queda d'água, e a um quilômetro da aldeia do Nogueiral, eleva-se uma casa de bonita aparência, mas que escondida assim entre corpulentas árvores, e embalada pelo rugir impetuoso da corrente, nos faz lembrar misteriosos crimes!...

As suas paredes são alvíssimas, mas não obstante, o povo denomina-a – *A Casa Negra* – e contam dela coisas horrorosas!

Um venerável velho e uma encantadora menina a tinham habitado. Eram pai e filha; mas havia dois anos que essa jovem, esquecendo o decrépito progenitor, fugiu da casa paterna com um homem que lhe segredou aos ouvidos

inocentes palavras de tentação; e o triste velho sucumbiu ao peso da vergonha e da saudade! E a filha não veio chorar sobre a humilde campa do pai que ela assassinou! Ninguém mais ouviu falar nela na aldeia do Nogueiral.

Um ano esteve a casa desabitada, mas alguns camponeses que recolhiam mais tarde para os seus casais, e que passavam perto da *Casa Negra* vinham contar, transidos de medo, que tinham ouvido gritos saídos da casa deserta.

Passado um ano, viram chegar à aldeia o raptor de Deolinda, a filha ingrata; mas, em vez da desgraçada, acompanhava-o outro homem de rosto sinistro e repugnante.

Algumas raparigas da aldeia ousaram perguntar por Deolinda, e o infame raptor respondeu que a tinha desposado, e que vivia no Porto, no seio da abundância e da felicidade.

Tomou o caminho da *Casa Negra*, que, dizia ele, vinha arrendar àquele seu amigo que o acompanhava, e que ali vinha se estabelecer.

Depois de instalar na *Casa Negra* o seu novo habitante, deixou a aldeia do Nogueiral, levando mil presentinhos e lembranças que as raparigas mandavam à sua companheira nos folguedos infantis.

O viver do novo habitante da *Casa Negra* era um viver cheio de mistérios, e principiou a despertar suspeitas nos ânimos rudes e singelos dos aldeões do Nogueiral.

Quem era esse homem? De onde vinha? Para que fim veio habitar uma casa há tanto tempo deserta de gente viva, e só, no dizer do povo, povoada de espectros?

Eram estas as perguntas que entre si faziam os pacíficos habitantes do Nogueiral.

Alguns mais curiosos chegaram a examinar que na *Casa Negra* não se acendia o lume em todo o dia, e só às horas de alto silêncio da noite, se viam sair nuvens de espesso fumo, e ao mesmo tempo ouvia-se dentro da casa muito barulho, e rostos sinistros aparecerem pelas janelas!

O que fazia ali esse homem? para que arrendou ele essa casa, se os terrenos que a circundavam continuam incultos?

Assim passaram oito meses; os moradores da aldeia fazendo os seus comentários, bem pouco lisonjeiros ao misterioso habitante da *Casa Negra*, e este sem se importar com eles, nem com a curiosidade que o seu viver excitava, prosseguia no seu misterioso existir. Poucas, bem poucas vezes, saía de casa, e quando o fazia era para comprar provisões.

As velhas do Nogueiral diziam umas às outras que aquele homem tinha pacto com o demônio, e que tinha vindo presidir às reuniões que os *espíritos* faziam naquela casa amaldiçoada.

Estávamos no fim de outubro, em dia de Santos.

As raparigas, e rapazes faziam os *clássicos magustos*, e dançavam alegremente em volta das fogueiras, aonde as castanhas estalavam. Os velhos entretinham-se nos seus misteres da lavoura, e as velhas conversavam o seu predileto assunto – a *casa negra* e o seu habitante.

A tia Brízida – a mais velha da aldeia – estava assentada no último degrau da escada da sua casa, e mais duas mulheres, idosas também, estavam acooradas junto dela.

– Ai! Senhora do Amparo – dizia uma benzendo-se – eu cada *bez* que me *alembra* o que *bi* ontem à noite!...

– E que foi tia *Entonha*? – procurou uma das companheiras.

– Jesus, ainda estremeço em pensar em tal! Bento nome de Deus! – E a velha tornou-se a benzer.

– Mas que foi, tia *Entonha*?

– *Probavelmente* passou perto da *Casa Negra* – respondeu a senhora Brízida com ar sentencioso.

– Justamente, senhora *Brigida*; eu *le* conto o que *bi*:

– O meu Zé tinha ido cortar estrume para o monte da fidalga, e que, como sabem, fica perto dessa casa endemoninhada. Anoiteceu, e ele sem *bir*! Tive medo que *le tibes*se sucedido alguma coisa má, cobri o capote pela cabeça e fui-me em *cata* dele.

Quando passei pela *Casa Negra*, *estaba* tão sossegada e muda como um *cemiteiro*, mas mesmo assim *tibe* medo; eu ia a rezar no meu *rosairo*, e sem saber como, este caiu-me da mão, e eu senti passar perto de mim a *modo* de um bode negro, e ouvi patas a go-diar⁷! Benzi-me e passei adiante. Cheguei ao fim do monte, chamei pelo meu Zé, mas ele não me respondeu.

– Ai! Credo Bento – disseram as outras velhas – em tal sítio, e a tal hora e vossemecê sozinha!

– E eu só! Não ouvia senão o barulho da água do rio *prexepitando-se* das fragas, e o vento que passava por *riba* dos carvalhos! Chamei de *nobo* pelo meu Zé, corri o monte todo, e nada! Lembrei-me que teria ido pelo caminho do rio com os carros da fidalga, e *resolvi a boltar* para casa; mas quando tornei a passar defronte da *Casa Negra*... Jesus...

– Que foi?

– As *jinelas* *estabam* abertas, e delas saía uma luz, que luz! Ai, S. Bento; – era uma luz azulada, e numa das *jinelas* estava uma cara que *botava* lume pela boca, nariz, e olhos!

– Ai! S. Cipriano – vossemecê está certa de *ber* isso?

⁷ No original “godijar”. Verbo formado a partir de “gódia”, vocabulário de Trás-os-Montes que significa: “discórdia, discussão altercada; barulho, desordem”

– Se estou certa! Certa como estou de que logo quando os sinos tocarem pelos mortos eles hão de *bir* em *percição* à roda de igreja.

– Eu fique *parba* de medo, e *oubi* gritos e gemidos que saíam dessa casa amaldiçoada, e a estes gritos, e a estes gemidos, respondiam outras vozes, se aquilo eram vozes, cantando umas cantigas, que só o diabo as entendia; e depois senti que dançavam lá dentro; de novo *oubi* os gritos e os gemidos, e o fantasma não se *mobia* da *jinela*, e continuava a lançar chamas pelos olhos, nariz, e boca...

– Cale-se, pelas chagas de Cristo, tia *Entonha*: como pôde vossemecê ver isso e não morrer?

– Eu levava comigo a correia de Santo Agostinho, e as bentinhas da Senhora do Carmo, benzi-me com elas três *bezes*, *dixe* o credo em cruz e *botei* a fugir para casa.

Eu queria que o *Entonho* do Curral *oubisse* isto, esse que se ri quando a gente fala de bruxas, e de *espritos*!!!

– Esse rapaz anda fora da graça de Deus – acrescentou a sr.^a Brízida.

– O outro dia – disse uma das velhas – vinha o meu *Joquim* do monte com as ovelhas e *biu* dois *homes* (cuidou ele que eram *homes*) que passeavam no mais espesso do bosque que rodeia a *casa negra*, ele faz-se acercando deles cautelosa-mente para lhe *oubir* o que diziam... eis se não quando abriu a terra debaixo de seus pés, e os dois *tinhosos*, que outra coisa não eram, sumiram-se nas entranhas da terra!!

– Cruzes, Anjo Bento, que medo – murmurou a sr.^a Antônia, benzendo-se.

– É que o *Joquim* perdeu-os de *bista*, e eles tornaram para outro caminho do bosque – acrescentou a sr.^a Brízida, com ares de dúvida.

– Não, senhora, o meu *Joquim* *estaba* tão perto deles que se não podiam *esgueirar* sem ele os *ber*, e ele diz que se sumiram na terra.

– Pois olhe o seu *Joquim* não era *home* que faltasse à *berdade* – acrescentou a sr.^a *Entonha*.

– Lá isso não, nem por minas d'oiro.

Neste momento veio pôr termo à conversação das três velhas, uma rapariga trajando com simplicidade, mas com certo luxo.

– Tenham muito boas tardes – disse a moça acercando-se delas.

– Deus te dê as mesmas, rapariga; isto é *nobidade* por aqui!

– Não acha?

– Pois olha que já há um *bô* par de dias que te não pus os olhos em cima, – acrescentou a sr.^a Brízida – nem no domingo na igreja; não ouviste missa, rapariga?

– Não, senhora, porque me foi preciso ficar em casa com a sr.^a D. Vicentina.

– Então tua ama não está melhor?

– Alguma coisa, mas não de todo.

– A sr.^a Fidalga *debe* estar muito mortificada com a moléstia da filha a quem tanto quer.

– Não fazem *vossemecês* ideia; há perto de um mês que lhe não visitava os lábios um sorriso, mas hoje vi-a rir-se deveras.

– E por quê? – procurou com curiosidade a sr.^a Antônia.

– É porque o seu Joaquim, sr.^a Margarida, foi lhe contar uma história muito curiosa duns homens que vira sumirem-se debaixo da terra, no bosque que circunda a *Casa Negra*!!

– E tua ama ria-se disso? – perguntou admirada a sr.^a Margarida.

– Ria, sim, e a bom rir, e eu fiz-lhe companhia. Oh, sr.^a Margarida, o seu Joaquim quantos quartilhos tinha bebido nesse dia? – E a moça soltou uma risada.

– Quais quartilhos nem meios quartilhos! – respondeu a velha com aze-dume – tu é que me parece que vais a estar uma herege!

Malfadada foi a hora em que tua mãe te deixou ir para essa casa onde perdeste a religião.

– Por fim há de te acontecer como à *alabicada* da filha do sr. Anselmo, que Deus tem; também se ria de tudo o que é sagrado, e por fim pregou-a ao pai na menina do olho.

– Não me compare com essa infeliz, senhora Antônia; ela perdeu-se, e matou o pai, porque uma má tentação a venceu; era formosa e rica, por isso foi cobiçada; mas nem ela, nem eu, nos rimos das coisas sagradas.

– Dizem a mim que não.... Olha, uma noite, e era noite de S. João, por sinal, estava eu em casa dela, nessa excomungada *Casa Negra*, e eu falei em ir apanhar verbena, e alfazema pelo orvalho, duas ervas que apanhadas nesta noite, servem para se adivinhar qualquer coisa que a gente queira saber, e Deolinda ria-se a bandeiras despregadas, e chamou-me *imprismeira*! Outra *bez estábamos* a falar em bruxas e *espíritos* e ela mandou-nos calar, e disse que aquilo era tudo uma patranha, uma *impestura*!!!

– E tinha razão – acrescentou a rapariga – as minhas amas também não consentem que falem nisso diante delas, e despersuadem as pessoas que acreditam nessas coisas.

– Ora, diz-lhe que me despersuadam a mim – disse a sr.^a Brízida em ar de desafio.

– Ou a mim.

– Ou a mim, também – disseram em coro as três velhas.

– Persuadia, persuadia; a senhora convence com tais razões que é impossível resistir-lhe.

– Olhem, eu quando para lá fui, também acreditava em bruxas e espíritos...

– E agora, não acredita?

– Não, senhoras.

– Cala-te, rapariga, que nem te posso *oubir* tal. Anjo bento que tal tu estás já!!!

– Se tu *bices* o que eu *bi* uma noite... ai credo, ainda não me posso lembrar de tal – E a sr.^a Brízida benzeu-se, as outras velhas abriram desmesuradamente os olhos, e a rapariga sorriu.

– O que *biu*, sr.^a Brigida? – procurou Margarida.

– Oh! Filhas, Deus *bos libre* de *ber* tal!... Era uma noite negra, negra como um *carbão* e eu *bi* ao redor da igreja uma longa procissão de fantasmas, todas vestidas de branco, e com *belas* acesas na mão, e rezavam e gemiam, e choravam que se partia mesmo o coração de quem os *oubia*.

– E vossemecê *oubiu-as*, sr.^a Brigida?

– *Oubi, oubi*, com este e com este – disse a velha, apontando para os ouvidos; depois acrescentou: – que diria tua ama se eu lhe contasse isso, *Jabel*?

– O que ela diria não o sei, mas eu pela minha parte digo-lhe que isso era brincadeira dos rapazes da aldeia, ou penitência que alguém andava a cumprir.

– És uma tola, nem era uma nem era outra coisa, – eram *espritos* que andavam às procissões que neste mundo deixaram de acompanhar.

– Bem faço eu que as tenho andado todas, para cá não *bir* depois.

– E eu.

– E eu.

A rapariga sorriu-se.

– Riste, grandessíssima tola? – procurou a sr.^a Brízida. – Pois eu te conto *outra* que eu *bi*.

Quando o meu *home* que Deus haja, era pastor, eu ia levar-lhe a ceia; uma ocasião ele *andaba* longe com o redil, *andaba* no *bale* do *rio pardo*, e eu quando *binha* para casa passei naquela encruzilhada que *bós* sabeis, e *bi* um rebanho de patas a sapatearem, e a grasnarem... Arrepiaram-se-me os cabelos, e *desbiei-me* do caminho; mas de repente, as bruxas deixaram de dançar, *levantaram boo*, passaram junto de mim, e era tal o bento que faziam que me ergueu do chão como se fosse um *polborinho*, e levaram-me... eu sei lá para onde! O que sei é que ao outro dia amanheci no *bale* do *rio pardo*, mesmo ao pé do redil onde *estaba* o nosso gado, e tão cheia de pisaduras, e tão moída *estaba* como se me batessem com um saco de areia com doze *binténs* dentro.

– E que dizes a isto, *Jabel*? – procuraram as atentas ouvintes da sr.^a Brízida.

– Eu o que digo – respondeu a rapariga – é que a sr. Brízida adormeceu no *val* do *rio pardo* e sonhou que se tinha vindo para casa, e que vira patas ou bruxas.

– Qual sonho, nem qual *carapuça*; eu *estaba* acordada como agora estou.

– E também dormirá toda essa gente que *bê* os fantasmas na *Casa Negra*? – procurou a sr.^a D. Antônia.

– Quais fantasmas? Isso é gente viva, não são espíritos.

– Quantas pessoas habitam a *Casa Negra, Jabel?*

– Um homem só, ouvi dizer, sr.^a Brízida.

– Por que é então que o *Joquim biu* perto dela dois *homens* desconhecidos, e que se sumiram pela terra abaixo? E porque razão a tia *Entonha biu* *onte* à noite um fantasma na *jinela* a *botar* lume pelos olhos, nariz e boca; e *oubiu* dentro um barulho tal que parecia que todos os *tinhosos* do inferno andavam a dançar alguma valsa infernal?

– Eu não sei o que é isso sr.^a Brízida, mas o que posso lhe dizer com certeza é que tudo isso é feito por gente viva, fosse ela qual fosse, porque diz a minha ama: – Espírito que vai, não volta.

– Ai, bento nome da Santíssima Trindade! – Murmuraram as três velhas – tua ama está aqui, está no inferno!

– Por não crer em espíritos? – procurou a rir a rapariga. – Se eles não voltam...

– Ai, cruzes, que *mafarrico* de rapariga esta!!

– Deixem-na falar a ela, e à ama; dizem que não *boltam* cá as almas do outro mundo, mas por casa as têm trazido...

– Não? – procurou a rapariga admirada.

– Sim, sim. Pois eu não *oubi* dizer há dias a dois *cabalheiros* que iam passando, e que vinham de casa de tuas amas: – Muito espirituosa é a menina Vicentina...

– Então *vossemecês* que entendem disso?

– Entendo o que toda a gente há de entender – que a sr.^a D. Vicentina é muito anexa aos *espíritos*.

A rapariga soltou uma gargalhada.

– Riste, grandecíssima tola?

– Pudera não rir, sr.^a Brízida; ha! ha! ha!

– Então tu, minha alambicada, que entendes do dizer dos *cabalheiros*?

A rapariga ia responder, quando num movimento que fez, deu com os olhos em um guapo mancebo que estava parado em frente da escada, e que ouvia com toda a atenção a conversa das velhas, e da rapariga.

– Ai, o sr. Antoninho! – exclamou Isabel.

– Quem é aquele *petimetre*? – Procurou a sr.^a Brízida.

– É o primo da minha ama nova, aquele com quem ela está para casar.

O moço cavalheiro, ao ouvir o grito da rapariga, adiantou-se, e saudou as quatro mulheres.

– Já foi a casa, senhor Antoninho?

– Ainda não, Isabel; ia agora de caminho, quando, passando ali defronte, me pareceu ouvir-te falar, parei para me certificar, e ouvi pronunciar o nome da senhora D. Vicentina, prestei atenção e ouvi...

– Ah! ouviu, meu senhor? procurou a senhora Brízida. – Ora diga-me, qual é a sua opinião a respeito do habitante da *Casa Negra*?

– Não sei o que vossemecê quer dizer.

– Quero dizer, meu senhor, se v. s.^a acredita que essa casa amaldiçoada é habitada por *bibos*?

– Ainda outra vez a *Casa Negra*! – disse o mancebo sorrindo – já um camponês que encontrei no bosque, onde andava à caça, me contou coisas do *arco da velha*, dessa casa e do seu habitante!!

– Pois olhe que lhe não disseram nada demais.

– Nem de menos – acrescentou maliciosamente a moça.

– Cale-te *tonta*, não sabes o que dizes; deixa-me contar a este senhor o que *bi* ontem à noite.

E a senhora Antônia repetiu novamente a aparição do fantasma que deitava lume pelos olhos, nariz e boca.

– Com efeito, isso é horrível, horribilíssimo, minha santinha! Vossemecê está bem certa de ver isso? – procurou o mancebo, a quem um sorriso de incredulidade entreabria os lábios.

– Se estou? boa pergunta, senhor!

– Pois é preciso procurar meios de afugentar as almas do *outro* mundo dessa casa, e destes sítios.

E dizendo isto, o mancebo despediu-se das velhas, procurou a Isabel se não voltava para casa de seus amos nessa noite?

– Só espero por meu irmão, que foi, segundo me disseram, fazer um magusto para a eira do senhor Vigário.

– Então até logo, Isabel.

O mancebo chamou por um perdigueiro que o seguia, e tomou o caminho da casa da fidalga, como lhe chamavam na aldeia.

Ao outro dia, o primo de Vicentina dirigiu-se para a vila de ***, aonde foi solicitar alguma tropa para, dizia ele, ir dar caça às almas do *outro mundo* que tinham a sua habitação nos bosques que rodeiam a *Casa Negra* e a aldeia do Nogueiral.

Depois de ter uma longa conferência com o comandante, este mandou pôr à sua disposição um troço de soldados.

Foi seguido deles que, no outro dia, quase ao anoitecer, chegou ao Nogueiral.

Espessas nuvens envolviam a terra. Era uma noite negra e fria como são quase todas as do mês de novembro; a tropa, seguida por uma grande multidão de camponeses, rodeou com a maior precaução a *Casa Negra*.

Ela estava muda como um sepulcro! Parecia que nenhum ente vivo a habitava!....

Era talvez meia noite; hora fatídica: hora que as duendes, as vampiras, e as bruxas escolhem para fazerem os seus malefícios!... Dessa *Casa Negra*, até ali silenciosa, ouviu-se de repente um barulho infernal! As janelas abriram-se com fragor e luzes duma cor sinistra saíram por elas. E, (horror!) numa dessas janelas estava essa visão que tanto atemorizou a senhora Antônia do *quinta*!!

E aquilo era uma realidade que viam centenares de olhos; não era uma ficção de velha estonteada pelo medo. Todos viram essa cara disforme que vomitava lume duma cor azulada, e que imóvel parecia contemplar a terra.

Todos ouviram esses gemidos que saíam de ao pé do fantasma, e esses gritos, essas risadas que pareciam responder a eles.

Os aldeões benzeram-se, e foram-se desviando. Acharam mais prudente não arrastar assim as iras desses demônios que, no entender deles, celebravam ali uma das suas bacanais.

Todos, exceto um, ao amanhecer tinham trocado o bosque pelo confortável calor do lar doméstico.

E esse um que ficou com a tropa era Antônio do *curral*, esse moço *descrente* que as velhas tanto tinham censurado.

Apenas amanheceu, a um sinal do primo da Fidalga, os soldados invadiram a *Casa Negra* para indagarem do seu habitante as coisas sobrenaturais que tinham presenciado!

Mas... – coisa admirável – a casa estava deserta!!!

Foi inútil toda a busca que se deu à casa d'alto a baixo; o seu misterioso habitante tinha desaparecido: e contudo Antônio do *curral* jurava, punha as mãos nos Santos Evangelhos, em como esse homem ou demônio tinha entrado ao anoitecer para essa casa aonde agora não aparecia!

Antônio procurou, procurou com a paciência que caracteriza a gente do povo, e por fim de tantas indagações descobriu, cheio de júbilo, que na parede duma das salas se abria uma porta falsa!

Essa porta estava cuidadosamente fechada. Após alguma resistência ce-deu, e todos se precipitaram em turbilhão no interior duma sala espaçosa bastante, e à qual dava unicamente luz uma claraboia. Nessa sala viram dispersos, e em desordem... Ora adivinhem o quê?....

Todos os utensílios de fazer... moeda falsa!!!

Esclareceu-se então a verdade; explicou-se o mistério.

Mas por onde se escapou o falsário, ou falsários?

Procuravam todos os circunstantes.

Antônio do *curral* como que querendo responder a esta pergunta fazia novas indagações nas paredes da sala misteriosa, e delas resultou o descobrimento doutra porta falsa! Aberta esta, uma lufada de ar úmido, pesado, e

insalubre que costuma haver nos subterrâneos, veio fustigar as faces desses homens que recuaram de involuntário terror.

Antônio do *curral* foi o primeiro que cobrou ânimo, e que chegou perto dessa abertura feita na parede, mas que ia dar quem sabe onde. Além dela só reinavam trevas, e o silêncio dos túmulos!

– Venha uma luz – gritou Antônio.

Um soldado olhou em roda de si para ver se encontrava o objeto perdido, e com espanto não despedido de terror viu, a um canto, uma caraça de papelão, que se lhe figurou uma caveira, com uma vela dentro. Hesitou ainda antes de tirar esta, mas um novo pedido de Antônio decidiu-o.

A vela foi acesa, e à luz dela viram uma tortuosa escada que descia para as entranhas da terra.

Antônio precipitou-se por ela abaixo. Após ele, o primo de Vicentina, e todos os soldados.

A escada era longa; – no fim dela encontraram-se em um corredor úmido e escuro. No fim talvez de cem passos já percorridos avistaram um pequeno raio de luz. Aproximaram-se. A luz vinha de cima por uma breve abertura através da qual se viam ramos do bosque!

Era evidente que estavam no sítio em que o tio Joaquim viu sumir os dois homens pela terra abaixo.

– Mas como couberam eles por essa pequena abertura?

Repararam então que mais adiante havia uma lájea longa e lisa: empurraram-na, e ela cedeu, girou sobre uns gonzos de ferro e mostrou uma abertura bastante longa para dar passagem a um homem. Transposta esta, estava-se no meio do bosque, e a lájea, voltando pelo seu próprio movimento ao seu lugar, mostrava uma superfície musgosa que iludia perfeitamente.

Para que fora feita aquela passagem subterrânea? Ninguém o sabia, e ainda hoje é um mistério para toda a gente do Nogueiral!

A aldeia nesse dia era uma perfeita torre de Babel; ninguém se entendia porque... todos falavam a um tempo.

As nossas amigas da tarde precedente lá foram também à *Casa Negra* fazer o seu *auto de corpo de delito*, não sem primeiro se machucarem bem em água benta, e de se munirem de um dente de *alho*, dum bocadinho de pão e folhas de oliveira benta que meteram cuidadosamente nas algibeiras.

Assim preparadas, transpuseram os umbrais da *Casa Negra* na qual fizeram mil comentários, e um deles era se o diabo não seria esse *moedeiro falso*? Pois, no entender das boas velhas, não podia deixar de ali andar mão de satanás.

Todas as pesquisas que fizeram para encontrar o misterioso habitante da *Casa Negra* foram inúteis, e deles só colheram a certeza de que Deolinda fora envenenada pelo seu raptor, no qual ninguém mais ouviu falar.

A casa esteve ainda muito tempo desabitada, porque os supersticiosos moradores do Nogueiral olhavam com horror e susto para essas paredes que o tempo ia enegrecendo com seu sopro.

Hoje habita nela Antônio do *curral*, que casou um ano depois destes acontecimentos com aquela descrente Isabel, criada da menina Vicentina. Esta também casou com o primo Antoninho, como ela e Isabel lhe chamavam.

O que posso assegurar-lhes é que são dois pares invejáveis pela sua felicidade.

A tia Brízida morreu! peço um padre-nosso pela sua alma.

A senhora Antônia, e a senhora Margarida vivem ainda muito velhinhas, é verdade, mas aos serões entretêm as moças e rapazes da aldeia, contando-lhes mil histórias de bruxas e uma que não esquecem nunca é a da *Casa Negra*.

FIM

EMÍLIA EDUARDA

Pesquisa, seleção e atualização ortográfica por
ANDREIA ALVES MONTEIRO DE CASTRO



Emília Eduarda nasceu em Lisboa no dia 2 de janeiro de 1843. Muito cedo, revelou sua inclinação para teatro, iniciando a carreira dramática, ainda como amadora, no teatro particular Terpsícore, em Lisboa.

Nesse teatro, atuou em diversas peças, como o *Homem de Ouro*, *Útil e Agradável* e *Moleira de Marly*, revelando sua grande disposição para a arte. Cedo também se casou, aos doze anos de idade, e se tornou viúva, aos dezesseis.

Em 1861, mesmo ano em que perdera o marido, Emília Eduarda, convidada pelo ator Taborda, estreou como atriz profissional no teatro Ginásio, estrelando a peça *A esposa deve acompanhar seu marido*, de Júlio Cesar Machado, na qual teria feito um verdadeiro sucesso.

⁸ Centro português de fotografia: <https://digitarq.cpf.arquivos.pt/viewer?id=68593>

Depois do Ginásio, a jovem atriz brilhou nos teatros das Variedades e da rua dos Condes e, depois, no Príncipe Real, interpretando dramas e, sobretudo, comédias, como *O testamento da velha* e *O solar dos Barrigas*, de Gervásio Lobato e Câmara Cascudo.

No entanto, os palcos portuenses foram mesmo o lugar onde Emília Eduarda atuou na maior parte da sua carreira, fazendo parte das companhias dos empresários Garraio, Rente, José Ricardo e Taveira, com quem veio brilhar nos palcos brasileiros. Também no Porto, conheceu o seu companheiro de uma vida, o diretor da Companhia de *Fiação e Tecidos de Alcobaça*, *Francisco Casimiro de Magalhães Cruz*.

Em 1891, Emília Eduarda perdeu seu único filho, Arnaldo Henrique Motgner. O rapaz, cujo atestado de óbito não informa o nome do pai, tinha vinte e seis anos e era jornalista.

Além da carreira de atriz, Emília Eduarda publicou artigos em vários jornais; escreveu peças de revista, como *Cartas na Mesa* (1886) e *O Diabo a Quatro* (1889); entre as décadas de 70 e 90, escreveu inúmeras comédias como *O Sobrinho da América*, *O Sentinela*, *Tripas à revolução*, a sátira em três atos *O Processo de El-Rei Dinheiro*, a opereta *O Senhor* e a *Senhora Diniz*; e traduzido muitas outras. Emília Eduarda também escreveu *Contos Simples* (1895), que contou com um prefácio de D. João da Câmara, do qual foram selecionadas as duas narrativas publicadas nesta coletânea.

A atriz e escritora, em 26 de janeiro de 1901, casa com o abastado comerciante Francisco Casimiro de Magalhães Cruz, quinze anos mais novo. Sete anos depois, em 29 de fevereiro de 1908, ao tomar parte numa matinê que se realizou no salão do jornal *A Palavra* em honra dos estudantes espanhóis, após recitar *Enjeitado*, de Angelina Vidal, Emília Eduarda, impressionada fortemente por uma acolhida animada e carinhosa, correspondendo à gentileza dos rapazes, que a recebiam assim com afeto e respeito, “ergueu do chão uma das capas e lançou-a pelos ombros, cingindo-a ao busto num gesto rápido, febril, que mais aqueceu ainda a ovação, tornando-a uma das mais frementes” (*O Ocidente*, XXXI ano, n. 1052, 20 de março de 1908, p. 63), caindo fulminada no palco onde, desde cedo, ganhara a vida.

A noiva de doce

Pouco antes dos noivos e convidados partirem para a igreja, o padrinho, abastado capitalista e acreditado confeitiro, enviara de presente aos nubentes uma esplêndida bandeja de finos doces, flores, passarinhos de figurinhas alegóricas – um biju enfim.

O que dava, porém, nas vistas, pela sua elegância e beleza, eram os noivos em miniatura, que no topo daquela montanha açucarada sorriam desafiando o apetite.

O Lulu, irmão da esposada, rapazelho de uns seus oito anos, assistira à chegada do presente e ficara tão impressionado com a gentil bonequinha, que desde logo pretextara um incômodo passageiro e se deixara ficar, valendo-se da barafunda que ia na casa e na família.

Lulu introduzira-se como um malfeitor na casa de jantar, ouvido à escuta, pálido de susto, o coração batendo apressado. Afastou com cuidado tudo que lhe servia de obstáculo e, com a mão trêmula, a respiração contida num sobressalto crescente, agarrou a frágil figurinha que sorria descuidada, deixando o companheiro imóvel com cara de tolo! Lulu contemplou de perto o seu tesouro: deu-lhe um beijo sôfrego, lambendo-lhe o carmim das faces; parecia-lhe ainda um sonho tê-la na sua mão, tão linda, tão elegante, com o vestido branco, o seu véu transparente e a sua coroa virginal! Tudo era dele e ninguém seria capaz de a gozar. O rodar das carruagens acordou-o do êxtase em que estava mergulhado, o peso do seu crime desenhou-se-lhe no rosto e fugiu espavorido não largando, contudo, a sua presa.

Poucos momentos depois, dava entrada na casa de jantar a alegre comitiva.

A imponente bandeja chamou logo as atenções e, a um grito unânime de admiração, seguiu-se um outro não menos expressivo. Como dominando aquela montanha de doçuras, estava somente o triste noivo com a sua cara de tolo – a noiva tinha desaparecido! Que funesto presságio! E a menina, que chegara da igreja tão feliz, chorava agora toda comovida, procurando entre as trouxas d'ovos algum vestígio da raptada. O marido, mais prosaico, disse-lhe sorrindo:

– Não procures mais, tontinha, está claro que foi roubada.

Todos foram da mesma opinião, só a noiva exclamou revoltada:

– Oh! Logo neste dia!... É infame!

– Mas quem foi, sim, quem foi? perguntaram todos.

Lulu, pálido, com a cabeça baixa, esperava a sua sentença, fugira-lhe o ânimo, não se poderia defender. Estava perdido. À força de procurarem o criminoso, os olhos dos assistentes cravaram ao mesmo tempo no raptor. Fora ele quem destruíra a alegria da festa!

– Foi o Lulu, gritou a noiva, foi ele que ficou em casa!

– Grande maroto! regougou o pai preparando-se para lhe puxar as orelhas. Você não sabe que aqueles bonecos eram sua irmã e o seu cunhado? Ponha já para aqui a noiva!

– Não posso, disse Lulu, correndo-lhe pelas faces dois fios de lágrimas.

O pai, enfurecido, teimou, gritando:

– Ponha já para aqui a noiva, seu tratante!

Lulu num choro convulsivo murmurou caindo de joelhos:

– Não posso, comi-a!...

Ondina

Nascera duma promessa e dum beijo!... A vergonha obrigara a mãe a rejeitar o fruto dum erro, e assim, a pobre criança fora abandonada ao acaso... à beira-mar!

A Providência salvara-a. Mas quando a criança, tornada mulher, perguntava quem eram seus pais, indicavam o mar dizendo:

– És filha das ondas.

Ela ficava embebida na contemplação do oceano, ora meigo e acariciador como um beijo maternal, ora irado e terrível como o sonho do culpado. Passava horas inteiras sobre os mais altos rochedos, com os cabelos soltos e o olhar ardente, sorvendo os longos haustos a fresca aragem que enfunava as velas dos barcos que passavam, como brancos fantasmas, no azul transparente das ondas.

Um dia, deixou-se cair nesse espelho de prata que fora toda a sua felicidade, e o seu corpo, vaporoso e lindo, boiou sobre as algas marinhas, que a embalaram por momentos, enquanto ela, Ondina, ébria de ventura, murmurava:

– Leva-me para ti, minha mãe!

GUIOMAR TORRESÃO

Pesquisa, seleção e atualização ortográfica por
EDUARDO DA CRUZ E
BIANCA GOMES BORGES MACEDO



9

Guiomar Delfina de Noronha Torresão, filha de Maria do Carmo Pinto de Noronha Torresão e José Joaquim de Noronha Torresão, nasceu em Lisboa no dia 26 de novembro de 1844 e faleceu no dia 28 de outubro de 1898, na mesma cidade. De família burguesa, após o falecimento prematuro do pai, Guiomar Torresão vivia com a mãe e a irmã Maria Felismina. Guiomar fez do cultivo das letras o seu meio de subsistência, dando lições de instrução primária e de francês, ao mesmo tempo em que se iniciava na escrita.

Verdadeira polígrafa, atuando como jornalista, poetisa, ficcionista, ensaísta, cronista, tradutora, dramaturga e editora, Guiomar Torresão adotou por vezes o pseudônimo Delfim de Noronha, com o qual redigiu nos dez primeiros números da revista *Ribaltas e Gambiarras* (1881), editada por Henrique Zeferino. No *Diário*

⁹ Fotografia que acompanha a segunda edição de *Rosas pálidas*, de 1877.

Ilustrado, escreveu com o pseudônimo Gabriel Cláudio. A escritora portuguesa também escreveu sob os pseudônimos Roseball, Scentelha, Sith e Tom Ponce.

Seu primeiro romance, intitulado *Uma alma de mulher*, foi publicado em 1869 e reimpresso da revista *A Voz feminina*. Guiomar Torresão colaborou com periódicos em Portugal e no Brasil, como *Diário de notícias*, *Diário ilustrado*, *Artes e letras*, *Ilustração portuguesa*, *O Mundo Elegante*, *Lisboa creche*, *A Leitura*, *O Liberal do Pará*, entre outros. Ela também participou do *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*. Seu interesse no mercado brasileiro pode ser percebido também pelos volumes de suas obras que ela enviou ao então Gabinete Português de Leitura, do Rio de Janeiro, com dedicatória a essa instituição.

Guiomar Torresão fundou em 1871 seu próprio almanaque, o *Almanaque das Senhoras*, que editou até a sua morte. Nessa publicação, abriu espaço para diversas escritoras publicarem, escreveu biografias de autoras e divulgava livros publicados por mulheres.

Algumas de suas obras são: *Uma Alma de Mulher* (1869), *Rosas Pálidas* (1873), o romance histórico *A Família Albergaria* (1874), *Meteoros* (1875), *O fraco da baronesa*: comédia original em um ato (1878), *A comédia do amor* (1880), *No teatro e na sala* (1881), prefaciado por Camilo Castelo Branco, *Idílio à Inglesa* (1884), *Paris – impressões de viagem* (1888), *As batalhas da vida* (1892), *Educação Moderna*: comédia em três atos (1894), *Flávia* (1897), *A grande velocidade*: notas da gare (1899).

Com uma quantidade considerável de produções ficcionais, romances, novelas e contos, muitos publicados na imprensa periódica, mas também recolhidos em seus diversos livros, pode ser considerada uma das grandes ficcionistas portuguesas do século XIX, que deveria ter sua obra integralmente reeditada. Inclusive, suas produções da maturidade demonstram um afastamento da estética romântica e um diálogo intenso com o realismo-naturalismo então em voga. Por sua posição de independência e por seguir um estilo que não era considerado adequado a mulheres, foi muitas vezes atacada por seus pares homens.

Os contos que apresentamos nesta antologia apresentam uma das grandes preocupações das mulheres da época, o casamento. Apesar da possibilidade de escolha do futuro marido, por benevolência de seu pai, a personagem de “Diário de uma complicada”, uma mulher bem-educada, instruída, criativa, seria entregue ao controle de um homem. Além disso, a narrativa traz temas que não eram próprios a senhoras, como o erotismo e a apreciação estética do corpo masculino. Já em “A Sereia”, é o corpo feminino e o fetiche que movimentam a possibilidade ou não do casamento.

Guiomar Torresão nunca se casou e não teve filhos, tendo vivido até a data de sua morte com Maria Felismina de Noronha Torresão, sua irmã. Também por isso, não escapou a comentários sobre sua sexualidade.

Diário de uma complicada

Janeiro, 7... – Ninguém me compreende, e eis aí porque resolvi confiar ao meu jornal, companheiro discreto e mudo que reduzirá a cinzas os segredos que lhe entregarem, o estado da minha alma. Na opinião de todos que me rodeiam, de todos que me conhecem e de vários que me invejam, esse estado é cristalina-mente azul: – um céu de primavera!

Filha única de um milionário, que me exhibe como uma pérola rara, engas-tando-me em cetins e veludos, que me cultiva como uma planta exótica, vice-jando no ambiente de uma estufa; bonita, – afirma-o o depoimento do meu espelho; rica, – repetem-no os suspiros madrigalescos dos meus admiradores, uma coleção de candidatos à mão das herdeiras abastadas que passeiam pelas salas os seus bigodes frisados, as suas frases de chapa e as suas atitudes de figu-rino; rica, bonita, adulada e sutilmente criticada pelas minhas *íntimas inimigas*, haverá alguém que não me julgue feliz?

Ontem à tarde, o papá surpreendeu-me, na ocasião em que eu chorava silenciosamente, vendo cair a chuva nas árvores do parque e sentindo na zoadá do vento o longo clamor nostálgico de uma saudade incoercível. A tristeza ambi-ente das coisas penetrara-me lentamente; o céu baixo, acolchoado de nuvens, as-fixiava-me. Veio-me um desejo insensato de desaparecer e aniquilar-me na morte de toda a natureza, vestida de crepe... Desejei ser uma das pequeninas fo-lhas amarelecidas que o vento arrancava dos troncos esqueléticos, atirando-as para longe...

“Dói-te a cabeça?” perguntou-me o papá, acariciando-me.

Respondi afirmativamente, deitando-lhe os braços ao pescoço e rindo nas lágrimas, como os pintarroxos que cantam na neve.

Janeiro, 8... – A minha coleção de candidatos infelizes lá estava ontem à noite em S. Carlos, perfilando nas *fauteuils*¹⁰ de orquestra os seus peitilhos lumi-nosos, os seus bigodes sugestivos e as suas opiniões recortadas à tesoura.

¹⁰ Apesar de a palavra francesa ser masculina, foi utilizada no feminino.

O primo Raul, que veio cumprimentar-nos logo depois do rondó, notou que eu tinha os olhos pisados e ofereceu-me um saco de bombons, que ele disse ter sido comprado no Boissier, mas que eu juro que veio direitinho da rua do Oiro.

Raul é fenomenal! Uma *praline* trazia embrulhada uma declaração!...

À saída do teatro, o papá apresentou-me sir Francis W., o adido da legação inglesa.

Janeiro, 25... – Francis valsa idealmente, e eu que pensava que só os alemães sabiam conduzir-nos nesse ritmo cadenciado e leve como um voo!... Ficou encantado, porque, ao dirigir-me em francês uma frase amável, eu lhe retorqui em inglês com uma frase irônica. Oh! os homens!...

Ao *cotillon*, o primo Raul caiu na odiosa banalidade de mostrar-se despeitado! Pisou Francis, quando ele valsava comigo, e quebrou o leque que a Cesaltina lhe confiara, quando lhe neguei a preferência do espelho.

O conselheiro Tibúrcio pediu licença ao papá para apresentar-me o filho bacharel, – outro candidato! – que regressou ontem de Coimbra.

O conselheiro tem a mania de querer ser rapaz: usa monóculo, veste *smoking*, e traz na botoeira uma rosa crônica, que desconfio que é produto manual, como o chinó. O filho, um jovem futuro advogado de causas perdidas, não usa monóculo, não traz rosa ao peito, mas para justificar a teoria do atavismo, é arquitolo! Durante um quarto de hora, fui magnânima. Deixei-o falar, sem o interromper, reservando-me o direito de não o ouvir. Exultou, convicto do irresistível poder da sua eloquência, e concluiu, asseverando-me que era a senhora mais espiritosa que ele tinha conhecido (*sic*). O papá convidou-o para as nossas partidas-concertos das segundas-feiras. Perguntou-me, sutilizando a inflexão da voz até o *mi bemol* de um prelúdio de *flirt*, se deveria aceitar “Certamente que deve”, apressei-me a responder.

Um tolo inofensivo é, sem dúvida, o mais imprescindível ornamento de uma sala.

Fevereiro, 2 ... – O papá veio logo de manhã ao meu quarto, felicitar-me, beijar-me e brindar-me com um lindo adereço de pérolas. Completo hoje os meus vinte anos e sinto-me velha. Velha e desiludida! Por quê? A doença da vontade, que Amiel nos descreve no seu estranho livro...

Francis soube, não sei como, que se dava na minha vida este absurdo de fazer anos, e enviou-me um magnífico ramo de orquídeas.

E não escapei à vulgaridade dos bilhetes de parabéns, ladeando presentes, mais ou menos humilhantes.

Braços amigos cingem-me, palavras doces afagam-me, a legião de íntimas inimigas acode solícita; Raul assoma, vergando ao peso de uma *corbeille* de lilases artificiais; o papá delira, os criados congratulam-se, e só me falta a querida mamã que dorme além no seu jazigo de mármore, para que este dia seja de grande gala.

E entretanto, eu continuo a invejar o obscuro destino das ovarinas, das vendedeiras que passam na rua, das pobres mulheres do povo que não analisam as suas impressões, que não se escutam, que vivem instintivamente, inconscientemente, incultamente, e que não têm como eu, escondido no coração, este réptil venenoso que se chama desalento!...

Fevereiro, 8... – O papá falou-me ontem longamente de Francis; a sua conversação pareceu-me, não sei bem por quê, uma espécie de sondagem, em que ele trazia o pensamento dentro de um escafandro... Francis é filho do *lord W.*, um irlandês rico como um nababo. A mãe, descendente de uma princesa da Escócia, uma *lady* branca e loira, vive mergulhada no *spleen*, como um sorvete de leite afogado em uma botija de tinta. Habitam o seu grande parque senhorial de Richmond, sombreado de árvores seculares, alvejante de estátuas que espelham os seus vultos de mármore nos grandes lagos onde boiam os cisnes e morrem os nenúfares... Francis foi educado como um príncipe. Recebeu a alta cultura mental, aliada à disciplina física da ginástica, dos exercícios ao ar livres, que os anglo-saxônicos dão aos seus filhos; e recebeu também a fina intuição de todas as volúpias cerebrais, de todos os gozos quinta-essência de que é composto o sibarismo moderno, que os faraós do milhão incutem aos seus representantes.

Aos 18 anos, Francis adormeceu no Japão em uma casa de papel de arroz, acariciado, talvez, por uma madame Chrysanthème de olhos oblíquos e pés caprinos, depois de ter viajado à roda do mundo. Aos 20 anos, acordou em Paris, *attaché* da embaixada da imperatriz de todas as Índias.

Fevereiro, 9... – Por que seria que o papá, que não é nada romântico, insistiu, sempre metido no seu escafandro, em romantizar Francis?...

Fevereiro, 15... – Oh! a vida é um conflito!...

Há oito dias que eu trazia no pensamento um sonho de rendas e tules, que a implacável realidade acaba de esfarrapar. Inventei uma *toilette*, que supus a última palavra de elegância inconfundível. Fiz vinte ou trinta desenhos que inutilizei, até conseguir fixar a minha preferência em um modelo, que se me afigurou inimitável. Desejava levar ao baile da legação inglesa o documento da alta estesia feminina de uma portuguesa, no domínio da *toilette*. Conferenciei com a modista; encerramo-nos durante longas horas de suplício para a criatura, que a despeito

de todos os seus laboriosos esforços não conseguia atingir o imprevisto e materializar o imponderável. Obriguei-a a ter ideias nas pontas dos dedos. Analisei, critiquei, modifiquei. Não raro, sentia ímpetos de desfazê-la, de espezinhá-la, de amassá-la, para lhe imprimir depois um feitio novo, uma forma maleável, de que anda tão arredia a índole pacóvia e ronceira das nossas modistas.

A criatura abria muito os olhos, violentava a imaginação, esforçando-se por soletrar, entre as duas linhas, o poema inédito dessa *toilette*, que exorbitava do chavão do figurino, proclamando a sua originalidade alheia à tutela do jornal de modas. Por último, triunfei em parte da resistência dessa compreensão obtusa, chegamos a um acordo, e eu recomendei-lhe um segredo inviolável, ameaçando-a, se acaso o exemplar, fruto das minhas lucubrações, encadernasse em outro corpo que não fosse o meu.

Às onze horas, entrei no palácio da legação.

Lady P. veio receber-nos, abrindo um sorriso diplomático nos lábios carminados de fresco, onde alvejava o seu magnífico *râtelier* de porcelana.

O primo Raul e o doutor Tibúrcio disputaram um ao outro a prerrogativa de oferecer-me o braço.

Desorientei Raul, preferindo-lhe o bacharel, que é mais alto.

Dançava-se no salão, no brilho ardente dos espelhos, alagados de luz, refletindo a ronda aérea dos pares deslizando em uma nuvem de rendas por entre uma constelação de diamantes.

Puxei pelo braço do advogado e obriguei-o a descrever uma parábola, que nos conduziu à estufa. A minha *toilette* carecia de uma apresentação solene, de um momento oportuno, incompatíveis com a agitação da dança.

Deixei-me cair em uma cadeira de bambus, colocada à entrada da estufa, debaixo de um molho de glícínias que formavam dossel por cima da minha cabeça, e esperei.

O filho do conselheiro Tibúrcio, supondo, talvez, que eu lhe preparara um ensejo de *flirt*, exultava. Torcia o bigode, – os homens torcem o bigode, tenho notado, sempre que se propõem fazer uma asneira –, assoava-se, mordida as luvas, rodeava-me de atenções banais, dirigia-me perguntas absurdas. Entretanto, eu recompunha mentalmente a figura dele quando chegasse à idade do pai: abdômen convexo, rosa crônica, chinó lustroso...

Fez-se um silêncio.

A música da valsa punha tremulinas sonoras no ambiente balsâmico da estufa.

Chegou o momento, pensei, vou ser vítima de uma declaração.

Olhei para o doutorzinho, que olhava para mim com uma cara de tolo inconcebível, e sem poder resistir ao burlesco dessa boca franzida, desses olhos de carneiro moribundo, desatei a rir.

Tibúrcio filho curvou-se em S e murmurou, encanudando os lábios:

“Ah! Se v. ex.^a adivinhasse!... Há momentos na vida... Se me permitisse!... Tenho um poema no coração... e desejaria...”

Cortei-lhe o madrigal, dizendo-lhe: “Peço-lhe que chame o criado. Queria tomar um gelado de baunilha...”

O bacharel deixou de morder as luvas e começou a morder os beijos, e enquanto eu saboreava o gelado, suplicou-me se lhe concedia a primeira contradança.

Cessara a valsa; deixei o gelado encetado na mão do meu admirador e aceitei o braço de Raul, que veio buscar-me.

Formara-se um grupo em torno da *lady* P., que estava contando ao embaixador da Alemanha um dito amável de Napoleão III, ao recebê-la pela primeira vez nas Tulherias.

Parei, escutando, no intento de ganhar a favor de efeito do meu famoso vestido, laboriosamente executado, o tempo indispensável para o fazer admirar. Verificara que nenhum se lhe assemelhava, que nenhum apresentava, como o meu, uma absoluta e indiscutível novidade no feitio e nos enfeites. O meu triunfo punha-me asas nos pés. Quando atravessei a sala, pelo braço de Raul, pareceu-me que voava.

No grupo da Cesaltina e da viscondessinha, a que faziam parede meia dúzia de rapazes, capitaneados pelo Romualdo, o irresistível dos *sports* náuticos e hípicas, várias cabeças voltaram-se para nós, e nos leques, abrindo-se e fechando-se, houve um frêmito de despeito.

De repente, estremeci e recuei aterrada.

No espelho do fundo da sala, vi Francis que caminhava risonho, irrepreensivelmente londrino na sua casaca do Poole, na sua face láctea, doirada pelo loiro âmbar do cabelo e engastada pela gravata branca. Ao braço dele encostava-se a baronesa ***, a *professional beauty* deste inverno, uma mulher insolentemente espirituosa, escandalosamente pintada, indecentemente decotada, que tem no seu outono, segundo os homens deixam perceber, a atração perversa de uma primavera latente. E nessa quezilhenta baronesa que está sendo o *cauchemar* de todas as raparigas, eu vi, horror! A minha querida *toilette*, o meu vestido inédito, o meu sonho vivido e aformoseado, – confesso-o, furiosa! – por uns detalhes que me escaparam e que o monstro aproveitou habilmente.

Francis e a baronesa aproximaram-se; a baronesa e eu olhamo-nos; as nossas duas *toilettes* assumiram o aspecto de duas potências beligerantes, e eu senti-me empalidecer e esfriar.

Sem refletir no burguesismo da minha pergunta, disse à baronesa, fitando-a no branco dos olhos:

“Onde mandou fazer a sua *toilette*, minha querida?”

“É do Laferrière, minha querida, respondeu sem hesitar.”

“Do Laferrière... com sucursal no Chiado”, segredei, irritada, ao ouvido de Raul, que olhou para mim espantado. Oh! hei de vingar-me!

Fevereiro, 28... – Francis não falta a nenhuma das nossas *veladas* das segundas-feiras, o que é um sintoma. Entretanto, ele é o único, honra lhe seja! que poupa aos meus ouvidos a ladainha das mesmas finezas cediças.

Glacial como um copo de neve, reservado como um túmulo, mudo em questões de *flirt* como uma esfinge, o filho do *lord W.* individualiza o modelo da correção britânica.

Fala pouco, pensa o que diz, e diz a propósito, com uma graça fria e picante como a salada russa, o que os outros não pensam.

Em a nossa roda, adoram-no e invejam-no.

As mulheres bombardeiam-no de sorrisos estudados, os homens crivam-no de comentários malévolos.

O primo Raul não digere os nossos jantares dos domingos, nos dias em que o papá convida Francis.

Ontem à noite, em D. Maria, Raul contou-me, com reticências, uma história ambígua, em que Francis desempenhou um papel humilhante.

Em Paris (tem a palavra o primo Raul), a duquesa de Uzés convidara o adido para um dos seus jantares cosmopolitas, onde se banqueteia o universo, desde os paxás adiposos até aos chineses de cabeça rapada.

A duquesa, como todas as *grandes dames* parisienses, é inflexível em questões de pragmática. Às 8 horas não faltava ninguém, à exceção do adido, que não justificara a sua ausência. Às 8 horas e 10 minutos, na ocasião em que a duquesa e os comensais partiam das ostras de Ostende, regadas de *chambertin*, para o *consommé*, na ampla mesa faiscante de cristais e argenteria e alastrada de flores, Francis entrou, trazendo suspensa do braço uma *musmé*, pitorescamente vestida com o traje nacional, cópia fiel das japonesas dos biombos e dos leques. Então, o adido (continua o primo no uso da palavra), que tinha a pretensão de imitar Loti e que procurava no japonismo um meio de *celebrizar-se* em Paris, explicou à duquesa, atônita, que retardara a hora aprazada, expressamente para causar-lhe, em pleno jantar, aquela surpresa originalíssima.

A duquesa, que estava descascando uma *écrevisse*, franziu as sobrancelhas e não respondeu.

E Francis, corrido, escarnecido por todos, saiu, arrastando a boneca, importada das regiões do chá, e com ela a vergonha de o banirem para todo o sempre dos salões parisienses.

Escusado é dizer que não acreditei uma palavra desta tolíssima pseudo-aventura; mas o que é extraordinário, é que ela produziu no meu espírito um efeito diametralmente oposto àquele que Raul esperava. Francis, que me parecia

até ontem à noite bonito autômato, funcionando mecanicamente como os *bebês* de louça e de pelica, fabricados em Nuremberg, assumiu de repente aos meus olhos o aspecto heroico de um mártir, caluniado por um imbecil!

Março, 5... – Decididamente, a vida em Lisboa é uma coisa intolerável! Este meio restrito, de um burguesismo pé-de-boi, asfixia-me! Os homens não têm fantasia, as mulheres não têm *chic*!

Esta manhã, a Avenida, onde passei ao trote dos nossos dois hanoverianos, lembrou-me um aspecto de Saara com dois camelos ao fundo, que vi na *Ilustração Inglesa*.

Do lado ocidental divagavam ranchos de velhas e novas, exibindo na sua estapafúrdia farrapagem todas as cores das penas das araras. Ao lado oriental afluíam exemplares da casta seleta: os da pasmaceira do Chiado, as flanadoras da baixa, as senhoras que passeiam e fazem visitas, os aspirantes, os guardas-marinha, os velhos que fumam ao sol, rejuvenescendo na contemplação das belezas indígenas, e, finalmente, as do batalhão do *high life* que se deleitam, lendo todas as manhãs o nome no registro dos jornais.

Voltei para casa nervosa, secada, doente de aborrecimento, com um enxame de diabinhos azuis na cabeça e uma resolução inabalável: decidir o papá a expatriarmos ou suicidar-me!

Março, 6... – Passei hoje um dia delicioso! A convite das Alains, fomos jantar a Benfica, um jantar a que serviu de pretexto uma partida de *lawn tennis*. À uma hora, reunimo-nos no parque, prontos para disputar o *match*, em que Francis era meu adversário. A princípio, a sua destreza, a sua agilidade, a flexibilidade de seus músculos de aço, a certeza do seu jogo, ofuscaram-me.

Li logo o meu desastramento nos olhos de Cesaltina, que faiscaram de alegria. Tibúrcio filho, que assistia à partida, queria aplaudir-me, mas não ousava. O conselheiro, sempre de rosa ao peito e monóculo no olho, permitiu-se fazer-me observações e dar-me conselhos.

Às duas horas, apareceu a baronesa***, irônica, a boca úmida de carmin como um morango maduro, e um vestido cor de trigo que irritava, pela sua premeditação juvenil.

Fitou-me com o *lorgnon* de tartaruga e ouro, e, obliquamente, olhou para o adido e atirou-lhe de relance uma frase inglesa.

A sua escandalosa petulância de copiar a minha *toilette* de baile reviveu com todas as particularidades, momentaneamente esquecidas.

Estremeci, como os cavalos de raça quando lhe cravam a espora.

Os meus nervos vibraram, espiritualizaram-me, lançaram-me; sentindo ímpetos de morder a plagiária que voltara para mim o seu sorriso rubro de morango esmagado, senti também que ia ser a laureada do *match*.

Às quatro horas terminou a partida; vieram felicitar-me e oferecer-me uma medalha, o prêmio do vencedor.

Francis assentou-se ao meu lado, no perfume dos jasmineiros em flor que vestiam o caramanchão, desfolhando-se aos nossos pés.

Era ali que eu tinha ido repousar das minhas glórias de vitoriosa do *lawn tennis* e velar a minha modéstia perturbada.

Francis aparecera de repente; saindo da sua habitual reserva, disse-me à queima roupa:

*“Vous êtes une charmeuse, mademoiselle! Les femmes comme vous sont rares, comme la luzerne à quatre feuilles, et comme elle, vous porterez bonheur à celui qui vous cueillera.”*¹¹

Sem estar preparada para essa frase de álbum, entendi que era melhor não responder, limitando-me a escutar. E com a ponteira do para-sol, – um expediente como outro qualquer –, comecei a riscar no saibro traços hesitantes, que tomaram inconscientemente o feitio de duas iniciais: um F. e um W.

Então o adido, ou por outra a vaidade masculina, interpretando o meu silêncio à conta de uma comoção ingênua, reveladora de uma paixão oculta, confessou-me a simpatia que eu lhe inspirava. Asseverou-me que a sua felicidade estava dependente de uma palavra minha. Que ele seria um homem ditoso se me houvesse merecido a honra de ser correspondido. Falou-me do seu parque, em Richmond, de sua mãe, da sua infância. Gravemente, como se tratasse de assuntos ponderosos, referiu-me que aos oito anos trepara a uma árvore para roubar um ninho de pintassilgos, e quebrara a cabeça.

Descreveu-me a impressão que experimentara na China, quando comeu arroz, assentado em uma esteira. Contou-me particularidades das suas viagens, algumas de uma banalidade atroz, como, por exemplo, a do encontro na Baviera com um marujo preto, que lhe dera um amuleto.

De cabeça baixa, parecia eu uma pessoa comovida, e, vagamente, sem deixar de me sentir lisonjeada pela corte discreta e respeitosa desse bonito rapaz de uma distinção inata, amado, em segredo, por todas as raparigas, sentia-me também excessivamente secada.

Por último, Francis emudeceu e esperou.

A tarde morria docemente no límpido advento da primavera, denunciando-se na eflorescência dos lírios, na transparência do céu azul e na misteriosa germinação da terra.

¹¹ Tradução dos organizadores: “Você é encantadora, senhorita! Mulheres como você são raras, como o trevo de quatro folhas, e como ela, você dará sorte a quem te colher.”

“*Mademoiselle*”, pronunciou Francis, envolvendo-me em um olhar imperioso, que me obrigou a levantar a cabeça, “*vous ne repondez pas?*”¹²

“*Si, monsieur*”, retorqui, como se despertasse de um sonho, “*vous m’êtes on ne peut plus sympathique, et je vous remercie les jolies choses que vous avez bien voulu me raconter.*”¹³

A resposta equivalia a um *douche*, supus até que o meu interlocutor ia protestar.

Francis, porém, curvou-se e, radiante, beijou-me a mão, o que prova que os namorados ingleses são muito menos difíceis de contentar do que os namorados indígenas.

Março, 10... – Nunca imaginei, quando lia nos livros franceses esta frase repetida por todos os romancistas: *O coração da mulher é um abismo*, que eu, mais talvez do que as outras criaturas do meu sexo, trazia dentro do meu peito esse antro.

Francis é quase oficialmente o meu noivo, por consentimento do papá, consentimento que corroborei.

E todavia, pergunto a mim mesma se este bretão metódico como um pêndulo logrará jamais arrancar ao sílex que jaz no fundo do abismo a misteriosa centelha?...

O papá está contentíssimo e já saiu do escafandro para me confiar que semelhante enlace constituía há muito a sua ideia fixa.

Todos exultam, e só eu levo os dias e as noites a interrogar-me!...

Março, 15... – Raul traz a bÍlis extravasada, e como não se deixou convencer pelo axioma francês: *a vingança é manjar que se deve comer frio*, trata em português clássico de fazer corte ostensiva à Cesaltina, que lha retribui. Doutor Tibúrcio, menos idiota do que eu previa, tomou corajosamente o partido de “congratular-se pelo auspicioso enlace”. O conselheiro, sempre de rosa ao peito, veio dar-me os parabéns, no dia imediato àquele em que Francis me pediu.

Março, 17... – O meu noivo partiu ontem para o Porto, onde se demora três dias. A ausência poetiza-o e dá um formal desmentido a essa absurda frase: *les absents ont tort*. Desde que o perdi de vista, na *gare*, começo a admitir, com menos relutância, a perspectiva de o ver constantemente. A separação tem uma ótica singular: miniaturiza as imperfeições e amplia os merecimentos. Há pouco, estive olhando para o retrato dele, uma esplêndida fotografia do Nadar, e

¹² Tradução dos organizadores: “Senhorita, você não responde?”

¹³ Tradução dos organizadores: “Sim, senhor, você não poderia ser mais simpático comigo, e agradeço as coisas lindas que você teve a gentileza de me dizer.”

descobri-lhe nos olhos claros, de um azul faiança, uma suavidade cariciosa, quase suplicante, em que ainda não tinha reparado.

Março, 18... – Ontem à noite monopolizei o primo Raul, prendi-o ao piano, onde toquei, para lhe ser agradável, quase todas as valsas do Chopin, sem perder de vista a Cesaltina, que se fazia amarela e verde...

Março, 20... – Quem sabe se o primo Raul não seria afinal um marido invejável?

E quem sabe se não cantaria com ele, em uma harmonia perfeita, o dueto do 4º ato dos *Huguenotes*?

E aqui está como um despeito tolo é capaz de acordar, nos outros, uma tentação culpável!...

Março, 21... – Francis regressou do Porto, e ainda bem, porque a assiduidade de Raul, iludido pelas aparências, ia-se tornando comprometedora.

No *picnic* de ontem, um *picnic* inventado pela baronesa ***, no intuito de se fazer admirar por uma fresca *toilette de crépon* lilás, em um audacioso chapéu à Diretório, pousado sobre a franja esborrifada dos seus cabelos cor de gema de ovo, Raul desinteressou-se da Cesaltina e voltou-se exclusivamente ao ofício de meu *chevalier servant*.

A Maria Angélica, antítese do nome, uma, entre tantas, linguinha verde em lábios cor-de-rosa, vem dizer-me oficiosamente que se notara a minha presença no *picnic*, estando ausente Francis.

Raul ouviu e respondeu-lhe uma insolência. Depois, oferecendo-me o braço, perguntou-me se eu queria ver a estátua mutilada do infante D. Henrique, uma das curiosidades da quinta.

Pelo caminho, insinuou habilmente que se sentia devorado de uma tristeza sem conforto, de um desespero que o levaria ao suicídio, se acaso as vítimas do suicídio não sucumbissem pelo ridículo, antes de acabarem de morrer pelo revólver ou pelo veneno.

“Ah! se a Mimi tivesse querido, acrescentou, fazendo-se muito pálido e apertando-me muito a mão, que levou aos lábios.”

Tive dó do pobre rapaz, abri a boca para dizer-lhe uma palavra afetuosa. De repente, lembrei-me da Cesaltina, devorada de ciúme, debatendo-se nas garras do *monstro de olhos verdes*, e desatei a rir.

Raul fez beicinho, e creio que se dispunha a mimosar-me com o aspecto cômico de um homem desfeito em lágrimas, quando a baronesa apareceu ao nosso lado, fixando-nos com o seu execrável *lorgnon* de tartaruga e ouro, e convidando-nos para uma partida de *cricket*.

Março, 30... – Francis é um ingênuo com ressaibos de romântico da escola de Dickens. Tem ilusões infantis, puerilidades de colegial, que contrastam singularmente com a dolorosa experiência dos meus vinte anos, passados a *escutar-me*.

Ontem, eu estava sob a influência da minha crise negra. O céu cor de cinza distinguira no meu espírito. O vento, sacudindo as árvores, fustigara-me os nervos. O ruído das vozes incomodava-me. Tentei em vão refugiar-me na música; diligenciei aturdir-me na leitura, não o consegui. Ocorreu-me a frase de Vigny: *A mulher, criança doente...*

Peguei em um livro de Ulbach e li: *Il n'y a pas de cœur, là où Il n'y a pas d'esprit*.

Desoladamente, pensei que Francis não tem espírito, não tem coração, e que eu sou a vítima das ciladas do destino, algemando-me para sempre a um homem que não posso amar.

O papá, que se aterra com o meu nervoso, desde que o Bittencourt Rodrigues lhe meteu em cabeça que eu sou uma histérica, veio prodigalizar-me o emoliente das suas carícias e tentar sugerir-me um capricho, que ele pudesse satisfazer.

Francis entrou mais cedo do que costuma, e o papá, confiando na eficácia da sua presença, absorveu-se na leitura do *Jornal do Comércio*.

O meu noivo perguntou-me pelos lilases que me enviara algumas horas antes.

“Desterrei-os para a biblioteca do papá”, respondi secamente.

“Por quê?” inquiriu, sobressaltado.

“Os perfumes enervam-me!”

“Está nervosa?” observou ele pegando-me na mão.

“E o senhor, não? felicito-o!” repliquei de mau humor.

“Mary, estranho-a!” balbuciou Francis atrapalhado.

“Não admira. Os Pangloss, como o senhor, estranham tudo que não entendem.”

Francis olhou-me fixamente, afetuosamente; em seguida, voltando para o papá os seus bonitos olhos de esmalte de Limoges, insinuou que seria prudente chamar um médico.

O papá abanou a cabeça negativamente e continuou a ler.

Bruscamente, senti uma ternura por essa divina paciência evangélica que aturava sem azedume os meus estúpidos caprichos.

Chamei Francis para o meu lado e expliquei-lhe, que eu era como as flores dos trópicos que murcham quando se apaga o sol.

“Nesse caso, observou ele, como é possível habituar-se ao céu inglês?”

Respondi-lhe com a frase de Shakespeare, o seu poeta, com essa dulcíssima frase que Romeu murmura a Julieta: “Se os teus dois olhos estivessem no céu, os pássaros julgariam que cessara a noite e começariam a cantar.”

Francis, sem alterar a gravidade automática da atitude, não ocultou o júbilo que acendeu de súbito uma faísca na luz clara e fria do seu olhar inexpressivo.

E, serenamente, sem a menor exaltação, repousando nas palavras como um viajante extenuado que vai descansando pelo caminho, recitou aos meus pés o *Kyrie* dos fetichistas do amor, abatendo-se na presença da sua radiosa Madona.

Mas como eu adoro as antíteses, não o deixei sair sem lhe pregar uma pirraça; tenazmente opus-me a que ele guardasse na carteira um cabelo meu, que achara no meu *fauteuil*.

Abril, 5... – Surpreendi ontem de relance um diálogo do conselheiro Tibúrcio com o papá, a propósito do Romualdo, e senti a náusea desta sociedade fundamentalmente artificiosa e profundamente contaminada de esnobismo, nas suas mais grotescas exhibições.

Romualdo, o irresistível das damas, planeia uma nova proeza, que deverá imortalizá-lo.

No primeiro sarau do Gymnasio Club, apresentar-se-á de *maillot*, na pública ostentação da sua plástica de Hércules Farnésio, e dar-nos-á um intermédio de acrobata *clown*, em que derivará gentilmente do trapézio funambulesco para a pantomima faceta.

Francis, que escutava a conversa, aplaudiu a audácia, e eu concluí, humilhada, que o meu noivo tem por força no seu atavismo aristocrático um garfo burguês que me horroriza.

Abril, 6... – A Cesaltina veio ontem entornar no meu peito a alegria que não lhe cabe no coração. A pobre rapariga, que ao aproximar-se do cabo tormentoso dos 30 anos começava a descrever de atingir o ideal de um marido, viu afinal corroborados os seus anhelos.

Raul a quem ela dirigia cotidianamente epístolas incendiárias, repassadas de exprobrações elegíacas, sacrificou-se heroicamente. Colhido num impasse de um dilema cruel: receber as cartas e lê-las, ou recebê-la a ela, optou pelo segundo expediente. Embora eu preferisse todos os suplícios, compreendendo o da grelha de S. Lourenço, ao de aturar perpetuamente a Cesaltina, não posso deixar de admirar a coragem do primo Raul.

Abril, 10... – Francis suplicou-me hoje que fixasse o dia do nosso enlace.

Esse pedido, formulado à queima roupa, deixou-me extraordinariamente perturbada...

Abril, 11... – *Lady W.* escreveu-me, instando delicadamente para que fôssemos passar a lua de mel em Richmond.

Abril, 15... – Tudo conspira. O papá deseja que o *grande acontecimento* tenha lugar no 1º de julho. Pedi oito dias para deliberar.

Abril, 17... – Tibúrcio filho eclipsou-se. Ouvi dizer que a baronesa não é estranha a essa deserção.

Abril, 20... – Evidentemente, este estado d'alma, de uma monotonia narcotizante, esta doentia irresolução que simultaneamente me diverte e me magoa, não correspondem de modo algum à expectativa de uma noviça do amor, que se dispõe a professar na misteriosa ordem das legendárias possesas do Ignoto deus.

E entretanto se um imprevisto qualquer me separasse de Francis, se deixasse de ver os seus olhos de esmalte, a sua boca severa, a sua *pose* hirta; se a sua voz, um pouco sonolenta e ligeiramente gutural, emudecesse e eu não mais ouvisse os trechos de idílio água de rosas, em que ele me testemunha o seu amor, ou os pueris contos da carochinha, extraídos do seu *carnet de touriste*, em que eu lhe testemunho, escutando-os, a cristalização da minha paciência; se me arrancasse do coração esta raiz de afeto, que lentamente tem alastrado no meu peito; se, finalmente, me deixasse sugestionar pelos meus irrequietenos diabinhos azuis, que tantas vezes me aconselham que suprima Francis e não case, eu sinto que abriria na minha vida um vácuo medonho.

E não é amor... não é... sinto-o.

É um misto de estima, que em nada se assemelha à que votamos às pessoas do nosso sexo; de amizade, inteiramente diversa da que consagro ao papá; de crueldade, porque me delicio quando o torturo; de egoísmo, porque exulto sempre que ele me sacrifica os seus gostos e opiniões; e é também a confiança que me inspira a austera pureza do seu caráter, e o sensualismo pagão que me leva a admirar a sua viril formosura de *mâle*, com bíceps de gladiador e uma cabeça auroral de Apolo guiando o carro do sol.

Abril, 21... – Está pronunciada a minha sentença que, sem apelação, me entrega ao meu senhor e dono!

Com uma certa solenidade patriarcal, que involuntariamente me fez sorrir e que intimamente me fez tremer, o papá veio logo de manhã bater à porta do meu quarto.

“Mimi, disse com uma comoção na voz, já deliberaste? Francis está impaciente pela tua resposta.”

Pendurei-me ao seu pescoço, cobri-o de beijos e, chorando e rindo, disse-lhe que sim.

É irrevogável como a fatalidade! O casamento realizar-se-á no 1º de julho.

Abril, 30... – Francis entrou no seu papel de futuro com uma placidez que, não raro, me exaspera. Não se aparta um segundo da sua impassibilidade britânica, nem mesmo quando opulenta a minha *corbeille* de torrentes de joias, que ele oferece com a mesma fidalga naturalidade como se se tratasse de ramos de flores.

O papá receou por algum tempo que houvesse entre nós a divergência de cultos.

Francis, porém, a despeito de sua nacionalidade, é católico ortodoxo, o que simplificou a questão. O meu noivo, que é afinal um anjo... de mármore, condescendeu de coabitarmos com o papá seis meses em Lisboa, os outros seis meses em Richmond.

A futura convivência com uma sogra, que não conheço, intimida-me um pouco.

Suponho pelo retrato, e pelos tradicionais precedentes, que *lady W.* deve assemelhar-se a uma cariátide.

A intimidade com *lord W.* não me custa a admitir.

Os homens são menos fiscalizadores dos defeitos da próxima, e por mais convicta que eu esteja do inapreciável valor das minhas qualidades, não posso desconhecer que elas sofrem o desconto dos meus inúmeros defeitos.

Francis fala de sua mãe com o respeito supersticioso com que nos referimos a uma santa. E para os meus pecadilhos, para as minhas explosões atribuladas, esse baluarte de virtude vai ser um escolho terrível!

Maio, 30... – Há muito que não faço refletir no meu jornal as cambiantes do meu pensamento.

Paulatinamente, vou assimilando a inalterável monotonia e a metódica quietação que caracterizam o meu amável noivo.

Conselheiro Tibúrcio, de rosa ao peito e monóculo no olho, veio felicitar-me pela segunda vez e dizer-me que o jovem bacharel, seu filho, foi despachado delegado.

Que exemplar de prefeito arqui-proudhonense daria Tibúrcio Júnior, se houvesse nascido em França!...

Junho, 5... – Outro singular predicado que individualiza o meu caro diplomata, – não é ciumento! Este predicado é, sem dúvida, uma preciosa garantia, o

melhor penhor da paz doméstica. Mas para o meu temperamento de meridional, excessivamente impressionável, propenso aos lances dramáticos, às comoções violentas, esse excesso de confiança irrita o meu amor-próprio e instiga-o a submetê-lo a provas decisivas.

Sintra, no estio, dá margem a essa tentativa. As sombras múrmuras, as solidões alpestres, as serranias alcandoradas, as áleas frondosas, são outras tantas complicitades para os audaciosos.

O visconde *** pertence à ala dos namorados para vilegiaturas, que seguem indistintamente todas as raparigas, como um enxame de abelhas turbilhando em torno de uma *parterre* de rosas. Encontro-o de manhã e à tarde nos passeios da vila Estefânia a Seteais; a sua *charrete* roda em fiel satélite atrás da nossa vitória.

Anteontem, pediu para me ser apresentado, e com a petulância de um conquistador profissional depôs nas minhas mãos um ramo de rosas.

Francis, um pouco contrafeito, assistia de parte a esse esboço de *marivaudage*; mas quando me voltei para ele, na expectativa de que o seu legal despeito não deixasse de manifestar-se arrancando-me da mão as rosas e pisando-as, ou, pelo menos, censurando-me a leviandade de aceitá-las (o que eu faria em caso idêntico), Francis, risonho, fitou-me com o seu claro olhar de uma limpidez insuspeita, e, rindo e conversando, ofereceu-me o braço.

Obscuramente, compreendo que ele não seria pela indiferença tanto homem superior, se fosse pelo refinamento da sensibilidade um autêntico apaixonado.

O papá adora Francis e não se cansa de repetir-me que está ali o exemplar dos esposos.

Oh! divino amor, fonte de graça e síntese de júbilos e dores; oh! misterioso amor, idealizado pelos poetas, onde existes tu?

Junho, 10... – Aproxima-se o grande dia! Não raro, surpreendo-me a contar pelos dedos as semanas, os dias, as horas, com uma ansiedade que poderia ser um sintoma de paixão, se não fosse, pelo contrário, um indício de terror.

Tenho medo dessa absoluta intimidade em que me verei forçada a desnudar aos olhos de um homem, que há um ano me era totalmente estranho, o corpo e a alma. Tenho medo de arrepender-me, depois do irrevogável, e de sentir dilacerarem-me os pulsos as algemas do cativo, quando me seja impossível reaver a perdida liberdade.

Através destas cogitações que me torturam lentamente, sinto uma revolta contra mim mesma e pergunto a Deus, que me formou de um barro defeituoso, porque não hei de eu ser como as outras mulheres que aceitam a vida, tal qual ela é, que não sonham perfeições irrealizáveis, que amam, são amadas e partem

para o casamento, com a mesma alegre despreocupação com que se dirigem ao espetáculo?...

Junho, 15... – A toirada, a que acabo de assistir, excitou-me! Acho brutal e cruel aquele combate desigual, em que o toiro é mutilado pelas farpas, sem poder lutar com as armas defensivas que a natureza lhe concedeu. E todavia, subjuga-me o aparato da força do homem, expandindo-se em toda a sua violência animal e dando-nos a nítida sensação de que a bravura é, sem dúvida, a única verdadeira beleza masculina.

A minha fantasia transportou-me de repente à Espanha. Vi-me metamorfoseada em *manola*, de matilha branca, picada de cravos valencianos, e senti toda a voluptuosidade de ser amada por um *diestro*, que viesse ajoelhar aos meus pés, depois de ter morto um toiro.

“Estúpido divertimento!” exclamou Francis, curvando-se a mim.

E eu resvalei do meu sonho na realidade de um noivo positivo como uma figura geométrica, incapaz de compreender a complexidade de um espírito de mulher, ligeiramente *détraquée*, como eu sou.

Junho, 18... – Invejo a sorte desses corpinhos alados de plumagem cetinosa, que se libram no azul e fogem para onde brilha o sol!...

Se acreditasse na metempsicose, poderia ainda afagar a esperança de vir a ser andorinha.

Mas como sou uma pobre mulher que ando pela terra, condenaram-me, ou condenei-me, a partir para o polo norte!...

Junho, 20... – Outrora, eu achava vagarosa a marcha do tempo. Hoje, afigura-se-me, pelo contrário, que ela galopa como o cavalo de Mazzepa, arrebatando na sua correria alucinadora a minha ditosa mocidade que vai desaparecer!

Junho, 21... – Regressamos amanhã a Lisboa para ultimarmos os preparativos da brilhante festividade, que fará de mim uma escrava!

Junho, 23... – Saímos de Sintra por uma manhã brumosa que embrulhava a serra, as grandes massas do arvoredos, as vilas e os parques, em uma espécie de sudário. Eu vinha calada e triste, sentindo no coração a nostalgia do sol e sentindo no espírito oprimido a influência do nevoeiro.

Francis, assentado defronte de mim, tentava ler no livro, para ele perpetuamente fechado, do meu pensamento.

Só o papá, muito expansivo, cada vez mais contente, com um brilho de mocidade nos seus cabelos brancos, com a dose de bom humor inesgotável que desafia a melancolia ambiente, só ele fazia os gastos da conversação.

Não sei bem por quê, chorei tolamente, quando me apartei de Sintra!

Pela primeira vez, sofri, pensando na inflexível lei do irreparável, em virtude da qual os momentos que passam, confidentes dos nossos júbilos e tristezas, nunca mais poderão repetir-se!... *Never more!* Nunca mais!...

Junho, 25... – Francis envolve-me em uma inefável ternura indulgente, quase paternal, que, por vezes, me comove, sem todavia acalmar a exaltação dos meus nervos doentes. Tenho atualmente dois papás: um, velho, rejuvenescido, como certas roseiras que reflorem no inverno; outro, novo, precocemente velho!

Junho, 28... – Faltam apenas 3 dias, e eu experimento uma ansiedade idêntica à do condenado que espera, na capela, o momento da execução!... Pobre rapaz!... Francis merecia outra noiva que soubesse, melhor do que eu, apreciar a sua divina bondade, a limpidez do seu caráter azul como os seus olhos, a fidalguia da sua raça e a formosura escultural da sua figura de *bersagliere*.

Junho, 29... – Esta noite não dormi. Ajoelhada aos pés do Cristo, rezei, chorei e implorei à santa que foi a minha mãe, pedindo-lhe que me amparasse o espírito enfermo, que me dulcificasse o coração ulcerado, que me acompanhasse nesse desconhecido onde vou entrar e que me assusta, como tudo quanto é obscuro... a santa ouviu-me, porque, ao amanhecer, senti no peito a luz da madrugada, e no íntimo da minha consciência perturbada uma voz suavíssima murmurou: *Espera e crê!*

Junho, 30... – Amanhã! amanhã!

A minha *corbeille* é a viva realização tangível de um sonho de fadas!... A legião das íntimas veio admirá-la e... invejá-la.

Surpreendi olhares felinos e risinhos de despeito mal dissimulado, que me divertiam. A Cesaltina, extasiada, quis ver tudo minuciosamente, desde a roupa branca, que veio da Suíça, até aos vestidos, executados nos *ateliers* do Félix, do Worth, do Doucet e do Redfern, acabando nas joias, compradas ao Leitão e importadas da rua de la Paix.

Raul, pretextando motivos fúteis, adia sem cessar o projetado casamento; e ela, coitada! definhando na longa expectativa do seu fugitivo ideal, apresenta o aspecto de um esqueleto embainhado em pergaminho.

Lord W. chegou ontem de Southampton para assistir à cerimônia. É um velho, alto, magro, irrepreensivelmente distinto, com uma linda cabeça

soberbamente engastada em cabelos de um branco argênteo, que parece arrancada a uma tela de Van Dyck, o pintor das raças patrícias; fala pausadamente, sonoramente, e é tão autenticamente inglês no físico e no moral, que eu, ao vê-lo, fui logo para o piano tocar o *God save the Queen*.

Francis adivinha-me os pensamentos e rodeia-me de todas as delicadas atenções compatíveis com a frieza do seu temperamento. Ontem, estava inconsolável, porque o seu correspondente não foi capaz de descobrir duas pérolas pretas, do tamanho que ele fantasiara para os brincos que desejava oferecer-me. Lembrei-me, a propósito, de um delicioso conto do século XVIII, que li em um livro dos Goncourt.

“Uma noite de junho, perfumada pelas flores de tília, mergulhada na poeira de oiro dos astros, a condessa d’Hérouville passeava em um parque, encostada ao braço de *lord* d’Albemarle, seu amante. Ele contemplava-a. ela cravava os seus grandes olhos em Sirius, o diamante rosa do Infinito. Então o *lord* murmurou: ‘Meu doce amor, não olhe tanto para essa estrela, porque, ai de mim! Não posso dar-lha.’”

Francis é capaz de ter um pensamento idêntico ao de *lord* d’Albemarle; simplesmente, ele não ousaria nunca formulá-lo, e procederia com acerto, por isso que os madrigais do século XVIII exalam o cheiro das sedas antigas guardadas em baús arqueológicos.

Junho, 30... – O meu espelho reenvia-me uma figura espectral que parece talhada em pedra, de véu branco e grinalda de flor de laranjeira.

Violento o sorriso que teima em não aparecer nos meus lábios descorados, e desato a chorar!

Decididamente, sou a noiva *triste figura*; a minha suposta inteligência, o meu fino espírito, servem apenas para eu ter a perfeita intuição do ridículo papel que estou representando.

A minha boa Madalena, que me criou, chora como a santa do seu nome; eu imito-a e fico com o nariz vermelho como um rabanete.

O papá cai no meio desta cena melodramática e seca as minhas lágrimas com os seus ditos, de uma graça irresistível.

... Chego da igreja, na inconsciência do que ali se passou, por tal maneira perdi a noção dos acontecimentos! Ouvi em torno de mim muitas palavras pronunciadas a meia voz, que não entendi; senti que me tiravam do dedo um anel e o substituíam por outro; caminhei sem saber como; respondi automaticamente ao padre, que me interrogava; atravessei por entre alas de pessoas, que não vi, e só despertei desse estado hipnótico, quando, ao entrar em casa, meu pai me estreitou nos braços.

... Esta noite partimos para Madrid e de lá para a Itália, onde eu vou afinal saber, no perfume dos laranjais em flor, o que é essa decantada lua de mel!...

Francis rouba-me a tudo que eu amava; substituirá ele tudo que lhe sacrifico?

.....
.....

Florença, 30 d'agosto... – Glória a Deus nas alturas e paz na terra aos homens!

Sou feliz!... sou feliz!... e sinto-me radicalmente curada das minhas crises negras, dos meus diabinhos azuis, das minhas revoltas anárquicas e das minhas análises complicadas.

Francis é um companheiro adorável! A sua fina sensibilidade, guardada como uma essência preciosa dentro de um frasco de cristal, só exala o seu aroma suavíssimo no recatado ambiente da intimidade. Como é peculiar ao temperamento inglês, é preciso conhecê-lo bem para saber apreciá-lo.

Beaumarchais escreveu, irreverentemente: "*O casamento é a mais absurda das instituições.*"

Esta frase é falsa e cai pela base como tudo quanto pretenda subordinar a regras fixas exceções singulares.

O casamento, afirmo eu na plenitude da minha incoercível felicidade, *é a mais divina das instituições humanas*, sempre que a mulher depare no seu caminho um marido como Francis.

A senecia

À Ex.^{ma} Sr.^a D. Maria de Moraes Pinto Doutel

Clotilde sentia uma tristeza profunda e lancinante, que lhe trespassava o coração lentamente, como o ferro agudo e frio de uma lanceta.

Em torno dela enxameava um ruidoso grupo de raparigas e rapazes, que não pensavam senão em inventar divertimentos, mais ou menos interessantes, destinados a preencher todas as horas da vilegiatura, desde o romper do sol até à meia-noite.

Os *picnics*, as pescarias, as burricadas, as *soirées* sucediam-se com vertiginosa presteza: o piano do Clube esfalfava-se, de noite e de dia, ganindo sem cessar, expectorando sem interrupção polcas, valsas, lanceiros, suecas.

Os idílios floresciam profusamente, brotando a cada instante do cruzamento dos olhares que se procuravam, do enlace das mãos que se uniam, da afinidade dos gostos que se encontravam...

O outono começava a estender no horizonte as suas pinceladas de uma palidez ondeante: os crepúsculos mergulhavam-se em tintas de uma cor esbatida, afogueada em súbitos incêndios e logo extinta em uma lividez doente, como as faces dos tísicos.

O mar refletia todas as manhãs e todas as tardes, como um colossal espelho, os caprichosos panoramas das nuvens, ora acasteladas em fantásticas montanhas de bronze, orladas de franjas de arminho, ora lançadas através do azul, em bandadas de pássaros gigantes, ora contorneando em um fundo ensanguentado baixos relevos extravagantes, cabeças de esfinges, quimeras de ventres obesos e risos grotescos, cegonhas de pescoços hirtos, mastodontes fabulosos.

E à medida que o inverno se avizinhava, anunciando-se, de vez em quando, nos rancos do mar, uivando ao longe, por entre neblinas da madrugada, desfazendo-se em gotas de chuva, redobrava o furor dos *picnics*, a febre das valsas, a ânsia dos idílios.

Só Clotilde parecia não tomar parte nessa alegria doida, em que se sentia a palpação do sangue moço, restaurado dos enervantes cansaços da cidade no tônico fortificante do banho, no amplo espaço lavado pelas emanações sadias das ondas e pelos cheiros aromáticos do pinhal.

Clotilde aparecia nos *picnics*, nas *soirées*, nos passeios, acompanhando a sua família, que era uma das mais aristocráticas, mas aparecia com um autômato, guardando nos lábios vermelhos e frescos a dolorosa contração de um segredo,

deixando adivinhar na profundidade melancólica dos seus bonitos olhos azuis a sombra de uma preocupação, envolvendo-se em um silêncio pertinaz, a que ninguém, por mais hábil, conseguia arrancar senão raros monossílabos contrafeitos.

À noite, no Clube, quando Macário imperativo batia com as suas mãos de ébano no teclado, fazendo-o explodir em descargas de polcas e valsas, e os pares giravam, com palpitações multicores de borboletas adejando em torno da chama que deverá queimá-las, Clotilde ia esconder-se no terraço, e aí, com os olhos perdidos nas ondas que fustigavam os rochedos, coroando-os de penachos brancos, alastrando-se depois em cauda ondulante, bordada de escamas de prata, cintilando percutida pelo luar; escutando a grande voz sonora do mar, onde parece que suspiram todas as saudades da terra, dulcificadas, à noite, pelas gotas de luz que chovem das almas das estrelas, deixava cair a fina cabeça espirituosa no câncavo das mãos e chorava convulsivamente.

Clotilde amava, com um destes amores impetuosos, únicos e fatais, que só se experimentam uma vez na vida, que absorvem a seiva dos corações e matam, quando são atraíçoados.

Tinham-se encontrado, pela primeira vez, havia um ano.

Alguns meses depois, Jorge de Gusmão pedia Clotilde: o casamento fixara-se para a época em que o padrinho de Clotilde regressasse do Rio de Janeiro.

Jorge amava Clotilde com o amor tranquilo e moderado dos que desconhecem a dúvida e confiam cegamente na realização dos seus votos.

Clotilde amava Jorge com uma paixão torturante, assaltada de ciúmes, pungida de contínuos sobressaltos.

Uma manhã, na praia, apareceu de repente, sem se saber donde vinha, uma mulher elegantíssima, vestida com uma *coquetterie* diabolicamente provocante, tendo nos gestos, no andar, no modo especial de subtilizar as mais insignificantes palavras, um refinamento de mundanismo, de uma sedução irresistível!

Os homens, estonteados, mordidos de curiosidade, reuniram-se em conciliábulo: no dia imediato, juntaram-se todos na praia para assistirem ao banho da formosa desconhecida.

Quando ela saiu da barraca de lona, um grito ressoou na praia. Vinha de-veras encantadora, vestida com um garrido fato escarlate, bordado de branco, que lhe desenhava as curvas harmoniosas dos ombros, a linha serpentina do corpo, descobrindo-lhe os braços, picados de covinhas apetitosas, de uma alvura nacarada; um cinto de chagrin apertava-lhe a cintura breve e flexível: mas a grande beleza da coquete eram os cabelos, que trazia soltos nas espáduas, uns cabelos abundantes e ondedados, de um loiro ardente, com cintilamentos fulvos e opulências de juba indômita.

Atirou-se à água, rindo-se nas pérolas dos dentes, e nadou como uma se-reia, fendendo serenamente o azul safira da onda, que desdobrou, para embrulhá-la, o seu alvo lençol de espuma.

Desde então, chamavam-lhe a *Sereia*: não se falava senão nos cabelos loiros da *Sereia*; a novidade, como sucede sempre nas praias, tomou as proporções de um acontecimento.

Formou-se entre os homens uma espécie de liga ofensiva e defensiva: tratava-se de saber qual ganharia a palma da vitória, nesse torneio de corações seduzidos pelos encantos da *Sereia*.

Jorge não escapou ao contágio; e Clotilde, a quem se tornaram suspeitas as repetidas ausências, as contínuas distrações do noivo, Clotilde que teve logo uma *bondosa* amiga, informadora oficiosa, que lhe referiu, muito prolixa, os passeios de Jorge na direção do moinho, as suas sentinelas na praia, os seus êxtases defronte de certa janela. Clotilde sentia-se morrer, dilacerada pela víbora do ciúme, que se lhe enroscara no coração.

Jorge não deixara de amar Clotilde: amava-a a seu modo, preferindo-a a todas, mas permitindo que todas, de formas várias e aspectos mais ou menos corretos, viessem, alternadamente, assentar-se à mesa lauta do seu coração-estalagem.

Os cabelos loiros da *Sereia* traziam-no meio doido: via-os a todo o instante, no espelhamento fulvo das suas ondas de seda doirada; sonhava, febril, com a possibilidade de mergulhar as mãos nesse mar de oiro fluido, exuberante de perfumes: o tipo da *Sereia*, tipo forte, de carnes túrgidas e duras como o mármore, não era o ideal de Jorge; Jorge não se importava inteiramente nada com a mulher: a sua paixão, o seu delírio, o seu obcecante pesadelo era o cabelo da *Sereia*, essa juba de chamas que lhe queimava o sangue.

De repente, Clotilde deixou de estar triste, e apareceu radiante de felicidade, doida de alegria!

O noivo, cada vez mais apaixonado, cessou de ausentar-se, não a deixando um instante, envolvendo-a em longos olhares de uma ternura intensa, beijando-lhe as mãos, trêmulo de comoção, beijando-lhe, doido de amor, o cabelo, o cabelo sobretudo, e instando, todos os dias, com o pai para apressar o casamento.

Oito dias antes, Jorge, arrastado pela paixão capilar que o desvairava, instigado pela tentação de beijar, em um furtivo relance, o cabelo da *Sereia*, entrou arrebatadamente na barraca de lona.

Mas a esplêndida juba loira estava pendurada em uma corda a enxugar, e o que o olhar horrorizado de Jorge viu foi uma cabeça calva, imergindo de um lençol turco!

HERMENEGILDA DE LACERDA

Pesquisa, seleção e atualização ortográfica por
ANA COMANDULLI, JÚLIA SANTIAGO E YASMIM PONTES

Hermenegilda Teles de Barcelos Merens de Lacerda nasceu na cidade da Horta, ilha do Faial, arquipélago dos Açores, em 30 de junho de 1841. Filha de José Alexandre de Barcelos Merens e de Bárbara Guilhermina Teles de Utra Machado, Hermenegilda cresceu em uma família percursora das letras, em que sua avó, Francisca Cordélia de Sousa Sarmento Lacerda escritora e tradutora, talento herdado de seu pai, Manuel Inácio de Sousa, bisavô de Hermenegilda. A 27 de abril de 1861, Hermenegilda casou-se com Augusto Teles de Lacerda, enviuvando em 1884. Infelizmente não encontramos um retrato dessa escritora.

Há que se considerar a importância de Hermenegilda de Lacerda como escritora que, em um mercado literário insular do século XIX, foi remunerada pelos artigos que escrevia para a imprensa. Ademais, a sua participação foi marcante no Faial, tanto com palestras no Grêmio Literário Faialense, como na dinamização do Teatro União Faialense com peças teatrais e recitação de seus textos poéticos.

A poetisa e contista buscou também ser apreciada no Brasil. Enviou um dos seus contos para ser publicado em periódico de Campinas, no qual trabalhava seu irmão. Ela também chegou a enviar para a mesma cidade, em 1883, seu manuscrito de poesias, *Horas crepusculares*, para Carlos Augusto Ferreira, para que este escrevesse o prefácio da obra. Ferreira conta, em seu *Feituras e feições* (1905), que chegou a ver as provas da publicação, que sairia no Rio de Janeiro, mas o volume encontra-se hoje desaparecido.

Hermenegilda de Lacerda, falecida a 9 de agosto de 1895 na mesma cidade onde nasceu, foi uma escritora fecunda, com obra dispersa por periódicos e almanaques portugueses e brasileiros. Nesta Antologia, incluímos um dos contos de Hermenegilda de Lacerda publicados *Almanaque do Faialense*: “Da fatalidade à felicidade”.

“Da fatalidade à felicidade” trata do sistema paterno autoritário em que viviam os irmãos Júlia e Carlos. O rapaz, a quem não era permitido gozar das alegrias da juventude, estudava processos e processos para defender causas que a sua profissão de advogado exigia. Júlia cuidava do pai e padecia de um amor por Eduardo, um belo rapaz francês com o título de Conde de Poligny, já comprometido com uma noiva que não escolhera. Estavam, pois, os irmãos fadados ao triste fim da solidão, mas o conde francês, muito amigo de Carlos, dizia que a fatalidade poderia levar à felicidade. O leitor poderá apreciar o desenrolar da história e constatar, ou não, se o final será o da felicidade.

Da fatalidade à felicidade

- Carlos?
- Entra.
- Não há que ver! infalível como o general à frente do exército, como o rei perante a corte, como o sacerdote diante do altar, como...
- Como o advogado em frente da sua banca.
- É verdade; faltava o complemento da oração. Mas que vida! que vida! trabalhar, trabalhar... por que não gozas do privilégio de rapaz?
- Era necessário ter o privilégio de rico.
- Por que não pagas o tributo à idade?
- Tenho uma família a sustentar.
- Da qual não és o chefe.
- É como se o fosse; meu pai trabalhou, pertence-me continuar a tarefa agora que ele já não pode. Mas de pé, Eduardo?
- Estou perfeitamente, venho fazer-te um convite.
- Mau!...
- Ah! ah! e eu que nem pensava em tal: - É célebre! sempre que me desafia para um divertimento tenho desgosto certo!... Trazes contigo a fatalidade que me persegue! - Não são as tuas palavras do outro dia?...
- São; perdoa... mas infelizmente é mais que verdade!...
- Por ventura minha as damas não pensam como tu...
- Estroina!...
- Faz ponto aí que eu vou revestir-me da gravidade de Sócrates, para te impor a obrigação de me acompanhar ao baile de máscaras, no teatro lírico.
- Onde me darás lições de filosofia em conclusão!...
- Quem sabe?... não é no fundo do oceano que as conchas marmóreas formam e recolhem as pérolas preciosas? E, todavia, onde as encontramos mais fácil e resplandecentemente? No colo das nossas sedutoras damas, bem à superfície daquelas ondas de dulcíssimos afetos? Pois então?...
- Vejo que do alto da escola ateniense queres descer a profundar os mistérios de Netuno, e ser... um *Frère de la Côte*, por exemplo!

– Serei o que quiseses subindo ou descendo, contanto que me acompanhes ao baile... Haverá ali mulheres formosíssimas! Teremos Lauras para muitos Petrarcas; Mouras que arrastarão às meias-luas d’Alá muitos católicos, veremos furiosos muitos Otelos, ouviremos as lamentações de muito Romeu...

– Basta! basta, que acabas em trágico como Shakespeare! Não vou!... não me tenta a pintura!

– Que dizes? coração de gelo?...

– Que tenho duas causas a advogar nesta semana, e que requerem um estudo grave. Não vou, não tenho um momento de meu!

– Maldito seja o inventor do código penal... e todos os advogados presentes e futuros!...

– Agradecido pela minha parte.

– E tu em primeiro lugar! tu que te recusas a acompanhar-me ao divertimento da minha paixão!... Olha, tinha um costume lindo e reservado para ti.

– Agradeço tanto como a tua maldição; mas prefiro perder tudo a sofrer uma severa repreensão de meu pai. Vai, Eduardo, vai curar as saudades da tua França... e até da tua noiva.

– Que deve estar encantadora!

– E tu... ingrato...

– Eu... eu entendo que é sempre cedo para laços ainda que sejam os do filho de Vênus!

– Estroina!...

– Nada tenho a esperar então?

– Senão as felicidades que te desejo.

– Revestindo agora a paciência de Newton, limito-me a sair... e a voltar à noite a ver se te acho mudado.

II

O leitor inteligentíssimo sabe já que assistiu ao diálogo de dois mancebos, dos quais no decurso da pequena história terá mais amplo conhecimento. Sabe que Carlos é advogado, e agora lhe dizemos que Eduardo, o moço francês, é o conde de Poligny, distinto na hierarquia, na riqueza, na liberdade de conduta. Desde a infância tinha sido tratado o seu consórcio com uma prima, e esperava-se a realização, no fim das viagens e do fastio da vida aventureira do moço conde. Viera este a Portugal, e ali travara conhecimento e amizade com Carlos de Mendonça, o sério moço que acabamos de deixar.

Sem mais explicações que poderiam fatigar o leitor, sigamos os sucessos.

Viera Eduardo, insistira, e conseguira da condescendência do moço advogado o ser por ele acompanhado ao baile. Caro, porém, custou a Carlos o

divertimento e a condescendência. Seu pai, homem de idade avançada e severos costumes, proibia ao filho semelhantes passatempos.

À volta de Carlos, achava-se na sua poltrona de rodas, onde uma paralisia o retinha há muito.

Mandou chamar o filho, que saíra a ocultas. Interrogou-o; Carlos proferiu a verdade. Soltou invectivas sobre invectivas à cerca do procedimento dele; Carlos não teve uma palavra de desculpa, nem ao menos a dos seus vinte e um anos. Rodrigo de Mendonça ordenou-lhe que saísse da sua presença; obedeceu o filho com nobre gravidade.

Atravessou um corredor, e ao entrar no seu quarto exclamou cerrando os punhos:

– Maldita a simpatia que me impeliu para aquele homem! maldita a fatalidade que parte daquele homem para mim!... Eduardo! amaldiçoada a tua influência, e as minhas loucas condescendências!...

Dois braços se ergueram e o estreitaram pela cintura, e uma fronte de mulher se lhe encostou ao peito.

– Júlia! – exclamou sobressaltado.

– Eu, sim, Carlos! Julgavas que podia adormecer tranquila sabendo-te entregue ao desagrado de nosso pai, que pressentiu e se informou do que aconteceu?... Sossega, meu irmão, meu nobre amigo, eu o adoçarei com meus carinhos... é severo em extremo, mas...

– É pai! não o desconheço, nem o censuro.

– Demais o sei... demais te conheço.

– Maldito Eduardo!...

– Não me obrigasse a sofrer dissabores... Sabes quanto me punge uma repreensão de nosso pai... quando tínhamos a mãe toda carinho que os anjos nos invejaram, esquecia-a chorando no seu seio, entre os beijos que me prodigalizava... hoje... sinto no peito como uma ferida para a qual o médico não descobriu remédio...

– E não tens o coração de tua irmã?...

– Tenho, sim... perdoo, criança, filha de minha alma... porém, a hora não é azada para entretenimentos e conversações... peço-te que me deixes... entrega-te ao teu sono sem mancha, minha sensitiva... e... obrigado.

III

No dia seguinte Carlos foi encontrar-se com a irmã no seu gabinete de costura. Linda era a feiticeira jovem; tão linda ou mais linda que as flores que lhe saíam da mão delicada, passando-as ao cetim em que bordava no bastidor. Todavia o que mais encantador tornava seu rosto era o véu de melancolia, que o

assombrava como a nuvem da aurora refulgente. O irmão aproximou-se e tocou-lhe no ombro levemente.

Sobressaltou-se ela como ao sair de meditação profunda.

– Tu padeces, Júlia?

– Eu!... como te enganas, Carlos!

– Enganar-me-ia se não te precedesse cinco anos na idade, se não fosse o teu companheiro de infância, se não tivesses sido dada por nossa mãe para te velar por toda a vida! Tu padeces, Júlia! Ora escuta... é para realçar o brilho dessas flores dando-lhe a aparência completa de natural, que as orvalhas assim com teu pranto?

A jovem ergueu-se de súbito, e foi esconder a face no seio do irmão, como envergonhada de deixar surpreender um segredo.

– Tu amas Eduardo, Júlia?

As rosas da tela mimosa como que fugiram a implantar-se nas faces da bordadora.

– Amo!... – balbuciou colando os lábios no peito fraterno.

– Desditosa!... – e mortal palidez envolveu o rosto do mancebo.

– E bem desditosa!... Cuidas que não sei a desgraça irremediável e eminente? Cuidas que o não sei esposo prometido a outra mulher? Mas eu ignorava-o quando comecei a amá-lo... E demais... tenta arrancar a hera que o impulso leva a abraçar-se no carvalho! Tenta impedir a vaga que corre para a concha nevada que arrasta consigo! Tenta...

– Que linguagem é essa, irmã?

– Sossega, Carlos! Quem pode tentar e conseguir estes efeitos... é a nobreza e a virtude! Há de abrandar até quebrar extenuada a vaga impetuosa. Há de murchar a hera no viço da idade para que não abrace o carvalho, que Deus não concede ao seu destino!

E fechou num soluço, que o abraço do irmão sufocou no peito.

– E agora, Júlia?... – interrogou Carlos limpando uma lágrima furtivamente.

– Agora?... Não o digo que o esquecerei!... é impossível, Carlos!... às vezes é um terrível dom o da memória, mas só Deus que o dá o pode acabar, meu amigo!... Não o verei mais!... não o ouvirei mais... mata-me a meiguice das suas palavras, a docilidade com que se verga ao mais pequeno dos meus caprichos... Carlos, para que o vi eu? Para que o conhecemos *nós*?

– Para fatalidade nossa, Júlia!

– Deus meu!

E desatou em pranto desfeito a desolada menina. Momentos depois um criado anunciava o conde de Poligny. Júlia correu a refugiar-se no seu quarto, e Carlos a receber o conde.

O leitor instruído se deixa com saudade a pátria do épico sublime, do cantor inspirado de Inês, passa, contudo, ao país da epopeia famosa, e de elevadas tradições; entra na França para seguir acontecimentos desta humilde narrativa.

O leitor não vai em busca das glórias do Panthéon, das belezas artísticas ou naturais da grande cidade, dum sítio em que se levantava uma estátua hoje para ser derrubada amanhã; nem tão pouco pedir ao eco inflexões da voz augusta e varonil da madame Roland, nem ainda uma melodia entusiástica da lira de Chénier; o leitor vai simplesmente entrar num baile.

O fato é singelíssimo, somente se torna admirável para o leitor deparar, na pátria de Hugo e Lamartine, com o nosso conhecido Carlos de Mendonça que deixamos na pátria de Camões e Garrett. Duas palavras pô-lo-ão ao corrente de tudo.

A avó materna do jovem advogado, estabelecida na França, falecera quase repentinamente, e Rodrigo de Mendonça encarregara o filho de ir cobrar a herança que se sabia ser avultada. Ficara Júlia ao lado do pai, carpindo as saudades do irmão extremoso, e mais incomparavelmente as saudades do amante, chamado pelo pai de Eugênia de Sandoval a cumprir a aliança projetada, temendo ver-se sucumbir a grandes padecimentos, e deixar a filha com a dupla herança da formosura e da riqueza, sem um amigo e protetor naquele país de perigos e encantos.

No último dia em que o vimos fazer-se anunciar a Carlos participara-lhe ele a pronta partida.

Dois meses depois reunia-se-lhe o amigo pelo motivo citado.

Entremos, porém, no baile, onde os encontraremos facilmente. O baile dado por uma das notabilidades da capital estava suntuoso e magnífico. Miríadas de luzes e flores, mulheres formosíssimas, em todo o esplendor da graça, da *coquetterie*, da elegância suprema que constituem o caráter daquela nação, modelo de bom gosto, encantavam, seduziam, enfeitiçavam, os esbeltos gentis-homens, os leões da época, os vassalos da moda. Jardins brilhantemente iluminados, músicas arrebatadoras, fogos de mil cores, serviço opulento e delicado, tudo contribuía para o verdadeiro da festa.

O conde de Poligny, que exigira ser hospedeiro de Carlos de Mendonça, relacionara-o com a distinta nobreza, e o moço advogado, talentoso mancebo que criara um nome ilustre na sua pátria, era por todos acatado; anhelava-se a sua estima. O conde de Poligny fazia as delícias da sociedade com seu gênio folgazão, e a graça de sua frase; não obstante alguém o alcunhava de excêntrico, porque por vezes parecia fugir a todos e refugiar-se na solidão para meditar à vontade.

Carlos de Mendonça, fixo os olhos como deslumbrado por um astro cintilante, nada via que não fosse o rosto divino duma mulher sedutora, na contemplação do qual se achava embevecido. Por vezes parecia comprimir com o braço

o coração como se lhe dissera: Não ouses bater por mulher alguma! a minha vida pertence a minha infeliz irmã; eu só devo viver para ajudá-la a levar a cruz!

Mas estas vozes, que porventura seriam da razão, emudeciam às pulsações pressurosas do peito.

Teria vinte anos a mulher formosíssima; sobre o colo nu desciam as espirais de negros e abundantes cabelos; o mimo das feições fazia lembrar a beleza circassiana. Vestia de branco, cingia-lhe a breve cintura uma faixa de cetim azul, e uma rosa branca se lhe unia à fronte graciosa.

A orquestra anunciou a valsa. Carlos, levado pela vertigem, aproximou-se da angélica figura, e em momentos rodavam no turbilhão da voluptuosa dança. Muitas vezes os anéis de ébano passavam como um beijo na fronte do mancebo; um estremecimento visível o assaltava então! Encontravam-se os olhares amiudadas vezes, o apaixonado moço quase que suspendia nos braços a encantadora mulher.

Pararam... trocaram palavras... naqueles relâmpagos de olhar ia mais que um ímã, ia a força do destino à qual o mais forte não resiste!

Pelo fim da noite os dançantes cruzavam o jardim, respirando o ar que mingua nas salas. Carlos tinha ainda por seu par a mulher que o fascinava, a rainha do baile. A bela desfalecida quase; queimava-lhe a face o hálito febril do moço português. Dividiam-se os grupos, força magnética impeliu o formoso par para um caramanchão de madressilvas. Carlos soltou-se do braço feiticeiro, para cair aos pés da imagem divinal!... Num ímpeto confessou-lhe a paixão que o dominava.

– Erga-se, ou estou perdida se nos veem, se nos ouvem!... – exclamou ela, em voz abafada.

– Uma palavra! uma só palavra de teus lábios, ainda que tenhas depois de me calcar aos pés o coração! Eu amo-te, mulher divina! que farás da minha sorte?

– Não sei!... Da minha sei que fizeste um brinquedo da fortuna! que lançaste um véu mortuário sobre a minha vida inteira!...

– Explica-te, anjo! que a minha ventura pende de teus lábios... Amar-meias tu?

– Com todas as forças da minha alma!

– Oh! dita celestial!... e não se morre de felicidade?!...

– Provera a Deus se morresse de angústias!... Foge!... saíamos!... Insensato que és!... que somos ambos! eu não posso pertencer-te!...

– Ligaste a outro tua vida?...

– Quase!...

Carlos sufocou um grito enclavinando os dedos, que como garras fincava na fronte!

Os grupos que se cruzavam, a orquestra que se erguia entre alegre e queixosa, abafaram de todo aquele grito e num momento todos eram reunidos.

No mesmo instante uma voz bem conhecida bradava abeirando-se de Carlos:

– E eu que julgava fazer-te uma surpresa! É provável que na conversa tivesse Eugênia ocasião de se te declarar minha futura esposa! A sua estada no campo não me permitiu apresentar-ta mais cedo.

Eugênia vacilante tomou o braço duma sua amiga, e Carlos disfarçou o vergar dos joelhos com o tropeçar no *gazon* dum alegrete. Balbuciou em resposta palavras incoerentes e deixou de súbito o conde de Poligny.

Este olhou-o com pasmo e quedou-se a balbuciar:

– Afinal dá em maníaco!... Maldita a educação patriarcal de Rodrigo de Mendonça! Maldito o código penal e todos os advogados e jurisconsultos!...

V

A madrugada, que se engrinaldava purpurina e recendendo aromas, pareceu tenebrosa a Carlos de Mendonça.

Saindo do baile foi cair exausto sobre o seu leito bradando:

– Maldita a simpatia que me arrastou para este homem!... maldita a fatalidade que ele despede sobre mim! Traz consigo a predestinação de fazer infelizes!

No dia seguinte aproveitava Carlos o primeiro navio a sair para Portugal, e deixava apenas um bilhete de agradecimento e despedida a Eduardo, e um procurador para concluir os seus negócios.

VI

Dois meses depois penetramos novamente em casa de Rodrigo de Mendonça. O filho continuamente molesto não advoga atualmente; também sobram-lhe os bens de fortuna que com afincos almejava e tentava alcançar para os seus. O pai continua fiel aos seus hábitos, Júlia meiga e triste como a estátua da melancolia. Confidente do irmão, tinha por assim dizer uma só desgraça, e um só sentir!

Um dia, porém, amanheceu estranho a Carlos de Mendonça. Achou sorrisos no rosto severo do pai; tinha um não sei quê da maldade da criança que se compraz pressentindo um logro quase em execução. Dirigiu-se ao gabinete da irmã para lhe participar o fenómeno.

Encontrou-a prostrada aos pés da Virgem, e com o rosto lavado em pranto. Interrogou-a sobressaltado, e ela erguendo-se foi cair-lhe nos braços proferindo entre soluços:

– Abre um riso nessa frente, meu Carlos, nós não seremos sempre desgraçados!... e dirigiu-se à beira do pai, levando consigo a palavra do enigma.

Ao meio-dia em ponto o criado anunciava a Carlos uma visita. Este encaminhou-se para a sala; deu de face com o recém-chegado, correu para ele, e recuou instintivamente, pálido de morte!

– Aí está explicado o impulso da simpatia, e o receio da fatalidade!... e correndo a estreitá-lo nos braços o conde de Poligny apertou ao peito Carlos de Mendonça.

Tomado de surpresa Carlos olhava estático!

– Nem uma palavra!... Não me felicitas ao menos pela minha chegada à soberba Lísia!... Não poderás, contudo, fazer o mesmo à minha noiva, que peço licença para te apresentar! e sem esperar resposta voou à sala imediata, e penetrou de novo onde deixara Carlos petrificado.

Um relâmpago passou pela vista do ex-advogado.

Eduardo dava o braço a uma senhora. Carlos foi erguendo para ela a vista como quem mede a profundidade dum abismo! Súbito, porém a certeza ia se tornando em alucinação!

– Carlos! exclamou a um tempo Eduardo e Júlia, a dama a quem o moço conde dava o braço.

Parecia que a ventura tinha orvalhado de brilhantes a face da donzela.

– Deus!... proferiu Carlos passando a mão pela fronte.

A situação não podia demorar-se equívoca.

– Meu amigo, disse Eduardo, operou-se uma transição na minha vida; de estroina que me alcunhavam passei a ser considerado excêntrico! É que no seio da galhofa própria do gênio, assaltava-me um pensamento, uma saudade, uma angústia!... Era o amor a tua irmã, a única mulher por quem tenho sentido a grandeza, a intensidade de tão nobre sentimento!... Compreendes o desenlace?

– Não... inteiramente!... deixa-me, porém, repousar o espírito... sinto um desvairamento.

– Meu bom Carlos, disse Júlia. Não te dizia eu há pouco: Abre um riso nessa fronte, nós não seremos sempre desgraçados?... Verdade é que ainda julgava impossível tamanha dita!

– Mas... que mistério...

– Se me prometes animar-te... deixares-te desses ares de rapaz de escola receoso e perturbado... acrescentou Eduardo.

– Sim... sim... que eu sinto a cabeça em fogo!...

– Teu pai é que te dará a explicação afinal!... Mas abraça-me, homem! dir-se-ia que vamos bater-nos em duelo, se não se soubesse que a paz reina para sempre entre nós!...

– Meus irmãos!... balbuciou Carlos, caminhando para a porta.

Ao penetrar na sala contígua estacou ante o quadro! estendeu os braços como para obrigar a reter-se uma visão!

Tinha perante si a estátua da mocidade rodeada pela figura da velhice. No fundo da sala Eugênia de Sandoval, dum lado e outro seu pai e Rodrigo de Mendonça.

Carlos sentiu o calor da vertigem... uma nuvem lhe passou pela vista... com os lábios trêmulos pela súbita compreensão, sucumbia ao peso da ventura! O grupo tomava a mobilidade vivente, quando Eduardo e Júlia, que seguiam a Carlos, o ampararam e conduziram aos braços amigos... que se abriam para recebê-lo! Mas logo tornando a si precipitou-se o mancebo aos pés de Eugênia bradando:

– A felicidade que entrevejo é possível na terra?...

– É, Carlos... quando Deus a destina no céu... e erguendo-o de golpe deixou-lhe tomar as mãos, que ele beijava com amoroso frenesi!

A comoção de Eugênia era extrema: e tornou-se geral. Júlia soluçava a bom soluçar.

Queres agora a explicação dos meus sorrisos maldosos? disse ao filho Rodrigo Mendonça. Era a carta do conde de Poligny, que te recompensa assim das repreensões que te fez merecer teu pai!

– Senhor!... E não temem que eu morra de felicidade?!... Eugênia!... senhor de Sandoval!... meu pai... meus irmãos!...

– Não morres porque tens de ouvir o enredo da peça, em duas palavras. Exclamou Eduardo, retomando o seu tom jovial.

– Fale o ator incansável, proferiu Sandoval.

– Falarei sem me fazer rogar. As tuas palavras no baile, a tua repentina partida, o estado de angústia em que encontrei Eugênia, foram para mim um raio de luz!

Deste raio emanaram outros, e o estroina, já tornado excêntrico e pensador, pediu uma explicação à donzela, que ele amara como irmã, e da qual ia ser esposo por um contrato feito pelos pais de ambos. A donzela falou a verdade que é a língua dos anjos, e de toda esta luz se formou a auréola que me patenteou o verdadeiro estado de meu coração. Afeto de esposo só podia eu tê-lo para com Júlia, a noiva de minha alma!

– Meu Eduardo!... proferiu Júlia erguendo para ele os olhos lacrimosos de ventura.

O moço conde tomou-lhe a mão que uniu ao peito, e prosseguiu para Carlos.

– O teu estroina lançou-se nos braços do venerável Sandoval, pedindo-lhe a ventura de quatro entes que se adoravam e pareciam separados por austeras circunstâncias! O homem de larga experiência e nobreza d'alma, dando as mãos a teu virtuoso pai, igualmente nobre e experiente, fizeram o resto, que é tudo, meu amigo!

– Graças! graças! exclamou Carlos, correndo abraçar-se no amigo.

–Alto aí! bradou este entre grave e cômico. Não te aperto ao peito enquanto não proclamares alto e bom som: Que é impossível provir da fatalidade a felicidade!... É uma memória das minhas estroinices, ou das minhas excentricidades... e eu exijo-o afinal!

– Seja assim! bem como, da verdadeira amizade, o verdadeiro bem!
E um e outro se estreitaram ao coração.

O leitor dispensa-nos agora de lhe narrarmos a ternura, os protestos apaixonados, a alegria embriagante dos quatro amantes, porque o leitor não quer o impossível.

Um pintor célebre entendeu que a melhor maneira de expressar o sentimento; que impressionava uma das principais figuras do seu quadro, era velar-lhe o rosto. Assim faremos nós, que nem ao menos temos o mérito da pintura.

Era um contínuo arrulhar de enamorados pombos, um perpétuo chilrear de passarinhos. Os velhos amigos pela idade e pela sorte favorável reviam-se nos filhos, e recordando histórias do seu tempo preparavam-se para as contar aos futuros netinhos.

Inútil é dizer que a pompa destes esponsais foi comparável à alegria que irradiava dos mesmos. Felizes os que podem assim tecer grinaldas.

Naquele engano da alma ledó e cego.

MARIA AMÁLIA VAZ DE CARVALHO

Pesquisa, seleção e atualização ortográfica por
ELISABETH FERNANDES MARTINI



14

Nascida em 1 de fevereiro de 1847, na cidade de Lisboa, Maria Amália Vaz de Carvalho veio de linhagem ilustre, nas armas e nas artes, remetendo ao poeta Sá de Miranda e ao Padre Antônio Vieira. Apesar da genealogia aristocrática, dificuldades econômicas levaram-na a passar a infância e a adolescência na Quinta de Pintéus, em Santo Antônio de Tojal.

¹⁴ A escritora em sua casa em Cascais. *Ilustração portuguesa* n. 269. Lisboa: 17/04/1911. A fotografia original encontra-se no Arquivo Municipal de Lisboa: PT/AMLSB/CMLSBAH/PCSP/004/ACU/002066

Maria Amália cedo se iniciou na seara literária, quando, levada pelas mãos do pai, o deputado José Vaz de Carvalho, recebeu o aval de Antônio Feliciano de Castilho e foi convidada a declamar, aos dezenove anos, no salão literário do venerando poeta, o que resultou, no ano seguinte, na publicação do poema narrativo em quatro cantos *Uma Primavera de mulher*, com a sugestão de título do próprio Castilho e um prólogo (*Conversa ao reposteiro*) do político e poeta Tomás Ribeiro.

A partir de 1874, ano do casamento com o poeta brasileiro Antônio Cândido Gonçalves Crespo (1846-1883), passou a publicar traduções e livros de autoria própria, vindo a constituir uma obra expressiva, dentre as quais *Contos e Fantasias* (1880), de onde extraímos o conto “A morte de Berta” para compor esta antologia.

Em companhia do marido, compilou os *Contos para os nossos filhos* (1886). Como Gonçalves Crespo veio a falecer precocemente, Maria Amália passou a chefe de família e assumiu a literatura como ganha-pão. Graças ao seu empenho, a primeira edição das *Obras Completas* do falecido autor veio a público, em 1887.

Um número significativo de obras amalianas está voltado para a educação feminina, dentre as quais: *Mulheres e crianças: notas sobre educação* (1880), *Cartas a Luísa* (1886) e *Às nossas filhas* (1905). Ao dirigir-se às mães – atuais e futuras –, Maria Amália serviu-se da própria experiência, pois tivera três filhos com Crespo. Viúva, passou a viver de e para a literatura, intensificando a colaboração em jornais e periódicos vários, em Portugal e no Brasil, dentre os quais o *Jornal do Commercio*, do Rio de Janeiro, de onde extraímos o conto “A mulher do ministro”¹⁵, na edição nº 174 de 24 de junho de 1880.

A *Vida do Duque de Palmela D. Pedro de Sousa e Holstein*, obra publicada entre 1898 e 1903, foi considerada a biografia definitiva do político e militar luso e credenciou-a como a primeira mulher a ingressar na Academia das Ciências de Lisboa, em 1912. Maria Amália Vaz de Carvalho veio a falecer em 1921, com uma obra extensa a englobar o conto, a crônica, a poesia, a epistolografia, a biografia, a crítica literária e o ensaio, plenamente reconhecida como intelectual, nos dois lados do Atlântico.

¹⁵ Referenciado na dissertação *Cérebros e Corações: a ficção de Maria Amália Vaz de Carvalho no Jornal do Commercio*, do Rio de Janeiro, de Bianca Santos Coutinho dos Reis, pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2012.

A morte de Berta

(A Naly)

Minha Naly, às vezes nos teus dias de bom humor, e sobretudo nos raros dias em que estás um pouco menos traquinas, vens sentar-te ao pé de mim, num banco pequenino, e pegando num livro – o teu livro de grandes bonecos coloridos –, finges que estás lendo umas coisas que a tua inquieta fantasiuzinha de duende te representa, escritas naquelas páginas ainda mudas para os olhos da tua inteligência.

Com o teu adorável instinto imitador, arremedas-me inconscientemente.

És o meu epigrama vivo, um delicioso epigrama de olhos garços muito abertos, muito inteligentes, muito maganos, como ainda não vi outros em ninguém. Ontem, porém, estavas estranhamente curiosa.

Não te bastava o que fingias ler, querias mais, querias que alguém inventasse por tua conta e risco, *fingisse ler* para que tu ouvisses.

Levantaste a loura cabeça inquieta, e disseste com a voz que os anjos costumam ensinar às crianças:

– Contas-me uma história?

Que história te hei de eu contar, Naly? Com a tua alma de quatro anos, tão limpa, tão transparente, tão cheia de ignorâncias ideais; com a tua alma de flor, só se entende a linguagem dos lírios, só podem compreender-se cantos feitos de luar, de perfumes, de cantos de aves, alguma coisa etérea, que eu te não sei dizer.

Venho contar-te esta história para tu a leres mais tarde, quando a mão de alguém – pede a Deus que a mão da tua mãe, Naly – houver arrancado ao teu doce espírito de borboleta o pólen imaculado e cintilante com que deus o polvilhou e que tem um nome lindo, sabes qual? – a ignorância!

Então saberás o que significam estas linhas escuras, alinhadas simetricamente na brancura do papel; terás chorado muita lágrima, meu anjo! a aprender cada uma destas letras, que hoje interpretas conforme te inspira a tua vagabunda e caprichosa imaginação!

E sentada numa cadeira grande, muito direita, um pouco revestida da elevada importância do teu cargo de ledora, repetirás alto à tua irmã pequenina este conto verdadeiro que em tua intenção aqui venho traçar hoje.

A pequena Berta tinha cinco anos, um só mais do que os que hoje contas, Naly.

Era como tu, loura, muito loura; dera-lhe Nossa Senhora uma cabeleira de anjo, fulva, luminosa, feita de pequeninos anéis que se enroscavam, e que cintilavam ao sol, formando em torno dela como que um esplendor de glória.

Os olhos muito grandes, transparentes, azuis pareciam ter no fundo um segredo de doce tristeza. Um segredo que ela havia de saber muito cedo... no céu!

O seu pequeno corpo, macio, feito da brancura das açucenas que desabrocham em maio, exalava como que um aroma de flor.

Bem vês que Berta era linda! Um amor! O orgulho e a ventura dos pais que se reviam nela.

Vivia numa grande casa aristocrática, discreta, forrada de colgaduras, de tapetes, de belos quadros antigos.

Descendo os degraus de mármore da casa em que ela jantava, entre o pai e a mãe, na sua cadeirinha de pés altos, ia ter a um grande jardim cheio de árvores cuidadas e decotadas pela mão hábil de um jardineiro inglês.

Muito gostava do seu jardim a pequenina Berta!

Imagina tu se ela não havia de gostar, Naly!

Havia lá tantas flores, tantas flores! e depois eram de tantos feitios! Umas triunfantes, purpurinas, como se as tingisse um sangue novo e generoso, outras tão brancas como os braços ebúrneos da mãe de Berta, algumas tinham uma palidez fina e mórbida, que lembrava a das belas senhoras que ela via passar resvalando como sombras gentis, pelos atapetados salões da sua casa. Outras eram de uma cor de rosa desmaiada e doce, que acariciava os olhos de quem as via.

As campânulas azuis, esbeltas, efêmeras, lembrando pequeninos cálices de cristal da Boêmia, trepavam amorosamente em volta dos troncos mais robustos que os cercavam; as margaritas com a sua alvura *mate* e o seu feitio de estrelas ressaltavam num adorável contraste da verdura clara e fresca dos tabuleiros de relva.

Havia flores muito direitas e esbeltas no pedúnculo delgado, que faziam cismar Berta – não sei bem por quê – nas lindas princesas dos contos de fadas, que vivem nos seus palácios à beira do mar, escondidas, discretas e cheias de majestosa gentileza.

As camélias, com a vitoriosa beleza do seu tempo de cores vivas e tão várias, lembravam a Berta a música que ela ouvira uma vez, num dia de parada, no desfilar aparatoso das tropas, música brilhante, sonora, marcial, feita do estridor dos clarins, da fanfarra triunfante dos instrumentos de cobre, todas as notas bélicas que rebentavam no espaço, como que numa explosão harmônica e sonora!

Gostava muito das violetas – pequeninas e modestas, denunciando-se a medo pelo seu rasto de perfumes – e que ela costumava procurar nas ervas para encher com elas a jarra de porcelana de Sèvres, que havia sempre sobre a mesa de costura de sua mãe.

E não penses tu que gostava menos das árvores! oh! a alma de Berta expandia-se naturalmente para tudo que é bom e que é belo!

Levava horas a espreitar, através dos ramos delicadamente recortados pela tesoura do Celeste Jardineiro, o alto céu azul, tão cheio de luz, e que sem ela saber por que, a estava chamando sempre!

Depois, nas árvores é que vivem os pássaros; é ali que eles dependuram os ninhos, que eles modulam as suas cantigas sem *libretto*, que eles cantam a quem passa as suas alegrias e as suas saudades.

As árvores são boas, hospitaleiras e carinhosas, como se tivesse uma alma oculta sob a rugosa cortiça dos seus troncos.

Elas dão sombra, dão frescura, dão frutos, dão flor, dão um bom cheiro sadio, que reconforta e alegra; as árvores, minha Naly, são as nossas melhores amigas.

Tu hás de saber, mais tarde, que no mundo há muito riso falso, muita amizade fingida, muita coisa que a gente julga sólida, e que no fim de contas está construída sobre a areia; mas os vegetais, os eternos amigos do homem, os que nutrem e se nutrem dele, oh! esses nunca nos mentem nem atraíçoam, nem dão conselhos maus!

O jardim era, pois, para a nossa Berta, um mundo riquíssimo, um mundo misterioso, onde a vida palpitava, no inseto, na planta, no musgo, na ave, na terra fecunda e robusta, na árvore frondosa, na água límpida e corrente, em tudo que rescende e murmura, e canta, e pulula, em tudo que enlaça a alma do homem numa cadeia feita de embevecimentos mágicos.

E as boas horas passadas no *gabinete azul*, o que elas não valiam para o pequenino coração de Berta!

Sabes o que era o *gabinete azul*? Era a saleta toda forrada e estofada de cetim azul, em que a mãe da nossa pequenina se conservava habitualmente.

Chamava-se Margarida a mãe de Berta, e era formosa, de uma delicada e frágil formosura, que despertava ao vê-la instintos de piedade e de proteção.

Alta, esbelta, levemente cismadora, como quem tem cuidados que a preocupem, sempre vestida de seda com punhos de cabeção de rendas finas um pouco amareladas, que punham na *toilette* de casa uns toques de aristocrática distinção. Nos cabelos bastos, louros e frisados, uma flor quase sempre colhida por Berta.

O pai, esse era forte, robusto e sadio, mas tinha a virtude dos valentes: a bondade. Naquela fisionomia acentuada e trigueira o sorriso era tão doce que lembrava o desabrochar de um lírio.

Não estava muito em casa, tinha que fazer fora, andava ganhando a vida de elegâncias e de confortos em que viviam inconscientes, inocentemente egoístas, os seus dois frágeis amores – a mulher e a filha.

Mas quando ele estava, que festa!

Berta, ora enovelada aos pés da mãe, nas felpas aveludadas do tapete, e com grandes olhos curiosos fitos nos dela, ora folheando um grande livro de imagens – como o teu, minha Naly –, ora empoleirada no espaldar da larga poltrona onde o pai estava sentado, e passando-lhe a pequenina mão crestada pela cabeadura revolta e crespa, Berta era a mais feliz das criaturinhas do bom Deus!

Era um gosto vê-los ali a todos três, na intimidade daquele viver de família!

Margarida, ao princípio, trabalhava sempre; nuns dias, um vestidinho para sua querida filha, noutros dias, um pequeno objeto galante e mimoso para o escritório do seu marido; de tempos a tempos, um enxoval para uma pobrezinha, um enxoval muito asseado, que Berta dobrava e desdobrava, que servia de tema para longas interrogações, e como que iniciação da criança na doce caridade da mãe.

O pai, quando voltava, tinha sempre tanto que contar!...

Gente que vira, casos que lhe haviam sucedido! planos de futuro, que andava devaneando, e depois risos, brinquedos, correrias atrás do diabrete da Bertazinha, eu sei!... o demônio a quatro!

Havia ali um conchego tépido, uma alegria, uma bênção de Deus, repartida por três almas, e que parecia refletir-se nas coisas mudas que o cercavam servindo-lhe de elegante e rendilhada moldura.

Queres tu saber, Naly? Berta tinha um defeito. Era um bocadinho egoísta. Um egoísmo de três, já se entende, porque ela não sabia separar a sua vida da dos pais.

Uma das manifestações mais claras deste egoísmo era a repugnância que tinha pelos estranhos.

Sentia frio ao pé deles; fugia muito pensativa e muito arisca quando via um indiferente interpor-se importunamente entre ela e as carícias que eram o seu alimento de todos os instantes.

Mas a pessoa que mais lhe agravava esta impressão hostil era um primo que por aquele tempo começara a frequentar mais a casa.

Um moço alto, elegante, bem parecido, muito falador numas horas de expansão, muito concentrado noutras horas, bigode retorcido e triunfante, olhares que sabiam ser doces, e que eram quase sempre altivos.

E, contudo, que meigo que ele era para Berta, espreitando-lhe os caprichos, conformando-se com as brincadeiras dela, trazendo-lhe *bonitos*, flores, coisas novas, delicadas, que ela não vira nunca, e que, no entanto, vindas da mão dele lhe desagradavam instintivamente.

É que também o *primo* tornara-se de uma assiduidade irritante!

Primo para aqui, *primo* para ali, toda a gente gostava dele, para cada pessoa tinha um dito amável, uma intenção delicada, uma lisonja habilmente escondida!

Tratavam-no por *tu*, era admitido nas festas íntimas da família, ia ao jardim apanhar flores, acompanhava a *mamã* ao teatro! Uma usurpação em forma, uma usurpação revestida de todas as circunstâncias agravantes!

E depois usava essências.

Berta declarara com ar solene e majestoso que embirrava muito com o primo, porque ele cheirava a *patchouly*.

E ela, que andava habituada aos aromas frescos e sadios da livre natureza, não podia suportar aquele cheiro de essências requintadas, a que dava este nome genérico e detestado.

A *mamã*, por ter de aturá-lo a cada instante, renunciara aos seus doces trabalhos doutro tempo, de que Berta gostava tanto, e que davam às suas mãozinhas travessas a sensação grata das sedas, das bonitas fazendas desdobradas sobre o estofado das poltronas, de todas as graciosas coisas com que podia brincar.

Andava triste a sua adorada mãezinha.

Tinha horas de melancolia mórbida em que a cabeça lhe caía no peito, como se tivesse dentro estranho peso. E ficava-se horas e horas calada e desfalecida, com um livro aberto no regaço, ou com um trabalho apenas começado caído aos pés, sem ouvir o papaguear festivo da sua pequena Berta.

Quando voltava a si daquelas cismas doentias, parecia acordar dum mau sonho, passava a mão pela testa, bebia água, muita água, e beijava a filha com um arrebatamento que lhe fazia mal.

A pequenina enfastiava-se!

Pudera!!

Fugia só para o jardim, sem que uma voz solícita e assustada a chamasse de longe, sem que uns olhos inquietos a velassem de perto, e punha-se numa indistinta e muda linguagem que só as suas flores entendiam a queixar-se das tristezas vagas, que a definhavam longe do calor que dantes a acalentava e aquecia.

As tardes no *gabinete azul*, os princípios da noite, quando caía do alto dos céus a penumbra indecisa e dúbia do crepúsculo, tudo aquilo perdera a sua graça, a sua antiga e ideal doçura!

No silêncio constrangido da saleta, retiniam então os passos conquistadores do *intruso*, e Berta, com vontade de romper em soluços, pedia muito depressa que a fossem deitar.

Chamava-se a criada, vinha, levava-a pela mão, amuada, e ela, ao aconchegar-se nas roupinhas do seu leito, sentia ainda uma estranha impressão de desconforto e frio. Era o beijo distraído e formalista, que lhe haviam imprimido na testa os lábios quentes, secos e febris de sua mãe.

Era noite de festa para Bertazinha.

Estavam sós todos três no *gabinete azul*, o paraíso doutroira, onde agora não havia senão flores... que ela não colhera!

Berta alcançara licença para se deitar às nove horas.

Que bom!

Um longo serão de risos, de conversas sem tom nem som, de tagarelice inextinguível. O livro das grandes imagens, a boneca deitada no tapete, uma profusão de *bonitos* de todos os feitios – alguns, por pecados de Berta, tinha-lhos dado o negregado primo! enfim, por aquele dia, Berta estava magnânima. Perdoava-lhes o virem da mão de quem vinham! – e eles dois, os dois amores, o *papá* e a *mamã* ao fogo, conversando com a intimidade feliz de quem se quer muito!

É verdade que a *mamã* estava pálida, tinha até nos olhos umas orlas roxas que pareciam de febre e uma luz esquisita que lembrava aqueles clarões súbitos e fosfóricos que costumavam acender as bruxas, quando fazem os seus encantamentos e *maus-olhados*.

Oh! mas que importavam a Berta sintomas que ela não via!

Estava contente, contente, e ia-se entusiasmando a pouco e pouco, à proporção que a alegria lhe inundava como uma onda a pequenina alma luminosa!

Um beijo no *papá*, uma festinha na *mamã*, e aqui desmanchava um canudo, acolá despregava um alfinete, depois fechava um livro que ia começar a ler, amarrotava uma renda, trepava para cima duma cadeira!

Que anjo! que demonico, feito dum bocadinho de azul!

Nisto, por um movimento rápido e imprevisto, atirou-se ao colo da mãe, mergulhou a mãozinha no decote quadrado do vestido, amachucou uma rosa, que ali parecia aninhar-se no meio das rendas, e arrancou com gesto triunfante um papel cor de pérola amarrotado.

– Oh! gritou a mãe, fazendo-se mais branca do que cal; dá cá, dá cá, isso é-me preciso.

Quem disse lá que ela respondia!

Fugira rindo, rindo como uma doidinha, e fora esconder-se entre os joelhos do pai, agitando com um gesto de graça inimitável o roubado troféu.

A mãe erguera-se convulsa, trêmula, com tamanho desvairamento e tamanha angústia no olhar e na voz, que dir-se-ia que a esmagava uma catástrofe imprevista e tremenda.

– Dá cá, dá cá, murmurou ainda desfalecida e suplicante.

– *Papá, papá*, esconde tu, respondia Berta, numa convulsão de riso. Ih! cheira a *patchouly*, cheira a *patchouly*.

Ele e ela, a mãe e o pai entreolharam-se.

Tu nunca viste um olhar assim, Naly, nem eu, e Deus nos defenda de o vermos nunca!

Foi mudo, foi longo, foi sinistro! Um poema de agonias silenciosas!

Depois o pai de Berta, afastando a criança com um gesto lento, desdobrou o papel e leu.

Já lá vai um ano depois daquela noite de festa, em que Berta alcançou licença para se deitar às nove horas.

Num ano, quantas diferenças pode fazer uma existência!

É muda e triste a casa onde vimos tantos risos, está descuidado e cheio de ervas o jardim onde brincava o pequenino ser feito de luz das auroras, e da inocência dos lírios.

Berta está doente.

Na sua alcova branca e silenciosa, à luz dúbia de uma lamparina de jaspe, vela uma criada, enquanto a loura pequenina fita no teto os grandes olhos azuis e parece seguir as visões fantásticas de um sonho de febre.

Ao princípio era feliz, muito feliz. Quem é que viera destruir todas aquelas alegrias que pareciam querer durar sempre? A pobre doentinha não o sabia.

Diante dos olhos dela dançava teimosamente um grande demônio escuro, com muitos *bonitos* nas mãos e com um bigode retorcido e triunfante.

Que vinha fazer ali aquele demônio? Quem pode explicar o que são as visões de um delírio!

Depois, uma certa noite, doce, alumiada, festiva. Que sucedera nessa noite? Meu Deus! Ela brincara muito, ainda mais que o seu costume. Não lhe lembrava mais nada, senão que fora deitar-se a chorar. Também não sabia por quê.

Desde então é que a sua vida mudara.

O pai repelia-a de si, sempre que ela lhe estendia os bracinhos, empurrava-a quando ela queria beijá-lo!

Nunca mais houvera os serões do *gabinete azul*, nunca mais ouvira aquela voz paterna, tão grave, tão meiga, tão musical, acariciá-la como antigamente!

E a mãe?... A mãe definhava sozinha, mas naquela tristeza desolada, não admitia beijos da sua Berta doutro tempo.

Um dia dissera-lhe asperamente, com um brilho seco no olhar:

– Vai-te daqui! És a causa da minha desgraça toda.

Berta não percebeu o que aquelas palavras significavam, mas percebeu o ar com que foram ditas!

Nunca mais foi ao jardim! nunca mais viu a capoeira nem o viveiro dos canários, nem os peixinhos vermelhos do tanque!

Tinha sempre frio, muito frio.

Tiritava horas e horas a um canto da *casa de engomar* onde as criadas riam e palestravam indiferentes, com uma expressão de espanto, de surpresa, de desolação selvagem no olhar!

Parecia-lhe a ela que também estava na vida como uma intrusa. O que viera ela cá fazer? Por que se não ia embora?

Sentia que alguém estava à espera dela, lá em cima, num sítio onde havia muito azul, muitas flores, um jardim mais bonito que o que fora dela, uns serões mais plácidos e mais cheios de risos e de carícias que os amados serões de outro tempo... que não podiam voltar!

E abrindo os braços, fez um doce gesto de ave espavorida que vai levantar o voo para o infinito!

– Ai! a menina que vai morrer! – bradou a criada com muita ânsia. – Chamem a senhora, chamem o senhor, este anjinho diz que lhes quer dizer adeus!

Ouviam-se portas que se abriam, vozes angustiosas que chamavam... depois, por duas portas diferentes, entraram duas pessoas.

Dois espectros do que tinham sido.

Olharam-se como que admirados de se verem ali juntos!

Miraram-se curiosamente como para sondarem os grandes abismos que os separavam dos dias doutroa!

Depois, sem quererem, olharam ambos movidos pelo mesmo impulso para o pequeno leito de cortinados brancos.

Uma voz dulcíssima, toda mimo e toda súplica, chamou-os dali:

– *Papá! mamã!* adeus! Digam-me que são meus amigos agora que eu vou morrer! Como é bom ir para o céu! Nunca mais hei de ter frio!...

Se não fosse a voz e a expressão divina daquele olhar, quem diria que aquela que falava era a pequenina Berta!

– Ó *papá*, console a *mamã*, já que eu me vou embora! Voltem para o *gabinete azul* e, ao serão, não se esqueçam de falar de mim!

Puxou-os a ambos com uma força que não parecia já deste mundo, e abraçou-os unidos contra o coração!

Todos três como dantes!

.....

Quando ambos se ergueram daquele supremo abraço, os bracinhos dela tinham afrouxado e caído.

– Perdoa-me pela nossa filha que morreu! soluçou a voz daquela mãe dolorida!

– Perdão! *papá*! ciciou como uma carícia de aragem uma voz que ninguém soube dizer se vinha da terra se do céu.

A mulher do ministro

Tinham-se retirado já quase todos os *habitués* dos pequenos saraus íntimos da viscondessa.

Em torno dela, que aquecia ao lume esmorecido do fogão os seus pequeninos pés, calçados de cetim preto, restavam apenas dois ou três amigos velhos, destes para os quais se não tem segredos, e diante dos quais se conversa plenamente à vontade.

A viscondessa, levantando então a graciosa cabecinha do livro que folheava distraidamente, procurou com os olhos o dr. X, o mais espirituoso e amável cavaqueador de Lisboa, um homem cuja conversação é mais famosa do que muitos livros célebres.

O doutor estava sentado ao pé de uma grande mesa, cheia de desenhos, de *revistas* e de gravuras, e parecia estudar atentamente uma das *águas fortes* de Piccinni, que a viscondessa trouxera da última viagem a Paris.

– Doutor, murmurou ela com a sua voz cristalina e musical, nada de evasivas, agora que estamos sós. O seu amigo tem sido atrozmente caluniado pelos *cancãs* do salão, os mais envenenados do quanto há. Ainda agora ouviu perfeitamente de que motivos, uns fúteis, outros perversos, atribuíam a retirada súbita do ministro e do homem do mundo, da cena que ele estava, por assim dizer, povoando com a fama do seu nome. O seu ministro é um enigma para todos, e muito principalmente para mim. Emprazo-o a que me dê aqui em *petit comité* a chave desse enigma que me incomoda.

– Minha querida viscondessa, eu sei que V. Ex.^a está habituada a reinar com um despotismo perfeitamente legitimado pela sua beleza e pelo seu espírito, sobre todos que a rodeiam; permita-me, porém, que hoje, pela primeira vez na minha vida, eu me recuse a satisfazer uma ordem sua. Não posso revelar segredos que me não pertencem.

– Oh! segredos! O segredo de Polichinelo, um segredo que toda gente sabe mais ou menos. Que houve na vida de F. um desastre conjugal, creio que não há ninguém que o ignore hoje em Lisboa; o que se trata de saber é como ele aceitou

esse desastre, que móbil o impeliu a demitir-se, a fugir, a ir enterrar-se sozinho numa aldeia da província.

– Peço perdão; ele não fugiu, nem tampouco partiu sozinho. Levou consigo três filhos, três querubins. Se V. Ex.^a os visse, sr.^a viscondessa, não se ria da desgraça imerecida de um homem honrado. Em lugar de chamar-lhe espirituosamente um enigma, talvez lhe chamasse um – mártir!

– Pois se na vida do seu amigo não há máculas, por que é que o não defende das acusações vagas que lhe fazem? Ande, meu querido doutor, não se faça de rogado, conte-nos o que sabe, e nós juramos um inviolável segredo.

O doutor, que resistira ao princípio, não teve força contra a sedução daqueles olhos verdes cheios de súplicas, e contou mais ou menos o que se segue.

Uma história deplorável, que está sendo no fim de contas, nos tempos que vão correndo, uma história vulgar.

Francisco Ferreira é um homem do povo; nasceu de humildes agricultores de uma aldeia do Minho.

Um tio *brasileiro* – em todas as famílias do Minho há um tio brasileiro – mandou-o educar e formá-lo.

O rapaz tinha talento e ambições.

Estudou com afinco, estudou com veemência apaixonada, pondo o seu fito numa coisa a que hoje os *espíritos fortes* chamam quimérica, mas em que acreditam ainda de vez em quando os honestos corações de vinte anos.

Francisco Ferreira acreditava na glória!

Leu todos os evangelizadores da democracia; em vez de envergonhar-se de ser povo, aprendeu, através desses luminosos e amoráveis espíritos, a compreender e a amar o povo.

Nenhum desejo de renegar a sua classe.

Quando nas férias ia passar meses na aldeia em que nascera, achava um prazer de crente e de visionário em confundir-se com os seus camaradas da infância, em explicar-lhes as loucas ambições que o embeveciam.

– Hei de trabalhar tanto que possa mais tarde melhorar o vosso destino, dizia ele aos pobres servos da gleba, sustentados a caldos de unto e a pão de rala cor de chumbo.

Toda a gente da aldeia morria por ele, e quando o *doutor* chegava com as suas estranhas ideias, com as suas conversações cheias de parábolas, com os seus livros cheios de palavras sonoras, não havia ninguém que não gostasse de ouvi-lo.

É verdade que não o entendiam muito bem; mas havia tão boa vontade para eles naquele coração de homem do povo intrépido e honesto, havia uma

expressão de tão suave bem querer naquele rosto feio, mas franco, alegre e animado, que todos lhe pagavam com afeto o afeto desinteressado que ele votara à gente da sua pobre terra.

Com a sua iniciativa fundou-se na freguesia uma associação de socorros mútuos, uma escola e uma biblioteca.

Francisco Ferreira não era um destes democratas platônicos que declamam tiradas, vestidos pelo Keel, e penteados pelo Godefroy.

Era um coração honesto e rude.

Tomara a sério quanto lera e ouvira.

Porque tinha estudado e se tinha instruído à custa do trabalho de outro, não achava absolutamente necessário desprezar a classe donde partira, ou mesmo, o que é mais extraordinário, sair dela.

Nas discussões com o tio, apresentava sem reboço estas ideias estapafúrdias, combatidas asperamente pelo milionário *brasileiro*.

– As pessoas finas são pessoas finas, deixa-te lá disso, Francisco. Não é para o João da Quitéria te tratar por *tu* que eu gastei um horror de dinheiro em te formar.

E como realmente ele é que fizera toda a despesa com a educação do sobrinho, não lhe admitia de modo nenhum o direito de ter razão contra ele.

– O dito, dito, exclamava impetuosamente quando Francisco tentava convencê-lo de qualquer verdade. Creio que não tens agora a presunção de saber mais do que eu. Com outros é uma coisa, e cá comigo é outra, rapaz!

Francisco achava-lhe imensa graça. Aquela ingênua convicção em que ele estava de que havia de ter por força a razão do seu lado, visto que tinha do seu lado o dinheiro, distraía-o como uma singularidade cômica, como o sintoma de uma epidemia moderna.

E continuava a crer em muitas coisas boas e consoladoras. No futuro triunfo das ideias democráticas, na vulgarização do ensino, na divisão equitativa das fortunas, em tudo que prometem aos homens, em uma época mais ou menos remota, a redenção sonhada por tantos espíritos luminosos.

A pouco e pouco foi se tornando conhecido.

Tinha um entendimento claro, ideias novas, uma exposição brilhante e nítida, uma eloquência original, às vezes áspera e rude, outras vezes singularmente enternecida.

Teve nos auditórios da província duas ou três causas que o tornaram famoso.

Defendeu dois réus, que a fome, a ignorância, o instinto bestial e não combativo levava ao crime. Um ladrão, e um homicida.

As orações de defesa do moço advogado deram-lhe uma verdadeira celebridade.

Havia no tribunal mulheres que soluçavam e velhos juízes endurecidos que declararam ter conhecido pela primeira vez as grandes injustiças perpetradas pela justiça de que eles eram legítimos representantes.

Francisco Ferreira era essencialmente um lutador.

Acreditava no poder das ideias, e no bem que pode fazer quem as derama pelas camadas inferiores.

Além de advogado, fez de jornalista.

O seu temperamento belicoso dava-lhe direito a um lugar entre os políticos militantes.

A sua política, porém, elevada e digna, desconhecia os ridículos *mexericos* de que têm de valer-se os que querem subir.

Queria melhorar as instituições, não queria melhorar-se a si, no sentido utilitário e prático da palavra.

Por isso mesmo, talvez, é que a fortuna teve o capricho de o proteger.

Os influentes opositoristas do círculo foram ter com o tio.

– Se você dá o dinheiro, nós damos o trabalho e fazemos deputado o rapaz. É uma bala que despedimos contra o governo, e verá que o deitamos abaixo. Em S. Bento nunca se ouviu o que ele lá disser desta *caranguejola* toda.

O tio era principalmente do partido da *ordem*:

– Ordem, liberdade, muitos melhoramentos e poucos impostos; berrava ele dando grandes murros em cima de uma banca. Cá o meu sistema político é este. Deixem lá dizer que é mau. Para o estabelecermos é que botamos fora o Miguel. Toma sentido, rapaz! Nada de te fazeres revolucionário. Não foi para isto que te mandei formar. Lembra-te que o que és a mim o deves. Ordem, liberdade.

– Muitos melhoramentos e poucos impostos, atalhava rindo como um perdido Francisco Ferreira.

O espanto do tio quando viu com os seus olhos o diploma do seu querido doutor foi de um cômico supremo.

O velho tinha a expressão espavorida da galinha que chocou um ovo de pata.

– Pois que! Seria possível! Ele conseguira fazer além de um doutor, o que já é muito, um deputado, o que é quase tudo!...

E tinha enternecimentos súbitos abraçando o sobrinho.

Fazia-lhe toda a casta de recomendações, ora o queria combatendo nas fileiras da oposição, ora o sonhava poderoso influente, o braço direito do ministério.

Comunicava-lhe as suas ideias a respeito de todas as coisas, sobre política, sobre os vários meios de levar os homens, sobre o modo de se vestir.

– Deixa lá, eu sei disso alguma coisa! Tenho visto muito mundo. E quanto a dinheiro, descansa que te não há de faltar!

O pobre moço levava dez anos de sua vida a viajar entusiasmado e crente pelo mundo das ideias.

Conhecia os livros, mas não conhecia os homens.

Sobretudo, não conhecia as mulheres.

Chegou a Lisboa, que entre parênteses lhe pareceu uma Babilônia, cheia de perigos desconhecidos, de misteriosas seduções – e na casa onde se hospedou, encontrou logo uma rapariga de dezoito anos, loura, fina, anêmica, um tipo inteiramente novo para o moço advogado provinciano.

Adorou-lhe aquela graça doentia das mulheres histéricas que ele nunca vira nas moças de sua terra, e seis meses depois casava-se e felicíssimo levava consigo a noiva para a casa humilde em que nascera e à qual o prendiam todos os afetos são da sua alma.

A burguesinha lisboeta, filha de um empregado público que falecera deixando a viúva desamparada, resignara-se a viver na *casa de hóspedes* estabelecida por sua mãe, mas achou-se por assim dizer deslustrada por aquele casamento plebeu.

O que a namorava no noivo era a ideia de que ia ser mulher de um deputado famoso, de um moço advogado célebre; esta vitória sobre todas as suas amigas inebriara-lhe de puro gozo a vaidade pelintra, mas ali naquela pobre aldeola do Minho, o homem célebre desaparecia na vulgaridade do meio e ficava simplesmente o homem do povo.

Os jornaleiros tratavam-no por tu, a mãe usava roupinhas, o pai, se bem que já não trabalhava no campo para ganhar, anda cultivava a sua pequena horta ao pé de casa para *se divertir*, dizia ele.

E Francisco, o deputado que ela ouvira em S. Bento, e cuja palavra vibrante, nervosa e rude fizera empalidecer na sua cadeira um ministro, um potentado, um sujeito majestoso e calvo, de luneta, ar desdenhoso e mãos muito brancas, Francisco, o marido que todas as suas amigas lhe invejavam, achava-se ali bem, naturalmente, no seu meio, gostando muito de caldo verde e de broa, e lendo Michelet, um *paroleiro* insuportável, que ela não entendia nem à mão de Deus Padre, junto da chaminé negra de fumo, onde secavam os presuntos e um gato muito gordo dormia, fazendo *rou rou*.

Amélia, a quem a mãe e as pessoas de amizade tinham dado o nomezinho carinhoso de Lili, não podia suportar aquele horror.

A sogra era uma excelente velhinha, muito esperta, muito asseada, muito laboriosa, sabendo histórias do tempo antigo, e cantigas minhotas que davam gosto ouvir.

Adorava a noiva do seu *doutor*.

Achava-a linda, delicada, frágil como um vime; admirava-lhe a roupa branca, os gestos miudinhos, as denguiques e afetações de mimosa. Levava-lhe todas as manhãs ao leito uma tigela de barro vidrado muito limpa e luzidia cheia de leite morno ainda, da melhor vaca da herdade, fazia-lhe bolos deliciosos,

contava-lhe travessuras do seu Francisco, imaginando com o seu fino instinto de mãe ser-lhe agradável.

Não importa!

Lili detestava-a do fundo da alma!

Tinha vergonha dela.

E pensava:

Meu Deus! Que há de ser de mim, se a *seresma* da velha me aparece em Lisboa! que risota para as Silvas que são tão *escarniçadeiras*! E a Joanhinha Siqueira que teve tanta inveja quando me casei, que até estava verde ao jantar!... Agora é que ela havia de rir, se visse esta bonita parentela!

Quando o marido a levou a Braga ao palacete do tio milionário, Lili sentiu-se então mais reconciliada com o seu destino.

A casa era de um gosto deplorável, cheia de tapetes muito floridos, de quadros péssimos, de bugigangas de toda a espécie.

Na sala havia uma cegonha empalhada, e um retrato a óleo feito por um *curioso*, que era de uma pessoa se desfazer com riso defronte dela; mas tudo aquilo cheirava a dinheiro e muito dinheiro; ao dinheiro com que se compram lindas *toilettes*, riquíssimas carruagens, joias brilhantes; ao dinheiro com que se alugam camarotes e se faz estalar de pura inveja as Silvas e as Siqueiras, e as Costas e as primas Conselheiras.

Lili tentou fazer a conquista do velho brasileiro.

Ele, porém, é que não era presa fácil.

– Hum! hum! cheira-me isto a obra de fancaria! Onde iria o doutor buscar esta figurona de cabelo cor de palha e cara cor de cera, que parece gostar de dinheiro como gatos gostam de leite? Quando ouve falar em libras, até os olhos se lhe fazem mais brilhantes. Safa! Hão de ter uma fome de seiscentos diachos aqueles dentinhos miúdos e brancos que estiveram tempo a pão de rala!

E neste dizer metafórico desafogava o bom do velho as suas desconfianças!

Francisco é que não desconfiava de coisa alguma. Vivia em plena bem-aventurança.

Era moço, robusto, acreditava no bem e no belo, tinha a fé poderosa que move as montanhas.

O partido em que se filiara – depois de compreender que um homem isolado não pode fazer nada em proveito do seu país, nem das suas ideias – aclamava-o como a mais gloriosa das esperanças; a mãe revia-se nele ébria do santo orgulho; o tio começava a consentir que ele às vezes, de tempos a tempos, *tivesse razão* mesmo na sua presença, e Lili, a sua loura Lili tinha uns olhos azuis que o enlouqueciam, e umas linhas delicadas de corpo que ele nunca vira em mais ninguém, e uns gestos felinos, e uma graça, e um sorriso que eram o seu céu.

Cinco anos depois desta época, Francisco Ferreira tinha três filhinhos louros como sua mãe, era rico, pois que herdara a fortuna do tio, e o seu partido confiava-lhe uma pasta de ministro.

A mulher assistira à sua ascensão progressiva com uma ambição irrequieta e feroz.

Não soubera decerto dar-lhe consolações no meio das suas lutas aspérrimas de trabalhador e de obreiro incansável de um edifício ideal.

O que ela amava era o aparato exterior daquela vida, as festas, as recepções, a opulência...

Já não cumprimentava as amigas quando as encontrava, ela recostada nos coxins cor de pérola do seu *coupé* de oito molas, elas a pé, vestidas com um luxo barato, de tacões altos nas botinas esticadas e grande *chignon* postição nas cabeças ocas de ideias.

Na primeira vez que foi ao paço teve um ataque de nervos na carruagem em que voltava do baile.

Começava então a ambicionar um título, e há quem diga que o austero democrata se ia deixando influenciar pelas carícias felinas daquela corruptora inconsciente.

Súbito, quando ninguém o esperava, Francisco Ferreira pediu a sua demissão de ministro, resignou o mandato dos seus eleitores, e partiu para o Minho, para a pequena aldeia em que nasceu, para a mãe velhinha que ainda vive, levando consigo, do naufrágio de todas as suas glórias unicamente os despojos.

Três crianças louras que lhe perguntam sem chorar, mas com a curiosidade violenta da infância, onde está sua mãe, aquela bonita senhora vestida de *faille* e de rendas, que andava sempre de carruagem, e que se zangava quando eles lhe pediam beijos.

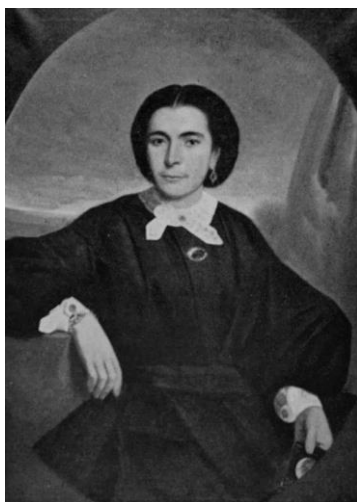
O pai responde-lhes a chorar:

– Morreu.

Todos quatro andam vestidos de luto.

MARIA PEREGRINA DE SOUSA

Pesquisa, seleção e atualização ortográfica por
EDUARDO DA CRUZ



16

Maria Peregrina de Sousa nasceu no Porto, na rua dos Caldeireiros, em 13 de fevereiro de 1809. O nome de batismo era simplesmente Maria, recebendo o acréscimo de Peregrina por seu tio, devido aos deslocamentos de sua família pelos arredores do Porto, quando da invasão francesa em Portugal. Maria Peregrina teve sua mocidade abalada pelos problemas econômicos do pai comerciante, que chegou a ser preso durante a guerra civil entre liberais e miguelistas. Ficou órfã de mãe nessa época. Viveu, então, por muitos anos, cuidando do pai e da irmã, também poetisa, Maria do Patrocínio de Sousa.

Peregrina deu início à sua atividade literária nos primeiros anos da década de 1840 e o seu primeiro texto foi enviado ao *Arquivo Pitoresco*. Em seguida, passou a publicar na *Revista Universal Lisbonense*, com o pseudônimo de “Uma

¹⁶ Retrato a óleo existente no Museu de Etnografia e História do Douro Litoral. Reproduzido de “Maria Peregrina de Sousa (1809-1894): esboço bio-bibliográfico”, de Bertino Daciano, no *Boletim da Biblioteca Pública Municipal de Matosinhos* n. 6, junho/1959.

Obscura Portuense”. Tratava-se de uma série de escritos sobre crenças e superstições do Minho. O pseudônimo e o cariz dos escritos deixaram as pessoas curiosas, incluindo o próprio redator, Antônio Feliciano de Castilho, que exibiu, no rol de colaboradores da revista, a identidade da escritora do Porto. A partir de então, surgiu uma longa amizade e parceria entre os dois. Foi Castilho o responsável por grande parte do trabalho de crítica e revisão dos textos que ela publicou. Quando problemas relacionados com a saúde da irmã, além de cuidados com o irmão, levaram a “Obscura Portuense” a deixar de lado as letras, lá estava outra vez Castilho a lhe dar forças e a arrumar formas de enaltecer a escrita da referida autora. Foi por influência dele que Peregrina publicou na revista *Íris*, do Rio de Janeiro, cujo redator era seu irmão José Feliciano, nos anos 1848 e 1849, de onde retiramos as narrativas para esta antologia. Mais tarde, integrou o *Almanaque de lembranças luso-brasileiro*, criado por Alexandre Magno de Castilho. Antônio Feliciano, baseado nas cartas que recebia de Maria Peregrina e de Maria do Patrocínio, escreveu a biografia da romancista portuense na *Revista Contemporânea de Portugal*, em 1861.

Maria Peregrina de Sousa colaborou com poemas, textos etnográficos sobre costumes e superstições do Minho, contos, novelas e romances em diversos periódicos e almanaques portugueses, cuja lista, sempre incompleta, dada a quantidade de textos que ela enviava para jornais ou que eram copiados por outros periódicos, inclui títulos como *A Esperança*, *Aurora*, *Pirata*, *Periódico dos Pobres do Porto*, *O Lidador*, *Gazeta de Portugal*, *O Recreio das damas*, *A Restauração da Carta*, *Miscelânea poética*, *O Bardo*, *A Grinalda*, *Braz Tisana*, *Lidador*, *Almanaque das senhoras*; e brasileiros, como, *Novo correio das modas*, *O Globo*, *Correio paulistano*, *Periódico dos pobres*, *O Monitor*, *O Recreativo*, entre outros. Ela utilizou em suas publicações, além do próprio nome, o pseudônimo de “Mariposa”, ou a identificação apenas pelas iniciais D. M. P ou D. M. P. S.

Em 1859, Maria Peregrina publicou, pela primeira vez em livro, um romance com o título de *Retalho do Mundo*, com capítulos iniciados com provérbios ou rifões, que ofereceu ao seu mestre Castilho. Escreve ainda *Radamanto ou a Mana do Conde*, vindo a lume em 1863 a expensas da Sociedade Madrépora do Rio de Janeiro, sendo incluída na mesma brochura a novela *Roberta ou a Força da Simpatia*, já publicada, em 1848, nas páginas do *Periódico dos Pobres do Porto*. Em 1866 sai o *Maria Isabel*, previamente publicado no periódico *A Esperança*, do Porto. O quarto romance em livro data de 1876 e leva o título de *Henriqueta*, também já publicado em folhetim. Também publicou as *Poesias ao auspicioso nascimento de S. A. R. o Príncipe herdeiro da Coroa Portuguesa* (1863).

Maria Peregrina viveu, solteira e, após perder a irmã e o pai, cercada de senhoras que a acompanhavam, entre Leça da Palmeira, em Matosinhos, Moreira, na Maia, e o Porto, onde faleceu a 16 de novembro de 1894, na rua de Santa Catarina. Seu registro de óbito indica que era escritora e proprietária.

Pepa

Capítulo I

Tantas vezes vai o pote à fonte, que larga o fundo – Rifão.

– Tenho dito! Vou expatriar meu sobrinho – dizia a um amigo João Alberto, velho solteiro, que a gota retinha meio ano no seu quarto, e que apesar disso tinha por costume bons humores, mas não nesta ocasião.

– Estás zangado com a tua gota, e tornas-te contra o pobre Alberto, como se ele tivera culpas nas tuas dores – replicou o amigo.

– Nada, senhor Inácio; eu nunca peço aos outros contas do que não devem. A minha gota é muito minha e de ninguém me queixo pelo incômodo que me dá.

– Mas então, por que queres expulsar Artur? Não tens em casa senão a ele e queres desfazer-te da sua companhia?

– *Verdade seja*, se eu tivesse em casa só Artur, havia de ser bem tratado... Ele é que me faz os caldos, que me levanta, que me veste...

– Não me estejas com loucuras! ... Que te fez teu sobrinho? Tu o amas como teu filho, é o teu herdeiro...

– Eis aí temos outra! a quem disse eu que ele era o meu herdeiro?

– A ninguém, mas todos o sabem, e ele o merece pelo muito que te ama e respeita.

– Pois os senhores *todos* se enganam; e ele não me ama e respeita. Se quisesse fazer-me a vontade, havia de casar com a minha linda Ernestina, e não andar a procurar noiva entre todas as loureiras da cidade.

– Não me consta que ele tenha ainda contratado casamento com loureira, ou com loureiro, e se lhe dissesse que casasse com sua prima, estou certo que obedeceria.

– Isso, e o que eu não quero, é tudo um. *Verdade seja*, a minha Ernestina ainda merece que rompam duas solas por seu respeito. Eu não quero que ele a receba por mulher, assim como por lhe fazer favor; mas queria que se namorasse dela, e me pedisse, por muito obséquio, que o casasse com ela. Mas nada! anda por aqui, por ali, como o furão atrás dos coelhos, e assim que topa caça marra, e

fica. Tenho-lhe já desfeito não sei já quantos *lotos*. Louvar a Deus! ... anda nos seus vinte anos, e creio que no seu vigésimo namoro.

– Ah! então para desfazeres o vigésimo, é que o queres pôr ao largo?

– Nem mais.

– Mas não precisarás de remédio tão violento.

– Qual não preciso? os outros não têm sortido efeito, e vai-se o namoro tornando crônico, já tem seus dois meses de existência, e há cartas, versos... prendas...

– Coisas de rapazes; deixa-o divertir.

– Pois que se divirta, mas não à minha custa. Não fui suar como um negro ao Brasil, para ganhar com que ele agora compre mogigangas, para dar às tolas que encontra.

– Se ela é pobre, não é tola; Artur é rico e...

– Rico de gentileza? ... Seu pai deixou-lhe uma casa arruinada.

– E o que tu lhe hás de dar? porque afinal de contas não hás de levar o que tens para a cova, e como não tens filhos...

– *Verdade seja*, porque não tenho filhos há de ele ser por força meu herdeiro? Por que não hei de deixar o que possuo a Ernestina, que é tão boa rapariga que sendo-me tanto como Artur, vê sem inveja seu primo pôr e dispor do que tenho como se fora meu filho?

– Ela tem pais, não pode invejar a seu primo órfão a amizade e proteção dum tio.

– Tenho-o sempre protegido; mas muito há de rir quem não morrer... Tenho o meu testamento feito, e se Artur não vier, a cai ao rego...

– Seria uma ingratidão deserdar um excelente moço, só porque ele tem seus amores.

– Ingratidão de quê? ... Se eu soubesse que ele me fazia quatro festas para desfrutar a minha herança, ia já rasgar o testamento, ou pôr fogo às minhas casas e armazéns.

– Então sempre o testamento lhe é favorável? ... fico contente com isso; estavas-me desgostando.

– Ora *verdade seja* não sei que maior interesse podes ter por meu sobrinho que por minha sobrinha!

– Também lhe quero bem a ela; é um anjo na alma e no corpo, mas ele, sempre o olhei como teu filho.

– Pois olha que o não amo mais que a ela, nem ele será meu único herdeiro. Quando estava no Brasil, meu irmão *José* fugiu de casa, fez uma súcia de disparates, casou com uma galega, e morreu pobre. Minha irmã, no entanto, que tinha sido sempre uma pérola, havia casado à vontade de seus pais, e sabendo da morte de *José*, mandou buscar Artur, meteu-o num colégio e me deu parte de tudo. Eu não quis que ela fizesse despesa com o órfão e o tomei à minha conta.

Cuidas então que eu havia, depois de tudo isto, dar tudo o que possuo ao filho de meu irmão traquinas, e nada à filha da minha boa e ajuizada irmã?...

– Pois não digo tudo...

– Sim!... mas eu queria dar-lhe tudo!... absolutamente tudo! e à minha querida Ernestina também; e por isso os queria casar... chitom!... aí vem o senhor namorado!... Ele não deve saber nada do que temos dito.

Artur entrou (era um belo mancebo) cumprimentou Inácio com amizade, e falou a seu tio com ternura. João Alberto revia-se nele, anediou-lhe um ombro, e lhe perguntou se fora à casa de sua tia: uma resposta negativa fez franzir as sobranceiras ao tio e torcer-se o amigo. João Alberto disse, passado um pouco, a Artur:

– Hás de ir breve a S. Tiago de Galiza tratar um negócio.

O mancebo mostrou sobressalto e Inácio perguntou que negócios tinha o seu amigo na Galiza?

– Os negócios que eu tenho não são da tua conta.

Artur saiu sem dar palavra.

– Aposto que vai escrever à namorada!... forte cegueira!

– E então, que mandarás fazer Artur à Galiza?

– Mando-o falar com um velho parente que lá tenho, com o pretexto de tirar informações da família da mãe de Artur. Mas *verdade seja* está-me lembrando uma coisa... isto de galegos é quase como negros... quem me diz a mim que, se algum parente da mãe de Artur é rico, o não matará a ele com medo de lhe não vá pedir alguns *chabos*?

– Tens ideias!...

– Pelo sim, pelo não, sempre Artur irá, não como filho de seus pais, mas como meu próprio filho: de João Alberto para José Alberto não é grande a diferença.

– Teu sobrinho se rirá dos teus temores.

– Cuidas que eu lhe dou parte dos motivos que me levam a ordenar-lhe isto ou aquilo?... Eu mando, e ele obedece à risca. *Verdade seja*, ele é um excelente moço... se não fosse o medo que tenho que ele se apaixone deveras, não o arredaria de mim; faz-me tão boa companhia... é tão bom... tão meigo... tão jovial...

Inácio se levantou comovido e foi ao quarto de Artur, com tenção de falar ao amigo, e de instruir o mancebo das vontades de seu bom tio, mas viu-o tão sentido por deixar o Porto, que supôs ser-lhe útil a jornada, e nada lhe disse.

Capítulo II

Muito riso, pouco siso – Rifão.

Chegara Artur ao pátio duma habitação, meio casa meio castelo, pouco distante de S. Tiago de Galiza, e debalde chamava por alguém, servindo-se das poucas palavras que havia aprendido de Espanhol. A casa parecia deserta. Apeou-se ele de

seu belo cavalo, e foi bater a meia dúzia de portas que viu fechadas, mas que mostravam, pelo pó e teias de aranha, que não eram portas de abrir. Galinhas, porcos, cães, e um macho, todos animais negros e feios estavam em boa harmonia no pátio. O sobrinho de João Alberto, zangado de ver a inutilidade de seus esforços para chamar gente, atirou por terra uma pedra com que batera, bradando:

– Irra com o pardieiro encantado!... bem me haviam dito que melhor me seria ir falar ao grão-turco!...

Uma risada estrondosa lhe fez levantar a cabeça, e viu, com grande confusão sua, uma linda senhorita debruçada a uma janela, e rindo como perdida. Artur tirou o seu chapéu respeitoso, e lhe pediu se fazia a graça de lhe indicar aonde se havia dirigir para falar com o senhor da casa. Ela enxugou as lágrimas de alegria, e atirou-lhe dois beijos, piscando os olhos. O mancebo repetiu o seu pedido, fingindo não reparar nos gestos indecorosos da desconhecida, e ela, estendendo uma branca mão para uma passagem estreita à esquerda, fez um aceno de cabeça e uma pequena carranca de zombaria, e se recolheu.

Artur, com o cavalo pela rédea, seguiu o caminho indicado, dizendo consigo:

– Ora tenho ouvido dizer que as espanholas são muito galantes e vivas, mas se todas são como esta, são galantes, vivas e tolas: eu nunca vi coisa assim!

Neste comenos encontrou um criado de lavoura, que lhe disse que ele ia enganado, que ali eram as cortes do gado e as abegoarias; que voltasse ao pátio e tomasse à direita. Artur primeiro se agoniou, depois riu dizendo consigo:

– Foi bem feito!... não me fiasse eu numa doida!

Ele tinha um gênio muito jovial, e acharia divertido tudo o que via, se não tivesse sendo o motivo de mofa duma estrangeira; mas seu amor próprio ofendido amargurava-lhe o divertimento. Retrocedeu, olhos baixos, como se procurara alfinetes, mas ouviu uma tosse seca e prolongada, que lhe notificava que estava sendo observado: fingiu-se surdo. Alguma coisa lhe atiraram, que fez espantar o seu cavalo; ele, sem voltar a cabeça, anediou o pescoço do animal para o sossegar e seguiu caminho; deu volta à casa e ficou livre da moça traquinas. Conseguiu finalmente deparar com a porta da entrada, e falar com um criado, que lhe disse não podia o senhor dom Luís falar a ninguém, mas que lhe desse *usted* o recado que quisesse, que fielmente seria transmitido ao dito senhor. Artur entregou a carta ao criado, dizendo que era um parente do senhor dom Luís, e que, no dia seguinte, viria procurar a resposta.

– Espere *usted* um pouquinho, disse o criado: eu vou falar ao senhor dom Luís, que certo não há de querer que um seu parente venha à sua porta, e se retire como um correio.

O sobrinho de João Alberto revestiu-se de paciência, e passeou dum lado para o outro, assobiando uma cantilena da Fragata-Medusa. Alguns assobios mal-formados lhe fizeram erguer os olhos, e viu, de uma fresta, a cabeça da linda

senhorita, que encorrihava a testa e franzia os seus lábios de rosa para arremedar Artur: este deu uma risada, ao ver os esforços malsucedidos da escarnecedora, e ela se recolheu zangada e fechou o postigo.

Artur ainda estava rindo, quando o criado tornou, e lhe disse que seu amo o estava esperando.

– A quem hei de deixar o cavalo? perguntou o mancebo.

– A Lazarilho, que trata de Boreas (respondeu o doméstico) que é um mu-chacho simples, mas que entende do seu ofício.

Lazarilho era um rapazola com cara de parvo e todo esfarrapado: Boreas era o macho magro e velho que se divertia no pátio com a sociedade dos porcos e das galinhas.

O sobrinho de João Alberto foi conduzido em silêncio por longos corredores às escuras como em uma visita de pêsames; era quase noite. O criado abriu algumas portas com chave de segredo e introduziu, por fim de contas, o mancebo no aposento de dom Luís. Era este um velho que, apesar da sua muita idade, mostrava vigor e alguma agilidade, da qual nunca se servia; raras vezes deixava o seu aposento, pelo amor que tinha, diziam, a um cofre que ali ocultava.

O criado acendeu um candeeiro, e ficou à porta para guardar talvez seu amo. Dom Luís pôs o candeeiro de modo que ficava às escuras, e o mancebo esclarecido, e lhe disse:

– Então seu pai desejava saber a que família pertencia dona Leonarda, esposa de seu tio?

– Sim, senhor.

– Eu sou um homem há muito acantonado; mas tirei informações pelos meus amigos: os sinais, porém são poucos. O senhor por hoje ficará em minha casa, se quiser sujeitar-se ao regulamento sadio, com que eu e toda a minha família vivemos: é noite, e dizem que as estradas não são seguras.

Artur aceitou; e, se a esperança de ver a travessa senhorita o decidiu, achou-se enganado por então. Passadas duas horas de conversação veio uma ligeira refeição e depois disse dom Luís ao criado:

– Pedrilho, conduze este senhor ao seu quarto!

Pedrilho acendeu um rolo e saiu vagaroso para não apagar a luz: Artur o foi seguindo, e lembrou-se que lhe haviam dito que naquela casa andava coisa má, e disse consigo:

– Na verdade o sítio é próprio para a imaginação criar fantasmas!...

As paredes eram escuras, o teto negro e alto, os corredores largos e compridos. Acabavam de entrar em uma sala nua e longa, quando um assobio agudo fez estremecer Pedrilho, voltar para trás e desaparecer.

– Agora esta! murmurou o mancebo; e tentou o vácuo até topar numa parede. Passado um pouco, em que ele não sabia se havia de rir, se havia de

agoniar-se, uma mão lhe agarrou num braço e como um furacão o arrastou, sem que ele tivesse tempo nem força para lhe resistir, e pensou consigo:

– Vejamos em que dá isto!... e considerou pouco satisfeito, que não trazia nada para se defender, se eram más as tenções que tinham a seu respeito.

Ele pôde parar, e estendeu as mãos para apalpar quem o conduzia, mas não encontrou ninguém: a mão o tinha já largado e parecia que abriu uma porta; depois lhe meteu na mão um objeto frio e o empurrou com força para diante. Isto era feito com tanta pressa e valentia, que ainda que lhe sentira só uma mão, não podia deixar de andar ali mais que uma pessoa. Não teve Artur tempo de pensar; viu-se outra vez no aposento de dom Luís, e este maniatado por dois ladrões que lhe queimavam uma mão, bradando em meia voz que lhes dissesse onde tinha o dinheiro; outro revolvía as gavetas, e um quarto sufocava Pedrilho, que acudira a seu amo, quando este o chamou, pelo sinal que tinham de convenção. O mancebo, sem refletir, caiu sobre os ladrões; o que lhe haviam metido na mão era uma espada bem afiada. Ele seria vítima da sua coragem, se, aos gritos que soltou dom Luís ao ver-se livre do ladrão que o superara, não acudira toda a gente da casa, inclusive o *muchacho*; que tratava de Boreas, e a senhorita com a sua velha aia.

Os ladrões fugiram: haviam entrado por uma janela do gabinete contíguo ao quarto de dom Luís.

– Descuidados! disse o velho aos criados; certo não havíeis fechado a porta do pátio.

A senhorita correu a ele, e, vendo-lhe a mão queimada, ensopou o seu lenço no azeite do candeeiro, e embrulhou-lhe a mão molesta, com todo o mimo e cautela; já não parecia a estouvada da tarde.

– Pedrilho! continuou o ancião, leva esse senhor ao seu quarto, ele me salvou a vida, e está ferido; Antônia te acompanhará para curar suas feridas o melhor que souber, que amanhã se chamará o cirurgião.

Artur, não obstante as dores que ia sentindo em seu peito e braços, onde tinha algumas feridas, se regozijou, ao pensar que as mimosas mãos, que haviam curado a mão do velho, o iam tratar a ele; porém quando viu que Antônia não era a senhorita, mas sim a sua aia, saiu, encostado a Pedrilho, e pouco satisfeito.

Capítulo III

O homem é lume, a mulher estopa, vem o diabo e assopra – Adágio.

Artur tinha passado os oito dias mais insípidos e tristonhos de sua vida. Via-se molestado, em uma casa estranha, e sem ver em todo o dia senão o cirurgião ou Pedrilho, e estes mesmos poucas vezes. Para se distrair, procurava fazer versos à sua namorada, mas tinha perdido a musa com a saúde; repetia mil vezes o nome de Carminda, logo se aborrecia, e pensava em seu bom tio, em sua tia, sua

prima, em Inácio e nos seus amigos. A companhia de qualquer destas pessoas seria para ele um encantado tesouro nas atuais circunstâncias: às vezes se lembrava também da senhorita da casa e da sua vivacidade doida.

Finalmente teve licença do cirurgião de se levantar do leito e de escrever. Pedriu imediatamente a Pedrilho tinta e papel, mas só passadas duas eternas horas é que lhe trouxe preparos de escrever, desculpando-se com o senhor dom Luís não escrever quase nunca, e ter sido mister ir pedir o seu tinteiro à senhorita, que estava dormindo, e era muito senhora da sua vontade, para que a sua tia se atrevesse a acordá-la. Artur, que nunca se havia atrevido a perguntar quem era a senhorita, arriscou algumas perguntas nesta ocasião e soube que se chamava Pepa e era neta de dom Luís. Apenas veio Pedrilho, escreveu o mancebo a seu tio, a Inácio, a um de seus amigos, e à sua namorada: quando acabou de escrever estava muito fatigado, e deitou-se. Pedrilho veio buscar as cartas para o correio e levou, sem que Artur visse, os preparos de escrever. Logo que o sobrinho de João Alberto deu pela falta das suas queridas penas e papel, sua única companhia, ficou aflitíssimo, correu à porta para chamar, achou-a fechada e exclamou:

– Estarei preso?

Esta ideia redobrou sua aflição, correu à janela para ver se, em caso de necessidade, poderia escapar-se por ela, e ao ver que não era muito elevada do solo, disse alto:

– Valha-nos isso!...

– Isso o quê?

Lhe perguntaram duma janela superior. Levantou os olhos e viu o rosto risonho e malicioso de Pepa.

– Por caridade, senhorita, lhe disse ele, torne-me a enviar tinta e papel; estou desesperado, por Pedrilho me haver tirado isso.

– Espere *usted* um pouquinho.

– E se *usted* me pudesse também emprestar um livro?!!

– Será *usted* servido.

Ela se retirou e ele cansou-se de esperar inutilmente, e quando Pedrilho veio com o jantar e lhe não trouxe nem livro, nem tinteiro, amaldiçoou Pepa no seu coração; e disse ao criado:

– Precisava escrever outra carta, veja se me traz o tinteiro.

Porém ele lhe disse que a senhorita era muito senhora do seu nariz, e não fazia dois favores num dia; que esperasse para o dia seguinte.

Artur, não sabendo em que empregar o tempo, foi para a janela. Pepa o esperava e lhe disse agastada:

– Por que não esperou *usted*?... tive tanto trabalho por sua causa, e o senhor vai-se pôr a jantar com toda a pachorra!...

Em dizendo isto lhe desceu numa cesta o tinteiro, papel e um livro. O mancebo bem que pouco se demorara com o seu jantar, se desfez em satisfações e recolheu o seu tesouro. O tinteiro estava cheio de azeite, o papel de carrancas, e o livro era um Dom Quixote tão cheio de rabiscas que mal se lhe viam letras. Artur teve vontade de bater na zombadora: não tornou naquele dia a chegar à janela, e deitou-se aborrido e fatigado.

No dia seguinte ao acordar viu sobre a mesa alguns livros, papel e o tinteiro. Saltou ao chão para ver se era outro logro, e ficou saltando de prazer ao ver que o tinteiro tinha tinta, que o papel era limpo e que os livros eram bons.

– Quem mandou isto, e o fez pôr aqui sem eu sentir? Perguntou ele a Pedrilho, logo que este entrou.

– Senhor, respondeu ele abanando a cabeça; é muito moço, falta-lhe a prudência... não corresponda à festa que lhe fazem os leões... O senhor dom Luís mostra ter-lhe afeição, mas ele percebia que!...

– Perceber o quê?... eu falo em alhos, e você fala-me em bugalhos? explique-se.

– Não tenho que explicar, tenho falado mais do que devia; mas sempre lhe direi uma coisa, para governo de *usted*. A senhorita é boa às vezes... é divertida, mas quer ter sempre palitos... para os morder; porém se o seu avô o soubesse... guarda debaixo!...

– Uns dentes tão miúdos não podem fazer grande mal, ainda que mordam; e o senhor dom Luís nunca terá nada a repreender-me.

Apesar da advertência do criado, apenas ele saiu, foi o mancebo para a janela e entabulou conversação com a sua vizinha de cima. Ela falava e ria com tanta vivacidade e chiste, que Artur não se fartava de ouvi-la, e quase lhe perdoava o seu demasiado estouvamento. De repente lhe disse ela:

– Artur! pergunte a esse homem que nos olha como se fôssemos alguma raridade, se me quer comprar para me mostrar por dinheiro: eu não desgostaria de correr o mundo a ler a *buena-dicha*!

Artur voltou-se para o pátio e viu um bufarinheiro parado debaixo das janelas, e lhe perguntou o que queria; ele respondeu que estava esperando que lhe dessem atenção, e encareceu as belas fazendas que trazia à venda.

– Depressa, Artur, depressa tome a minha cesta e passe-a ao vendelhão para que ele meta as suas melhores coisas, e compre-me *usted* um lenço escarlate, um cinto amarelo, um colar azul, uns brincos verdes e um leque preto.

O mancebo fez o que lhe era ordenado rindo-se da boa escolha das cores. No entanto que ele escolhia os objetos pedidos, Pepa dizia ao bufarinheiro:

– Que se diz por esse mundo?... conta-nos alguma novidade, homem das ninharias?

– A novidade que me deram há pouco, senhorita, foi que *usted* casará. Diga-me *usted* quando serão as núpcias, para antes lhe trazer belas e ricas fazendas.

Ela riu despropositada e respondeu:

– Pergunta ao meu noivo pelo dia feliz, ele está-me ali comprando as prendas do noivado.

Artur sentia desgosto com estes loucos gracejos; mas logo esquecia o descomedimento de Pepa pelo muito que ela o divertia.

Dom Luís mandou-lhe uma satisfação de o não ter ido ver, o que não fizera por falta de saúde, e lhe fez pedir que, logo que pudesse, fosse ele ao seu aposento.

O sobrinho de João Alberto foi imediatamente, e pelo caminho não levava pouca inquietação: se o velho tivesse sabido das loucuras de sua neta, podia criminalar também o alvo delas. Dom Luís, porém recebeu-o muito bem e lhe disse que não consentia que saísse de sua casa sem estar inteiramente restabelecido, e que mesmo depois esperava lhe fizesse companhia até sua neta casar.

– Dom Rolando, disse ele, (é um fidalgo rico, que pediu sua mão, e que ela adora) está para vir passar aqui alguns dias, e decidiremos então quando se deve fazer o casamento; *usted* terá pois um companheiro para lhe ajudar a passar o tempo.

Artur estava de queixo caído. Uma noiva namorada tratar com tal sem cerimônia a um estrangeiro!

– Há gente para tudo! – Pensou ele, mas não ficou contente: o galante rosto, falas chistosas e jovialidade excessiva de Pepa o tinham fascinado. Apesar de todos os seus esforços para ser constante, Carminda lhe ocupava menos a memória.

Capítulo IV

Devagar se vai ao longe – Adágio.

Chegou dom Rolando à casa de dom Luís; e Artur que esperava ver um moço muito guapo e vivo, folgazão e jovial, não acabava de se maravilhar consigo mesmo, ao ver um grande pançudo, dos seus cinquenta, muito vaidoso e grave, desengraçado e metódico.

– Ora as mulheres têm gostos! pensou ele; se os opostos porém se quadram, nunca vi par mais próprio para viver em harmonia.

Dom Rolando ficou muito contente de achar Artur em casa da sua noiva. Dizem que os espanhóis são zelosos, mas ele não tinha esse defeito, fazia muito boa opinião de si, e contava com a candura e ingenuidade da sua noiva. Ele disse ao mancebo:

– Seria bom que dormíssemos no mesmo aposento, este castelo não é lá dos mais bem guardados... e de noite nem sempre se dorme com sossego debaixo do seu telhado.

Artur respondeu, rindo, que ele tinha dormido sempre otimamente, quando não sentia dores nas contusões que havia recebido.

Dom Luís mandou convidar seus hóspedes para tomarem uma chávena de chocolate com sua neta. Artur tinha curiosidade de ver os noivos juntos; mas não estava satisfeito por ter sido o passatempo da amante dum ente tão desazado como era dom Rolando; e, se não fora por temer passar por amuado diante da senhorita, teria posto cobro à sua curiosidade e não sairia do seu quarto; mas, querendo parecer indiferente, seguiu dom Rolando ao aposento de dom Luís, e tencionou humilhar Pepa, não lhe mostrando ressentimento algum.

Entrou Pepa no aposento de seu avô com passo tímido e vagaroso, olhos baixos e mãos sobre o peito, segurando um leque e um lenço, como uma cruz e um sudário; parecia uma freira numa procissão. Vinha vestida com uma extravagância sem limites; os trastes que lhe comprara Artur saíram todos a campo neste dia; e ainda, para ser maior a guerra de cores, trazia Pepa largas fitas, cor de rosa viva, segurando suas belas e longas tranças, que caíam pelas costas. Não obstante todas as cores disparatadas com que ela vinha adereçada, e suas maneiras célebres, parecia ainda Pepa linda e engraçada. Abraçou e beijou seu avô, fez uma mesura muito requebrada aos visitantes, e assentou-se, cobrindo o rosto com seu grande leque preto. O noivo, entanto que Artur conversava com o ancião, se derretia em finezas com Pepa, que se torcia e lhe deitava olhaduras vivas e apaixonadas pelos cantos do leque e por entre as varetas, sem dizer palavra. Dom Luís disse aos seus hóspedes que logo que o sobrinho de João Alberto pudesse sair, podia e mais dom Rolando divertir-se nas vizinhanças, porque a sua morada era muito monótona para gente moça. Pepa tirou o leque de diante do rosto, exclamando com vivacidade:

– E eu também hei de vagabundear com os cavalheiros, avozinho?

– Não, enquanto estiveres debaixo da minha proteção, respondeu o velho; quando outrem governar em ti, fará o que quiser, mas eu cá penso que a mulher é feita para a casa.

Ela tornou a cobrir o rosto; e dom Rolando, insistindo em que fosse concedida mais liberdade à sua noiva, conseguiu que ao menos pudesse ela passear com a sua aia pela quinta, permissão que raras vezes até ali lhe era outorgada. Pepa fingiu deixar cair o seu leque, e como dom Rolando se apressasse a erguê-lo e ela também, deram ambos uma cabeçada, que fez dar um grito a Pepa e perder os sentidos, caindo nos braços do seu namorado; ele não sabia o que fizesse, e entanto que Antônia a despertava, lhe renovava o ar com o leque. A senhorita abrindo os olhos, lhe agradeceu com um encantador sorriso, ao mesmo tempo que dois de seus níveos dedos apertavam por graça uma pequenina parte do gordo braço de dom Rolando; ele não pôde deixar de fazer uma cara de aflição, que logo deu lugar a um sorriso de basbaque, que lhe era muito natural.

Artur não recebeu um só olhar ou atenção da senhorita, em todo o tempo que estiveram reunidos. Quando ela se levantou para ir-se, tornou a abraçar seu avô, sorriu-se maliciosa para dom Rolando, ao fazer-lhe uma medida, e passando por diante do mancebo, lhe atirou um pequeno rolo de papel, fazendo uma caranca. Ele ficou atarantado e o apertou nas mãos confuso e envergonhado. Se alguém tivesse visto!... Antônia ao menos podia ter reparado na ação de atirar, que Pepa fez, porque a seguia perto; felizmente o candeeiro tinha pouco azeite e espalhava tanta luz como trevas.

O escrito da senhorita dizia assim:

“—Vivam os manhosos!... saúde a ti, rei dos malandros!... Preciso falar contigo já!... já!... já! é com a maior seriedade que te falo. Se não temos os duendes, vem ter comigo à meia-noite, à janela do quarto chamado do defunto, que é aquele que fica defronte da estátua, na sala dos pássaros. Peço-te isto, porque o meu belo noivo não deve ouvir o que tenho a dizer-te, e o teu quarto fica muito perto do dele. Adeus: não dou as minhas desculpas de ser a primeira a escrever, como dizem ser costume quando uma senhorita escreve a um cavalheiro antes de ter recebido carta dele, porque isto não é escrito d’amores, é carta de negócios. Demais, escrever primeiro, ou escrever depois, tudo é escrever: e as desculpas não fazem mudar nada o caso: são palavras que se decoram e se repetem quando a peça o pede; mas eu não sou papagaio nem relógio de repetição, sou a tua criada PEPA.”

Consultou Artur consigo mesmo se devia ir ao convite, e decidiu que sim, por muitos motivos que ele deu à razão e consciência, que o crimnavam de autorizar esta correspondência. Chegou a meia-noite; pegou no seu candeeiro e se dirigiu ao sítio aprazado. Ao entrar na sala da estátua, sentiu uma espécie de calafrio que ou nascia do muito ar que vinha dos corredores, ou das lembranças que o assaltaram. Pedrilho lhe havia dito horrorizado que a mão que o agarrara nas trevas, na noite da sua chegada, não podia ser senão a do pai de dom Luís, que dava seus passeios fora do túmulo; e que a espada que lhe haviam metido na mão havia servido àquele defunto, e apesar de tantos anos acantonada, estava limpa e afiada como no tempo em que ele era vivo. O mancebo parou um instante e olhou para trás, depois riu-se de si mesmo e foi seu caminho. Logo que abriu a janela do quarto do defunto, ouviu Pepa dizer-lhe doutra janela toda assustada:

– Quem é?

– Sou eu, respondeu o mancebo.

– Ainda bem! estava com medo não fosse o defunto fazer-te desaparecer para vir chalar comigo em teu lugar.

Depois, em vez de falar sério, começou zombando de seu noivo com muito chiste e graça. Artur ria com vontade, mas não deixava de dar-lhe conselhos honestos; que se estava resolvida a tomar dom Rolando por marido, devia respeitá-

lo; e que se o não queria, devia desenganá-lo e mais a seu avô; mas vendo que ela escarnecia dos conselhos e do letrado, lhe disse sério:

– Se nada me quer, senhora, retiro-me; pode alguém ouvir-nos e suspeitar mal de conversação a tais horas.

– Espera, disse ela, vou afinal falar-te sério; preciso de ti, Artur, e o teu caráter e juízo e bom coração...

Ouviu-se um motim, como o de ratos por entre os forros, e Pepa deu um grito de susto e se recolheu, fechando a janela. Ao mesmo tempo se apagou o candeeiro de Artur, e o mancebo se recolheu pouco satisfeito; mas querendo ostentar presença de espírito a si mesmo, fechou a janela, o mais vagaroso que lhe foi possível. Parecia-lhe ouvir suspiros, e dizia consigo:

– É Pepa que me quer assustar.

E no entanto ele estava bem certo que Pepa não poderia ter saltado do andar superior para aquele, com a rapidez do pensamento, a não ser bruxa. Foi saindo do quarto às apalpadelas, sem pensar no seu candeeiro que ali ficara, e deparou logo com a estátua, e arrepiaram-se-lhe os cabelos, ouvindo distintamente um suspiro. Revestiu-se d'ânimo, e calculando o sítio em que estava a estátua, fez a pontaria ao corredor que levava ao seu quarto, mas oh pasmo!... tornou a abraçar-se na estátua! Andou e desandou, e só passada boa meia hora, em que ele andou a tentar as paredes e a abraçar a estátua, que de todos os lados encontrava, é que encarreirou pelo corredor.

– Queira Deus que eu não vá dar ao quarto de outrem – dizia ele a suar, e tendo já perdido o terror vago que primeiro sentira – quem me diz a mim que é este o corredor que leva ao meu?...

Viu um clarão! mais se persuadiu que se havia enganado; mas tendo-se deitado um instante, cuidou conhecer a porta do seu quarto; foi avante, e viu que não se havia iludido; era o seu quarto, e o seu candeeiro ardia sobre a mesa!... Artur fez o sinal da cruz; ninguém estava dentro do aposento nem nos corredores!

Capítulo V

*Quem não se acobarda e não se envergonha,
ri-se do mundo e o mundo dele – Rifão.*

Tendo dom Rolando ajustado com dom Luís das condições do casamento, partiu a arranjar a casa para receber a noiva, porque ela desejava mil extravagâncias, com que ele não havia contado. Artur queria também retirar-se, mas não tinha força para quebrar o encanto que o retinha. Pepa, zombando, o obrigava a faltar aos protestos que ele fazia de se ausentar. Um dia porém, em que ele recebeu carta de sua tia, dizendo-lhe que seu tio vivia com muitas saudades dele, resolveu-se a saltar o valado e despediu-se de dom Luís e da senhorita, para partir

no outro dia de madrugada. Dom Luís o abraçou com amizade, desejando-lhe mil bens; sua neta lhe augurou ladrões pelo caminho, pousadas e estalajadeiros pés-simos, e que ao chegar ao Porto achasse todas as suas namoradas casadas com lindos mancebos.

Artur, no dia seguinte, muito de madrugada, ouviu bater à porta do seu quarto, e cuidou que o vinham chamar para partir, mas apareceu-lhe Lazarilho, dizendo-lhe que o seu cavalo estava mal, e não podia fazer jornada. Artur ficou zangado, levantou-se e foi à cavalharice; o *muchacho* lhe dizia, no entanto com terror:

– Cheira-me a que fez jornada para um pouco!... cavalo montado por defunto não serve tão cedo a vivos!...

– Que estás dizendo, louco!... perguntou o mancebo.

– Nada, senhor... eu não digo nada... mas o cavalo está cansado; creio que andou mais nesta noite que em todos os dias de sua vida.

Um velho hortelão estava com uma enxada ao ombro, encostado à porta da cavalharia, benzendo-se.

– Abrenúncio!... dizia ele, felizmente que o tal amigo não lhe dá para ir arrincar couves e batatas!... Se eu fosse criado de bestas, não estava nesta casa mais nem uma hora: vamos que ele se enganava, e em lugar de montar nas bestas montava cá na pessoa?...

Artur fez os remédios que pode ao seu cavalo, que em verdade parecia não ter outra coisa senão cansaço. Depois foi passear no pomar, onde se demorou bastante. Ia voltar a ver o cavalo, quando avistou Pepa com a aia. Ocultou-se para se livrar dos seus loucos folguedos e disse consigo:

– Tenho feito mal em me ter deixado levar pelo beijo como um papa-çorda!... Não me fica bem ajudar a neta do meu parente e hospedeiro a fazer disparates e sandices... devia há muito ter partido... desde que tive saúde e quando dom Luís me disse ser impossível saber quem era minha mãe.

Entrementes Pepa ordenara à sua aia que lhe fosse buscar um lenço, e logo que se viu só, pôs-se correndo pelo pomar como doida, dizendo em altas vozes:

– Pobres passarinhos que estais em gaiolas, protesto soltar-vos quando vos chegar.

Deu duas pequenas corridas como para se afirmar que estava só, e, não tendo visto o mancebo, correu a um muro e disse para um caminho fundo:

– À meia-noite espero-te no meu quarto infalivelmente!... se não fosse não sei por quê, havia atirar-te uma pedra para pagar-te a peça que ontem me pregaste... Não te assustes, meu amor das Astúrias, eu sou a tua Pepa, não posso fazer-te mal.

O sobrinho de João Alberto estava maravilhado e desgostoso: saiu do esconderijo para ver quem era o amante oculto de Pepa, mas ela o sentiu e correndo a ele lhe tapou os olhos rindo. Disse-lhe ele muito sério, livrando-se dela:

– Senhorita, este segredo não guardarei eu; *usted* precisa que a salvem do abismo em que se lança... direi ao senhor dom Luís...

Ela lançou-se num banco soluçando; e tanto disse, tantos protestos fez de não receber o seu amante, que Artur prometeu não dizer nada a dom Luís, e lhe deu bons e assisados avisos. Ouviu-o ela com um ar de compunção cômico, que o fez perder o seu sério, e rir-se com vontade. Retirou-se o mancebo dizendo consigo:

– Ora que me importam a mim os negócios alheios? mas tenho pena desta estouvadinha tão galante... tenho-lhe afeição, apesar de toda a sua leviandade. Coitada!... foi educada sem mãe, por um velho que a perde com mimo, e ao mesmo tempo a tem numa prisão insofrível; tem ela alguma desculpa. Ele foi ao quarto de dom Luís e lhe contou que estava o seu cavalo doente, e por isso não iria naquele dia, mas no seguinte partiria, corresse por onde corresse, ou no seu cavalo ou noutro. Então o ancião lhe disse que por despedida iria jantar com ele à sala, e assim o fez. Em todo o tempo do jantar esteve Pepa calada; diante de seu avô estava quase sempre assim. Dom Luís falava com o mancebo na pronta partida deste para Portugal, e era esta conversação, ao que parecia, pouco agradável à senhorita, que franzia as sobrancelhas e mordida os beiços. No fim do jantar disse dom Luís, enchendo um copo:

– Bebo, senhor Artur, à saúde de seu pai e à sua boa jornada; beba *usted* a felicidade de minha filha, que casará dentro em poucos dias. Ela estremeceu e perguntou:

– Quando vem dom Rolando?

– Sobressaltaste-te? é preciso ires perdendo a tua demasiada timidez; dom Rolando chega depois de amanhã.

Pepa ficou aterrada e soltou uma imprecação.

– Que é isso? exclamou dom Luís, franzindo as sobrancelhas; que quer dizer esse susto e essas maneiras rústicas?

– Não é nada, grand-papá... é porque não tenho tempo de acabar o gibão que andava fazendo para o macaco que dom Rolando me há de arranjar, e sem a qual condição não me casarei com ele.

– Dom Rolando não precisa doutro macaco senão de ti.

– Mil *gracias*!...

Passado um pouco, escutou ela com atenção, fazendo buzina duma mão, e exclamou:

– Grand-papá, fechou bem o seu quarto? Queira Deus que o cão tihoso não se lhe fosse deitar no leito; ouvi distintamente rugir no seu quarto.

Dom Luís saiu precipitadamente, chamando Pedrilho: ela continuou:

– Ah!... enganei-me: é no meu quarto. Agora me lembra o que é: foi o Azeviche que caiu na grande ratoeira que eu arranjei para pilhar as ratazanas que engoliam os meus doces e confeitos. É bem-feito!... Azeviche há de pagar a sua pouca vigilância; em lugar de caçar os ratos, ajuda-os a surrupiar cá as minhas gulodices.

Antônia saiu, correndo, de maus humores. A senhorita continuava a comer sossegada, arregalando seus belos olhos, que deitava de través; Artur lhe disse sério:

– Não sei para que faz inquietar toda a gente!... eu não ouvi nada.

– Ainda não é toda a gente, o senhor está bem pachorrento!... eu podia dizer-lhe que o ruído vinha da cavalharia, onde o seu cavalo estava dando o último arranco, e teria o gosto de ficar só à mesa... mas basta de gracejos... tenho que lhe dizer, coisa muito séria... vejo-me numa posição!... Se soubesse toda a minha malfadada vida!... Tenho medo de não ter tempo de lhe dizer o que preciso, e de ouvir os seus conselhos; fale-me à noite da janela do seu quarto.

– Para quê?... em poucas palavras se dizem muitas coisas. Eu adivinho o que tem a dizer-me; ama pessoa que o senhor dom Luís não lhe querará dar por marido?...

– Sim, amo!... exclamou ela, mudando o ar meio sério com que estava falando, em um ar teatral, e lançando-se-lhe nos braços prosseguiu:

– Sim, amo!... e tu não disseste tudo o que pensaste... sim, sim! desgraçadamente é verdade! tenho em meu seio o fruto do meu infeliz amor... estou perdida!... perdida sem remédio! salva-me ou me mato!...

Neste momento, em que o sobrinho de João Alberto estava já bastante embaraçado e confuso com a ação e falas da senhorita, entrou dom Luís e pôs o cúmulo à sua confusão e desgosto. O ancião se lançou sobre sua neta com uma faca. Pedrilho o desarmou. Pepa se assustou deveras, e erguendo as mãos quis por muitas vezes falar e comover seu avô; mas ele lhe impunha silêncio furioso e a cobria de impropérios. Artur, vindo a si do seu assombro e agitação de espírito, pretendeu interceder em favor dela, mas recebeu em resposta:

– Cale-se, senhor!!! é mais culpado que ela; e, se eu o não mato, é porque espero que remedeie como lhe é possível o mal que fez. Eu bem queria que esta doida casasse com um espanhol, mas já que as coisas chegaram a este ponto, farei da necessidade virtude. Case com ela e leve-a para casa de seu pai; quando eu morrer, virá buscar o que lhe pertencer.

O mancebo estava com a boca meio aberta e os olhos espantados; custou-lhe a entender o que lhe era imputado, e o que se exigia dele, ainda que a linguagem de dom Luís fosse explícita. Pepa o encarou, e escondeu apressada o rosto para ocultar a palidez ou as lágrimas, talvez o riso. Passado um pouco, tirou as mãos das faces e voltando-se para Artur lhe disse com ênfase:

– Meu amor, que mais queremos? grand-papá nos perdoa e nos casa.

O sobrinho de João Alberto falou a dom Luís com dignidade, força e verdade; mas não foi acreditado, dom Luís o ameaçava umas vezes de escrever a seu pai, outras de chamar em sua ajuda a justiça; e Pepa exclamava:

– Artur, meu amor, tem piedade de nosso filho!... Ao menos por causa dele, recebe-me por tua mulher, que eu juro hei de ser tão boa esposa e mãe terna, como tenho sido amante apaixonada, fiel e extremosa.

Artur conhecia que o ancião tinha razão em supô-lo culpado, e sujeitou-se, para fazer-lhe a vontade, a ficar preso, sob palavra, no seu quarto, até se aclarar a verdade. Pepa lhe causava horror naquele momento.

Capítulo VI

Não há mal que sempre dure, nem bem que não acabe – Adágio.

Passeava Artur no seu aposento, de péssimos humores, comparando consigo mesmo Pepa a quantas raparigas conhecia; e, por galante e linda que ela fosse, não havia nenhuma por mais feia e desazada que ele lhe não preferisse. Chegou à janela, ouviu a voz da senhorita, e apressado se recolheu para dentro, mas ainda lhe ouviu gritar:

– Ah!... nós estamos a fogo e sangue!... melhor, meu infiel, nada me diverte tanto como barulho, a guerra; mas sempre lê essa carta de armistício: e uma carta, embrulhada num lenço e num livro, lhe veio cair aos pés. Ele quis rasgá-la, e lançá-la ao pátio, mas Pepa tinha se recolhido, e seria uma desfeita em pura perda; abriu a carta e leu.

– Lê com reflexão, e pensa antes de te decidires: daqui a uma hora mandarei a minha cesta-correio procurar a resposta: não te acanhes, ainda que vejas algum criado no pátio; eu sou sobranceira a toda essa bicharia que me rodeia, e eles não se atreverão a boquejar a meu grand-papá nada a meu respeito. Mas em que estou eu perdendo tempo?!... Vamos ao mais bonito. Misericórdia de Deus!... em que labirinto me meti!... Só um fio me pode tirar dele, e esse fio só tu mo podes dar: o fio de que preciso é dinheiro. Manda-me a tua bolsa para que eu cole em meus ombros as asas com que devo voar. Compras barato a minha ausência; e quantos remorsos e angústias te não deve causar a presença duma inocente que tu iludiste!... Ingrato!... depois de me seduzires, me mostras desprezo!... eis como os homens são!... bem mo dizia meu grand-papá!... Mas se me não dás a tua bolsa, para que eu vá chorar num retiro a tua malvadeza, serei vingada! Meu grand-papá tem muito dinheiro, amigos e parentes, a justiça é por ele, obrigar-te-á a casares comigo, quando mesmo seja preciso levar-te maniatado ao altar. Adeus, meu amante... meu tirano, meu déspota... a bolsa ou a vida!
Sou sempre a tua fiel e meiga amante

Pepa.

O mancebo teve a sustentar uma luta interior; parecia-lhe ser cúmplice das loucuras de Pepa, dando-lhe dinheiro para evadir-se; mas o medo de ser obrigado a casar com uma tal criatura o assoberbava. Chegou a cesta-correio, ele lhe arremessou a sua bolsa, e fechou a janela. Deitou-se sobre o leito com uma furiosa dor de cabeça. Veio a noite, ouviu bater-lhe da parte de fora da janela, cuidou ser a senhorita que descia do seu quarto por alguma escada para o pátio, e correu a ela para pedir-lhe tornasse a subir e não abandonasse a casa de seu avô; mas em vez de Pepa viu Lazarilho, o qual lhe disse com a sua cara de parvo:

– Fiz o que *usted* me mandou.

– E que te mandei eu? – perguntou o sobrinho de João Alberto espantado.

– Que lhe trouxesse o cavalo do pátio, que abrisse o portão, e que botasse uma escada a esta janela para *usted* descer.

– Vai-te daí! sonhaste todas essas coisas!

O *muchacho* ficou a olhar com a boca aberta como se não entendera. Artur lhe ordenou de guardar seu cavalo, e fechou-lhe a janela na cara.

Depois toda a noite pensou que aquelas ordens só podiam ter sido dadas a Lazarilho pela senhorita, para safar-se no seu cavalo; e esta lembrança não lhe permitiu dormir com sossego; de manhã porém pior lhe sucedeu que receber a nova da perda do seu cavalo que se achava na cavalharia; viu-se acusado de ter ajudado Pepa a evadir-se e de a querer seguir; foi fechado num aposento, donde não lhe seria possível escapar-se, e teve a sofrer a indignação e cólera de dom Luís. Dali em diante foi apouquentado e consumido pelo pobre velho, que diaramente o ia atormentar para que lhe desse conta de sua neta, servindo-se umas vezes de ameaças, outras de súplicas. O desespero do mancebo havia chegado ao último extremo, quando uma manhã lhe veio dizer Pedrilho que o seu cavalo estava pronto, que podia partir quando quisesse, e que o senhor dom Luís, ciente de ter sido muito injusto com ele, lhe mandava pedir mil perdões, e não tinha ânimo de o tornar a ver. O mancebo partiu da malfadada habitação e dirigiu-se à cidade de S. Tiago. Chegando a esta porém recebeu duas cartas que despedaçaram sua alma, e lhe deram a decisão de partir imediatamente para a pátria. Uma das cartas era de seu tio, que havia recebido novas do seu porte por dom Luís, e o reprendia asperamente; amaldiçoava a hora em que o mandara à casa dum velho parente para desonrá-lo, e ordenava-lhe casasse imediatamente com a neta de dom Luís, e não voltasse mais a Portugal. A outra carta era de Inácio, a noticiar-lhe que todos os seus amigos e parentes estavam mal com ele, exceto Ernestina, que dizia não se devia condenar um ausente, e que punha o peito à bala para defender a honradez do seu caráter. Se foi com malícia que Inácio lhe dava estas informações, surtiu efeito essa manhã. Artur começou pensando que

não havia rapariga mais ajuizada, mais amável e melhor que sua prima. Mil vezes leu a carta de Inácio, e quando chegava ao sítio em que miudamente lhe narrava ele o que Ernestina dizia a seu tio, para o reconciliar com o sobrinho, os elogios que ela dava às boas qualidades de seu primo, e as meiguices que fazia ao tio para que ele perdesse seu mau humor, chorava de ternura e se ensoberbecia de que alguém tivesse tão boa opinião dele que, apesar das maiores razões para o achar culpado, o tinha por inocente.

Os manejos e vivacidade de Pepa lhe haviam feito esquecer Carminda, e as loucuras e ruindades da primeira lha tornaram odiosa, e agora a bondade de Ernestina o inclinava a seu favor. No entanto ele julgava-se o modelo da fidelidade, e se lhe falassem em Carminda, diria:

– Amá-la-ia sempre, se pudesse amar uma mulher depois de ter sido o bobo e a vítima duma mulher; mas Pepa me fez desgostar de todo o seu sexo, aborreço todas as mulheres.

Ernestina não era uma mulher, era sua prima... e era um anjo.

Capítulo VII

Ninguém diga que está bem – Rifão.

Chegara o sobrinho de João Alberto a Viana do Castelo, e tencionava demorar-se ali para descansar, e escrever a seu tio, e a Inácio. Descuidado ia ele pela rua do Bandeira, quando de repente uma senhora, vestida com muita extravagância, e acompanhada por uma mulher tão mal amanhada que parecia um espantalho, se lhe atirou ao pescoço, bradando:

– És tu, meu amorzito?... Ah! quanto sou feliz!... Estás cada vez mais terno, e fiel; não é assim, meu Artur?!!

A gente que passava parou a olhar esta cena, tão fora do comum. Artur forcejava por livrar-se dos braços de Pepa (pois que já se vê, quem usaria de tais palavras e gestos) e ela procurava retê-lo; e o povo cada vez mais se apinhava. Conseguiu a vitória o mancebo, como era de esperar, e tendo-se escapado por entre as pessoas que o cercavam, foi direto à hospedaria, montou a cavalo e partiu. Entrementes Pepa, que havia seguido um pouco Artur, conjurando-o, ora com brandas expressões de afeto, ora com terríveis ameaças, de parar, e ouvi-la, fez alto, e batendo com o pé no chão, exclamou: “– Grandessíssimo ingrato! depois de eu te fazer tanta honra... de te haver escolhido como marido... para seres pai de meu filho... abandonares-me!... Vou me deitar a afogar, e o meu espectro te seguirá como a tua sombra!”

O povo achava esta bela moça muito extraordinária e foi-a seguindo curioso.

Ela parou à porta de uma casa, fez uma graciosa ação de agradecimento aos que a seguiam e disse:

– *Muchas gracias*, cavalheiros e donas, agradeço o cortejo e o despeço: *allad con Dios*, que por hoje não há mais divertimento: não cuidem *ustedes* que serei tão tola que me afogue por causa de um infiel: *hombres* não faltam no mundo.

O mancebo fugitivo não se deteve mais; voava, não corria. Chegou ao Porto, meio morto de fadiga e de cuidados. João Alberto, que sua sobrinha e seu amigo tinham pouco a pouco adoçado, recebeu seu sobrinho, meio cá, meio lá, mas quando este lhe fez uma narração fiel de tudo que lhe havia sucedido, exclamou ele, abraçando-o com lágrimas nos olhos:

– Meu querido filho!... meu rico Artur!... *verdade seja*, fui bem estúpido em dar fé às calúnias que diziam de ti!... bem me dizia a minha amada Ernestina!... Aquilo que é rapariga!... pode-se procurar com um prego aceso, que se não acharão duas Ernestinas no mundo!...

O mancebo aprovou a asserção do tio com vivacidade; e quando viu sua prima, lhe deu muitos e ternos agradecimentos pelo conceito que dele formava, e por o defender com tanto fogo.

Os desejos do bom tio foram-se realizando; Artur, depois do seu regresso, não saía que lhe não trouxesse notícias de Ernestina e de sua mãe: se elas vinham visitá-los, não saía de casa; e se às vezes se desencontrava delas, mostrava grande desgosto. Apesar da sua nova afeição (que ele ainda não conhecia às claras) julgou Artur do seu dever procurar Carminda, e soube que, na sua ausência, ela tinha saído do Porto; e dizia-se que um parente desconhecido lhe dera um dote, com ajuda do qual esposara um rapaz bem estabelecido. Não deixou de se resentir o primo de Ernestina de que tão depressa o esquecessem, ainda que ele não fora mais constante; mas em pouco se consolou da inconstância alheia com a inconstância própria.

Ernestina tinha muito merecimento; e seu tio e Inácio ajudavam a força desse merecimento, tecendo-lhe contínuos elogios diante de Artur, que cada vez mais se lhe ia afeiçãoando. Porque razão a tinha ele visto tanto tempo com olhos indiferentes; e agora se enamorava dela?... são esses segredos do coração, que só ele entende.

João Alberto não cabia em si de contentamento; seu sobrinho lhe havia dado parte da sua paixão por Ernestina, e havia dito a seu sobrinho:

– *Verdade seja*, meu filho, se chega o dia de te ver casado com a minha linda Ernestina, estalo de alegria! mas deixemos passar algum tempo; tu tens sido volúvel, e eu quero que ela seja ditosa!...

Artur se desfez em protestos de constância e fidelidade; se até ali tinha variado de afeições, é porque havia colocado mal o seu afeto; e também (dizia ele, como é costume em tais circunstâncias) só agora amava com todas as veras do seu coração. Tantas foram as razões e rogos do mancebo, que seu tio

consentiu que ele falasse a sua prima nas suas tensões, e incumbiu-se de conseguir dos pais dela o seu assentimento à união dos dois primos.

Estava João Alberto livre do maior incômodo da gota e foi seu sobrinho passar algum tempo numa quinta em Campanhã; queria à força levar também para ali Ernestina; mas a mãe desta, sabendo melhor o que convinha a sua filha, não o permitiu. João Alberto viu-se obrigado então a dizer a sua irmã, que queria Ernestina perto de Artur para que se namorasse dele, com quem a queria casar e pelo qual era amada; mas a prudente mãe mais insistiu na sua recusa, dizendo:

– Pede-me tudo o que quiseses, João Alberto, menos isso. Não quero jogar minha filha, nem arriscar a sua felicidade. Se ela casar com seu primo, sei que o há de amar; se não casar, bom será que o não ame mais do que ao presente!

Apesar de toda a sua prudência, não podia a mãe de Ernestina deixar de ir com ela visitar seu irmão; e logo que João Alberto as viu em sua casa, fez com que Artur fosse passear à quinta com Ernestina, bem contra vontade da mãe, que se calou, porque às vezes as mostras de grande precaução são nocivas; mas prometia a si mesma de não voltar a Campanhã, ainda que para isso fosse preciso sangrar-se, ou tomar a santa unção.

O mancebo, porém não perdeu o tempo, e neste passeio disse tudo o que tinha a dizer; parecendo-lhe de bom agouro o pejo e confusão com que era ouvido, disse a sua prima que seu tio a queria pedir a seu pai para ele, mas que desejava antes saber se ela consentiria de bom grado em ser sua esposa. Ela respondeu timidamente, que estaria por tudo que seu pai quisesse.

Esta resposta tão seca pareceu demasiada reserva àquele que tinha presenciado a desenvoltura de Pepa; e encostando a cabeça ao banco em que estavam sentados, ficou mergulhado em melancólicas cogitações. “*Teria Ernestina alguma paixão?...*” e ele passava em revista todos os mancebos que mostravam vê-la com gosto, e não havia um só do qual não fosse zeloso nesta ocasião de dúvida.

Ernestina se penalizara de vê-lo triste e taciturno, e com pouco podia alegrá-lo: mas era tímida e delicada, e esperava que ele, de per si, recuperasse sua alegria, sem que ela interrompesse pensamentos que pouco mais ou menos adivinhava. Ela olhava, sem ver, para as árvores e as flores, quando avistou uma célebre e linda desconhecida vir direita a eles. Ernestina não se atrevia a chamar a atenção de seu primo, porque a estrangeira lhe sorria com uma expressão tão zombeteira, e a olhava com vistas tão penetrantes, que ela não ousava fazer um gesto ou dizer uma palavra. A desconhecida chegou a ela quase correndo e lhe deu dois beijos. Ernestina soltou um grito, desviando o rosto, e Artur se ergueu espantado, gritando:

– Pepa!...

– Sim, sou Pepa – respondeu ela com vivacidade – Ah! traidor!... tantos protestos de amor, antes de seres meu marido... e depois... ingrato... perjuro...

Pepa fez uma cara, como as crianças que querem chorar sem ter vontade, e cobrindo o rosto, soluçou fortemente, olhando, por entre os dedos, para os dois primos. Artur lhe disse furioso:

- Mulher indigna!... inventar tantas falsidades para me desgraçar...
- Meu marido!... meu maridinho!... – interrompeu a senhorita.

Ernestina estava sem movimento; tinham-lhe dito que na verdade seu primo era inocente, como ela o julgava; mas não quis sua mãe que se lhe dissesse que havia no mundo uma rapariga do porte de Pepa, de sorte que, não estando prevenida, acreditava o que lhe ouvia. Levantou-se para se retirar; seu primo a deteve bradando:

- Espera, Ernestina, espera!... não acredites nesta infame!...

Ernestina procurava livrar-se de Artur, que a detinha pelo vestido, e Pepa a ajudava, dizendo, no entanto, ao mancebo:

- Deixa-a ir, meu marido, deixa-a ir; nós só ficamos melhor.

Ernestina, conseguindo desprender-se, disse muito séria a seu primo, antes de se retirar:

– Artur, respeita e fazе respeitar tua mulher... ama-a e fazе-te amar dela... é o teu dever. – E retirando-se precipitadamente, foi ao sítio mais oculto chorar amargas lágrimas.

Pepa quis pegar numa mão do mancebo e lhe disse:

- Assenta-te aqui, tenho que dizer-te.

Mas ele, fazendo um arremesso, bradou:

- Deixa-me, ou te mato!...
- Cuidas que sou algum mosquito!...

Depois, vendo-o fugir-lhe e procurar Ernestina, o seguiu um pouco, chamando:

– *Artur, respeita e fazе respeitar tua mulher... ama-a e fazе-te amar dela... é o teu dever...*

Tendo-o perdido de vista, deu uma estrepitosa gargalhada.

Capítulo VIII

Não está sempre o demo atrás da porta – Rifão.

Estava só na sala João Alberto com seu cunhado e com Inácio, (a mãe de Ernestina, tardando-lhe sua filha, havia ido em sua busca): Pepa entrou na sala sem cerimônias e lançou os olhos por toda ela a procurar Artur; não o vendo, perdeu alguma expressão maliciosa que tinha em seu olhar, e perguntou com uma casca de acanhamento que usava poucas vezes, mas com um excesso que a tornava risível, qual dos cavalheiros era o senhor João Alberto. Ele, que fora só quem se não levantara ao ver a desconhecida, se ergueu, tirando o barrete e dizendo:

- É este seu criado, minha senhora.

Pepa, mudando de maneiras, lançou para trás das costas o seu acanhamento de encomenda e atirou-se ao colo de João Alberto, cobrindo de beijo suas cãs.

– Agora esta!... clamou João Alberto, nunca me sucedeu uma coisa assim!... se eu sequer fosse novo!...

Ele e companheiros assentaram que era uma demente e lamentaram em seus corações a infelicidade de uma tão linda pessoa.

– Então não me diz nada?... Venho de tão longe procurá-lo e não me diz: “*Bem-vinda seja?*...” – disse ela continuando a apertar João Alberto em seus braços. E ele exclamou:

– *Verdade seja*, nunca vi uma doida mais galante e sedutora.

– Ó meu tio!... eu não sou tola... sou sua sobrinha.

– Felizmente tenho uma sobrinha muito ajuizada.

– *Pero* ainda me não viu o juízo, meu tio... olhe que me enche todo o espaço da bola.

– Estimo muito, mas, *verdade seja*, Deus me livre de ter uma sobrinha com maneiras de sobrinho.

– Pois então serei sobrinho; que mais quer? estou por tudo.

– Pois sobrinho ou sobrinha, vá com Nossa Senhora: tenho já uma coisa e outra, e estou muito bem servido. Podes procurar um tio que esteja disponível, que, *verdade seja*, és bem boa de facha, não hás de ter muito quem te rejeite por parenta.

Pepa entregou uns papéis a João Alberto, dizendo:

– Ora leia... e se depois me expulsar, irei, como diz, procurar fortuna a outra parte.

João Alberto, passado pouco, exclamou:

– E ainda vive este pequeno?... onde está ele?

– Aqui, meu tio. Eu sou o Josezito, que até agora tenho tido a honra de me chamar Pepa.

João Alberto cobriu-o de beijos, e passado largo espaço de carícias e palavras soltas, disse aos amigos:

– Este é o filho que roubaram a meu irmão José, pouco antes de ele e sua mulher morrerem: é irmão do meu querido Artur.

– De Artur!... – exclamou Josezito – sou irmão do bom e amável Artur?... quanto estimo!... eu e meu avô pensávamos que ele era meu primo. Pobrezito!... Tenho-o feito comer ameixas de conserva.

– Ah!... tu foste a mal avisada Pepa, que tantos desgostos nos causou?

– Em carne e osso; mas venho dar as mãos à palmatória. O certo é que mereço compaixão... eu era muito infeliz na minha gaiola, e só achava distração a rir comigo mesmo dos outros e de mim.

– Mas, *verdade seja*, era uma extravagância, que não sei de que servia, fazer passar um rapaz travesso por uma rapariga tola.

– Mil *gracias* pelo elogio!... mas meu avô não tinha culpa nessa extravagância. Ele havia tido uma filha única, e como meu pai lhe roubasse e trouxesse para Portugal, foi tal sua zanga, que nunca se deixou abrandar, e enviou uma, que havia sido criada de minha mãe, em busca dela, com ordem de lhe roubar a primeira filha que ela tivesse. Antônia, a mencionada criada, foi iludida por minha mãe, que me chamava quase sempre a sua Pepa, porque eu parecia uma menina. Roubou-me e quando conheceu o logro, já não podia retroceder. Como a ordem terminante era para roubar uma menina, e Antônia queria o prêmio, enganou meu avô, e depois que eu fui crescendo me pediu, com muitas lágrimas, não a desmascarasse, temendo a cólera de meu avô.

Ernestina entrou com sua mãe seguida de Artur. Conhecia-se que ela tinha chorado, e ele mostrava inquietação. O mancebo só havia encontrado sua prima banhada em pranto quando sua tia chegava, e esta não lhe deu a ele licença de se explicar; sabendo a aparição de Pepa e suas loucuras, havia dito:

– Isto não vale nada... eu em casa direi a Ernestina quanto essa rapariga é doida e ruim; e no entanto minha filha se contentará com a segurança que lhe dou de que o teu caráter é honrado.

Mas Ernestina não se contentava com isto, e menos Artur.

Pepa, ou Josezito, correu a seu irmão para abraçá-lo; este o repeliu com aspereza. Seu tio lhe ordenou, rindo muito, que o abraçasse, e Josezito fez uns poucos de balanços para se lhe lançar ao pescoço, com a sua vivacidade ordinária, mas era sempre repellido; e de uma vez, apontando sucintamente para um buço que já corava sua linda boca, lhe disse, à meia voz:

– Olha o que fazes!... se me rejeitas ainda esta vez, vou precipitar-me nos braços daquela linda senhorita, que eu beijei na quinta...

Artur ficou suspenso e deixou-se abraçar: pensando em quanto havia visto a Josezito praticar, murmurou-lhe ao ouvido:

– Antes quiseste um abraço para ti, por desagradável que te fosse, do que deixares abraçar a linda prima...

– Então tu és rapaz?...

– Para te servir, como até agora te servi... dá-me bons vestidos d’homem, e veremos se tu não ficas sem prima!...

– Cautela! se até agora te respeitava, é porque te supunha mulher!...

– *Verdade seja*, exclamou o tio, não sei que isto me parece!... que diabo cochicham vocês lá em segredo?... Temos negócio de brincadeira?... Não poderemos nós saber o que dizem?... Ah, minha irmã!... que tens, Ernestina?...

– Desmaiou com o calor da sala.

Artur correrá à prima, mas sua tia lhe disse:

– Sai de diante dela, que lhe tiras o ar, e abre uma janela.

Ernestina voltou logo a si. Josezito se lhe aproximou. Ele tinha adivinhado donde lhe viera a falta de ar, e apesar das repetidas ordens de sua tia para que se arredasse, pegou nas mãos da menina.

– Como somos unidos pelos laços do parentesco, desejava pedir-lhe um abraço, e outro a minha tia, mas...

– Esta é tua consorte, Artur?... – perguntou a mãe de Ernestina, com tom seco a seu sobrinho. João Alberto declarou então o quiproquó e os laços de parentesco, que uniam o rapaz em trajes feminis à família. Josezito viu-se enfim abraçado mil vezes por seu irmão, e depois por sua tia e prima: ao apertar esta em seus braços, lhe disse:

– Ora venha esse abraço!... ainda que só sejam refletidos que eu receba os raios do sol, sempre devem vivificar-me. E acrescentou baixo: Eu sou irmão de Artur, prima, quero um cigalhito do seu afeto.

– Como pode o pacóvio de teu irmão – lhe disse seu tio – viver tanto tempo contigo e não conhecer o garoto, debaixo dos vestidos de rapariga?

– *Verdade seja*, tio, melhores barbas que as dele foram logradas.

– Ah, tratante! Já zombas de mim?!

– Pepa, disse Artur, hás de me dizer uma coisa; eras tu que fazias diabruras de noite em casa de nosso avô, e que ias passear no meu cavalo e no de dom Rolando?

– É verdade... tenho mais esses pecadinhos.

– E quem te ajudava nas tuas travessuras?

– A Antônia, que dependia de mim, e o Lazareto, de quem dependia eu.

– O *muchacho* parvo?!...

– Foste também, assim como os mais, logrado nisso: ele fingia-se tolo por meus conselhos, para levar a vida. Ambos fugiram comigo de casa de meu avô. A Antônia foi comer do ganhado, e o Lazareto vesti-o de mulher e trouxe-o por companhia: quis também impingir-lhe a espiga, que eu roí quinze anos; mas cuidei morrer de riso, quando lhe ajeitei um dos meus vestidos!... Não reparaste para ele em Viana, porque me fugiste apesar da minha ternura amantética; se me seguisse, eu te diria a verdade que hoje sabes, e riríamos ambos até mais não poder, ao encarmos a minha improvisada aia.

– Vão escrever ao seu avô para o sossegar!... ele tanto se mortificou com a tua fuga...

– Escrevi-lhe logo que cheguei a Portugal; não mais cedo, porque temia a cólera dele.

– E desde que saíste de sua casa, tens andado a vadiar?

– Ora invejas-me uma pouquita de liberdade?! tu, que tens sempre andado por tua conta e risco?...

João Alberto e seus sobrinhos escreveram logo a dom Luís, e receberam imediata resposta. O ancião pedia a seu neto mais moço que o não deixasse, que lhe fosse fazer companhia, que amaria tanto o mancebo como amara a moça; e ao outro rogava o fosse ver e abraçar.

Os dois irmãos partiram breve, e passado algum tempo voltou Artur para casa de seu tio, e casou com sua prima; ventura que não fez estalar de alegria João Alberto (como ele o anunciava muita vez) mas que o fazia rir e gracejar com todos, repetindo muita vez:

– *Verdade seja*, eu sou o homem mais ditoso do mundo!

FIM

11 de setembro de 1848

Ricardo e Margarida

Primeira parte – A esperança

– Meu pai! se não precisa hoje do seu cavalo, permite-me dar nele um passeio?
– Aonde queres ir, Ricardo?
– Ver o Francisco, que volta hoje para a capital.
– Vai, filho. É duma das mais honradas famílias dos nossos arredores. Já tenho pensado que sua irmã era bom partido para ti.

– Oh! meu querido pai; que feliz pensamento! Margarida é a menina mais linda que eu tenho visto.

– Por ela ser bonita não é que me lembro de a pedir para ti, mas por ter dote conveniente e um procedimento irrepreensível; por ser de boa família e ter excelente educação; porém folgo que te pareça bem por um motivo, como a mim me agrada por outros.

Ricardo partiu a galope, com a alma transbordando. Francisco que lhe saiu ao encontro se apercebeu disso, pelo que o repreendeu dizendo:

– Que novidade é esta, Ricardo? Vens com um rosto tão prazenteiro como se a minha partida te fizesse grande prazer.

– Não pensava agora em ti; confesso. Como vais deixar-nos não saberás por agora o que me dá tanta alegria... e também já sinto que ela diminui com a lembrança de te ver ausentar.

Os dois amigos subiram.

Margarida e sua mãe arranjavam os baús de Francisco chorando, e o pai dizia:

– Que doidice! Todas as vezes que Francisco nos vem ver, temos caramunhas na despedida!

– Não queres que eu chore, lhe respondeu sua mulher, quando o filho, que com tanto desvelo criei, vai para longe de nós? Vê-lo exposto a todas as seduções do mundo, e perigo das paixões, sem que possa dar-lhe todos os dias os conselhos que haja mister, e não me havia de afligir!

Margarida exclamou ao ver o amigo de seu irmão.

– Ah! senhor Ricardo! lá vai ele deixar-nos outra vez e sabe o céu quando voltará!

Chegou a hora da partida, que foi triste e dolorosa. Margarida e Ricardo foram a uma pequena eminência, donde se descobria a estrada ao longe, para verem o mancebo pela última vez.

– Senhor Ricardo, ia ela dizendo, não sabe quanto é custoso ver ausentar-se um irmão querido... com quem fomos educados, companheiro de nossos brinquedos... confidente de nossos segredos infantis... Onde pode haver amizade mais terna; confiança mais ampla; franqueza mais sincera que entre dois irmãos? Não há amor mais firme e desinteressado do que o fraterno amor.

Ricardo acreditava que havia um amor mais terno e suave, mas não ousou dizê-lo.

Segunda parte – A desesperação

Estava Ricardo lendo as gazetas ao lado de sua mãe: repentinamente soltou um grito, e caiu sem sentidos. Sua mãe o fez levar ao leito e lhe prodigalizou os mais ternos cuidados, até que o chamou à vida. Seu pai, no entanto, havia levantado a gazeta e compreendeu o que tanta sensação lhe fizera. Francisco estava preso por matador duma família inteira! Quando Ricardo melhorou, seu pai lhe disse:

– Todas as relações que existem entre a nossa família e a de Francisco estão quebradas.

– Como, meu pai! exclamou Ricardo: porventura Margarida e seus pais têm culpa dos crimes de Francisco?

– Disso é que eu não quero saber; o que sei é que ficam desonrados com as ações desse monstro; e tu deves fugir dele, para que o mundo esqueça que foste o amigo de Francisco.

– Meu pai, eu amo Margarida...

– Amas a irmã dum assassino?... Margarida, que pode vir a sair tão perversa como o irmão?...

– É irmã de um verdugo... Se não queres encher de vergonha meus últimos dias, esquece-te dela.

– Não posso...

– Não podes!... pois bem, desposa-a! e a maldição de Deus e a minha te fulminarão.

Inutilmente tentou por vezes Ricardo abrandar seu pai, mas só conseguiu comover o coração de sua mãe, que lhe disse:

– Não desespere, filho meu, o tempo tudo faz esquecer. Teu pai cederá um dia, mas por agora não o contraries. Ele quer que vás ao Minho receber a

pequena herança de tua tia. Vai, que te será proveitoso mostrar-te dócil. Na tua ausência, advogarei eu a tua causa.

Dispôs-se Ricardo a partir, e seu pai lhe disse: – Passarás perto da casa de Francisco; se dela te aproximas, se falas com alguém daquela família, eu te reputarei um digno amigo do assassino; irás pela capital e se dalgum modo tiveres comunicação com o monstro encarcerado, não te tornarei a ver em minha vida. Apontam-te como um amigo de Francisco, veremos se é cabida tão oprobriosa imputação!

Sua mãe lhe murmurou ao ouvido, abraçando-o: Valor, meu filho! Valor e paciência! Certa estou de que nunca te parecerás com Francisco. Os anjos vão contigo.

Ricardo partiu. Ao passar pela casa de Margarida, sentiu partir-se-lhe a alma; mas progrediu. Atravessou Lisboa, e um grito de indignação pública soou a seus ouvidos, como trombeta final. O nome Francisco lhe era de todos os lados repetido com horror. Ricardo se deu pressa de deixar a cidade; mas foi o perseguindo longo tempo o terrível eco das ações do seu antigo camarada, e só quando chegou ao centro do Minho, é que cessou de ser atormentado. As aldeias (diz um autor) são egoístas. Nenhuma, porém têm mais jus a tal epíteto que as do Minho. Lá se memoram os mínimos fatos que tiverem lugar nas suas vizinhanças, e se ignoram, ou breve olvidam os maiores desastres doutras terras. Morram milhares de pessoas; arda em guerras o resto do mundo; devaste a peste ou fome cidades e reinos; se naquelas aldeias se lavra a terra e colhem os frutos em paz, dirão seus habitantes que tudo vai bem.

Terceira parte – O desengano

Ricardo regressou a sua casa, pungido por mil inquietações e tristezas. Chegou a Lisboa e tentou passar avante, antes que o nome de Francisco tornasse a ferir aos ouvidos: mas o povo corria em direção oposta à sua, e maquinalmente seguiu ele o impulso. Queria e temia inquerir o motivo de tão grande concurso e murmurinho; mas um bramido geral lhe fez saber a terrível verdade, e erguendo os olhos se lhe obscureceu a vista; a cabeça se lhe perturbou e teria baqueado, se o apinhado do povo o não sustentara. Pendia um homem da força... era Francisco! Ricardo foi levado para uma loja de bebidas, e quando recobrou forças, apressou-se a fugir para os seus lares. Apesar da proibição de seu pai, não pôde resistir à tentação de se informar de Margarida. Pressentia que nunca seu pai consentiria no seu casamento com ela, nem Ricardo desejava neste momento casar com a irmã daquele que acabava de ver no patíbulo; mas passar perto da infeliz sem procurar saber de que maneira ela havia bebido o cálix de amarguroso fel que tão querido irmão lhe apresentara; sem lhe fazer conhecer quanta parte ele

tomava na sua afrontosa desgraça, era impossível. Apeou-se, pois, à porta de Margarida. Seu coração batia com força; dantes Francisco o esperava ali... E em que estado iria ele encontrar a desditosa família? Teve tentações de retroceder; mas se não aproveitava aquela ocasião, nunca mais lhe seria talvez permitido ver Margarida. Foi a um criado velho que viu no jardim, e não tendo ânimo de perguntar por aquela que amava, balbuciou o nome do pai dela.

– Morreu, respondeu pesaroso o criado, morreu, e oxalá morrera mais cedo! Seu filho (que eu tantas vezes embalei nestes braços) seu filho o abafou com angústias cruéis.

Ricardo deu dois passos para a porta, enxugou os olhos, e voltou ao criado, perguntando-lhe pela mãe de Margarida.

– Essa, disse o velho, deixando correr suas lágrimas, teve bom motivo de amaldiçoar o seu ventre... mas o céu se apiedou dela: também morreu.

Ricardo, fulminado com esta segunda notícia, se deixou ir sobre um banco e apertou em suas mãos a esbraseada testa. Que seria de Margarida? A incerteza era um tormento mais. Resolveu ver a infeliz órfã e oferecer-lhe as suas consolações e a sua mão. Embora seu pai se agonizasse, o tempo, as virtudes de Margarida e os rogos de sua mãe, o abrandariam. Enquanto lhe não perdoasse, outros filhos lhe restavam para se consolar da desobediência do mais velho; e Margarida estava só no mundo... só com seus acerbos desgostos, exposta a todos os perigos, presa de mil angústias, abandonada de parentes e amigos.

Quando Ricardo, mais por impulso de generosidade neste momento que de amor, se ergueu do banco em que o lançara o desalento, viu a alguma distância uma mulher, que distraidamente colhia flores. Ricardo se lhe aproximou para lhe pedir novas de Margarida; mas quando a olhou em face, bradou aterrado:

– Margarida!... Margarida!...

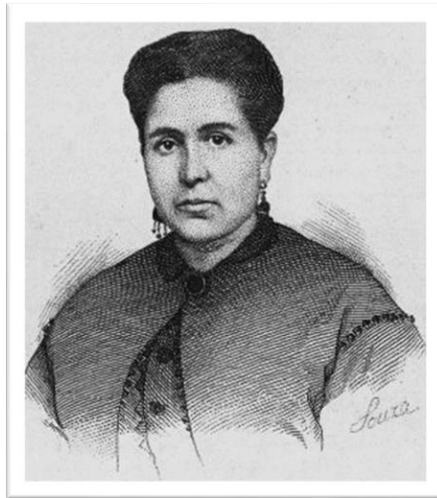
Ela deixou cair as flores e cobriu o rosto com as mãos, exclamando: – Francisco!... meu irmão!... E correndo, desapareceu...

A desditosa tinha perdido o siso!

Moreira, 4 de setembro de 1845.

MARIA RITA CHIAPPE CADET (COLAÇO CHIAPPE)

Pesquisa, seleção e atualização ortográfica por
ANDREIA ALVES MONTEIRO DE CASTRO



17

Poetisa, contista, romancista e dramaturga, também é conhecida como precursora da literatura infantil em Portugal.

Nasceu por volta de 1836 e faleceu, em Lisboa, no dia 5 de dezembro de 1885. Foi exposta na roda da Santa Casa de Lisboa, onde foi batizada. Provavelmente, foi adotada por Barnabé Martins de Pancorvo e sua esposa, Maria Madalena Chiappe Colaço de quem teria recebido a sua esmerada instrução.

Foi discípula de Antônio Feliciano de Castilho, tendo se formado em seu curso normal e frequentado os seus saraus. Ao escritor dedicou as poesias “A Meu Presado Mestre” e “Salve Gênio”.

¹⁷ Retrato que acompanha a edição de *Versos* (1870).

Cedo, teve o talento reconhecido. Em 1851, com 15 anos, declamou uma de suas poesias no Conservatório Real. Em 1852, com 16, publicou poemas e alguns romances no jornal *A Beneficência*, fundado e dirigido pela escritora Antônia Pusich. Além de vários poemas, foi neste periódico que os dois textos selecionados para essa coletânea, *Jenny – Romance Original* e *A Donzela do Ribatejo* foram publicados.

Foi professora primária e lecionou francês. Em 1855, dirigia um colégio para moças em Lisboa. Deixou de exercer o magistério, certamente, ao casar-se com José Baptista dos Santos Cadet, em Lisboa, no dia 31 de outubro de 1857.

Em 1864, foi publicado o *Hino a Sua Majestade El Rei D. Luís I*, composto para a sua aclamação, com música de Manuel Inocêncio Liberato dos Santos e poesia da escritora.

Ao longo de sua vida, publicou várias traduções de autores franceses e colaborou com muitos periódicos, tais como o *Almanaque de Lembranças*, o *Almanaque das Senhoras*, o *Jornal das Damas* e o jornal *A Mulher*.

Esteve na Madeira entre 1870 e 1875, convivendo intensamente com a Viscondessa das Nogueiras e com os Viscondes da Ribeira Brava, aos quais dedicou inúmeras poesias e textos dramáticos. Em 1870, reuniu os seus poemas dispersos em jornais e revistas e publicou *Versos*, dedicados à Ex.^{ma} Sr.^a D. Joana Gil Borja de Macedo. Em 1875, foi a vez da antologia *Sorrisos e Lágrimas: poesias*.

Na sua volta a Lisboa, ocupou o lugar de gerente na editora Lalléman et Frères. Em 1880, publicou livro *Flores da Infância: contos e poesias morais* dedicados à Mocidade Portuguesa, que teve o valor e a utilidade reconhecidos para o uso em escolas do Brasil e de Portugal.

Notabilizou-se, definitivamente, como escritora voltada para a infância com textos *Os Contos da Mamã* (1883), publicados sob a proteção de Suas Majestades El Rei D. Luís e a rainha D. Maria Pia, e as peças da coleção *Teatro das Crianças* (1883-1888), entre elas, *Caprichos do Luizinho* (1883), *O Primeiro Baile* (1884), *O Último Dia de Férias* (1884), *As Fadas Improvisadas* (1884), *A Preguiça e a Mentira* (1885).

Jenny

ROMANCE ORIGINAL

Hildegarda era uma jovem órfã que vivia com sua tia numa bela casa situada numa das mais formosas ruas de Lisboa.

Entre as amigas que a rodeavam, havia uma a quem Hildegarda se ligara pelos laços da mais pura e sincera amizade. Um dia, a Senhora Valdez, tia de Hildegarda, disse a esta que a amizade entre ela e Jenny deveria acabar, pois, que tendo esta fugido com um jovem, e tendo se casado sem o consentimento de sua mãe, achavam-se, por isso, interrompidas as relações amistosas que entre Jenny e a família de Hildegarda que havia existido em outrora.

Hildegarda sentiu imenso a perda da sua amiga e mil vezes pediu a sua tia para que intercedesse com Dona Leonor, mãe de Jenny, a fim de que ela perdoasse a sua filha, porém a senhora Valdez, muito severa de princípios, jamais deixava sem uma áspera repreensão a piedosa rogativa da bondosa Hildegarda.

Eram passados dez meses, celebrava-se um casamento na igreja de São Paulo de Lisboa; a jovem noiva pálida e interessante, vestida toda de branco, parecia uma estátua de alabastro, que, derrubada do pedestal, viera colocar-se no meio da igreja; o brilho de seus negros e encantadores olhos, o azeviche de suas lustrosas tranças, o garbo de seu delicado talhe, a branca fronte cingida de flores de laranjeira davam à jovem noiva uma aparência diáfana, e, ao contemplá-la, talvez, que se imaginasse que era um anjo, que, rasgando as azuladas abóbadas, viera pousar-se no recinto sagrado do santuário do Senhor.

Era Hildegarda que, naquele momento, abriu os seus lábios soltando a palavra sacramental pela qual consentia em ligar sua existência ao homem que soubera cativar seu coração.

Gabriel, esbelto jovem, era um homem ditoso que ia possuir aquele tesouro apreciável de virtude e beleza.

Poucos dias depois do seu casamento, havia Hildegarda indagado onde morava Jenny, e, obtendo de seu esposo a permissão de visitar a sua amiga, ela se dirigiu acompanhada de um velho criado à habitação de Jenny.

Numa das mais estreitas e enlameadas ruas de Lisboa, subiu Hildegarda uma escada péssima até chegar à velha e suja porta duma água-furtada; bateu; um homem coberto de velhos trapos veio abrir a porta; tinha pintado no rosto a devassidão e o vício

– Quem sois vós que vindes interromper o sossego dos infelizes? perguntou ele com voz alterada.

– Oh!, diz Hildegarda, eu não venho interromper a paz dos infelizes, venho, se me é possível, dar-lhes uma consolação!

Ao acabar estas últimas palavras, um débil grito veio ferir lhe os ouvidos, e o seu nome, custosamente pronunciado por uma voz enfraquecida, mas muito cara ao seu coração, fez com que ela, empurrando o homem que tão incivilmente a recebera, se precipitasse através de um comprido e escuro corredor, e, entrando num pequeno aposento à esquerda, foi obrigada a contemplar uma cena bem tocante para o seu coração tão cheio de sensibilidade.

Jenny, esfarrapada, pálida e com os olhos inchados de chorar, estava deitada sobre uma velha e pobre enxerga; com os lábios roxos e secos, murmurava convulsas palavras sem nexos, onde se distinguíam confusamente os nomes da mãe, do esposo e de Hildegarda. Chegada quase ao termo de sua gravidez, a desgraçada jazia sem socorros e sem uma alma caridosa que viesse adoçar o cálix de amargura que lhe fora apresentado pela própria mão do esposo, que, pouco tempo depois do seu casamento, se havia entregado a todas as qualidades de vícios, e, vendo a miséria a que estavam reduzidos, ele e sua esposa, acusava continuamente esta, chamando-lhe a causadora da sua desgraça e ameaçando abandoná-la se a infeliz vítima ousasse proferir um só queixume.

Ao ouvir a voz de Hildegarda, Jenny havia soltado um grito, porém não tinha inteiramente reconhecido a sua amiga; e, quando esta entrou no imundo aposento onde ela se achava, havia já voltado à sua triste insensibilidade.

Imóvel com os braços cruzados sobre o peito e os olhos banhados de lágrimas, contemplava Hildegarda a triste situação da desgraçada Jenny, via aqueles olhos, que, outrora a encaravam tão maravilhosos, agora, vermelhos, pisados, se volviam dum para outro lado sem reconhecer os objetos onde se fixavam; os lábios, onde, noutros tempos, pousava sempre um sorriso de bonança, agora, sorriam com uma horrível contração, e, quando se abriam, era para soltar, entre convulsas vozes, uma oração ao céu, um grito suplicante que demandava as bênçãos maternais, os carinhos do esposo e a meiga consolação da carinhosa amiga, mas, quando ela acordava de sua letargia e via que o céu não escutava o seu angustiado gemido, que a mãe agravada não queria perdoar à desditosa filha os

erros de um momento, que a boa Hildegarda estava longe dela e que o esposo, esse em que ela fundara as visões e fagueiras esperanças dum porvir de rosas, esse que ela julgara o seu anjo na terra, era o algoz cruento que lhe ia cravando no peito um agudo espinho de cruentas mágoas, ela pedia a Deus que, findando tão mesquinha e pesada existência, viesse pôr termo a seus penosos males.

Hildegarda depois de longo tempo de dolorosa contemplação daquele quadro de horror, ajoelhou sobre a palha ao lado da infeliz e, apertando-a em seus braços, bradou: Jenny!

A desgraçada, ao ouvir este grito, levantou a cabeça que tinha inclinada sobre o peito e fixou a sua amiga com um olhar inquieto, desvairado, que manifestava seu completo delírio, depois de alguns instantes reunindo suas ideias, pôde reconhecê-la:

– Hildegarda!..., brada ela com voz mais animada, porém a violência da comoção que recebera foi demasiado forte; ela caiu desmaiada sobre a apodrecida enxerga.

Felizmente, o médico que Hildegarda mandara chamar havia a poucos momentos chegara naquele instante; prestou todos os socorros possíveis à infeliz, que enfim recobrou os sentidos, porém o seu estado perigoso fazia recear muito pela existência.

Eram cinco horas da manhã; Hildegarda velara junto ao leito de Jenny; esta parecia mais aliviada; tomando a mão de sua amiga entre as suas lhe disse:

– Hildegarda, dez meses de sofrimento, dez meses de lágrimas e desesperação são as delícias que encontrei no meu casamento. Alberto, esse homem que era a luz dos meus olhos, a vida de minha vida, o sol da minha existência, depois de me seduzir com as brilhantes promessas duma fortuna imensa, dum futuro de rosas, depois de me obrigar a abandonar a casa materna, onde tão feliz havia sido na minha infância, depois que lhe sacrifiquei todos os sentimentos do meu coração, agora me atormenta continuamente, transformando-se aquele anjo de paz dos primeiros dias da minha união em demônio furioso que me despedaça continuamente os seios da alma.

– Ah! mísera de mim... que abandonei a casa feliz onde vi sorrir em torno do meu berço a ternura maternal e não morri eu de vergonha ao deixar a minha boa e querida mãe!

Agora, eis-me no leito de morte, privada das benções da mãe que ultrajei e a quem abandonei; ai! agora ela não me quererá perdoar; será debalde que eu tentarei abrandar sua cólera justamente levantada contra mim. Oh! mas se ela soubesse o que eu tenho sofrido, se houvesse quem pudesse finalmente informá-la de quão duramente tenho expiado os erros dum momento, se ela ouvisse os longos suspiros que tenho exalado regando de copiosas e amargas lágrimas este seio onde pulula um inocente fruto dum malfadado amor; Ai! se ela soubesse

tudo isto, o seu coração maternal não resistiria a tanto sofrer; ela, por certo, me perdoaria; e, se eu obtivesse o seu perdão, ao menos, morreria, porque eu não posso sobreviver a tantas angústias; morreria em sossego deixando meu filho nos braços da minha boa e adorada mãe!

Hildegarda procurava consolar a sua amiga com a esperança de que sua mãe havia de perdoar-lhe, e a pobre Jenny, ao ouvir tão doces expressões como um suave bálsamo que correndo de uma mão benfazeja vinha refrescar as chagas morais que a miséria, a cólera de sua mãe e a ignóbil vileza de seu marido haviam aberto no íntimo de seu coração; embalada por esse lisonjeiro raio de esperança que se assomara à sua imaginação, Jenny adormeceu.

Era no mês de dezembro, a chuva caía em grossas gotas demoradas de um céu todo negro e alagava as ruas de Lisboa, que envolvida em um fúnebre e triste manto de carregadas nuvens, parecia anunciar ao moribundo seus últimos momentos.

Uma sege rodava apressada pelas calçadas de uma rua quase deserta; parou diante de uma casa magnífica; uma senhora muito jovem vestida toda de preto apeou-se e, sem se fazer anunciar, entrou no primeiro andar e dirigiu-se a um quarto onde trabalhava uma senhora de uns quarenta e tantos anos. Hildegarda, que o leitor sem dúvida conhecerá, dirigiu-se a essa senhora, que a recebeu com afeto cordialíssimo:

– Querida Hildegarda, diz ela, com esta chuva vindes procurar-me?!

– Uma necessidade, diz Hildegarda, na qual só vós podeis valer-me, é a que me obriga a procurar-vos. Ah! por ela eu atravessaria gostosa um abismo de fogo; quanto mais que nada disso é preciso.

– É grande o negócio, continua ela erguendo-se do sofá onde se tinha lançado para repousar um momento, trata-se de salvar da morte uma desgraçada, que, prestes a dar à luz um inocente, pede os necessários socorros, esses lhe asseguro eu, porém pede outros que só vós lhois podereis conceder; é Jenny, senhora, que, dentro em poucos momentos, vai ser mãe, e, entre amargos soluços, pede uma avó para o seu filho, a vossa desditosa filha tem expiado asperamente os erros momentâneos que a levaram à última desgraça. Dez meses de sofrimentos ao lado de um homem embrutecido pelo vício e pela miséria, privada das bênçãos maternais e das consolações da amizade... Ela já mereceu a compaixão do céu, e sereis vós por mais tempo insensível às vozes da natureza? Recusar-vos-ei a perdoar o fruto das vossas entranhas? Negareis os abraços, os carinhos de avó ao inocente neto, que estendendo os tenros bracinhos soltará, dos mimosos lábios, um débil murmúrio pedindo compaixão para a vítima infeliz das seduções do mundo? Jenny foi culpável, é verdade, porém os sofrimentos riscaram os seus erros do livro do Eterno, este já lhe perdoou, e vós não sereis menos piedosa do que ele. Oh! Vinde, vinde abraçar vossa filha, lançar-lhe a bênção, e devolvê-la à vida.

Quando Hildegarda acabou de falar, Dona Leonor estava descorada, e, caindo de joelhos aos pés da jovem senhora, exclamou:

– É neste momento que reconheço o mal que tenho causado! Jenny! minha Jenny! Oh! o meu arrependimento talvez seja tardio, talvez que a vítima infeliz a quem tenho negado as consolações maternas, que, em continuadas cartas, me implorava, nesse momento, expira agonizando e clamando por sua mãe... Oh! que não possamos salvar-lhe a existência, possam os lábios da mãe receber a alma da filha num derradeiro suspiro.

Eram oito horas da manhã quando Hildegarda e D. Leonor chegaram à mansão da desgraça. D. Leonor, ao subir a íngreme escada, soluçava amargamente; chegam; batem; uma vizinha veio abrir; tinha pintada na sua fisionomia a desconsolação; ouvem-se débeis gemidos e um vago chorar de criança; Hildegarda entrou no quarto onde estava a enferma.

Sobre um pequeno leito, repousava a moribunda Jenny, uma inocente, linda como um anjo, estava deitada sobre seu peito; ela a estreitava convulsamente contra o seu coração.

Hildegarda aproximou-se; Jenny, ao vê-la, reanimou-se um pouco e, sentando-se no leito, disse:

– Enfim, no meio de tantas desventuras, concedeu-me Deus a consolação de apertar contra o peito o fruto de meu seio e deu-me uma protetora para esta inocente – Oh! Sim, tu, que foste amiga constante da pobre Jenny, serás protetora desvelada de sua infeliz filha. Hildegarda é o nome que, no leito da morte, ponho à desditosa criatura, que dentro em pouco gerará na infeliz orfandade.

– Não se trata de morrer! bradou D. Leonor entrando rapidamente no quarto de sua filha, trata-se de viver, de conservar teus dias para a tua pobre mãe!

– Oh! minha mãe! minha mãe! bradou Jenny tentando erguer-se, este violento esforço fez-lhe uma terrível dor, que lhe causou, por alguns momentos, a perda dos sentidos, porém, recobrando o uso deles, ela ouviu tranquilamente a pobre mãe que, confessando a injusta que fora em negar-lhe a sua bênção, lhe pedia agora em lágrimas o seu perdão.

Jenny dirigiu-se a mãe:

– E agora que todo sofrer, todas as angústias de dez meses de tormentos se riscaram da minha imaginação, é agora, que me vejo rodeada dos ternos carinhos da mãe e da amiga, que eu desejava viver, porém já não é possível, eu vou deixar para sempre esta vida, no momento em que as nuvens tormentosas que se haviam amontoado no horizonte da minha existência se tinham desvanecido, deixando de novo divisar a estela fulgurante da minha felicidade, essa estrela que ainda me sorri no derradeiro momento da vida, na hora tremenda em que minha alma vai abandonar este invólucro mortal, dai-me a meiga esperança de que minha filha entregue a vossos cuidados, ó minha terna mãe, e aos teus, minha boa

Hildegarda, será feliz. Adeus que eu sinto extinguirem-se rapidamente meus alentos vitais, disse a Alberto que... eu lhe perdoo... e vós, minha... mãe... mi... nha Hildegarda... da... ai... perdo... ai... me...

E, nesta derradeira a súplica de perdão, a desditosa Jenny terminou os seus dias voando a martirizada alma ao seio do Eterno.

No outro dia, os jornais da capital anunciavam que um homem se havia suicidado com um tiro de pistola; era Alberto que, cheio de remorsos ao saber da morte da resignada quanto infeliz esposa, havia, no meio da desesperação, posto termo a seus odiosos dias.

Hildegarda levou D. Leonor para a sua companhia, onde procurava fazer-lhe esquecer a morte da desgraçada filha, mas ela não pôde resistir a seus agros pesares, e, no fim de quinze dias, foi reunir-se a Jenny na paz das campas.

Hildegarda e Gabriel viveram amando-se ternamente um ao outro e educando a pequena Hildegarda com uma ternura verdadeiramente paternal.

A donzela do Ribatejo

Num dos mais pitorescos lugares do Ribatejo, numa casinha de modesta aparência, habitava uma família que, noutro tempo, gozara de todo o esplendor da nobreza e do valimento, porém que, vítima das guerras civis que têm assolado o malfadado Portugal, se achava reduzida à mais baixa posição, as pessoas que a compunham eram: a viúva de um antigo oficial, sua filha e uma criada.

Perdendo seu esposo pouco tempo depois do nascimento de sua filha, a sra. Vilar educara esta no mais austero recolhimento, receando para ela os perigos que a sociedade encerra. Antônia tinha quinze anos, a natureza havia-a dotado com liberalidade, sua tez duma brancura extraordinária misturada com uma leve tintura de rosa causava um efeito encantador. Seus grandes olhos castanhos tinham uma expressão toda divina, os cabelos loiros e anelados, a boca pequena e rosada, o talhe esbelto e delicado e sobretudo sua alma bem formada tornavam-na um composto de graças e de virtudes. Na aurora da vida, nem ainda um ligeiro sonho lhe havia indicado a necessidade de amar. Antônia não sabia o que era amor! Vivendo sempre ao lado de sua mãe, sem jamais frequentar a sociedade, ela amava a solidão; e longas horas vagava sozinha no jardim que possuíam, ocupando-se no cuidado das flores, eram estas seu único enlevo; com seus desvelos, Antônia procurava pagar-lhes o prazer que lhe causavam quando as via desabrochar tão castas e tão lindas.

Pobre virgem, goza, goza esses furtivos momentos de felicidade, a estação dos amores vem perto, então as flores murcharão, porque a mão que solícita as cuidava já não procurará refrescá-las com a água da límpida fonte, não curará de misturar o jasmim à cecém e ao lírio, e de enlaçar a verde e florida murta à branca e roseira.

Muitas vezes, ia Antônia com sua mãe passear às margens do Tejo. Era ali que passava os momentos mais felizes, sentada à beira do rio, com os olhos na rápida corrente de suas cristalinas águas a donzela se embalava num inocente sonho, e quantas vezes pousando a fronte de anjo no regaço de sua extremosa mãe, ela se abandonava a um pensamento celeste.

E à noite, nessas noites mimosas que tanto brilham no nosso Portugal, quando o astro da saudade estendendo o prateado lençol sobre a magnífica Lisboa, o firmamento brilha com essas milhares de paletas de ouro que tanto nele cintilam. Antônia, sentada num banco de relva que ela mesma formara no seu pequeno jardim, contemplava as belezas da natureza, sorria ao ver as florinhas pendidas, ao balouçar das ramas com a aragem da noite, sentir a brisa suspirando entre as folhagens das árvores, seu coração inocente palpitava de prazer ao ouvir o trinar das avezinhas que em torno dela adejavam, então sentada elegantemente sobre o leito de mole verdura, Antônia adormecia, os loiros cabelos ondulavam à vontade do zéfiro, os olhos cerrados, os lábios de coral pareciam um pequeno botão de vermelha rosa, um sorriso ligeiro dava-lhe um encanto irresistível; nesse momento Antônia era o anjo da inocência; a relva acurvava-se humilde sob o peso do seu delicado corpo e ufanava-se de senti-lo, a laranjeira fazia pender seus ramos para colherem seus dourados frutos um sopro daquela respiração de virgem, enfim as flores pareciam querer desprender-se das hastes para formar uma coroa que cingisse aquela fronte tão pura, e um colar a aquele colo de neve.

Feliz donzela, que sossegada passavas a vida tão cheia de encantos, não queiras que um sonho de amor venha pousar sobre a tua frente!

Assim corria sossegada e tranquila a existência de Antônia, quando um incidente desagradável veio interromper tão doce felicidade.

A senhora Villar caiu gravemente enferma, sua filha, desaminada, velava à cabeceira do leito da enferma, procurando por meio de suas caricias aliviar-lhe, os sofrimentos.

Sem relações algumas, só, com uma criada tão inexperiente como ela, Antônia não sabia que fazer – lembrou-se finalmente de que na casa contigua à sua habitava um jovem médico francês, ela se resolveu a recorrer a ele para salvar a preciosa existência de sua querida mãe.

Mr. Émile de la Roche aceitou com alegria o encargo de tratar da senhora Villar, curava-a com o maior desvelo, e felizmente dentro em pouco a doente se achava em disposição de dar alguns passeios no jardim acompanhada de Antônia, e de Mr. la Roche; que se havia tornado amigo da família; pouco tempo depois estava completamente restabelecida a enferma.

A existência da senhora Villar tornou-se pacífica e feliz como dantes, mas a de sua filha tinha mudado inteiramente. Antônia já não era a mesma, não era a donzela feliz, menina cheia de saúde e contentamento: pálida como uma estátua de alabastro, seus grandes olhos castanhos tinham perdido seu mimoso brilho, amortecidos, rodeados de um círculo negro, patenteavam bem o sofrimento do coração; raras vezes despontava a seus descorados lábios uma expressão de sorriso; seu corpo esbelto ia-se tornando débil e fraco; séria e reflexiva nos seus passeios à margem do Tejo, já não brincava como dantes, já não corria ao longo

da praia soltando brados de júbilo, agora vagarosa e pensativa passava melancólica com os olhos sempre fixos na corrente do majestoso rio, ou cravados tristemente nas areias da praia.

A senhora Vilar estranhava a tristeza da pobre Antônia, porém tímida como sua filha, ela se atrevia a interrogá-la.

Um dia estava Antônia bordando ao lado de sua mãe, já não lhe falava como dantes, das flores mimosas que ela tanto estimava, nem de seus românticos passeios, silenciosa e triste, procurava ocultar duas grossas lágrimas que de momento a momento rolavam sobre suas faces, a senhora Vilar observou aquelas lágrimas, venceu a sua irresolução, e interrogou-a.

– Antônia tu choras, qual a tua dor?

– Eu chorar minha mãe? Respondeu a donzela com voz tão trêmula e mal segura, que bem mostrava a agitação que lhe causara aquela pergunta.

– Sim, tu choras. Antônia, inda há pouco duas grossas lágrimas caíram sobre teu bordado, tu sofres... não ocultes nada, onde acharás tu um coração melhor do que o meu para depositar todos os teus pesares... que tens minha filha?... que quer dizer essa tristeza que sempre te acompanha? Por que foges sempre de mim e solitária te abandonas talvez a uma ilusão perigosa?

– Ah! Antônia, Antônia! se amas tua mãe tanto quanto ela te ama não recuses torná-la a depositária fiel de teus segredos...

A donzela por única resposta ergueu-se da cadeira onde estava sentada, veio ajoelhar ao lado de sua mãe e imprimindo-lhe na face mil beijos de ternura procurava por meio de suas carícias iludir sua mãe, e fazer com que ela olvidasse a necessidade duma resposta, mas a sra. Vilar não se satisfez com isso, e afastando brandamente sua filha lhe dirigiu de novo a mesma pergunta.

Antônia, trêmula, apenas ousava respirar, ia a balbuciar uma tímida desculpa, quando a criada entrou anunciando Mr. de la Roche.

Ainda Antônia estava ajoelhada ao lado de sua mãe, quando Mr. de la Roche entrou na sala, à vista do grupo interessante que formavam a mãe e a filha, o jovem francês recua comovido. Antônia ergueu-se rapidamente e um vivo colorido tingia de púrpura suas pálidas faces, em extremo perturbada apenas dirigiu uma ligeira saudação ao atencioso mancebo que solícito a cumprimentava.

Mr. de la Roche já há muito experimentava pela sua vizinha um terno sentimento que ele pretendia sufocar à vista da inocência de Antônia, Émile só via nela um anjo a quem rendesse o seu culto, e não uma mulher a quem votasse o seu amor.

A chegada do mancebo veio tornar a donzela ainda mais triste e pensativa, as faces ora pálidas ora de um vivo escarlate mostravam bem a agitação da sua alma, Émile da sua parte, sofria igual alteração, a sra. Vilar soube

compreendê-los, e desde então ficou senhora do segredo de sua filha; Antônia amava, e a sua tristeza, a sua melancolia eram efeitos deste amor.

Mr. de la Roche convidou as duas senhoras para irem passear a uma quinta próxima, onde o luxo e a arte faziam sobressair as belezas da natureza. Antônia nunca lá tinha ido; a novidade produziu nela uma alegria extrema, corria e brincava tão alegre, que parecia que olvidando dos seus pesares, havia voltado aos mimosos tempos da idade infantil.

À noite quando se retiravam, dirigiu-se Mr. de la Roche a uma roseira que ostentava orgulhosa a verde folhagem, e colhendo a única rosa que nela havia e que ainda há pouco desabrochava a ofereceu a Antônia. Ela estremeceu, havia neste oferecimento não sei quê de significativo, aquela rosa de cândida alvura tinha alguma coisa de simbólica, aceitou a rosa e guardou-a no seio.

As duas sras. despediram-se do mancebo; este lançou para Antônia um olhar tão expressivo, e cheio de tanto fogo, que a pobre menina não pôde responder aos cumprimentos de despedida que ele lhe dirigia.

Ao chegar à casa foi seu primeiro cuidado colocar dentro de um copo com água a rosa branca que Mr. de la Roche lhe oferecera. Antônia deitou-se, porém não pode dormir, um pensamento que ainda não tinha passado pela sua mente veio assaltá-la; que queria dizer aquela rosa? que significaria aquele olhar tão expressivo de Mr. de la Roche? o seu coração bem lho dizia, porém a tímida virgem, na sua candura e inocência, jamais havia sonhado em amores, desconhecia-lhe os sintomas, amava sem saber que amava, sofria todos os cruéis efeitos desse sentimento déspota sem lhe conhecer a verdadeira causa, numa palavra, Antônia sentia por Mr. de la Roche um sentimento que ela não podia compreender e que jamais declarara a si mesma.

Cansada de pensar, cede enfim à influência do sono; dormia porém não era aquela placidez de outrora, um sonho vagava na sua mente, mas não era aquele sonhar de anjo, aquelas ilusões de ouro que tanto a lisonjeavam na idade infantil! Era um sonho terrível; acordava espavorida e saltando do leito, prostrava-se em oração ante um crucifixo que pendia da cabeceira; a aurora veio ainda encontrá-la ajoelhada ante a veneranda imagem. Antônia envergonhou-e de acreditar em sonhos, ergueu-se e foi para o jardim.

A manhã era amena, o campo oferecia a mais formosa perspectiva, os passarinhos trinavam adejando nas ramas, as borboletas voavam como loucas duma para outra flor, o rouxinol soltando seu melodioso canto parecia festejar na solidão das ramagens a chegada do dia, as flores desabrochadas havia pouco tempo abriam o Mimoso cálix para receberem nele o orvalho matutino exalavam um delicioso perfume que embalsamava os ares, o céu azulado; matizado de púrpura e ouro suspirava amor e poesia – Antônia jamais tinha visto uma manhã tão linda, tocada de magnitude dos objetos que a cercavam, ela ergueu seu

pensamento ao autor do universo e ela ia de respeito ajoelhando sobre a relva dirigia ao céu um fervoroso louvor, – ah! que naquele momento Antônia estava sublime, era poesia personificada! quem a visse pálida, vestida toda de branco, com a loira madeixa solta pelas costas, os olhos fixos na azulada abóbada, e as mãos sobre o coração, diria que era um anjo, que terminando algum decreto do Eterno cá na terra, ia naquele momento elevar-se as regiões eternas.

Ainda bem Antônia não tinha acabado sua curta, mas fervorosa, oração, quando Mr. de la Roche comovido se lhe apresentou; o mancebo tinha visto Antônia desde o seu jardim, e, ao vê-la ajoelhar com aquela expressão de candura celeste, não pode resistir a sua impetuosidade, e, saltando o muro que o separava dela, vinha a seus pés talvez fazer-lhe uma declaração.

Antônia sobressaltada com a repentina aparição de Mr. de la Roche pretendia retirar-se, porém Émile arrojando-se a seus pés exclamou: “Ah! Antônia! no momento em que ia a vossos pés fazer a mais solene confissão, assim pretendeis abandonar-me?! que podeis vós reçar de quem tanto vos ama? – sou eu por acaso algum malfeitor? não sou eu o amigo de vossa mãe e vosso?...”

A maneira suplicante com que Émile pronunciou estas palavras, acabou de comover a donzela, as expressões do jovem francês tinham para ela um encanto irresistível.

Parou entre uma pequena mata de verdes murtas e com o rosto voltado para Émile, fixou nele os olhos com tanta ternura que completamente o alucinou; seguiu-se depois uma confissão mútua dum sentimento puro e apaixonado que só as murtas ouviram, as flores presenciaram e as brisas repetiram; pouco depois Émile retirou-se.

Antônia foi para o seu quarto, desde aquele momento ela se considerava feliz, amava, e tinha certeza de ser amada com igual ardor, por esse motivo a alegria apareceu outra vez desenhada nas suas feições angelicais, um vivo carmim veio substituir a palidez de suas faces, seu corpo tinha recobrado a agilidade, seus olhos brilhavam de novo com a magra expressão da felicidade, o sorriso brincava continuamente nos seus lábios, numa palavra, Antônia tinha voltado a vida, mas já não era aquela menina inocente que experimentava um sentimento que não podia compreender, era virgem apaixonada em cujo coração ardia uma paixão sem limites.

A sra. Vilar via com alegria a súbita mudança de sua querida filha; e o prazer de a ver de novo entregue aos seus divertimentos campestres lhe fazia olvidar o cuidado de inquirir a sua verdadeira causa.

Mr. de la Roche continuou a ser tão atencioso e polido para com a sra. Vilar, como rendido e desvelado para com a sua filha, assim a feliz Antônia continuava entregando-se alegre e prazenteira a doce e magra esperança que começava a dourar-lhe o horizonte da existência, mas uma coisa fazia reçar, Mr.

de la Roche jamais lhe falara de seu himeneu, jamais lhe dissera uma palavra acerca dessa união tão doce, apenas lhe falava no presente sem jamais curar do futuro, Antônia resolveu falar-lhe nisso.

Uma tarde de verão, passeavam no jardim os dois amantes, estavam sós graças à boa fé de sra. Vilar. Émile dizia a sua querida mil expressões de ternura, a que ela correspondia com aquele olhar terno e mavioso que tanto o arrebatava. Antônia sentou-se e, convidando o apaixonado mancebo a fazer o mesmo, lhe disse com toda a formalidade:

– Émile, de há muito tempo me juraste um amor eterno, juramento que mutuamente fizemos quando o céu cheio de brilho e de majestade parecia abençoar nossas palavras, longo tempo tem decorrido desde essa época feliz e até agora nenhuma palavra me tendes dito acerca da nossa futura união, pensais acaso que minha mãe ignorara sempre o nosso amor? Ah! Émile, tarde ou cedo ela o virá a saber; assim pois se estimais, se me quereis como esse delírio que patenteais, não demoreis por mais tempo a nossa mútua felicidade.

Mr. de la Roche, desde que Antônia começara a falar, tinha se tornado pálido como um defunto, e, quando ela concluiu, a sua agitação era tal que apenas podia respirar; finalmente dominando a sua emoção, ergueu-se, e olhando desvairadamente para a sua amante bradou:

– Antônia, agora conheço que o amor que tenho alimentado há tanto tempo não tem sido mais do que uma ilusão funesta! ousei sonhar aventura de um amor tão ideal, todo celeste, e vejo que infelizmente me enganei. Oh! Antônia, vós não compreendeste o meu amor, portanto ele deve acabar neste momento, só nos resta lamentar a perda infeliz de tão magas as esperanças...

Ainda o som de suas últimas palavras vibrava nos ares, quando Mr. de la Roche se afastou bruscamente sem mesmo olhar para a donzela que ferida de um repentino desmaio não deu pela sua retirada.

Tornando a si, Antônia retirou-se para o seu quarto tão abatida que apenas podia mover-se, ardendo em febre passou toda a noite, sem que pudesse conciliar o sono, no outro dia, apenas se ergueu, dirigiu-se ao jardim, havia dado alguns passos quando um papel dobrado se lhe oferece à vista entre a verde folhagem dum roseiral. Antônia, receando algum novo desgosto, não queria ler o papel que conservava dobrado entre suas trêmulas mãos, porém, cedendo enfim a um natural sentimento de curiosidade, abriu e leu:

“Antônia, exilado sem pátria e sem família, vim acolher-me às terras do belo Portugal, esperando encontrar aqui o sossego e a aventura, troquei o tumultuar da bela e populosa Paris pela melancólica beleza da poética Lisboa, só e feliz vivia no meio das belezas campestres, quando tive a felicidade de encontrar-vos, cego pelos esplendores da vossa formosura, julguei-vos um anjo que vinha sarar as feridas que as saudades da pátria causavam no meu coração;

amei-vos, Antônia, com tanta paixão quanto um homem pode sentir, por vossa causa olvidei tudo – pátria – parentes – amigos, até Deus... o próprio Deus... eu olvidei na mesquinha ilusão que me cegava!... abusei da bondade do Eterno, desprezei seus decretos – profanei as suas leis a ponto de arriscar-me a infringir os juramentos que já proferira aos pés dos altares! – sim, Antônia, eu fui culpado; havendo já ligado a minha existência a uma outra, que, apesar de não ser por mim amada, tem sobre a minha pessoa um direito sagrado; eu não deveria ter abusado de vossa candura; e poderei vós perdoar-me?

Eu parto hoje mesmo, deixo para sempre o lugar querido, onde ousei conceber tão belas, mas loucas esperanças; perdoai-me, anjo de bondade, esquecei aquele que, longe de vós, vai expiar por um eterno remorso a culpa de que os vossos encantos foram a causa, mas, ah!, o meu sofrer não será de longa duração, longe de vós, a vida me será odiosa, será para mim um espantoso ermo onde viverei sem esperanças nem futuro, espero que não resistirei, que breve acabará tão doloroso suplício – e acreditai, Antônia, que o derradeiro suspiro desta alma, que é toda vossa, será enviado às margens do Tejo, onde existe o anjo de inocência cuja imagem acompanhar a eternidade. – *Émile de la Roche.*”

Ah! que não sentiria Antônia naquele momento em que um golpe mil vezes mais terrível que o da morte vinha feri-la no íntimo da sua alma? que sem razão não lhe causaria o ver desfolhada num instante a cândida rosa da sua juvenil esperança? ocultou a carta no seio e pretendia retirar-se para casa, porém, enfraquecida de tantas aflições, a infeliz Antônia caiu sem acordo junto à roseira que acolhera, em suas folhas, a triste despedida de Mr. de la Roche.

A sra. Vilar, que tendo notado a ausência de sua filha andava procurando-a, veio neste momento ao jardim, à vista da pobre menina, que jazia sem acordo, a triste mãe soltou um grito de dor em que se revelavam todas as angústias do seu coração maternal, ajudada pela criada conduziu a desmaiada filha para casa, e, lançando-a no leito, procurava fazer-lhe recobrar os sentidos.

Quinze dias lutou Antônia, entre a vida e a morte, presa de uma febre ardente ela delirava, porém, no meio do seu delírio, jamais lhe escapou uma palavra acerca de Mr. de la Roche; enfim chegou a levantar-se; mas, pálida e desfinhada parecia a imagem do sofrimento, saiu a dar alguns passeios, porém seus passos mal seguros fraqueavam a todo o instante; assim continuou por algum tempo, até que de novo caiu de cama; a desolada mãe debalde procurava aliviá-la; os padecimentos aumentaram rapidamente, e o médico que sra. Vilar consultou disse que Antônia morria vítima de um pesar violento que, por certo, ela ocultava no coração.

Uma noite, velava a sra. Vilar a cabeceira daquele leito de dor, Antônia parecia estar sossegada, e um leve sono viera fechar-lhe as arroxeadas pálpebras, a lua penetrando através das vidraças vinha refletir seus pálidos raios sobre o

macerado rosto da enferma, ah! quem divisaria naquele desbotado rosto aquela menina tão bela e tão feliz no começo de nossa história!

Antônia acordou, parecia estar tranquila pela primeira vez depois da partida de Émile; ela parecia estar um pouco sossegada; um ligeiro sorriso assomou os seus roxos e frios lábios, e aquele semblante em que estavam impressos a dor e o sofrimento pareceu animado de uma expressão divina; chamou por sua mãe, e tomando as mãos dela entre as suas úmidas e ardentes pela febre que a devorava:

– Minha mãe, minha terna e carinhosa mãe, diz ela com voz sumida e fraca, eu vou bem depressa morrer, não vós abandoneis a um pesar inútil, eu deixo um mundo onde só poderia encontrar angústias e pesares, eu deixo uma vida de penas, uma estrada de lágrimas e desesperação, um caminho de espinhos onde raras vezes se encontra uma flor, e troco tudo isso pela felicidade dos anjos, não choreis, minha mãe, cobrai ânimo... depois pediu umas tesouras e colhendo as loiras e aneladas madeixas, que flutuavam sobre a almofada, as cortou e dando-as a sua mãe que se desfazia em lágrimas continuou:

– Eis aqui o único enfeite, a única prenda que aqui no mudo me restava!... ei-lo aí, eu vo-lho ofereço, guardai essas madeixas que outrora tanto apreciei... possam elas fazer-vos sempre lembrar a vossa malfadada... An... tô... nia...

Ainda pronunciou algumas palavras quase inteligíveis, e pousando uma gelada fronte nos braços da aflita mãe, cravou nela os olhos, sorriu-se, e, naquele sorriso de ternura e resignação, voou a alma ditosa a unir-se ao seu Criador.

.....
.....
.....

Mais um ser angélico remontara seu voo até o celeste empíreo.

Sete anos haviam passado, a casa de Antônia já não parecia a mesma, arruinada e desmantelada mostrava que os seus habitantes pouco caso faziam dela, as roseiras e as murtas tinham desaparecido; mil plantas silvestres as substituíam; os passarinhos já não trinavam naquele lugar, mas haviam cedido o pouso aos notívagos e agoureiros mochos. Uma mulher velha, com os alvos cabelos eriçados, passeava apressada pelo jardim e de quando em quando parava cantando em lúgubre toada:

A minha filha tão linda
Vida da minha alegria,
Era tão bela inocente
Tinha um rosto de magia!

Amou com firme candura,
Oh! Amou que eu bem o sei,
Ela não queria dizê-lo,
Porém eu... adivinhei.

Antoninha, que era um anjo,
Aos anjos su'alma ergueu,
Repousa o corpo na terra,
Adeus, Antônia... morreu.

E acabando, soltava uma louca risada, esta velha era a sra. Vilar – a desgraçada inconsolável pela morte de sua querida filha não tinha podido resistir a tão doloroso golpe, havia enlouquecido.

.....

.....

.....

Era pela manhã destas manhãs amenas da bela Lisboa, um homem mostrava ter uns quarenta anos caminhava apressado pela estrada que conduzia à habitação da sra. Vilar, apesar da palidez que se divisava no seu macerado semblante, uma expressão de satisfação estava espalhada pelas suas feições, este homem era Mr. de la Roche que, no fim de sete anos de separação das terras da sua amada, voltava livre, a depositar a seus pés os juramentos que outrora fizera tão estouvadamente; mas que terrível golpe se prepara, que dor não ferirá o íntimo da alma daquele desgraçado ao saber que aquela que espera encontrar cheia de vida, nutrindo-se talvez com as recomendações do seu amor, jaz inanimada num sombrio ataúde.

Desde a sua partida, ele jamais obtivera uma notícia de Antônia; achando-se comprometido na guerra civil que tem enlutado o belo solo da França, Mr. de la Roche se havia refugiado em Portugal; exasperado com os seus infelizes amores, deixou Lisboa e regressou à pátria, onde procurou um asilo onde pudesse viver em segurança, porém a desgraça que obstinada o seguia sempre fez com que o seu abrigo fosse descoberto; e o malfadado de la Roche foi preso e, durante sete anos, jazeu incomunicável, e por isso, apesar dele ter encarregado o digno pároco na freguesia de Antônia para lhe dar notícias da família Vilar, foram baldadas as cartas que o dito pároco lhe escreveu noticiando-lhe o falecimento da desditosa donzela.

Ao sair da prisão, Émile soube que estava viúvo; foi então que ele voltou a vida, foi desde esse momento que ele tornou apreciar a existência, que alegria não sentira ele ao deixar a pátria para voar aos braços da única mulher que amava? – que emoção não lhe causaria ao chegar a Lisboa? – ao sulcar as

cristalinas águas do Tejo tantas vezes contempladas outrora ao lado da sua amada? – que não sentiria enfim ao desembarcar, ao pisar a mesma terra que pisava o anjo de seus sonhos, o ídolo dos seus pensamentos?...

Chegando à porta da habitação, achou-a aberta, entrou e, ao ver o desarranjo do jardim, sentiu um triste e secreto pressentimento, quis recuar, porém tomou um ânimo e deu mais alguns passos, quando encarou a sra. Vilar, à vista das feições desfiguradas da desgraçada sra., Mr. de la Roche não pôde conter um grito de angústia – ela fugiu espavorida repetindo a sua canção favorita.

.....

Então é que Mr. de la Roche conheceu toda a verdade, toda a realidade daquele quadro de dor, então conheceu o que tinha feito, quantos males tinha causado a sua insensata paixão. – Antônia morrera vítima da infelicidade do seu amor e sua desditosa mãe havia enlouquecido. Émile abandonou desesperado aquela morada de pesar cujas atrozidades lembranças lhe redobravam o remorso e lhe dilaceravam o coração.

Dirigiu-se à casa do pároco, seu amigo, o qual vendo-o tão triste debalde tentou distraí-lo apesar de ignorar a causa verdadeira de tão intensa dor.

.....

Era quase noite quando ele se dirigiu ao cemitério para dar um derradeiro adeus às cinzas daquela que ele jamais deixara de amar e que morrera por sua causa; apenas ele pisara no funéreo solo do recinto da morte, que um tremor frio, percorrendo por todos os seus membros, parecia anunciar-lhe seu próximo fim; ele caminhava com passo incerto e trêmulo, procurando o túmulo da sua querida, quando, ao virar numa daquelas longas e fúnebre ruas de enfileiradas cruzes, ele encontrou uma pedra lisa, sem ornatos nem enfeites, apenas tinha gravado na superfície – Antônia – uma roseira estava plantada ao lado da campa, e a pálida beleza de suas alvas e virginais rosas indicavam que a inocência ali repousava – era aquele o túmulo querido que ele procurava. Era ali que repousavam as cinzas idolatradas da única mulher que ele soubera amar.

Mr. de la Roche ajoelhou junto à pedra e apoiando nela sua gelada fronte parecia insensível a quanto o rodeava – embora o sol havia-se sepultado no seu ocaso; embora um céu tempestuoso e carregado ameaçava uma horrível tormenta – embora o vento soprando fortemente fizesse quase abalar os anosos ciprestes que sombreavam aquele lugar de morte – embora o lúgubre aspecto de amontoados ossos fizesse tremer todo o mortal ousado que ali se aproximasse – Émile nada lhe importava? – ah! que não, que naquele momento o sol ou as trevas, a lua ou a carregada nuvem, a tempestade ou a bonança, a cidade ou o

cemitério, a vida ou a morte, tudo para ele era o mesmo – afinal saiu do estado letárgico em que jazera e ergueu a fronte.

– Antônia, exclamou ele entre soluços, o céu bem me tem castigado, longe de ti, espiei durante sete anos de atrozes remorsos a culpa de que minha fraqueza e teus encantos foram a causa – Deus, ao fim, concedeu-me a liberdade, tornou-me viúvo – cheio de alegria e de esperanças eu vinha agora a teus pés certo de que não me terias esquecido depositar os antigos juramentos, julgava que a expiação de meus crimes era terminada, que sete anos de sofrimentos tinham remido a minha culpa – mas enganei-me – o cálix de meu longo martírio ainda não estava esgotado – o mais amargo de suas fezes ainda me restava, é aqui neste lugar da morte que eu hei de libá-lo.

Oh! Antônia! Antônia! eu fui o bárbaro assassino dessa vida que eu queria conservar à custa da minha... e hei de eu gozar por mais tempo desta existência que odeio, ainda o céu me reservará para novas angústias?

Ah! Não, eu o sinto, o frio da morte me entorpece os membros, o sangue se gela nas veias, eu vou seguir-te, Antônia, e já que a desgraça e o inferno nos desuniram na terra, a glória e a ventura nos unirão no céu.

Émile calou-se e, abraçando estreitamente a pedra avara que encerrava os inanimados restos da idolatrada amante, exalou o derradeiro sopro de vida votado ao seu primeiro amor.

.....
.....
.....

Aprendam neste exemplo os corações que incautamente se deixam arrastar pela corrente impetuosa de vãos delírios sem saberem se o objeto a quem dedicam essa paixão é completamente livre; e aprendam também aqueles que ligados por um laço sagrado a outro objeto expõe o seu coração ao abalo das paixões sem refletirem nas funestas consequências de uma culpa inadvertida.

FONTES DOS TEXTOS

Ana Maria Ribeiro de Sá

“O degredado” in *Diario de Pernambuco*. Recife: Typ. Rua Duque de Caxias n. 42, 1875. Publicado originalmente em: *Brinde aos Senhores Assinantes do Diario de Noticias em 1874*. Lisboa: Typografia Universal de Thomaz Quintino Antunes, Impressor da Casa Real, 1874.

Ana Plácido

“Adelina” in *Luz coada por ferros*: escriptos originaes. Lisboa: Livraria de A.M. Pereira, 1863.

Antônia Gertrudes Pusich

“Dois mysterios”. in *A Assembléa Litteraria*: jornal d’instrucção. Proprietaria, e Redactora – D. A. G. Pusich. Lisboa: Typ. de G. M. Martins, 1849-1850.

Catarina Máxima de Figueiredo

“Um negro episodio na aldeia” in *Fragmentos de prosa e verso*. Lisboa: Typ. de Adolpho Modesto, 1884.

Efigênia do Carvalhal

“A casa negra” in *A Esperança*: semanario de recreio dedicado ás damas, Vol. II. Porto: Typographia de José Pereira da Silva & F.^o, 1866.

Emília Eduarda

“A noiva de doce” e “Ondina”. in *Contos Simples*. Porto: Papelaria e Typographia Academica, 1895.

Guiomar Torresão

“Diario de uma complicada” in *Brinde aos senhores assinantes do Diário de Notícias em 1894*. Lisboa: Typographia universal, 1894.

“A Sereia” in *A Ilustração Portuguesa* n. 13. Lisboa: 22/09/1884. Republificado em *Idyllio á ingleza: contos modernos*. Lisboa: Livraria Ferreira, 1886.

Hermenegilda de Lacerda

“Da fatalidade á felicidade” in *Almanak do Fayalense para 1875*. 3º ano. Horta: Typ. Hortense, 1874.

Maria Amália Vaz de Carvalho

“A morte de Bertha” in *Jornal do Commercio*, do Rio de Janeiro, em 20/04/1878. Esteve entre os contos coligidos para a primeira edição de *Contos e Phantasias*, de 1880.

“A mulher do ministro” in *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, em 24/06/1880.

Maria Peregrina de Sousa

“Pépa” e “Ricardo e Margarida” in *Iris*: periódico de religião, bellas-artes, sciencias, letras, historia, poesia, romance, noticias e variedades. Collaborado por muitos homens de letras e redigido por José Feliciano de Castilho Barreto e Noronha. Rio de Janeiro: Typographia Franceza, 1848.

Maria Rita Chiappe Cadet

“Jenny” e “Donzella do Riba-Tejo” in *A Beneficencia*: jornal dedicado à Associação Consoladora dos Afflitos. Lisboa: 1852 e 1853.

SOBRE OS AUTORES

Ana Comandulli é doutora em Estudos de Literatura (Literatura Comparada) pela Universidade Federal Fluminense – UFF, mestre em Literatura Portuguesa pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e bacharel em Letras pela mesma instituição. É pesquisadora do PLLB/RGPL, investigadora colaboradora do Centro de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Participa do Projeto “Senhoras do Almanaque” e “Portugueses de Papel” do Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas Europeias – CLEPUL. Participa também dos projetos “Escritoras portuguesas na imprensa periódica do Brasil: laços transatlânticos de ação (1890-1930)” (UERJ) e “Páginas Paisagens Luso-brasileiras em Movimento” (UFF/RGPL).

Andreia Alves Monteiro de Castro é bacharel em Letras pela UFRJ, licenciada pela UCAM, mestre em Literatura Portuguesa pela UERJ e doutora em Literatura Comparada também pela UERJ, universidade na qual é professora de Literatura Portuguesa e de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa. Colidera o grupo Pesquisas Literárias Luso-Brasileiras, do Centro de Estudos do Real Gabinete Português de Leitura; é investigadora-colaboradora do Centro de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa; colabora com os projetos de investigação “Senhoras do Almanaque” e “Portugueses de Papel” do Grupo de Investigação 6 “Brasil-Portugal: cultura, literatura, memória”, do CLEPUL - Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias.

Bianca Gomes Borges Macedo é mestranda em Literatura Portuguesa pelo Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), desenvolvendo pesquisa sobre Guiomar Torresão. Possui Pós-graduação Lato Sensu em Literatura Portuguesa pela UERJ e em Língua Portuguesa pela Universidade São Luís. Participa do projeto “Escritoras portuguesas e a difusão cultural na colônia imigrante” do Real Gabinete Português de Leitura (RGPL). Atua como professora de língua portuguesa e inglesa no Ensino Básico.

Eduardo da Cruz é licenciado em Letras pela FFP/UERJ, mestre em Teoria Literária pela UFRJ e doutor em Literatura Comparada pela UFF. Atualmente,

desenvolve seu pós-doutoramento na FFLCH da USP, sob supervisão do prof. dr. Mário Lugarinho. É professor de Literatura Portuguesa na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, na qual é bolsista Prociência; é bolsista PQ2 do CNPq. Colidera o grupo Pesquisas Literárias Luso-Brasileiras, do Centro de Estudos do Real Gabinete Português de Leitura; é investigador-colaborador do Centro de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa; fez parte da diretoria da ABRAPLIP (Associação Brasileira de Professores de Literatura Portuguesa), como secretário no biênio 2018- 2019 e tesoureiro executivo no biênio 2020-2021.

Elisabeth Fernandes Martini é doutora em Literatura Comparada e mestre em Literatura Portuguesa (2011), pela UERJ. Atua como professora da rede municipal do Rio de Janeiro, desde 1988. Membro do grupo de Pesquisas Literárias Luso-Brasileiras sediado no Real Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro e investigadora colaboradora junto ao Centro de Estudos Clássicos, da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e contribui com os projetos de investigação “Senhoras do Almanaque” e “Portugueses de Papel” do Grupo de Investigação 6 “Brasil-Portugal: cultura, literatura, memória”, do CLEPUL - Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias. Atualmente integra o projeto “Escritoras Portuguesas na Imprensa Periódica do Brasil: Laços Transatlânticos” (UERJ – PLLB/RGPL).

Júlia Santiago é graduanda de Licenciatura em História pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ. É bolsista pesquisadora júnior do Real Gabinete Português de Leitura, com patrocínio da Fundação Calouste Gulbenkian, orientada pela prof.^a dr.^a Ana Comandulli no projeto “Escritoras Portuguesas e a Difusão Cultural na Colônia Imigrante”.

Lorena Ribeiro da Silva Lopes é graduanda em Letras/Português-Francês (UERJ), atuou como voluntária de Iniciação Científica no projeto “Escritoras portuguesas na imprensa periódica do Brasil: laços transatlânticos feministas (1890-1930)” e atualmente é bolsista do Real Gabinete Português de Leitura com parceria da Fundação Calouste Gulbenkian no projeto “Escritoras portuguesas oitocentistas”. Interessa-se por imprensa periódica, autoria feminina e século XIX.

Mayara Gonçalves Marques da Silva é graduanda em Letras – Português/Grego pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Atua como Pesquisadora Júnior no projeto de pesquisa “Escritoras portuguesas e a difusão cultural na colônia imigrante” do Real Gabinete Português de Leitura em

patrocínio com a Fundação Calouste Gulbenkian. Também participa voluntariamente no programa social Salvaguarda e é membro de um grupo de estudos focado em Teoria da Literatura em sua universidade.

Yasmin Pontes é graduanda em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, participa como pesquisadora voluntária de iniciação científica do PLLB/RGPL no projeto “Escritoras Portuguesas e a Difusão Cultural na Colônia Imigrante”.

Apoio



COMUNIDADES
PORTUGUESAS

FUNDAÇÃO SARAH BEIRÃO/ANTÓNIO COSTA CARVALHO
SBACC INSTITUIÇÃO PARTICULAR DE SOLIDARIEDADE SOCIAL

Realização



REAL GABINETE
PORTUGUÊS DE LEITURA



Polo de Pesquisas Luso-Brasileiras
Pesquisas Literárias Luso-Brasileiras



ASSOCIAÇÃO
LUÍS DE CAMÕES



LICEU LITERÁRIO
PORTUGUÊS



Editora LiberArs Ltda – São Paulo
www.liberars.com.br / contato@liberars.com.br

Esse livro foi elaborado com as famílias tipográficas ClassGarmnd, Cambria e Embassy BT, e impresso em papel Pólen Soft 80g.

A Editora LiberArs e seus parceiros utilizam papéis certificados de áreas de manejo sustentável e tem compromisso institucional com o meio-ambiente.